

WORLD WARCRAFT

SOMBRAS DA HORDA



MICHAEL A. STACKPOLE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

WORLD
WARCRAFT®

SOMBRAS DA HORDA

MICHAEL A. STACKPOLE

Tradução

Bruno Galiza

Larissa Salomé

Gabriel Ninô

1ª edição



GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Stackpole, Michael A., 1957-
S772w World of Warcraft [recurso eletrônico]: Vol'jin: sombras da horda / Michael A. Stackpole; tradução Bruno Galiza, Larissa Salomé, Gabriel Ninô. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2013.
recurso digital (World of Warcraft)

Tradução de: World of Warcraft: Vol'jin: Shadows of the Horde
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 9788501100610 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Galiza, Bruno. II. Salomé, Larissa. III. Ninô, Gabriel. IV. Título. V. Série.

13-04139

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original em inglês:

World of Warcraft : Vol'jin: Shadows of the Horde

Copyright © 2013 by Blizzard Entertainment, Inc. Todos os direitos reservados.

World of Warcraft : Vol'jin: Shadows of the Horde, Diablo, StarCraft , Warcraft , World of Warcraft , e Blizzard Entertainment são marcas ou marcas registradas de Blizzard Entertainment, Inc. nos Estados Unidos e/ou em outros países. Outras referências a marcas pertencem a seus respectivos proprietários. Edição original em inglês publicada por Simon & Schuster, Inc. 2013. Edição traduzida para o português por Galera Record 2013.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Composição de miolo: Abreu's System

Coordenação de Localização
ReVerb Localização

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN: 9788501100610

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Para todos os jogadores de World of Warcraft, que pegaram um mundo fascinante e o tornaram muito mais divertido.

(Especialmente os que, concedendo a mim bônus aleatórios, me salvaram mais de uma vez.)

PANDARIA



1



○ Mestre Cervejeiro Chen Malte do Trovão não conseguia pensar em nada de que não gostasse. Havia coisas das quais gostava menos que outras, claro. Por exemplo, a espera para experimentar a última criação, após a fermentação e a maturação, não era algo que o deixava especialmente entusiasmado. E não era porque estava ansioso para saber seu gosto. Isso ele já sabia — estaria fantástico. O problema era o excesso de tempo livre para pensar em novas cervejas, novos ingredientes — ele queria começar a trabalhar neles o quanto antes.

Mas a criação de cervejas demandava tempo e cuidados. Com o equipamento da cervejaria comprometido com o novo lote, esperar era a única opção. Isso significava que ele teria que encontrar algo para se distrair, ou a espera, o planejamento e a maturação de novas cervejas na cabeça o deixariam louco.

Lá fora, em Azeroth, encontrar distração era moleza. Sempre havia alguém que não gostava de você, ou criaturas famintas, ansiosas por devorar sua carne — desencorajar ambas as coisas fazia maravilhas no sentido de

ocupar uma mente ociosa. Havia também lugares que desapareceram, e outros que estavam surgindo ou se tornando algo que poderia muito bem ser o que tinha sido outrora. Em suas viagens, ele vira muitos desses, além de vários outros lugares; até mesmo ajudara a transformar alguns.

Chen suspirou e fitou o centro da sonolenta aldeia de pescadores. Li Li, sua sobrinha, divertia um grupo de filhotes da Vila Binan — alguns refugiados, mas a maioria era de habitantes locais. Chen estava certo de que ela pretendia contar sobre suas viagens em Shen-zin Su, a Grande Tartaruga, mas abandonara o plano. Ou, talvez, estivesse contando a história, usando os pequenos na encenação. A narrativa obviamente relatava uma briga, aparentemente uma que envolvia o ataque de um grupo de jovens pandarens.

— Está tudo bem, Li Li?

A garota esguia emergiu de um mar fervilhante de pelos negros e brancos.

— Perfeitamente bem, tio Chen! — A frustração em seus olhos desmentia suas palavras. Ela esticou o braço, agarrou um pequenino e o atirou de lado, para desaparecer em seguida sob uma onda de filhotes estridentes.

Chen pensou em ajudá-la, mas titubeou. Além de não estar verdadeiramente em perigo, Li Li era uma garota de fibra. Se precisasse de ajuda, pediria. Interferir antes disso faria com que ela pensasse que ele duvidava de sua capacidade. Ela ficaria amuada, e ele odiava quando isso acontecia. Depois, furiosa, ela faria algo para provar que era capaz de se cuidar, o que poderia acabar em problemas de verdade.

A despeito de sua reflexão, os murmúrios e as reprimendas das duas irmãs Chiang davam-lhe ainda mais razão para se conter. As duas tinham idade suficiente para se lembrar de quando Liu Lang partira de Pandária — pelo menos era o que se dizia. Mesmo com as pelagens mais brancas que negras — exceto ao redor dos olhos, onde eram tingidas —, Chen presumiu que não fossem tão velhas. Ambas passaram todas as suas vidas em Pandária, e apenas uma fração delas na companhia daqueles que viviam na Ilha Vagante. As irmãs Chiang tinham opiniões firmes acerca dos que

“perseguiam a tartaruga”, e Chen divertia-se agindo de forma diferente para confundi-las.

Li Li, aos olhos delas, não passava de mais um dos cães selvagens da tartaruga. Impulsiva e pragmática, ligeira nas ações e com uma leve tendência para superestimar suas habilidades, Li Li era um excelente exemplo de pandaren que acolhera a filosofia de Huojin. Eram pessoas com aquele espírito aventureiro que partiam na tartaruga ou se aventuravam em Terralém. Esse tipo de conduta, nas mentes das irmãs Chiang, não era algo a ser encorajado ou enaltecido.

Assim como quem se envolvia em tais atividades.

Se fosse do tipo que desgosta das coisas, Chen certamente desgostaria das irmãs Chiang. Mas, em vez disso, aprendera a gostar delas. Além de cuidar da Cervejaria Malte do Trovão e criar bebidas fantásticas, ele percorrera toda Pandária para aprender o que pudesse sobre o lugar que escolhera como lar. Ao ver as irmãs com dificuldades para ajeitar o jardim, descuidado desde o ataque yaungol, ele oferecera ajuda.

Elas nem sequer responderam, mas Chen intrometeu-se mesmo assim. Consertou as cercas e capinou o jardim. Deitou pedras novas no caminho que levava até a porta. Divertiu os bisnetos das irmãs cuspiendo fogo. Varreu, trouxe água e cortou lenha. Tudo sob os olhares de reprovação de ambas. A bem da verdade, ele só o fizera porque enxergara nos olhos de ambas a mais absoluta incredulidade diante do que viam.

Depois de muito trabalho sem que as irmãs Chiang nem ao menos lhe dirigissem a palavra, ele finalmente ouviu suas vozes. Elas não se dirigiam a ele. Falavam entre si, apesar de a mensagem ser para Chen. A mais velha disse:

— Hoje é um daqueles dias em que um gourami-tigre cairia bem.

A mais jovem assentiu com a cabeça.

Chen sabia que era uma ordem, e a acolheu. E o fez com todo o cuidado. Pescou três gouramis no mar. O primeiro, devolveu ao mar; o último, guardou para as irmãs; o maior foi oferecido a uma refugiada e seus cinco filhotes, pois o marido era um dos que ainda estavam desaparecidos.

Ele sabia que se desse o primeiro, poderiam considerá-lo precipitado. Ofertar os três faria com que o fizessem dele a imagem de um pandaren afeito a excessos. Dar o maior, que era mais do que os seis poderiam comer, seria um sinal de falta de comedimento. Do modo como fizera, contudo, demonstrava razoabilidade, consideração e compaixão.

Chen tinha plena consciência de que o exercício de lidar com as irmãs Chiang provavelmente não lhe granjearia amigos ou qualquer tipo de apoio. Muitos outros que conhecera em suas viagens teriam simplesmente considerado ambas ingratas e as ignorado. Para Chen, contudo, elas representavam uma maneira de aprender sobre Pandária e seus novos vizinhos.

Talvez sobre minha família também.

Se Li Li era um exemplo da filosofia Huojin, as irmãs Chiang representavam com primor os adeptos da filosofia Tushui, muito mais dados à contemplação. Aos seus olhos, os atos deveriam ser pesados em termos de justiça e moralidade — ainda que em versões parcas, pálidas e provincianas de ideais muito maiores. Na verdade, grandes ideais de justiça e moralidade talvez fossem coisas ostentadoras demais para as irmãs Chiang.

Chen gostava de se ver firmemente plantado no meio. Nele, Huojin e Tushui estavam perfeitamente misturados, pensava consigo mesmo. Para ser realista, ele tendia para a filosofia Huojin quando estava se aventurando mundo afora. Aqui, em Pandária, com os vales verdejantes e as montanhas colossais, cercado de gente que preferia uma vida simples, Tushui fazia muito mais sentido.

No fundo, era disso que Chen precisava se distrair. Não dos projetos de novas cervejas, mas da ideia de que cedo ou tarde chegaria o dia em que precisaria escolher entre uma ou outra. Se fizesse de Pandária seu lar, se encontrasse uma esposa e começasse uma família, os dias de aventura estariam acabados. Logo ele se tornaria um cervejeiro bonachão, com um avental para proteger a pança e discussões intermináveis com os fazendeiros a respeito do preço do grão e com os clientes sobre o preço da caneca.

Não seria uma vida má. Nada má, na verdade. Chen empilhou a lenha organizadamente para as irmãs. Será que era o bastante?

Uma nova gritaria entre os filhotes chamou sua atenção. Li Li estava no chão e não se mexia. Algo se acendeu dentro dele — o antigo chamado da batalha. Ele tinha muitas histórias de grandes conflitos, afinal lutara lado a lado com Rexxar, Vol'jin, Thrall. Resgatar sua sobrinha não seria nada comparado àquelas batalhas, e recontar essas histórias faria de sua cervejaria um sucesso, mas agir alimentou alguma coisa em seu íntimo.

Algo que desafiava o Tushui nele.

Chen correu e entrou na pilha de pelos. Os filhotes eram agarrados um a um pela pele do pescoço e atirados em todas as direções — como eram feitos praticamente de músculos e pelos, quicavam e rolavam pelo chão. Alguns se chocavam contra os outros, caindo de ponta-cabeça e nas posições mais cômicas. Um segundo depois, desemaranhavam-se e saltavam prontos para a revanche.

O pandaren urrou, equilibrando um aviso gentil e uma ameaça real.

Os filhotes congelaram.

Chen endireitou-se e, por instinto, a maioria das crianças também.

— O que está acontecendo aqui?

Keng-na, um dos mais afoitos, apontou na direção de Li Li, que estava deitada:

— A tia Li Li estava ensinando a gente a lutar.

— O que eu vi não era luta. Era uma briga das mais feias! — Chen balançou a cabeça, exagerando na reação. — Isso não serve para nada, especialmente se os yaungóis voltarem. Vocês têm que ter um treinamento adequado. Agora, sentido! — Ao dar a ordem, o pandaren ficou ereto, em estado de alerta, e os filhotes o imitaram.

Chen lutou para conter um sorriso enquanto delegava aos pequenos, individualmente ou em grupos, tarefas, como coletar madeira, encher os baldes com água, arranjar areia para a trilha no jardim e vassouras para varrê-lo. Assim que bateu as patas, os filhotes correram para cumprir suas tarefas como flechas disparadas de um arco. Ele esperou até que todos desaparecessem e ofereceu uma das patas a Li Li.

Ela o fitou com o nariz franzido de desgosto:

— Eu podia ganhar.

— Claro, mas não faria diferença, faria?

— Não?

— Não, você estava ensinando a eles um senso de irmandade. Agora são um pequeno exército. — Chen sorriu. — Com um pouco de disciplina e o trabalho dividido, eles podem ser úteis.

Sua voz subiu de tom na última frase para que as irmãs, grandes beneficiárias do trabalho do miniesquadrão, ouvissem.

Li Li examinou a pata, depois se apoiou nela e ficou de pé. Enquanto arrumava as vestes e amarrava a faixa, resmungou:

— São piores que kobolds.

— É claro. Eles são pandarens. — Isso, também, foi dito em voz alta, para que as irmãs Chiang não perdessem. Ele baixou a voz de novo. — Admiro sua capacidade de se conter.

— Pode apostar. — Ela esfregou o antebraço esquerdo. — Um deles estava me mordendo.

— Como você bem sabe, toda briga tem um mordedor.

Li Li pensou por um instante e sorriu:

— É, não tem como fugir. E obrigada.

— Pelo quê?

— Por me desenterrar.

— Ah, eu estava só sendo egoísta. Cansei de arrastar coisas por hoje. Não tem grômulo nenhum para ajudar, então passei a tarefa para o seu exercitozinho.

Li Li arqueou uma sobrancelha.

— Você não está me enganando.

Chen ergueu a cabeça e olhou para ela.

— Não consigo imaginar minha própria sobrinha, estudante avançada de artes marciais, precisando da minha ajuda contra filhotes. Digo, se achasse isso, eu nem teria ajudado. Você nem seria minha sobrinha.

Li Li franziu a testa e ficou imóvel por um instante. Vendo seus olhinhos estremecerem, Chen sabia que ela se esforçava para absorver a lógica.

— Tá, tá certo, tio Chen. Obrigada.

Chen gargalhou e enlaçou a sobrinha com o braço:

— É cansativo lidar com filhotes.

— É verdade.

— No meu caso foi fácil. Só tinha uma para eu cuidar, mas ela era uma espoleta.

Li Li enterrou o cotovelo entre suas costelas:

— Ainda sou.

— E eu não poderia estar mais orgulhoso.

— Acho que poderia sim. — A pandarena se desvencilhou do tio. — Você ficou decepcionado por eu não ter pedido pra trabalhar na cervejaria?

— O que faz você pensar isso?

Desconfortável, a garota deu de ombros e mudou a direção do olhar para o Vale dos Quatro Ventos, onde ficava a Cervejaria Malte do Trovão.

— Quando você está lá, fica mesmo feliz. Eu posso ver. Você gosta tanto.

Chen sorriu astutamente.

— É verdade. E quer saber por que não pedi que parasse de viajar para se juntar a mim?

A expressão da garota se iluminou:

— Claro que quero.

— A razão, querida sobrinha, é que preciso de uma parceira que esteja pronta para aventuras. E se eu precisar de musgo durotariano, que só é encontrado nas cavernas mais profundas? Quem vai buscar para mim? E por um bom preço? A cervejaria significa responsabilidade. Não posso mais passar meses ou anos fora. Por isso preciso de alguém que seja confiável. Alguém que, algum dia, possa voltar e cuidar das coisas por mim.

— Mas eu não sirvo pra essa coisa de criar cerveja.

Chen refutou a objeção da sobrinha:

— Mestres cervejeiros sedentários eu posso contratar por aqui. Só um Malte do Trovão pode cuidar da cervejaria. Mas talvez eu contrate um bonitinho, aí quem sabe você não se casa com ele e...

— ...e meus filhos herdariam a cervejaria? — Li Li balançou a cabeça.
— Você vai ter seu próprio exército de filhotes quando nos encontrarmos de

novo, tenho certeza.

— Mas eu sempre ficarei feliz em ver você, Li Li. Sempre.

Chen suspeitava que Li Li o teria abraçado, e ele teria devolvido o abraço, não fosse por dois detalhes. Primeiro, eles estavam sob a mira das irmãs Chiang, que ficavam extremamente desconfortáveis com demonstrações de afeto. Segundo, e ainda mais importante, foi a visão de Keng-na atravessando a horta em disparada, uivando e de olhos esbugalhados.

— Mestre Chen, Mestre Chen, tem um monstro no rio! Um monstro enorme! Ele é azul, tem cabelo vermelho, todo cortado! Ele tá no banco de areia. E tem garras!

— Li Li, pegue os filhotes. Mantenha todos longe do reservatório. Não venha atrás de mim.

Ela o fitou:

— Mas e se...?

— Se precisar de ajuda, eu chamarei. Vá, rápido. — Ele lançou um olhar para as irmãs. — Talvez venha uma tempestade por aí. Talvez seja melhor entrarem. E tranquem a porta.

Elas o encararam desafiadoramente por um instante, mas não disseram uma só palavra. Chen circulou o jardim e usou o balde de madeira abandonado de Keng-na para se orientar. Percorrer a trajetória do menino pela relva pisoteada até o rio não foi difícil; quando chegou à metade do caminho, lá estava o monstro.

Ele o reconheceu imediatamente. *Um troll!*

Keng-na estava certo. O troll estava severamente ferido. As roupas dependuravam-se em farrapos, e a pele abaixo não estava muito melhor. O troll se arrastara para fora do rio, prendendo-se com as garras e uma das presas na lama.

Chen caiu de joelhos e virou o troll.

— Vol'jin!

Ao examiná-lo, viu que sua garganta estava destruída. Não fosse o ar que irrompia do buraco em seu pescoço e o jorro vermelho que saltava dos

ferimentos, o pandaren teria achado que o amigo estava morto. Talvez morresse.

Chen agarrou os braços de Vol'jin e tentou puxar o troll para a terra. Não seria fácil. Um farfalhar veio da mata atrás dele e, um segundo depois, Li Li segurava o ombro esquerdo de Vol'jin para ajudar o tio.

Seus olhos se encontraram.

— Pensei que você tinha gritado.

— Talvez eu tenha. — Chen ajoelhou-se e ergueu o troll em seus braços. — Meu amigo Vol'jin está gravemente ferido. Talvez envenenado. Não sei o que ele está fazendo aqui. Não sei se ele vai sobreviver.

— Esse é o Vol'jin, de quem você sempre fala... — Li Li examinou atenciosamente a figura ensanguentada. — O que você vai fazer?

— Vou fazer o que for possível agora. — Chen levantou a cabeça em busca do Monastério Shado-pan que encimava o Monte Kun-Lai. — Depois acho que vou levá-lo até lá. Talvez os monges aceitem mais um dos meus achados.

2



Vol'jin, caçador sombrio da tribo Lançanegra, não podia sequer imaginar um pesadelo pior. Ele não podia se mover. Nem um músculo, nem mesmo abrir os olhos. Os membros estavam rígidos. O que quer que os prendia, era pesado como corda de navio, forte como uma corrente de aço. Respirar doía, e ele não conseguia respirar profundamente. Ele só não desistia porque a dor e o medo de que pudesse não se mover mais o faziam continuar. Enquanto temesse não respirar outra vez, ele sabia que estava vivo.

Mas tô mesmo?

Por enquanto, filho, por enquanto.

Vol'jin reconheceu a voz do pai num instante, sabendo que não era com os ouvidos que a ouvia. Ele tentou virar a cabeça para o lado de onde as palavras vinham. Não conseguiu, mas sua consciência se virou. Seu pai, Sen'jin, acompanhava-o, mas não caminhando. Ambos se moviam, porém Vol'jin não sabia como, ou para onde.

Se não tô morto, então devo tá vivo.

Uma voz forte e grave veio do outro lado, à sua esquerda. *Isso ainda tá pra ser decidido, Vol'jin.*

A consciência do troll fez força para olhar na direção da voz. Uma figura medonha de aspecto troll, com um rosto que evocava a aparência de uma máscara *rush'kah*, estudava-o com olhos inclementes. Bwonsamdi, o loa que servia aos trolls como guardião dos mortos, balançou lentamente a cabeça.

O que vou fazer contigo, Vol'jin? Vocês Lançanegra não tão oferecendo os sacrifícios que deveriam, e ainda assim ajudei vocês a chutar a Zalazane da tua casa. Agora cê fica se prendendo à vida em vez de vir logo comigo. Eu te tratei mal? Não sou digno da tua adoração?

Vol'jin quis desesperadamente cerrar as mãos em punhos, mas elas continuavam impotentes, alquebradas, dependurando-se de braços mortos. *Ainda tenho umas coisas pra fazer.*

O loa gargalhou, e o som ardeu na alma de Vol'jin. *Ouve essa do teu filho, Sen'jin. Eu dizendo pra ele que a hora chegou, e ele me diz que as necessidades dele são mais importantes. Como foi que cê conseguiu criar um filho tão teimoso?*

Como uma névoa fresca e calmante, a risada de Sen'jin acalentou a carne maltratada de Vol'jin. *Eu ensinei que os loa respeitam a força. Primeiro cê reclama que ele não oferece sacrifícios o bastante. Depois reclama que ele quer mais tempo pra oferecer sacrifícios maiores. Eu sou tão chato assim, a ponto de cê querer meu filho pra te divertir?*

Cê acha mesmo que ele quer continuar vivo pra me servir, Sen'jin?

Vol'jin sentiu que o pai sorria. *Meu filho tem várias razões, Bwonsamdi, mas que uma delas seja te servir já devia ser o bastante.*

Cê quer me ensinar a fazer meu trabalho, Sen'jin?

Tô só te lembrando, grande espírito, de como cê ensinou a gente a te servir tempos atrás.

Outras risadas distantes ecoaram pelo corpo de Vol'jin. Outros loa. O tom agudo e cortante de uma, e o ribombo grave de outra sugeriam que Hir'eek e Shirvallah divertiam-se com a conversa. Vol'jin achou graça, mas sabia que pagaria pela ousadia.

Um rugido ecoou da garganta de Bwonsamdi. *Se fosse mais fácil te convencer a desistir, Vol'jin, eu o rejeitaria. Cê não seria meu filho de verdade. Mas é melhor ficar esperto, caçador sombrio: a batalha que te espera vai ser mais terrível que qualquer uma que cê já tenha lutado. Cê vai desejar ter se rendido, pois o peso da vitória vai te esmagar e transformar em pó.*

Num piscar de olhos, a presença de Bwonsamdi se fora. Vol'jin procurou o espírito do pai. Ele estava próximo, mas esvanecia. *Vou te perder de novo, pai?*

Não tem jeito de cê me perder, Vol'jin, eu sou parte de ti. Enquanto cê for leal a si mesmo, eu vou estar do teu lado. Vol'jin sentiu o sorriso do pai outra vez. *E um pai como eu não abandonaria assim um filho que dá tanto orgulho.*

As palavras de Sen'jin, mesmo exigindo reflexão, ofereciam conforto suficiente para que Vol'jin não temesse mais pela vida. Ele viveria. E continuaria a orgulhar o pai.

Ele marcharia direto para o terrível destino que Bwonsamdi previra e desafiaria as predições. Com essa convicção firme em sua mente, sua respiração se acalmou, a dor cedeu, e Vol'jin afundou num poço negro de paz.

Quando voltou a si, Vol'jin sentia-se recomposto e bem; as pernas estavam firmes, e as costas, fortes. O sol brilhava inclemente acima do pátio, onde milhares de trolls o rodeavam. Todos eram uma cabeça mais altos que ele, mas nenhum parecia se importar. Na verdade, os trolls pareciam nem sequer notá-lo.

Outro sonho. Uma visão.

Mesmo não reconhecendo imediatamente o lugar, ele sentia que já estivera ali antes. Quer dizer, depois, afinal a cidade ainda não se rendera à invasão da floresta que a cercava. Os entalhes nas muralhas estavam novos e bem definidos. Os arcos ainda se sustentavam de pé. A pavimentação estava intacta. E a pirâmide de degraus, impondo-se majestosa diante de todos, não fora ainda humilhada pelas investidas do tempo.

Vol'jin estava postado em meio a um grupo de Zandalari, membros da tribo de trolls da qual todas as outras tribos descendiam. Com o passar dos anos, eles se tornaram mais altos e exaltados que a maioria. Na visão, pareciam uma casta de sacerdotes, poderosos e educados, muito aptos para a liderança.

Mas no tempo de Vol'jin, a habilidade que tinham de liderar havia se degradado. *É porque os sonhos deles são todos presos aqui.*

Este era o Império Zandalari no auge de seu poder. Outrora, esta tribo dominara Azeroth, mas seu próprio poder havia sido a causa de sua queda. A ganância e a avareza causaram intrigas. As facções se dividiram. Novos impérios se ergueram, como o Gurubashi, responsável pelo exílio dos trolls Lançanegra de Vol'jin — e que, no fim, também acabou caindo.

Os Zandalari ansiavam pelo retorno ao tempo em que estavam no auge. Um tempo em que os trolls eram uma raça nobre. Unidos, alcançaram alturas que tipos como Garrosh nem podiam imaginar que existiam.

Uma vibração de magia antiga e poderosa atravessou Vol'jin, explicando por que ele assistia aos Zandalari. A magia dos titãs devorara até mesmo a primeira tribo. Era mais poderosa que eles. Assim como os Zandalari estavam acima de coisas que rastejavam pelo chão da floresta, os titãs estavam acima deles — e também sua magia.

Vol'jin cruzou a multidão. Os rostos dos Zandalari brilhavam com sorrisos medonhos — do tipo que surgia quando as trompas tocavam e os tambores trovejavam, convocando-os para a guerra. Os trolls foram feitos para rasgar e matar — Azeroth era seu mundo e tudo nele lhes pertencia. Mesmo que Vol'jin discordasse de outros trolls sobre quem eram seus inimigos, sua ferocidade em batalha não ficava por baixo, e a maneira como os Lançanegra venceram seus inimigos e libertaram as Ilhas do Eco enchiam-no de orgulho.

Bwonsamdi quer tirar sarro da minha cara com essa visão. Os Zandalari sonhavam com um império, e Vol'jin desejava apenas o melhor para seu povo. Ele sabia a diferença. Era fácil planejar um massacre, porém muito difícil criar um futuro. Para um loa que preferia seus sacrifícios sangrentos, dilacerados pela batalha, a visão de Vol'jin pouco interessava.

Vol'jin escalou a pirâmide. Enquanto subia, as coisas se tornavam mais substanciais. Antes imerso em um mundo de silêncio, ele agora sentia os tambores ecoando nos blocos de pedra, fazendo-os vibrar. A brisa acariciava seu pelo claro e despenteava-lhe o cabelo, trazendo um perfume de flores com ela — um aroma pouco mais agudo que o de sangue derramado.

Às suas costas, os tambores continuavam a trovejar. Vozes chegavam aos seus ouvidos. Gritos de baixo. Ordens de cima. Ele se negava a recuar, mas parou de subir. Era como se o tempo fosse a água de um lago, de onde lentamente emergia. Se chegasse ao topo, estaria lá com os Zandalari, sentindo o que sentiram. Conheceria seu orgulho. Respiraria seus sonhos.

Ele se tornaria um deles.

Ele não se daria ao luxo.

Os sonhos que tinha para os Lançanegra talvez não comovessem Bwonsamdi, no entanto, para a tribo, eram um sopro de vida. A Azeroth que os Zandalari conheceram fora drástica e irrevogavelmente transformada. Portais foram abertos. Novos povos vieram. Terras foram estilhaçadas, raças corrompidas e um imenso poder foi liberado, maior do que os Zandalari podiam imaginar. Diferentes raças — elfos, humanos, trolls, orcs e até mesmo os goblins, além de outras — uniram forças para derrotar Asa da Morte, criando uma estrutura de poder que revoltava e ofendia os Zandalari. Esta tribo ansiava por restabelecer sua força diante de um mundo que se transformara de tal maneira que seus sonhos nunca poderiam se realizar.

Vol'jin interrompeu o próprio pensamento. *“Nunca” é uma palavra forte.*

Num piscar de olhos, a visão mudou. Ele estava de pé no ápice da pirâmide, olhando nos olhos dos Lançanegra. Seus Lançanegra. Eles confiavam em seu conhecimento do mundo. Se ele dissesse que era possível recuperar a glória que outrora lhes pertencera, eles o seguiriam. Se ordenasse que tomassem a Selva do Espinheiro ou Durotar, eles o fariam. Os Lançanegra saíam pelas ilhas e subjugariam todos em seu caminho simplesmente para satisfazer um desejo seu.

Ele podia fazê-lo. Ele sabia como. Thrall respeitava suas opiniões e confiava em seu julgamento para assuntos militares. Os meses de

recuperação poderiam ser usados para planejar campanhas e organizar estratégias. Um ou dois anos após seu retorno de Pandária — caso ainda estivesse lá —, o estandarte Lançanegra estaria pintado com sangue e instilaria ainda mais medo.

E o que eu ganharia com isso?

Eu curtiria pra valer.

Vol'jin girou. Bwonsamdi estava de pé junto dele, uma figura titânica com as orelhas apontadas para a frente, prontas para receber os gritos de baixo. *Cê ganharia paz, Vol'jin, por fazer o que a tua natureza troll manda.*

É isso que a gente é pra ti?

Os loa não pedem nada mais que isso. O que mais cê poderia querer?

Vol'jin procurava uma resposta para a pergunta. A busca fazia com que fitasse o vazio. A escuridão se estendeu e o engoliu, deixando-o sem resposta e, certamente, sem paz.

Vol'jin finalmente despertou. Seus olhos se abriram, por isso ele soube que não era um sonho. Uma luz fraca os banhava, filtrada pela gaze. Ele queria ver, mas para isso teria que remover as bandagens. Isso, por sua vez, exigiria que erguesse a mão. O que descobriu ser impossível. Sua conexão com o corpo era tão tênue que ele não sabia se estava amarrado ou se tivera as mãos arrancadas.

Encontrar-se vivo deu-lhe ímpeto para se lembrar de como fora ferido. Até que tivesse certeza de que viveria, o esforço lhe pareceria ser em vão.

Sem ser convidado e em aberta afronta aos desejos de Garrosh Grito Infernal, Vol'jin decidiu viajar para a nova terra, Pandária, para ver que tipo de tarefas o Chefe Guerreiro dera à Horda. Ele sabia dos pandarens porque conhecia Chen Malte do Trovão, e desejava conhecer sua terra antes que a guerra entre a Horda e a Aliança a destruísse. Sua vinda não tinha por objetivo impedir Garrosh, mas certa vez Vol'jin ameaçara vará-lo com uma flecha, e trazia consigo um arco. Por precaução.

Garrosh, apesar do temperamento terrível, ofereceu a Vol'jin a chance de contribuir com os esforços da Horda. O troll aceitou, mais para refrear as

ambições do Chefe Guerreiro do que para servir à Horda. Na companhia de um dos orcs de confiança de Garrosh, Rak'gor Navalha Sangrenta, e de um grupo de aventureiros destacados para a missão no coração de Pandária, Vol'jin partiu.

A jornada foi um alento para o caçador sombrio, que comparava aquela terra às que já visitara. Ele vira montanhas arredondadas assoladas e vencidas, mas, em Pandária, elas pareciam apenas suaves. Ou montanhas furiosas e irregulares, que aqui, apesar de não menos afiadas, pareciam apenas ansiosas. Suas selvas e seus bosques tinham vida em abundância, mas não pareciam esconder ameaças como, por exemplo, a Selva do Espinhaço. Havia ruínas, mas apenas por que foram abandonadas, não devastadas e enterradas. Enquanto o resto do mundo era açoitado pelo ódio e pela violência, Pandária escapara ao chicote.

Por enquanto.

Mais rápido do que Vol'jin gostaria, a tropa chegou ao destino. À frente, Rak'gor e dois ajudantes reconheciam o território montados em mantícoras. Quando o grupo chegou à boca de uma caverna, Vol'jin não viu sinal deles. Lagartos imensos, vagamente humanoides, protegiam a entrada. Os aventureiros os eliminaram e se prepararam para mergulhar nas profundezas sombrias.

Morcegos negros irromperam guinchando dos recessos nas paredes. Vol'jin ouvia os gritos das criaturas fracamente — e duvidava que os outros ouvissem algo além do bater das asas. Um dos loa, Hir'eek, usava a forma de um morcego. *Será que os deuses tão avisando que não vem coisa boa por aí?*

Os loa não responderam, e o Lançanegra avançou. Uma sensação gélida de corrupção ficava mais forte conforme progrediam. Vol'jin parou, acorrou-se e removeu uma das luvas. Depois de encher a mão com um punhado de terra úmida, levou-a até o nariz. O perfume suave e adocicado da vegetação apodrecendo misturava-se ao fedor pungente de guano, mas havia algo mais. Saurok, com certeza, mas havia mais.

Aproximando ainda mais o punho do nariz, o troll cerrou os olhos. Depois, usou o polegar para peneirar a terra entre os dedos. Por fim, abriu novamente a mão e a estendeu. Fina como uma teia de aranha, evoluindo-se

instável como a fumaça de uma vela soprada, magia residual roçou a palma de sua mão.

E a encheu de urticária.

Esse lugar é barra pesada.

Vol'jin abriu novamente os olhos e caminhou pela antiga passagem rumo às entranhas da caverna. Quando chegaram às bifurcações, os orcs examinaram as duas passagens. Com a mão direita nua e espalmada, o troll não precisou agita-la no ar para encontrar pistas. O que começara como uma teia de aranha transformara-se em fiapo, depois em linha e agora ameaçava tornar-se barbante e, depois, corda. Cada pedaço surgia com minúsculos espinhos. A dor não aumentava, mas o emaranhado em sua mão crescia.

Quando o fio de magia tornou-se espesso como uma corda de navio, eles encontraram uma imensa câmara vigiada pelos maiores sauroks que já haviam visto. Um lago subterrâneo fumegava, ocupando quase todo o coração do salão. Centenas de ovos de sauroks — talvez milhares — espalhavam-se pelo chão, aquecidos enquanto amadureciam.

Vol'jin ergueu uma das mãos, sinalizando para que os outros parassem. Um viveiro no coração da magia.

Antes que Vol'jin tivesse a chance de compreender totalmente a dimensão de sua descoberta, os sauroks os descobriram e atacaram. O troll e seus aliados lutaram bravamente. Os sauroks atacavam com fúria, e, ainda que o grupo de Vol'jin tivesse prevalecido, todos estavam feridos e ensanguentados. Enquanto os companheiros cuidavam de seus ferimentos, Vol'jin partiu para investigar.

Silenciosamente vadeou pelo lago e estendeu os braços. De olhos fechados, o troll girou lentamente. Como cipós na selva, os cabos mágicos invisíveis agarraram-se aos seus braços e enlaçaram seu corpo. Envolto, sentindo seu toque ardente, Vol'jin compreendeu o lugar como só um caçador sombrio poderia.

Espíritos gritavam uma agonia de eras. A essência dos sauroks golpeou seu corpo, deslizando sobre seu abdome como a víbora coleara sobre o chão

de pedra fria tempos atrás. A serpente era verdadeira para consigo em natureza e espírito.

Magia a atingira. Magia medonha. Magia que era um vulcão, comparada à brasa que a maioria dos magos dominava. Ela impregnava a serpente, atravessando seu espírito dourado com mil espinhos negros. Os espinhos então separaram isso e aquilo, cima e baixo, dentro e fora, até mesmo passado e futuro, verdade e mentira.

Com o olho da mente, Vol'jin assistia enquanto os espinhos repuxavam cada vez mais, estirando o ouro feito cordas de arco retesadas. De uma só vez, todos os espinhos se deslocaram novamente para o centro, arrastando as linhas douradas com eles, enovelando-as num emaranhado arcano. Os fios se retorciam e atavam. Alguns estalavam. Outros se dividiam, dando origem a novas pontas. Durante todo o processo, a víbora guinchava. O que ela antes fora, tornara-se outra criatura; enlouquecida pela experiência, mas maleável e complacente nas mãos de seus criadores.

Ela não estava sozinha.

O nome *saurok* surgiu para ele — um nome que não existia antes do primeiro ato selvagem de criação. Nomes têm poder, e aquele definia as novas criaturas. Também definia seus mestres, e puxava de lado o véu que ocultava a magia usada. Os mogus criaram os sauroks. Os mogus que Vol'jin conhecia como sombras evanescentes em lendas obscuras. Que já estavam mortos.

Sua magia, contudo, não estava morta. Uma magia capaz de recriar tão completamente algo vinha da aurora do tempo, do início de tudo. Os titãs, moldadores de Azeroth, usaram-na em seus próprios atos de criação. O poder incrível de tal feitiçaria não podia ser compreendido por uma mente sã, muito menos dominado; ainda assim, sonhar com ela alimentava os mais insanos voos de poder.

Revivendo a criação dos sauroks, Vol'jin alcançara uma verdade fundamental da magia. Era possível ver um caminho, ainda que num mero vislumbre, para poder estudá-la. A mesma magia que originara os sauroks poderia desfazer os murlocs, assassinos de seu pai, ou fazer com que os humanos voltassem a ser vraikalen, de quem obviamente derivavam. Fazer

algo assim seria dar a um poder tão grande um uso digno, e justificaria as décadas de estudo que seu domínio requereria.

O caçador sombrio voltou a si. Alimentando tais pensamentos, ele se tornava presa da mesma armadilha que sem dúvida acometera os mogus. A magia imortal corrompia os mortais. Não havia escapatória. A corrupção destruiria quem a controlasse. E provavelmente seu povo.

Vol'jin reabriu os olhos, e viu Rak'gor de pé junto dos sobreviventes do grupo.

— Demorou pra cê aparecer. O Chefe Guerreiro descobriu que existe uma ligação entre os mogus e essas criaturas.

— Os mogus são os criadores. Já vi que esses mogus se amarram numa magia negra. — A pele de Vol'jin se arrepiou quando o orc caminhou para a frente. — É a magia mais tenebrosa que existe.

O orc respondeu com um sorriso rápido, feroz:

— É isso. O poder de dar forma à carne, de fabricar guerreiros. É isso o que o Chefe Guerreiro quer.

Vol'jin sentiu o estômago dar um nó.

— Garrosh quer brincar de Deus? Isso não tem nada a ver com a Horda!

— Ele sabia que você não aprovaria.

O orc atacou violentamente, sem misericórdia. A adaga atingiu o pescoço de Vol'jin, que cambaleou. À sua volta, os companheiros saltaram para a batalha. Rak'gor e seus aliados lutavam com um desprendimento inclemente, indiferentes à própria segurança, morrendo em seus esforços guerreiros. Talvez Garrosh os tivesse convencido de que, com a nova magia, poderia trazê-los de volta, torná-los melhores.

Vol'jin apoiou-se num dos joelhos e conteve os companheiros. Pressionando a garganta para fechar a ferida, ele disse:

— Garrosh se trai. Ele tem que acreditar que a gente morreu. É nossa única chance de deter Garrosh. Vão. Vigiem ele. Encontrem outros que nem eu. Façam um juramento de sangue. Pela Horda. Estejam prontos quando eu voltar.

Assistindo aos companheiros partirem, ele realmente pensava que lhes dissera a verdade. Mas quando tentou ficar de pé, a agonia negra atravessou seu corpo. Garrosh planejara tudo. A lâmina de Rak'gor estava coberta com algum tipo de veneno. Seus ferimentos não se curavam como deveriam, e sentia as forças abandonarem seu corpo. E lutava, resistindo à névoa que cobria sua mente.

Talvez ele tivesse conseguido se mais sauroks não o tivessem encontrado. Ele mal se lembrava de tê-los enfrentado, só se recordava de lâminas cortando a escuridão. Dor de feridas que se recusavam a fechar. O frio tocando seus membros. Ele corria cegamente, chocando-se contra as paredes, cambaleando pelas passagens, esforçando-se para ficar de pé e continuar se movendo.

Como saíra da caverna e como chegara onde estava agora, não sabia dizer. Certamente não era o cheiro de uma caverna. Farejou algo assustadoramente familiar, oculto sob cataplasmas e unguentos. Não era prudente supor que estava entre amigos. Os cuidados que recebia pareciam sugerir isso. Ou seus inimigos tratavam-no bem para fazê-lo de refém e exigir pagamento para devolvê-lo à Horda.

Eles vão ficar desapontados com a oferta de Garrosh.

O pensamento quase o fez rir, mas ele não conseguia. Os músculos do abdome se enrijeceram, mas em seguida se soltaram, fatigados e doloridos. Ainda assim, a reação involuntária do corpo era um alívio. Risadas eram para os vivos, não para os mortos.

Como lembranças.

Não estar morrendo era o bastante por ora. Vol'jin respirou o mais fundo que pôde e expirou lentamente. Antes de soltar todo o ar, já estava dormindo.

3



De pé diante do pátio do Monastério Shado-pan, Chen Malte do Trovão sentia frio, mas não ousava dar nenhum sinal. Logo abaixo, junto aos degraus de onde já removera toda a neve, uma dúzia de monges se exercitava descalços, alguns descobertos até a cintura. Juntos, com uma disciplina que Chen não vira nem mesmo entre as melhores tropas do mundo, o grupo executava uma série de posições. Rajadas de punhos e chutes velozes cortavam o ar frio da montanha. Eles se moviam com força e fluidez, poderosos como rios rasgando desfiladeiros furiosamente.

Exceto pela parte da fúria.

De alguma maneira, os exercícios deixavam os monges num estado de paz. Contentes. Mesmo assistindo com frequência ao treino, Chen ouvira poucas risadas e apenas em raríssimos momentos. Mas não havia raiva neles. Aquilo não era exatamente o que o Mestre Cervejeiro esperava do treinamento de tropas; de qualquer forma, ele não conhecia ninguém como os Shado-pan.

— Podemos ter uma palavra, Mestre Cervejeiro?

Chen virou-se para apoiar a vassoura na parede, mas se deteve. Aquele não era o melhor lugar para deixá-la, não obstante a solicitação do Lorde Taran Zhu não era exatamente uma pergunta; ele não podia deixar o lorde para cuidar da vassoura. Por isso, contentou-se em escondê-la atrás do corpo e curvar-se diante do senhor do monastério.

A expressão de Taran Zhu permanecia impassível. Chen não conseguia precisar a idade do monge, mas tinha convicção de que nascera bem antes das irmãs Chiang. Não porque parecesse velho. Afinal, não parecia. Ele tinha a vitalidade potente de alguém da idade de Chen ou, talvez, de Li Li. Havia algo nele, algo que também marcava o monastério.

Algo que ele compartilha com toda Pandária.

Pandária emanava uma antiguidade esquiva. A Grande Tartaruga era velha, as estruturas sobre seu casco também, mas nada se aproximava da venerabilidade do monastério. Chen crescera entre construções que ecoavam a arquitetura pandarênica, mas que estavam para a original como o castelo de areia erigido por um filhote para sua inspiração. Não que não fossem maravilhosas, só não eram a mesma coisa.

Depois de manter o corpo curvado por um tempo suficientemente respeitoso, Chen se endireitou.

— O que posso fazer pelo senhor?

— Acaba de chegar uma missiva de sua sobrinha. Conforme sua solicitação, ela visitou a cervejaria e informou todos de que sua ausência seria prolongada. Agora, Li Li partirá rumo ao Templo do Tigre Branco. — O monge inclinou sutilmente a cabeça. — Fico grato pela última parte. O espírito de sua sobrinha é forte e... irrefreável. Sua última visita...

Chen balançou a cabeça rapidamente.

— Será a última. Fico contente em ver que o Irmão Huon-kai não está mais mancando.

— Ele está recuperado, de corpo e espírito. — Taran Zhu semicerrou os olhos. — Seu último refugiado ainda não teve a mesma sorte. Há sinais de que o troll recuperou os sentidos, mas sua recuperação ainda é deveras lenta.

— Mas que maravilha. Digo, não que sua recuperação seja lenta, que ele tenha acordado. — Chen fez menção de estender a vassoura para Taran

Zhu e hesitou. — Vou guardar isso no caminho para a enfermaria.

O velho monge ergueu uma pata.

— Ele dorme agora. É a respeito dele, e do homem que o antecedeu, que quero lhe falar.

— Sim, Lorde.

Taran Zhu girou e, num piscar de olhos, já havia percorrido uma calçada toda que Chen não limpava. Os movimentos eram tão graciosos que suas vestes de seda não emitiam nenhum som. Na neve, nem sinal de rastro. Chen se sentia um lagarto trovejante com patas de pedra tentando acompanhá-lo.

O senhor do monastério desceu uma escadaria e atravessou portas pesadas, escuras, avançando por corredores mal iluminados. As pedras estavam dispostas em um padrão interessante que unia os blocos e os desenhos entalhados em cada um. Nas poucas vezes que Chen se oferecera para varrê-las, passara mais tempo perdido em suas linhas e curvas que usando a vassoura.

A jornada terminou num grande salão iluminado por quatro lâmpadas. O meio do aposento circular fora reservado a um tapete de junco; no centro, uma pequena mesa, um bule, três xícaras, um misturador, uma concha de bambu, uma caixa de chá e uma pequena chaleira de ferro.

Logo ao lado, de joelhos, estava Yalia Sábio Sussurro; de olhos fechados e patas repousadas sobre o colo.

Ao vê-la, Chen não conseguiu conter um sorriso; e suspeitou que Taran Zhu não só sabia que sorria, mas também quantos dentes mostrava. Yalia chamara sua atenção desde que seus olhos a viram na primeira visita ao monastério. E não só porque era linda. A monja pandarena tinha algo de forasteira, e Chen notara; então notara como ela tentava esconder aquilo. Os dois haviam conversado brevemente, poucas vezes. Ele se lembrava de cada palavra e se perguntava se ela também.

Yalia se ergueu e se curvou, primeiro para Taran Zhu, depois para Chen. A primeira saudação foi consideravelmente mais longa que a segunda, mas Chen observou com atenção e demorou-se tanto quanto ela ao se curvar. Taran Zhu indicou um assento na ponta da mesa retangular, junto à

chaleira. Chen e Yalia curvaram os joelhos e se sentaram, e Taran Zhu os seguiu.

— Perdoe-me, Mestre Malte do Trovão, duas coisas. Primeiro, gostaria de pedir que se incumbisse de preparar o chá.

— É uma grande honra, Lorde Taran Zhu. — Chen ergueu os olhos. — Agora?

— Sim, se não tiver dificuldade em trabalhar e ouvir ao mesmo tempo.

— De maneira alguma, Lorde.

— E, em segundo lugar, perdoe-me por convidar a Irmã Yalia. Senti que sua perspectiva poderia nos iluminar.

Yalia curvou a cabeça — Chen sentiu um leve arrepio ao ver parte de seu pescoço exposto —, mas como não disse nada, Chen também permaneceu calado. Assim que começou a preparar o chá, ele imediatamente percebeu algo ao qual não estava habituado, mesmo tendo passado grande parte de sua estada em Pandária no monastério.

Na tampa da chaleira de ferro, motivos oceânicos haviam sido entalhados com esmero. O bule de terracota tinha o formato de um barco, e a asa, de uma âncora. Essas escolhas não eram acidentais, apesar de Chen não conseguir nem imaginar qual era a mensagem que anunciavam.

— Irmã Yalia, há um navio na baía. Ele está estável. O que o estabiliza?

Chen colheu cuidadosamente uma concha da água quente da chaleira e recolocou a tampa sem emitir ruído, para não distraí-la. Depois, verteu a água no bule e cuidadosamente transferiu o pó do chá verde da caixa para o recipiente. Aves vermelhas e peixes pintados sobre o fundo negro decoravam a tampa da caixa, e uma série de símbolos que circundavam o meio representavam os distritos de Pandária.

Yalia ergueu os olhos e disse com a voz suave feito as primeiras flores da cerejeira:

— Eu diria, Lorde, que é a água que mantém o navio estável. É a base do navio. É a razão para sua existência. Sem água, sem oceano, não haveria navio algum.

— Muito bem, Irmã. Então você diria que a água é Tushui, para usar o termo comum em Shen-zin Su. Fundação, meditação, contemplação. Como

você mesma disse, sem água não há razão para a existência do navio.

— Sim, Lorde.

Chen observava o rosto da pandarena, mas não havia nem sinal de busca por aprovação. Ele não teria agido da mesma forma. Com certeza morreria de curiosidade para saber a resposta. Mas ocorreu-lhe que Yalia sabia que estava certa. Lorde Taran Zhu pedira sua opinião, portanto não havia possibilidade de a resposta que oferecera estar errada.

Com a ponta da língua escapulindo pelo canto da boca, Chen mergulhou o misturador no bule. Vigorosamente, porém com suavidade. Não para esmagar o chá, mas para misturá-lo à água. Ele limpou os cantos, arrastando as folhas trituradas para o meio novamente e continuou. O Mestre Cervejeiro trabalhava com velocidade, transformando os dois elementos distintos numa espuma verde que esparrinhava na asa do navio de argila.

Taran Zhu apontou para o bule:

— Há outros, claro, que sustentariam que é a âncora a fonte da estabilidade do navio. Sem a âncora para manter o navio no lugar, o vento e as ondas atirariam a embarcação contra a praia. A âncora agarrando-se ao fundo da baía é o que salva o navio e, sem ela, ele nada seria.

Yalia curvou a cabeça.

— Se me permite, Lorde, o senhor quer dizer que a âncora é Huojin. Ação impulsiva, decisiva. É o que se põe entre o navio e o desastre.

— Muito bom. — O monge ancião observou enquanto Chen acrescentava a última concha de água e prendia novamente a tampa no bule.

— Você compreende o que discutimos, Chen Malte do Trovão?

Chen meneou a cabeça e deu alguns tapinhas no recipiente:

— Tudo a prumo.

— O chá ou sua compreensão?

— O chá. Em apenas alguns minutos. — Chen sorriu. — Mas sobre a água, a âncora e o navio... Estou aqui pensando.

— Sim?

— Eu diria que é a tripulação. Porque mesmo que houvesse um oceano, se não houvesse uma tripulação querendo saber o que há do outro lado do

oceano, não haveria navio. E é a tripulação quem decide quando fundear, quando navegar. A água é importante, e a âncora também, por serem o início e o fim, mas é a tripulação quem faz as descobertas.

Chen, que gesticulava com as patas para complementar a explicação, parou.

— Isso não tem nada a ver com navios, tem?

— Não. Sim. — Taran Zhu fechou os olhos por um instante. — Mestre Malte do Trovão, você trouxe dois navios para o meu porto. Eles estão ancorados aqui. Mas não posso acolher mais navios.

Chen olhou para ele.

— Tudo bem. Posso servir?

— Você não se importa em saber o motivo?

— O senhor é o capitão do porto. Eu acato suas decisões. — Chen serviu Taran Zhu, depois Yalia e, por fim, a própria xícara. — Cuidado, ainda está quente. Melhor deixar as folhas se acomodarem no fundo primeiro.

Taran Zhu ergueu a xícara e aspirou o vapor. Aquilo parecia relaxá-lo. Chen já vira atitudes semelhantes diversas vezes. Uma das grandes alegrias da vida e da prática de cervejeiro era como aquilo afetava a vida das pessoas. Claro, a maioria preferia suas criações alcoólicas ao chá, mas um bom chá, feito com esmero, tinha um encanto único. E sem ressaca no dia seguinte.

O líder do monastério sorveu um gole e abaixou a xícara. Depois, acenou a cabeça para Chen. Era a permissão para que os dois também bebessem. Chen teve certeza de que viu um sorriso se insinuar no canto da boca de Yalia. Sua própria opinião era de que fizera um excelente trabalho.

Taran Zhu o observava com os olhos semicerrados:

— Permita-me recomeçar, Mestre Malte do Trovão. Você deseja saber por que estou disposto a permitir que seus dois navios fiquem ancorados no meu porto?

Chen respondeu sem pensar:

— Sim, Lorde. Por quê?

— Por que eles estão em equilíbrio. Seu troll, pelo pouco que você mencionou e por ser um caçador sombrio, é certamente de Tushui. O outro,

o homem que todos os dias sobe um pouco mais a montanha e retorna, ele é de Huojin. Um pertence à Horda, ou outro, à Aliança. Os dois, por natureza, opõem-se, e é essa oposição que os une e lhes dá significado.

Yalia repousou a xícara sobre a mesa:

— Perdoe-me, Lorde, mas não é possível, dada a contraposição, que ambos acabem se matando?

— Essa não é uma possibilidade que tenho razão para desconsiderar, Irmã. A inimizade entre a Horda e a Aliança é profunda. Esses dois portam muitas cicatrizes. O homem as traz na mente, talvez seu troll também, Chen. E certo como o rio chega ao mar, alguém tentou assassiná-lo. Se forças da Aliança o emboscaram, ou se a Horda agora caça os seus, não sei dizer. Contudo, não podemos permitir que se matem aqui.

Chen balançou a cabeça.

— Não acho que Tyrathan faria isso. E Vol'jin, bem, eu sei... — O pandaren hesitou, ouvindo memórias fervilharem em sua mente. — Eu falarei com Vol'jin, posso? Para explicar esse negócio aí de não matar.

Uma careta franziu o rosto de Yalia.

— Não me considere cruel, Mestre Malte do Trovão, mas devo perguntar se dar guarida aos dois aqui não nos implica em política e contendas estrangeiras. Não podemos tirá-los daqui, talvez mandá-los de volta para sua gente?

Taran Zhu balançou lentamente a cabeça:

— Já estamos implicados, e eles provaram seu valor. A Aliança e a Horda ajudaram com os sha nas Estepes de Taolong. Você sabe o mal que os sha representam, e como estamos espalhados. Como há muito é dito, o inimigo de meu inimigo é meu amigo, não importa que destruição cause, e os sha sempre foram os inimigos de Pandária.

Chen quase soltou um “se você dorme com os cães, acorda com pulgas”, mas se deteve. Não que não fizesse sentido, porém não seria de grande ajuda, especialmente considerando o fato de que muitos pandarens consideravam andarilhos — como ele e Li Li — cães selvagens. Sua esperança era de que Yalia não o visse dessa forma, e não seria ele quem lhe apresentaria aquela noção.

Chen abaixou a cabeça sutilmente:

— Não tenho certeza, Lorde, de que é possível fazer os dois, meus navios ou a Horda e a Aliança, trabalharem juntos permanentemente, não importa o quão perigoso seja o inimigo mútuo.

Taran Zhu abafou uma risada quase totalmente, sem emitir nenhum som e exibindo nada além do fantasma de um sorriso:

— Não é esse o propósito de manter seus navios no porto, Chen. Estando aqui, o troll e o humano podem aprender conosco; e quando eles aprendem conosco, nós aprendemos com eles. Como você sabiamente sugere, quando não houver mais inimigo para uni-los, eles estarão uma vez se atracando em combate; então será a hora de escolhermos quem receberá nossa amizade.

4



Vol'jin dos Lançanegra decidiu não se mover. Afinal, era preferível escolher não se mover a perceber que estava fraco demais para isso. Ainda que as mãos que o tratavam fossem gentis e respeitosas, ele não poderia afastá-las mesmo que fosse seu maior desejo.

Ajudantes que ele não podia ver afofavam almofadas e empurravam-nas atrás dele com o intuito de levantá-lo. Ele teria protestado, mas a dor no pescoço tornava qualquer coisa além de grunhidos — e uma ou outra palavra simples — impossível. A escolha óbvia — “parem” — independente de como fosse dita, apenas zombaria de sua impossibilidade de detê-los. Mesmo aceitando o silêncio, e a despeito da vaidade, o troll descobriu que as raízes de sua inquietação eram muito mais profundas.

Camas e travesseiros macios não eram confortos que interessavam aos trolls. Uma esteira fina sobre o piso de madeira era o ápice da opulência nas Ilhas do Eco. Muitos dormiam sobre a terra e buscavam abrigo apenas eventualmente, como em caso de tempestade. A areia era uma cama melhor

que a pedra dura de Durotar, mas os trolls não eram dados a reclamações sobre acomodações ruins.

A insistência na maciez e no conforto irritava porque salientava sua fraqueza. A parte pensante de sua mente não podia negar que uma cama macia tornava o tratamento dos ferimentos muito mais fácil. Ele sem dúvida dormia melhor. Mas, ao chamar atenção para sua debilidade, ela de alguma maneira negava sua natureza troll. Os trolls estavam para a dureza e uma vida difícil como os tubarões para o mar aberto.

Tirar isso de mim é a mesma coisa que me matar.

A batida de uma cadeira ou banquetas ao seu lado o surpreendeu. Ele não ouvira ninguém se aproximar. Vol'jin farejou e o cheiro que captou oculto sob os demais atingiu-o com a força de um soco. Pandarens. Pandarens não, um pandaren.

Calma e calorosa, a voz de Chen Malte do Trovão veio como um sussurro:

— Eu teria vindo antes, mas Lorde Taran Zhu não considerou prudente.

Vol'jin se esforçou para responder. Havia milhões de coisas que queria dizer, mas sua garganta permitiu apenas algumas poucas palavras:

— Amigo. Chen. — Por algum motivo o nome do pandaren saiu mais fácil, com suavidade.

— É impossível pegar você de surpresa. Você é muito bom nisso. — Vestes farfalharam. — Feche os olhos. Vou remover as bandagens. Os curadores dizem que seus olhos não foram feridos, mas eles não queriam que você se alarmasse.

Vol'jin assentiu com a cabeça, sabendo que Chen tinha alguma razão. Se um estrangeiro fosse trazido para as Ilhas do Eco, ele também vendaria seus olhos até decidir se o prisioneiro era merecedor de confiança. Sem dúvida era esse o pensamento de Taran Zhu; por algum motivo, ele decidira que Vol'jin era um merecedor.

Aposto que Chen tem a ver com isso.

O pandaren desfez cuidadosamente a bandagem.

— Minha pata está cobrindo seus olhos. Abra-os e eu a afastarei lentamente.

O troll obedeceu, soltando um grunhido de satisfação. Chen aparentemente considerou assim, pois afastou a pata e deu um passo atrás. A luz fez os olhos do troll lacrimejarem; em seguida, a imagem de Chen entrou em foco. O pandaren estava exatamente como Vol'jin se lembrava — uma compleição robusta com um quê de jovial idade, e olhos dourados que emanavam inteligência. Vê-lo foi um alento.

Vol'jin abaixou os olhos para ver o próprio corpo e quase os fechou outra vez. Lençóis o cobriam até a cintura, enquanto a maior parte do restante do corpo estava envolvida em ataduras. Ele notou que as duas mãos e todos os dedos estavam no lugar. O volume sob a roupa de cama sugeria que os membros inferiores também estavam intactos. O troll sentia as bandagens apertarem-lhe o pescoço, e uma comichão indicava que pelo menos parte de uma das orelhas fora costurada de volta.

Fitando a mão direita, ele desejou que os dedos se movessem. Mesmo vendo o movimento, só depois de alguns instantes ele o sentiu. Era como se estivessem impossivelmente distantes e, ainda assim, diferente de quando acordara, ele podia senti-los. *Já é alguma coisa.*

Chen sorriu:

— Sei que há muitas coisas que você quer saber. Devo começar pelo início ou pelo fim? O meio não daria um bom começo, mas posso começar por ele. Apesar de que isso faria do meio o começo, não é mesmo?

A voz de Chen se elevava conforme as explicações tornavam-se cada vez mais intrincadas. Vários pandarens deram as costas, antecipando o tédio e perdendo o interesse pela conversa. Ao notar a presença deles, Vol'jin também notou as paredes de pedra antiga e escura. Assim como outras partes de Pandária, o lugar recendia a tempo, e ali também, a força.

Vol'jin queria dizer “começo”, mas a garganta o impedia.

— Fim não.

Chen olhou para trás e aparentemente notou que os outros pandarens escolheram ignorá-lo.

— Então, o começo. Pesquei você de um riacho longe daqui, na Vila Binan. Fizemos o que foi possível para ajudá-lo. Você não morria, mas também não melhorava. Aparentemente a faca que cortou sua garganta estava envenenada. Eu trouxe você para cá, para o Monastério Shado-pan, que fica no Monte Kun-Lai. Se alguém podia ajudar, seriam os monges.

O pandaren parou por um instante e, ao examinar os ferimentos de Vol'jin, meneou a cabeça. O troll não detectou nenhum sinal de pena na inspeção, o que o agradou. Quando não estava fazendo palhaçadas, Chen sempre fora sábio; e Vol'jin sabia que ele se passava por palhaço para que os outros subestimassem sua verdadeira inteligência.

— Não consigo nem imaginar tropas da Aliança fazendo isso com você.

Vol'jin semicerrou os olhos.

— Minha. Cabeça. Já era.

O pandaren abafou uma risada.

— Alguém estaria ceando na companhia do rei de Ventobravo com sua cabeça numa bandeja, sem dúvida. Mas imaginei que você nunca permitiria que a Aliança pegasse você onde poderiam machucá-lo assim.

— Horda. — Vol'jin sentiu um aperto no estômago. Não, Horda não. Garrosh. Sua garganta se fechou completamente antes que pudesse proferir o nome, e um gosto amargo inundou sua boca.

Chen recostou-se na cadeira, coçando o queixo.

— Foi por isso que o trouxe aqui. De toda sorte, não havia outra forma de cuidar de você, mas sua segurança... — O Mestre Cervejeiro inclinou o corpo para a frente e baixou o tom de voz: — Garrosh lidera a Horda agora que Thrall não está por perto, não é? Eliminando os rivais.

Vol'jin se afundou nos travesseiros de novo:

— Não. Sem. Razão.

Chen soltou outra risada abafada, e, por mais que tentasse, Vol'jin não via nenhum sinal de reprovação.

— Não há cabeça da Aliança que já não tenha se deitado e não tenha tido pesadelos com você. Não surpreende que algumas da Horda sintam o mesmo.

Vol'jin tentou sorrir.

— Nunca. Você?

— Eu não, nunca. Gente como eu, como REXXAR, nós vimos você em batalha, furioso e terrível. Também vimos você chorar a morte do seu pai. Você foi leal a Thrall, à Horda, à tribo Lançanegra. A questão é, quem não consegue ser leal não consegue acreditar quando outros são. Eu acredito na sua lealdade. Gente como Garrosh pensa que é só uma máscara traiçoeira.

Vol'jin assentiu com a cabeça. Ele queria que sua voz estivesse bem o suficiente para contar a Chen sobre sua ameaça a Garrosh. Ele tinha certeza de que não importaria para o pandaren. A lealdade de Chen o levaria a racionalizar uma dezena de justificativas para a bravata, e o estado atual de Vol'jin confirmava cada uma delas.

Isso só serviria pra provar a amizade que ele sente por mim.

— Quanto. Tempo?

— Tempo suficiente para terminar a cerveja da primavera e chegar à metade de um panaché de fim de estação. Talvez no início do verão. Pandarens não se preocupam tanto com o tempo, e os de Pandária, menos ainda. Um mês desde que o encontramos, duas semanas e meia aqui. Os curandeiros enfiaram um caldo pela sua goela para te fazer dormir. — Chen ergueu a voz para ajudar aqueles que começavam a se aproximar. — Eu disse que podia fazer um chá preto com algas e frutas e tirar você da cama rapidinho, mas eles não acham que um cervejeiro sabe o suficiente sobre cura. Ainda assim cuidaram de você, então até que não são tão maus curandeiros.

O troll fez um esforço para umedecer os lábios, só que mesmo isso parecia exauri-lo. *Dois semanas e meia e ainda tô nesse estado. Bwonsamdi me deixou ir, mas não tô progredindo como deveria.*

Chen inclinou o corpo outra vez, baixando a voz:

— Lorde Taran Zhu lidera os Shado-pan. Ele concordou em permitir que você fique até estar recuperado. Mas existem condições. Como tanto a Aliança quanto a Horda gostariam de continuar... cuidando de você, cada um à sua maneira...

Vol'jin encolheu o corpo o máximo que pôde:

— Inútil.

— ...e considerando que você está se recuperando, ouvir não vai fazer mal. — Chen balançou a cabeça, pedindo calma com um gesto da pata. — Lorde Taran Zhu quer que você aprenda conosco. Bem, não conosco. A maioria dos pandarens daqui considera os pandarens crescidos em Shen-zin Su como “cães vira-latas”. Nós nos parecemos com eles, falamos como eles, temos o mesmo cheiro, mas somos diferentes. Eles não têm certeza do que somos. Primeiro eu fiquei confuso, depois pensei que muitos trolls devem enxergar os Lançanegra da mesma maneira.

— Não. Mentira. — Vol’jin fechou os olhos por um instante. *Se Taran Zhu quer que eu aprenda sobre os pandarens, ele vai me estudar. Do mesmo jeito que eu faria com ele.*

— Ele acha que você é Tushui, mais racional e estável. Eu contei muito sobre você, e eu também acho isso. Ele nunca viu um Tushui na Horda. Ele quer entender por que você é diferente. Isso significa que ele quer que você aprenda a cultura pandarênica. Algumas palavras, nossos costumes. Ele não quer que você seja um desses trolls que vão ao Penhasco do Trovão e se tornam taurens azuis. Ele quer que você compreenda.

Vol’jin abriu os olhos novamente e assentiu com a cabeça. Então, olhando bem, percebeu que Chen titubeava:

— Quê?

Chen virou os olhos para cima, tamborilando nervosamente as pontas dos dedos:

— Bem, veja só, Tushui é equilibrado por Huojin. Quer dizer, mais impulsivo, do tipo que mata primeiro e conta as carcaças depois. Como Garrosh decidindo matar você. Uma coisa bem “Hordeira” hoje em dia. Não é o que a Aliança faz.

— E?

— Essas coisas estão equilibradas agora. Taran Zhu me falou sobre água, âncoras, navios e um monte de coisas. Muito complicado, e eu não vou nem mencionar a tripulação. O que importa é o equilíbrio. Ele realmente gosta do equilíbrio e, veja só, até você chegar, elas estavam desequilibradas.

Mesmo tendo que se esforçar muito, Vol’jin arqueou uma sobrancelha.

— Bem... — Chen olhou por cima do ombro na direção de uma cama vazia. — Cerca de um mês antes de encontrar você, encontrei um homem vagando seriamente ferido, a perna quebrada... não, destruída. Eu também o trouxe para cá. Ele está um pouco melhor que você, mas trolls se curam mais rápido. E Lorde Taran Zhu quer que você fique sob os cuidados dele.

Um reflexo percorreu a mente de Vol'jin e, mesmo fraco como estava, causou um estremeção que percorreu todo o seu corpo.

— Não!

Chen estendeu os braços, segurando o troll com as duas patas.

— Não, não, não, você não entende. Ele está aqui sob as mesmas restrições que você. Ele não vai... Eu sei que você não está com medo de um humano, Vol'jin. Lorde Taran Zhu espera que ajudando você a se curar, esse homem também se cure. Isso é parte de quem somos, amigo. Restaure o equilíbrio e você fortalece a cura.

Mesmo com Chen mantendo as patas suaves e segurando-o gentilmente, Vol'jin era incapaz de oferecer resistência. Por um instante que durou uma batida de coração, o troll imaginou que os monges o tinham envenenado com a poção que o fizeram engolir para deixá-lo fraco. Porém, isso necessariamente teria que ser feito com a anuência de Chen, e ele jamais teria concordado.

Vol'jin repeliu a raiva e a frustração. Lorde Taran Zhu não queria apenas estudá-lo, queria ver como agiria na presença de um humano. Vol'jin poderia discorrer sobre a longa história das relações entre trolls e humanos, quem sabe esclarecer por que o ódio era tão forte. Vol'jin matara mais homens do que se preocupava em contar. Longe de perder o sono por isso, ele, na verdade, dormia melhor por tê-lo feito. E podia apostar que o humano no monastério sentia o mesmo.

O troll percebeu que, mesmo que Taran Zhu tivesse conhecimento de toda a história, os relatos estariam modificados pela natureza de quem os contara. Reunindo um troll e um homem, ele poderia assistir, aprender e fazer seu próprio julgamento.

Um jeito esperto de sacar essa parada. Vol'jin fez questão de lembrar que não importava o quanto Chen tivesse dito ao Lorde Taran Zhu sobre ele;

para o monge pandaren, Vol'jin não passava de um troll. Com certeza tampouco importava o pedigree do humano. Quem eram não tinha relação alguma com a reação que teriam um ao outro. Era essa a informação que o pandaren queria. Saber isso, e perceber que poderia controlar as informações, deu poder a Vol'jin.

Ele ergueu os olhos para Chen.

— Você. Aprova?

A surpresa encheu os olhos de Chen, que sorriu.

— É o melhor para você e para ele, para Tyrathan. As névoas ocultaram Pandária por muito tempo. Você e ele estão ligados por vínculos que os pandarens nunca compreenderão. Vocês se curarão melhor juntos.

— Para. Depois. Matar.

Chen franziu o cenho.

— Provavelmente. Ele não está mais contente que você, mas vai concordar para poder continuar aqui.

Vol'jin fez um movimento brusco com a cabeça:

— Nome?

— Tyrathan Korth. Você não o conhece. Ele não tem na Aliança o mesmo status que você na Horda. Mas ele era um homem importante. Era um líder das forças da Aliança aqui. E seus ferimentos não foram causados por assassinos do rei. Tudo o que sei é que ele se feriu numa batalha para ajudar Pandária. É por isso que Lorde Taran Zhu concordou em acolhê-lo. Ele carrega uma grande tristeza que nada parece curar.

— Nem. Cerveja?

O pandaren balançou a cabeça com o olhar distante.

— Ele bebe e aguenta bem, mas não é um grande bebedor. Introspectivo e quieto. Outro traço que vocês compartilham.

— Tushui, não?

Chen jogou a cabeça para trás e explodiu em gargalhadas:

— Eles podem cortar seu corpo, mas não conseguem machucar sua mente. Sim, parece Tushui, e isso desfaria o equilíbrio. Mas todos os dias, desde que conseguiu ficar de pé com as muletas pela primeira vez, ele sai para subir a montanha. Muito Huojin. Então ele para. Cem metros,

duzentos metros, depois volta, exausto. Não fisicamente, mas no espírito. Muito Huojin.

Muito curioso. Por que será... Vol'jin se recompôs e fez um pequeno movimento com a cabeça para Chen.

— Muito. Bom. Amigo.

— Talvez você consiga descobrir.

O que significa que vou ter que tolerar esse cara, já que é o que todo mundo quer. Vol'jin suspirou e deixou a cabeça repousar sobre os travesseiros. *E, por enquanto, eu tô com todo mundo.*

5



Os monges não exigiram de Vol'jin que desse ao homem permissão para cuidar de seu corpo, pois o troll jamais aceitaria. Vol'jin não sentia nenhuma malícia na eficiência firme com que os pandarens o lavavam, cuidavam de suas feridas, trocavam os lençóis e o alimentavam. Mas percebeu que os monges, um de cada vez, cuidavam dele por um dia inteiro, desapareciam por dois dias e voltavam para repetir o turno. Depois de três dias na tarefa, saíam do rodízio e não retornavam mais.

Taran Zhu só aparecia vez ou outra. Ele sabia que o velho monge o observava com mais frequência do que ele podia perceber; provavelmente, só tomava conhecimento do Lorde quando o ancião assim desejava. Para o troll, o povo de Pandária se parecia com seu mundo — envolto numa névoa que permitia apenas raros vislumbres. Embora Chen tivesse um pouco daquilo, ele era um dia ensolarado se comparado à complexidade elusiva dos monges.

Vol'jin passava muito tempo observando, decidindo o que revelaria de si. Apesar de a garganta estar curada, a cicatriz tornava a fala difícil e um

pouco dolorosa. Os pandarens não percebiam, mas o ferimento roubara da língua troll a fluidez melódica que lhe era peculiar. *Se comunicação é sinal de vida, os assassinos conseguiram me matar.* Ele esperava que os loa — que permaneceram quietos e distantes durante sua recuperação — ainda reconhecessem sua voz.

Com algum esforço, Vol'jin conseguira aprender um pouco do idioma pandarênico. O fato de que os pandarens tinham cerca de meia dúzia de palavras para quase tudo significava que ele poderia escolher aquela cuja pronúncia causaria menos desconforto. O fato de que os pandarens tinham tantas palavras com as quais a comunicação podia começar a refletir a dificuldade de conhecer esta raça. O idioma tinha nuances que um estrangeiro jamais compreenderia, e os pandarens poderiam muito bem usar isso para mascarar suas verdadeiras intenções.

Vol'jin queria ter exagerado sua fraqueza ao lidar com o homem, mas teria feito pouca diferença. Apesar de alto para os padrões humanos, Tyrathan não era robusto como um guerreiro de sua raça. Mais esguio, as cicatrizes no antebraço esquerdo e os calos cobrindo os dedos da mão direita indicavam que era um caçador. Ele usava o cabelo branco curto e solto. A boca era emoldurada por um bigode e um cavanhaque, também embranquecidos e ainda ralos. Portava as vestes simplórias de um noviço — rústicas, marrons e grandes demais para ele, por serem feitas para um pandaren. Talvez para uma pandarena, suspeitava Vol'jin, uma vez que as roupas não sobravam tanto assim.

Mesmo não forçando o homem a cuidar do corpo de Vol'jin, os monges exigiram que ele se incumbisse das roupas e dos lençóis do troll. O homem obedeceu sem comentários ou reclamações, e foi deveras eficaz — o tecido voltou totalmente livre de nódoas, alguns perfumados com ervas e flores.

Duas coisas no homem asseguravam Vol'jin de que ele era perigoso. A maioria teria percebido os calos e o fato de que sobrevivera sem muitas cicatrizes, só para começar. Mas para Vol'jin eram os olhos verdes e ariscos, o jeito de virar a cabeça ao ouvir qualquer som, a pausa que fazia antes de responder até mesmo à pergunta mais simples; aquele era o comportamento

de um homem incrivelmente observador. Não que fosse incomum entre homens com a mesma vocação, mas daquele jeito, só nos que eram muito bons.

O outro aspecto era sua paciência. Até perceber que era inútil, Vol'jin causou vários pequenos acidentes para fazer com que Tyrathan trabalhasse mais. Talheres derrubados e comida espalhada sobre a roupa em nada perturbavam o homem. Vol'jin chegou até mesmo a esfregar comida para manchar a roupa, mas as vestes voltaram impecáveis.

O modo como cuidava de seu próprio ferimento ressaltava a paciência ímpar. Apesar de as roupas esconderem as cicatrizes, o humano mancava ao caminhar — o lado esquerdo do quadril estava evidentemente totalmente enrijecido. Cada passo devia ser terrivelmente doloroso. O homem não conseguia sequer esconder as caretas de dor, embora o esforço de tentar fizesse honra até a Taran Zhu. Ainda assim, depois que o sol se escondia atrás do horizonte, ele saía diariamente para percorrer a trilha que levava até o cume da montanha sobre eles.

Depois de se alimentar, Vol'jin se sentou na cama e balançou a cabeça enquanto o homem se aproximava. Tyrathan trazia um tabuleiro quadriculado e dois recipientes cilíndricos — um vermelho, o outro preto —, cada qual com um orifício redondo no centro da tampa. O homem deixou os objetos sobre a mesa, puxou a cadeira que estava junto da parede e se sentou.

— Pronto para o jihui?

Vol'jin assentiu com a cabeça. Ainda que soubessem os nomes um do outro, jamais os usavam. Chen e Taran Zhu disseram-lhe que o homem era Tyrathan Korth. Vol'jin presumia que também o tivessem informado acerca de sua identidade. Se carregava algum tipo de hostilidade, o humano não demonstrava. *Com certeza ele sabe quem eu sou.*

Tyrathan pegou o cilindro preto, girou a tampa e despejou o conteúdo sobre o tabuleiro. Vinte e quatro cubos estalaram e dançaram sobre a superfície de bambu. Todos traziam símbolos inscritos em vermelho sobre um fundo preto, incluindo pontos para indicar movimento e uma seta para

a direção. Para provar quantos havia, o homem os separou em grupos de seis e, em seguida, enfiou-os novamente no recipiente.

Vol'jin tocou uma peça:

— Esse lado.

O homem acenou positivamente com a cabeça e chamou uma monja usando uma versão precária do idioma pandarênico. Os dois conversaram rapidamente — o humano de maneira hesitante, e a monja, como se falasse com uma criança. Tyrathan curvou a cabeça rapidamente e agradeceu.

Em seguida, virou-se novamente para Vol'jin:

— A peça é o navio. O lado, o navio de fogo. — Tyrathan virou o cubo de forma que o glifo pandarênico ficasse de frente para Vol'jin. Depois repetiu “navio de fogo” em perfeito Zandali.

Seus olhos se ergueram a tempo de ver a reação de Vol'jin.

— Selva do Espinhaço. Teu sotaque.

Tyrathan apontou para a peça, ignorando o comentário:

— O navio de fogo é uma peça importante para os pandarens. Ele destrói tudo, mas é consumido na destruição. Sai do jogo. Ouvi dizer que alguns jogadores queimam a peça. Dos seis navios na sua esquadra, só um pode se tornar navio de fogo.

— Valeu.

O jihui encapsulava muito da filosofia pandarênica. Cada peça tinha seis lados. O jogador podia se mover conforme a indicação no lado superior ou virar a peça uma vez e, então, escolher entre se mover ou atacar. Também era permitido selecionar um lado aleatoriamente rolando a peça, para depois devolvê-la à posição e voltar jogar. Essa era a única maneira de o lado do navio de fogo aparecer para um navio.

O jogador também podia escolher não se mover e, em vez disso, sacar aleatoriamente outra peça, sacudindo e virando o cilindro sobre a mesa. A primeira a sair pelo furo seria posta em jogo. Se duas caíssem, a segunda seria removida do tabuleiro e o adversário ganharia o direito de sacar uma peça aleatória sem penalidade.

Ao mesmo tempo que encorajava o raciocínio, o jihui incorporava certa impulsividade. O jogo equilibrava deliberação e sorte — que poderia

ser punida. A derrota de um jogador com menos peças não era uma grande derrota. Render-se a uma posição superior, a despeito do número de peças em jogo, não era considerado uma desonra. Mesmo que a meta fosse eliminar as peças do adversário, jogar com esse único objetivo era visto como indelicadeza e até sinal de barbarismo. Geralmente um dos jogadores acabava encurralado e se entregava, apesar de que alguns se apoiavam na sorte para dar a volta por cima e vencer.

Chegar a um impasse, para alcançar um perfeito equilíbrio entre as forças, essa era a maior vitória.

Tyrathan estendeu o cilindro vermelho na direção de Vol'jin. Cada um sacou meia dúzia de cubos, centralizando-os na última linha da grade de doze por doze casas. Todos foram posicionados com o menor valor virado para cima, de frente para o adversário. Depois, sorteando mais um cubo de cada cor, os dois compararam os valores mais altos. Tyrathan venceu Vol'jin, por isso se moveria primeiro. Os cubos voltaram para os cilindros e o jogo começou.

Vol'jin deslocou uma das peças para a frente:

— Seu pandarênico. Bom. Melhor que eles imaginam.

O homem levantou uma das sobrancelhas sem tirar os olhos do tabuleiro:

— Taran Zhu sabe.

Vol'jin estudava o campo de batalha, assistindo à manobra de flanqueamento do humano se desfraldar.

— Cê caça. Que rastro ele deixa?

— Fugidio, mas forte quando quer que você o veja. — O homem roeu o canto da unha do polegar. — Boa ideia, mudar a direção do arqueiro.

— Teu movimento com a pipa também. — Vol'jin não vira hesitação no movimento, mas seu comentário fez com que o olhar de Tyrathan examinasse a peça mais uma vez. Depois de observar fixamente, procurando por algo, o homem olhou para o recipiente.

O troll antecipou sua jogada. Tyrathan lançou o cubo, que girou e parou. O navio de fogo. Ele o posicionou junto ao arqueiro, fortalecendo o

flanco. O equilíbrio do jogo havia mudado — não a favor de um jogador, mas para longe daquele canto da mesa.

Tyrathan acrescentou outra peça — um guerreiro que, mesmo não caindo com o lado mais forte voltado para cima, era forte o suficiente. Os cavalos, que se moviam mais rápido, chegaram rapidamente àquele flanco. Tyrathan fazia suas jogadas rapidamente, mas não com pressa.

Vol'jin pegou o cilindro outra vez, mas o homem agarrou sua mão:

— Não.

— Tira. A. Mão. — O aperto de Vol'jin ficou mais forte. Com um pequeno movimento, o cilindro se despedaçaria. Peças e lascas voariam em todas as direções. Ele queria gritar, perguntar ao homem como ousava tocar num caçador sombrio, no líder dos Lançanegra. *Cê sabe quem eu sou?*

Mas ele não o fez. Era impossível fazer mais força com a mão. Na verdade, o breve esforço fora suficiente para fatigar seus músculos. Os dedos falhavam; era o homem que impedia o cilindro de espatifar-se sobre o tabuleiro.

Tyrathan abriu a mão, dissipando qualquer insinuação de perversidade:

— Eu estou ensinando você a jogar. Você não precisa sacar outra peça. Se permitisse, eu ainda venceria e sua nova peça só ampliaria minha vitória.

Vol'jin examinou as peças. O guerreiro preto, com uma mudança de lado, podia vencer seu senhor da guerra. O navio de fogo teria que voltar para repelir a ameaça, mas se fizesse isso, entraria na área de alcance da pipa de Tyrathan. As duas peças seriam destruídas, deixando o guerreiro e a cavalaria à direita livres para invadir pelo flanco. Se reforçasse a esquerda, a direita estaria perdida.

O troll soltou o recipiente na mão de Tyrathan.

— Pela minha honra. Obrigado.

O homem repousou o cilindro sobre a mesa.

— Eu sei o que você estava fazendo. Eu venceria, mas teria derrotado um aluno que permiti errar. Com isso, você teria ganhado. Você venceu, pois me forçou a agir de acordo com seus caprichos.

E não era pra ser assim, rosadinho? Vol'jin comprimiu os olhos:

— Cê ganha. Cê me saca. Eu perco.

Tyrathan balançou a cabeça e se recostou.

— Então nós dois perdemos. Não, este não é um jogo semântico. Eles estão observando. Eu leio você. Você me lê. Eles leem nós dois. Leem como jogamos e como reagimos um ao outro. Taran Zhu lê todos, e como eles nos leem.

Um arrepio percorreu a espinha de Vol'jin. Ele balançou a cabeça, torcendo para que tivesse sido imperceptível, mas Taran Zhu saberia. Contudo, o homem percebera a tempo e, por enquanto, os estrangeiros estavam unidos.

A voz de Tyrathan foi ficando mais baixa enquanto ele recolhia os cubos de volta nos cilindros.

— Os pandarens estão acostumados à névoa. Eles veem através dela, e são invisíveis quando estão envoltos. Eles seriam uma terrível força se não fossem tão equilibrados e tão preocupados com o equilíbrio. Nele, eles encontram a paz e, com razão, relutam em abandoná-la.

— Eles tão de olho. Vendo como a gente se equilibra.

— Eles gostariam que houvesse equilíbrio entre nós. — Tyrathan balançou a cabeça. — Por outro lado, talvez Taran Zhu queira saber como nos desequilibrar tanto a ponto que a gente acabe se destruindo. Meu medo é que ele aprenda isso rapidamente.

Naquela noite, visões zombaram de Vol'jin. Ele se viu cercado de guerreiros, todos conhecidos. Eles estavam reunidos para o ataque final contra Zalazane, para dar um fim à loucura e libertar as Ilhas do Eco para os Lançanegra. Cada um dos combatentes assumira o aspecto de um cubo de jihui, todos com o poder máximo. Não havia nenhum navio de fogo, mas isso não surpreendeu Vol'jin.

Ele era o navio de fogo, mas não estava na posição mais potente. Por mais desesperadora que fosse, essa não seria uma luta em que destruiria a si mesmo. Ajudados por Bwonsamdi, eles matariam Zalazane e reclamariam as Ilhas do Eco.

Quem é tu, troll, que tá tendo lembranças de um esforço heroico?

Vol'jin se virou, ouvindo o estalo de um cubo que mudava de posição. Ele se sentia preso dentro daquele cubo, embora os lados fossem transparentes, e a ausência de marcas nas laterais era amedrontadora.

— Eu sou Vol'jin.

Bwonsamdi se materializou num mundo cinzento de névoas rodopiantes.

— E quem é esse tal de Vol'jin?

A pergunta o fez estremecer. O Vol'jin da visão fora líder dos Lançanegra, mas já não era mais. Notícias de sua morte estariam chegando naquele instante ao conhecimento da Horda. Bem, talvez não ainda. Em seu coração, Vol'jin esperava que seus aliados tivessem se atrasado, para que Garrosh pudesse perder mais um dia se perguntando se seu plano funcionara.

Isso não respondia à pergunta. Ele não era mais líder dos Lançanegra, em nenhum sentido real. Talvez ainda o reconhecessem, mas ele não podia dar ordens. Eles resistiriam a Garrosh e a qualquer tentativa da Horda de sobrepujá-los; mas, em sua ausência, poderiam dar ouvidos a qualquer emissário que lhes oferecesse segurança. Eles poderiam se perder.

Quem sou eu?

Vol'jin estremeceu. Apesar de se considerar superior a Tyrathan Khort, pelo menos o humano se movia, vestindo roupas que não eram de um enfermo. Ele não fora traído por um rival e assassinado. O homem havia claramente incorporado algo dos pandarens.

Ainda assim, Tyrathan hesitara quando não deveria. Parte daquilo era um jogo, para que os pandarens o subestimassem, mas Vol'jin vira além. Em outros momentos, no entanto, como quando ele hesitou diante do cumprimento de Vol'jin à movimentação de sua peça, aquilo fora real. Não algo que o homem se permitira fazer.

Vol'jin ergueu os olhos para Bwonsamdi:

— Eu sou Vol'jin. Eu sei quem eu era. Quem eu vou ser? Isso, só Vol'jin vai poder saber. Por enquanto, Bwonsamdi, isso basta.

6



Talvez Vol'jin não estivesse totalmente certo sobre quem era, mas sabia com certeza quem não era. Aos poucos, forçou o corpo a abandonar o leito. Ele afastava lentamente os lençóis, dobrando-os com cuidado quando, na verdade, queria atirá-los para longe, e se levantava de uma vez.

O primeiro toque da pedra fria nos pés o surpreendeu, mas a sensação deu-lhe força. Ele deixou que ela vencesse a dor nas pernas e o repuxar das cicatrizes e dos pontos. Apoiando-se na cabeceira da cama, o troll fez força para ficar de pé.

Na sexta tentativa, conseguiu. Na quarta, pontos do abdome abriram-se. Recusou-se a admitir o fato e repeliu com um aceno os monges que correram para examinar a mancha que crescia em sua túnica. Pensou que teria que pedir desculpas a Tyrathan por fazê-lo trabalhar mais, mas apenas pediu aos monges que dobrassem as vestes.

Mas, antes, ele se deitou novamente. Ele ficara de pé por um tempo que pareceu uma eternidade. O sol que entrava pela janela não se movera nem a

largura de um inseto no chão, o que dava uma noção mais clara do tempo decorrido. Bem, ele ficara de pé. Era uma vitória.

Depois que os monges fecharam o ferimento novamente e fizeram outro curativo, Vol'jin pediu uma bacia d'água e uma escova. Ele tomou a túnica e esfregou a mancha de sangue o melhor que podia. Não foi fácil, mas estava determinado a livrar-se dela, mesmo sentindo os músculos arderem com o esforço.

Tyrathan esperou os movimentos de Vol'jin perderem a intensidade até a superfície da água ficar tranquila, então tomou a túnica de suas mãos.

— Você é muito gentil, Vol'jin, por aceitar meu fardo. Vou pendurar isso para secar.

Vol'jin quis protestar — ele ainda via resquícios da mancha escura —, mas permaneceu em silêncio. Em um instante, viu o equilíbrio entre Huojin e Tushui se restabelecer. Tyrathan fora sensato quando ele fora impulsivo, interferindo de modo que não lhes custasse a dignidade. Em silêncio, reconhecera o esforço e a intenção, alcançando o objetivo desejado sem envolver o ego nem perseguir algum tipo de vitória.

No dia seguinte, Vol'jin conseguiu ficar de pé na terceira tentativa, e se negou a voltar para o leito até que o raio de sol caminhasse pelo menos a largura de um dedão. Um dia depois, levou o mesmo tempo para percorrer a distância de uma extremidade da cama à outra e voltar. No fim da semana, ele já havia caminhado até a janela para observar o pátio.

Monges pandarens dispostos em linha reta dominavam o centro. Eles faziam exercícios, socando o ar com uma velocidade incrível. Os trolls estavam habituados ao combate desarmado, mas, por serem mais desengonçados, suas técnicas não se equiparavam à disciplina e ao controle que os monges demonstravam. Nos cantos, em vários pontos, monges lutavam com espadas e lanças, armas de haste e arcos. Um só daqueles golpes de bastão já soterraria um soldado de Ventobravo em sua própria carapaça de aço. Não fosse pelo brilho do sol refletido nas lâminas afiadas, Vol'jin duvidava que conseguisse acompanhar o movimento das armas.

E lá, nos degraus, Chen Malte do Trovão varria a neve. Dois degraus acima, Lorde Taran Zhu fazia o mesmo.

Vol'jin se apoiou no parapeito da janela. *Quem é que ia imaginar que eu ia ver o figurão do monastério ralando?* Ele achava que se tornara uma criatura de hábitos, acordando sempre na mesma hora. *Isso vai mudar.*

Mas isso significava que Taran Zhu não só sabia o que ele estivera fazendo como sabia em que momento chegaria à janela. Vol'jin não tinha dúvidas de que, se perguntasse a Chen com que frequência Taran Zhu varria a neve, descobriria que fora apenas naquele dia, àquela hora. O troll lançou um olhar na direção de vários monges que o ignoravam, o que significava que o observavam sem querer ser detectados.

Nem cinco minutos se passaram desde que se deitara novamente quando Chen veio fazer uma vista, trazendo uma pequena tigela com um líquido espumante.

— Foi bom ver você de pé de novo, amigo. Eu queria trazer isso há dias, mas Lorde Taran Zhu proibiu. Ele achou que seria forte demais. Eu disse que seria preciso muito mais para dar cabo de você. Quer dizer, você está aqui, certo? Experimente. Você será o primeiro. Bem, depois de mim. — Chen sorriu. — Eu tinha que ter certeza que não mataria você.

— Muito gentil da sua parte.

Vol'jin ergueu a tigela e respirou fundo. A cerveja tinha um cheiro penetrante, algo de amadeirado. Ele bebericou e não achou doce nem amarga, mas encorpada, rica. O sabor lembrava o cheiro da floresta depois da chuva, quando o vapor subia da vegetação trazendo vários aromas. Lembrava as Ilhas do Eco, e a recordação quase tapou sua garganta.

Ele se forçou a engolir e balançou positivamente a cabeça, sentindo a cerveja queimar a garganta até chegar ao estômago.

— Muito bom.

— Obrigado. — Chen olhou para o chão. — No dia em que chegamos, você não parecia nada bem. Foi uma jornada dura. Disseram que teríamos que enterrá-lo na montanha. Mas eu sussurrei no seu ouvido, no bom, não no que Li Li ajudou a costurar, que, se você aguentasse, eu teria algo especial para lhe dar. Vi que tinha trazido comigo alguns condimentos e flores de sua terra. Para você se lembrar dela. Então usei o que tinha para fazer uma cerveja. Chamei de Melhoras.

— Te devo minha recuperação.

O pandaren olhou para cima.

— Foi uma produção pequena, Vol'jin. Sua recuperação vai levar mais tempo.

— Eu vô me recuperar.

— Foi por isso que já comecei a fazer minha nova cerveja: Comemoração.

* * *

Fosse pela cerveja de Chen, por sua constituição de troll, pelo ar limpo da montanha ou pelas terapias às quais os monges o submetiam — ou tudo combinado —, o fato é que em poucas semanas Vol'jin progredira admiravelmente. Todos os dias, quando se enfileirava junto aos monges, primeiro ele se curvava para o professor, depois olhava para cima, para a janela de onde os observava. O troll mal teria acreditado que se juntaria a eles; agora, sentindo-se muito melhor, mal podia lembrar que um dia fora a pessoa na janela.

Os monges, que o aceitaram sem comentários e com grande solicitude, referiam-se a ele como “Vol'jian”. Por alguma razão era como o som saía mais facilmente de suas línguas, mas ele sabia que não era só isso. Chen explicou-lhe que “jian” tinha muitos significados, todos relacionados a grandeza. De início, os monges escolheram essa palavra para descrever seu jeito desengonçado, mas depois para falar da velocidade com que aprendia.

Se não fossem professores dedicados, ele teria ficado ofendido com todo o desrespeito. Ele era um caçador sombrio. Por maiores que fossem suas habilidades, nenhum monge podia sequer imaginar o que ele passara para se tornar um caçador sombrio. Os monges lutavam para manter o equilíbrio, mas ser um caçador sombrio era dominar o caos.

Sua fome de conhecimento e a competência veloz com que se atinha aos detalhes motivaram os monges a ensinarem-lhe técnicas cada vez mais

complexas. Conforme sua força aumentava e seu corpo readquiria a capacidade de curar cortes e feridas, a única coisa que o limitava era a falta de resistência. Vol'jin queria culpar o ar rarefeito da montanha, mas a falta de fôlego não parecia incomodar Tyrathan.

No entanto, outras coisas limitavam o homem. Ele mancava muito menos do que antes, mas ainda mancava. Apoiava-se numa bengala e muitas vezes treinava com os monges que usavam bastão. Vol'jin percebeu que, durante o treino, a deficiência desaparecia totalmente. Só no fim, depois que Tyrathan recuperava o fôlego e retomava consciência de si, é que voltava a mancar.

O homem também assistia aos monges treinarem com o arco. Só um cego não veria o quanto ele queria atirar. Ele perscrutava os monges, observava-os dispararem as setas, baixando a cabeça quando um errava e abrindo um largo sorriso quando uma flecha dividia outra já cravada no alvo.

Agora que estava em condições de participar do treinamento, Vol'jin fora transferido para uma cela pequena e austera na ala leste do monastério. A notória simplicidade — uma esteira de dormir, uma mesa baixa, uma bacia com um jarro e dois prendedores para pendurar a roupa — certamente servia ao propósito de desencorajar distrações. A frugalidade ajudava os monges a se concentrarem e a encontrarem paz.

Vol'jin notou uma semelhança com Durotar — apesar de consideravelmente mais frio. Adaptar-se foi muito fácil. Ele posicionou a cama de modo que a primeira luz da manhã o acordasse. Todas as manhãs, saía para cumprir suas tarefas como os outros, depois tomava um café da manhã simples antes dos exercícios matinais. Ele observou que suas rações incluíam mais carne do que os monges consumiam, o que fazia sentido, já que estava em recuperação.

Manhã, tarde e noite, o padrão era sempre o mesmo: tarefas, comida e exercícios. Os exercícios de Vol'jin giravam em torno de força e flexibilidade, de aprender sobre combate e sobre suas limitações físicas. À tarde, as instruções eram individuais, novamente com um grupo de monges que se alternavam, pois a maioria tinha suas próprias aulas para frequentar. À

noite, mais uma vez exercícios físicos, embora esses consistissem basicamente em alongamento, uma preparação para uma boa noite de sono.

Os monges eram bons professores. Ele os vira destroçar dezenas de tábuas com um único golpe. Vol'jin estava ansioso para tentar porque sabia que era capaz. Porém, quando chegou sua vez de tentar o exercício, Lorde Taran Zhu interrompeu. No lugar de tábuas, havia uma placa de pedra com dois dedos de largura.

Cê só pode estar de brincadeira. Vol'jin estudou a expressão do monge, mas não encontrou zombaria. Não queria dizer que não fosse o caso, mas a expressão impassível do pandaren poderia ter ocultado qualquer coisa.

— Cê quer que eu quebre pedra. Todo mundo quebra madeira.

— Os outros não acreditam que podem despedaçar a madeira. Você acredita. — Taran Zhu indicou um ponto alguns centímetros além da placa de pedra. — Ponha sua dúvida aqui. Golpeie através dela.

Dúvida? Vol'jin repeliu o pensamento, pois ele o distraía. Ele queria ignorá-lo, mas, em vez disso, fez como o monge ordenara: visualizou a dúvida como uma esfera azul iridescente que cuspiam centelhas. E permitiu que ela flutuasse até um ponto atrás do bloco.

Então Vol'jin se concentrou, respirou fundo e soltou todo o ar. De uma só vez, moveu o punho e pulverizou a pedra. E continuou, esmagando também a dúvida. Ele podia jurar para si que não sentira nada até atingir a esfera flutuante. Era como se a pedra nem estivesse lá, embora tivesse roçado o pé que cobria seu couro.

Taran Zhu curvou-se respeitosamente.

Vol'jin respondeu com o mesmo gesto, mantendo-o por mais tempo que antes.

Os outros monges se curvaram quando o lorde partiu, depois se curvaram para ele. Vol'jin respondeu os cumprimentos e, dali em diante, notou que a ênfase no jian havia mudado outra vez.

Foi só mais tarde, sozinho na cela, sentindo a pedra fria contra as costas, que Vol'jin se permitiu compreender ao menos parte do que aprendera. Sua mão

não estava inchada nem enrijecida, mas ele ainda podia sentir o punho esmagando a dúvida. Ele flexionou a mão e viu-a funcionar, feliz por estar conectado a ela novamente.

Taran Zhu estava certo quando transformou a dúvida em alvo. A dúvida destruía almas. Que criatura pensante, ao alimentar a dúvida, seria capaz de se mover? Duvidar de sua capacidade de partir a pedra com o punho era reconhecer que sua mão poderia se quebrar; os ossos, partirem; a carne, rasgar-se, e o sangue, fluir. E se ele se concentrasse nesse pensamento, o que mais poderia resultar? Aquele fim seria seu alvo, e, portanto, ele conseguiria atingi-lo. Mas, se seu alvo fosse destruir a dúvida e ele o atingisse, o que seria impossível?

Zalazane reapareceu em sua mente, não na forma de visão, mas como uma série de memórias. A dúvida destruíra sua alma. Os dois cresceram juntos, amigos como poucos. Por ser filho de Sen'jin, o líder dos Lançanegra, Vol'jin sempre recebera consideração maior, mas não em sua mente. E Zalazane sabia — muitas vezes eles falaram disso, rindo da ignorância dos que viam um como herói e o outro como mero companheiro. Enquanto Vol'jin se empenhava para tornar-se caçador sombrio, Zalazane se tornou mandingueiro, treinado pelo Mestre Gadrin. O próprio Sen'jin encorajou Zalazane, e houve aqueles entre os Lançanegra que pensaram que Zalazane estava sendo treinado para liderar depois de Sen'jin, enquanto Vol'jin perseguiria coisas ainda maiores.

Mas mesmo nisso as pessoas se enganaram, pois ambos acreditavam no sonho de Sen'jin de um lar para os Lançanegra. Um lugar onde poderiam viver sem medo, sem inimigos para caçá-los. Nem mesmo a morte de Sen'jin pelas mãos escamosas dos murlocs conseguiu destruir esse sonho.

Em algum lugar, em algum momento, a dúvida contaminou a alma de Zalazane. Talvez quando percebeu que mesmo Sen'jin, um poderoso mandingueiro, poderia morrer tão facilmente. Ou talvez ele tivesse se cansado de ouvir que Vol'jin era o herói, e ele, o companheiro. Poderia ter sido até mesmo algo que Vol'jin não conseguia sequer imaginar, mas, o que fosse, fizera com que Zalazane se tornasse um selvagem sedento de poder.

O poder o enlouquecera. Zalazane escravizou a maior parte dos Lançanegra, transformando-os em lacaios irracionais. Vol'jin conseguiu fugir com alguns e retornar mais tarde com aliados da Horda para libertar as Ilhas do Eco. Era ele quem estava à frente das forças que mataram Zalazane, que se sujaram com seu sangue, que ouviram seus últimos suspiros. Ele gostava de pensar que, no último momento, na última fagulha que vira nos olhos de Zalazane, o velho amigo havia retornado à sanidade e estava contente em ser libertado.

Com o Garrosh foi a mesma coisa. Exaltado por ser filho de seu pai, nunca por si mesmo nem pelos seus atos, Garrosh era temido por muitos. Ele aprendera que o medo era um açoite eficiente para manter os subordinados na linha. Mas nem todos estremeciam com os estalos do chicote.

Não eu.

Por considerar que sua posição se devia tanto à memória do pai quanto ao seu próprio valor, ele a questionava. Se ele mesmo se via como indigno, com certeza outros também o viam. *Eu via, e até contei para ele.* Como era possível esconder a dúvida, qualquer um poderia ser um inimigo em potencial. A única maneira de eliminar todos seria conquistá-los.

Mas nem todas as conquistas do mundo seriam suficientes para calar a voz em sua cabeça, que dizia: “É, mas você não é o seu pai.”

Vol'jin se espreguiçou na esteira. *Meu pai teve um sonho. Ele me contou. O sonho foi minha herança, e tive sorte de entender. É por isso que eu posso realizar. É por isso que posso ter paz.*

Ele falou para o vazio:

— Garrosh é que nunca vai ter paz. Por causa disso, ninguém mais vai.

7



Uma tempestade soprava do sul, com ventos uivantes, nuvens negras e uma neve que cortava o ar com força suficiente para agulhoar a carne. A nevasca surgiu de repente. Vol'jin acordara para um dia ensolarado, mas, antes que terminasse seus afazeres — no caso, espanar o topo de estantes que guardavam pergaminhos antigos —, a temperatura caíra, o ar escurecera e a tempestade gemera como se o monastério estivesse sendo atacado por demônios.

Vol'jin sabia tão pouco sobre nevascas que não entrou em pânico. Monges idosos percorreram o monastério, reunindo todos no grande salão de jantar. Todos se sentaram em seus lugares. Por ser o mais alto, Vol'jin podia ver com facilidade os monges contando as cabeças. Ocorreu-lhe que uma tempestade tão violenta poderia facilmente cegar e confundir. Perder-se numa tempestade assim seria uma sentença de morte.

Para sua vergonha, Vol'jin não percebeu o que Chen apontou antes mesmo de os monges terminarem a contagem:

— Tyrathan não está aqui.

Os olhos de Vol'jin buscaram o topo da montanha.

— Ele não ia estar lá fora com uma tempestade soprando forte assim.

Taran Zhu disse da pequena plataforma onde estava:

— Há um recesso onde ele sempre descansa. Ele é coberto e fica virado para o norte. Ele não tinha como saber. Mestre Malte do Trovão, encha um barril com sua cerveja Melhoras. A primeira e a segunda casas se organizarão para a busca.

Vol'jin ergueu a cabeça e perguntou:

— O que eu faço?

— Volte aos seus afazeres, Vol'jin. — Nem sinal de jian no modo como Taran Zhu proferiu seu nome. — Não há nada que você possa fazer.

— Ele vai morrer nessa tempestade.

— Você também. Mais rápido que ele. — O velho pandaren bateu as patas uma vez, e seus pupilos se espalharam. — Você não sabe muito sobre tempestades de neve como essa. Você pode estilhaçar pedra, mas essa tempestade estilhaçará você. Drenará seu calor e sua força. Teríamos que trazer você de volta antes de o encontrarmos.

— Não posso ficar aqui esperando...

— ...sem fazer nada? Bom, darei uma tarefa a você, uma questão para contemplar. — O pandaren abriu as narinas, mas sua voz continuava calma e impassível. — É para salvar o homem que você deseja agir ou para preservar sua autoimagem de herói? Acho que você ainda vai ter que espanar muito antes de chegar à verdade.

A fúria urrou na alma de Vol'jin, mas ele não lhe deu voz. O mestre dos monges atingira a verdade duas vezes, perfeitamente no alvo, como os arqueiros que comandava. A tempestade mataria Vol'jin. Talvez o matasse mesmo se ele estivesse com a saúde totalmente recomposta. Tolerância ao frio nunca fora de grande serventia aos trolls Lançanegra.

O mais importante, o tiro que penetrou mais fundo no alvo, foi a observação de Taran Zhu acerca do motivo pelo qual Vol'jin queria participar da busca. Era muito menos preocupação com o bem-estar de Tyrathan Khort do que consigo mesmo. Ele não queria ser deixado de fora quando o perigo demandava ação. Aquilo evidenciava sua fraqueza, algo que

ele não queria reconhecer. E se conseguisse salvar Tyrathan, estaria em melhores condições, seria superior ao homem. Aquele humano presenciara sua fraqueza, e isso o irritava.

De volta ao espanador, Vol'jin percebeu que se sentia em dívida com o homem, o que não era bom. Trolls e homens nunca reservaram honestidade uns para com os outros, exceto em seu ódio. Vol'jin matara mais humanos do que podia contar. O modo como Tyrathan o perscrutara sugeria que o caçador também abatera sua cota de trolls. A inimizade estava entranhada em ambos desde o nascimento. Mesmo ali, os pandarens os acolheram porque eram tão opostos que se mantinham num tipo de equilíbrio.

Mas e o que mais esse homem fez além de me tratar com bondade? Parte de Vol'jin quis repelir o pensamento por considerá-lo uma fraqueza. Uma súplica baseada no medo. Tyrathan torcia para que, quando estivesse bem, Vol'jin não o matasse. Mesmo sendo fácil imaginar isso, e inúmeros trolls teriam acreditado como se fosse uma mensagem dos loa, Vol'jin não podia aceitar a ideia. Tyrathan podia estar cumprindo uma tarefa, mas a gentileza com que se ocupara da túnica não era coisa de alguém simplesmente seguindo ordens.

Era mais. Algo digno de respeito.

Vol'jin já havia terminado as prateleiras mais altas e estava começando as mais baixas quando os grupos de busca retornaram. A exaltação das vozes sugeria sucesso. Na refeição do meio-dia, Vol'jin procurou primeiro Tyrathan, depois Chen e Taran Zhu. Quando não os encontrou, procurou os curadores. Viu um ou dois, mas só ficaram por tempo suficiente para pegarem algo para comer e sumirem outra vez.

A montanha ocupada pela tempestade anunciava um dia cinzento, lúgubre, cujo fim seria prenúncio de ainda mais frio e escuridão. Enquanto os monges se reuniam para a refeição à tarde, uma jovem monja encontrou Vol'jin e o conduziu à enfermaria. Chen e Taran Zhu o aguardavam. Nenhum dos dois parecia feliz.

Tyrathan Khort estava deitado na cama. Mesmo com a pele acinzentada, sua testa estava salpicada de suor. Vários cobertores o cobriam

até o pescoço. Ele se debatia, mas tão fracamente que as camadas de tecido o aprisionavam. Vol'jin sentiu um lampejo de compaixão.

O senhor do monastério apontou para o troll:

— Há uma tarefa para você. Se não a cumprir, ele morrerá. E antes que um pensamento ignóbil se enraíze em sua mente, vou logo avisando: se recusar, você morrerá. Não por ação minha nem de outro monge daqui. Aquela coisa que você estilhaçou atrás da pedra adentrará sua alma uma vez mais e matará você.

Vol'jin caiu de joelhos e examinou o rosto de Tyrathan. Medo, ódio, vergonha. Esses e outros sentimentos percorreram seu semblante.

— Ele tá dormindo. Tá sonhando. O que eu posso fazer?

— Não o que você pode fazer, troll, mas o que *precisa* fazer. — Taran Zhu expirou lentamente. — Longe daqui, a sudeste, há um templo. É um de muitos em Pandária, mas ele e seus associados são especiais. Em sua sabedoria, o imperador Shaohao prendeu um dos sha em cada um. Os sha têm uma natureza semelhante à dos seus loa. Eles personificam aspectos da natureza consciente; os mais sombrios. No Templo da Serpente de Jade, o imperador aprisionou o Sha da Dúvida.

Vol'jin franziu o cenho:

— Não existe essa de espírito da dúvida.

— Não? O que você destruiu com aquele soco? — Taran Zhu juntou as patas atrás das costas. — Você tem dúvidas, todos temos dúvidas, e o sha tira proveito delas. Ele faz com que ressoem lá dentro, impossibilitando nossas ações, matando nossa alma. Como você agora sabe, nós, os Shado-pan, somos treinados para enfrentar os sha. Infelizmente Tyrathan Khort os encontrou antes de estar preparado.

O troll ficou de pé outra vez:

— O que eu posso fazer? O que preciso fazer?

— Você é do mundo dele. Você compreende. — Taran Zhu balançou a cabeça para Chen. — O Mestre Malte do Trovão preparou uma bebida na nossa botica. Nós a chamamos de vinho da memória. Você e o humano beberão, depois você será levado para os sonhos dele. Da mesma maneira como os loa às vezes agem por meio de você, você agirá por meio dele. Você

destruiu a dúvida, Vol'jin, mas a dúvida ainda infecta Tyrathan. Você precisa encontrá-la e fazê-la sumir.

Os olhos de Vol'jin se estreitaram.

— Não pode ser tu?

— Se pudesse, você não acha que eu o faria, em vez de confiar a tarefa a alguém que não chega nem a ser um noviço?

Vol'jin curvou a cabeça.

— Claro.

— Um aviso, troll. Entenda que o que você vir e vivenciar não é real. É a memória que ele guarda do acontecimento. Se conversasse com todos os sobreviventes daquela batalha, ninguém contaria a mesma história. Não lute para compreender as lembranças. Encontre a dúvida e arranque-a pela raiz.

— Já sei o que fazer.

A monja e Chen arrastaram outra cama, mas Vol'jin a recusou. Em seguida, deitou-se no chão de pedra junto a Tyrathan.

— Melhor lembrar que sou um troll.

A tigela de madeira foi entregue pela pata de Chen. O líquido escuro e viscoso ferroava os lábios como se contivesse urtiga. Amargava rapidamente na língua, exceto onde a mordida tânica a deixava dormente. Ele precisou engolir duas vezes para que o vinho da memória descesse completamente, então se deitou de costas e fechou os olhos.

Vol'jin projetou os sentidos como fazia quando queria entrar em contato com os loa, mas se deparou com uma paisagem tipicamente pandarênica — toda coberta de verde e de um cinza morno, apesar dos diminutos flocos de neve que brilhavam aqui e acolá. Taran Zhu estava lá, um fantasma silencioso. A pata direita apontava para uma caverna escura. Pegadas de pandaren marcavam o caminho, mas paravam à entrada.

Vol'jin se contorceu de lado e abaixou o corpo para entrar. As paredes de pedra se estreitavam. Por um segundo, o troll teve medo de não conseguir passar. Então, depois de sentir a pele prestes a se rasgar, conseguiu.

E quase gritou.

Viu o mundo pelos olhos de Tyrathan Khort, e ele parecia muito brilhante e demasiado verde. Ergueu a mão para proteger a vista. A surpresa tomou conta dele. Seus braços eram muito curtos, e o corpo, mesmo mais largo, era mais fraco. As passadas eram curtas. Ao seu redor, homens e mulheres usavam os tabardos azuis ornados com ouro de Ventobravo, afiando suas armas e ajustando suas armaduras enquanto recrutas jinyus assistiam estarecidos.

Um jovem soldado parou diante dele e o saudou:

— O líder solicita sua presença na colina, senhor.

— Obrigado. — Vol'jin acompanhou a memória, acostumando-se à sensação de ocupar um corpo humano. Tyrathan trazia o arco às costas, e uma aljava batia de leve contra sua coxa direita. A cota de malha que cobria parte de seu corpo tilintava, e itens de couro protegiam o resto, couro coletado de feras que ele mesmo matara. Ele mesmo o curtira e costurara, pois não confiava em mãos alheias para isso.

Vol'jin sorriu, reconhecendo o sentimento.

Tyrathan subiu rapidamente a colina — Vol'jin percebeu por que ele gostava tanto de ir à montanha. Então, deteve-se diante de um homem imenso com uma barba grossa. A armadura do líder rebrilhava intensamente, e no tabardo branco não havia sequer resquício de sangue.

— O senhor queria me ver?

O homem, Bolten Vanyst, apontou para o vale lá embaixo.

— Aquele é o nosso destino. O Coração da Serpente. Parece pacífico, mas eu sei que não posso contar com isso. Selecionei uma dúzia de homens, os melhores caçadores. Quero que vocês reconheçam o terreno e façam um relatório. Não permitirei que nos embosquem.

— Entendido, senhor. — Tyrathan fez uma saudação rápida. — O relatório estará pronto em uma hora. Duas, no máximo.

— Três, se estiver completo. — O líder o dispensou com uma saudação.

Tyrathan se apressou, e Vol'jin catalogava cada sensação. Enquanto desciam por uma trilha rochosa, o troll observava as fendas que o homem evitava. Ele perscrutava cada passo em busca de dúvida, mas encontrava somente confiança. Tyrathan se conhecia muito bem, e se fosse saltar por

fendas que não teriam nem preocupado um troll, provavelmente quebraria a perna ou torceria o tornozelo.

A fragilidade dos seres humanos surpreendeu Vol'jin. Ela sempre fora para ele motivo de alegria. Tornava fácil quebrá-los, mas agora, fazia-o pensar. Eles sabiam que a morte poderia vir rapidamente, e mesmo assim lutavam, exploravam e não demonstravam covardia. Era como se a mortalidade fosse uma companheira tão constante que seu abraço se tornava fácil.

Quando Tyrathan encontrou o esquadrão de doze caçadores, Vol'jin percebeu que o homem não trazia um animal ajudante consigo. Os outros, sim, indicando suas andanças pelo mundo. Raptores e tartarugas, aranhas gigantes e morcegos-vampiros — os humanos escolhiam seus companheiros usando uma lógica incompreensível para Vol'jin.

Com sinais de mão concisos, Tyrathan deu ordens aos soldados e os dividiu em grupos. Da mesma maneira que divide os dados no jihui. Seu grupo partiu para o sul, rumo ao destino mais distante. Eles se moviam rápida e silenciosamente — tão competentes quanto os monges com pés de veludo pandarens. Tyrathan trazia uma flecha no arco, de modo que bastaria puxar a corda para atirá-la.

Quando um grito veio do oeste, as coisas mudaram. Vol'jin estaria perdido se não compreendesse a batalha e as mudanças que ela causava à percepção. Enquanto assistia ao desastre se desvelar, os segundos pareciam passar lentamente; após a irrupção do desastre, o tempo acelerava. Uma flecha assoviaria na direção de uma amiga por uma eternidade, mas bastaria um instante para que a vida a abandonasse num jorro rubro.

Onde antes não houvera nenhum inimigo, agora uma legião acoitava seus companheiros. Estranhas criaturas espirituais percorriam suas fileiras, tocando, rasgando, arrancando gritos dos caçadores antes de abrirem suas gargantas. Os ajudantes urravam e rosnavam, defendendo-se como podiam antes de serem cercados e retalhados.

Tyrathan, por sua vez, tentou ficar calmo. Ele disparava flecha após flecha com suavidade e potência. *Ih, os monges ficariam cabreiros se ele pegasse num arco.* Vol'jin não tinha dúvida de que Tyrathan podia atirar com

tanta velocidade e precisão que dividiria a flecha de um monge antes mesmo de ela atingir o alvo e, em seguida, ainda atravessaria a ponteira.

Uma mulher caiu. Seus cabelos eram escuros e macios como o felino que a acompanhava. Tyrathan gritou e avançou em sua direção. Ele disparou flechas rapidamente nos sha que a atacavam. Matou um, dois, mas uma pedra rolou sob seu pé. Errou o terceiro.

De onde estava, Vol'jin sabia que a flecha não teria feito diferença. Os olhos da mulher os encaravam vidrados, envoltos em uma máscara vermelha. O sangue jorrava, encharcando seu tabardo. Se havia algo a ser lembrado de sua morte, era como sua mão jazia suavemente sobre a cabeça do ajudante morto.

Tyrathan se ajoelhou, então algo atingiu com força sua costela. O arco que trazia na mão voou para longe quando seu corpo foi atirado no ar. Ele esmagou uma serpente de pedra, batendo com o lado esquerdo do quadril. O osso da perna estalou, disparando um lampejo de agonia. Depois de quicar uma vez, o homem rolou pelo chão e parou. Estava de frente para a mulher morta.

Se não fosse por mim, você estaria viva.

Lá estava ela, a raiz da dúvida. Vol'jin olhou para baixo e viu um fio negro preso a um espinho. Ele atravessou seu corpo uma vez e, quase atingindo o coração, saiu pelas costas. Em seguida, retornou tal qual uma víbora dando o bote, desta vez no coração.

Mas Vol'jin estendeu a mão espiritual e agarrou o fio em volta do espinho, exatamente como faria com uma cobra. Com cuidado, ele a decapitou, depois tomou o fio mais longo e o partiu.

A parte do meio coleou rapidamente para dentro de Tyrathan. Ela se enroscou no coração e começou a apertar. O corpo do homem enrijeceu e suas costas se arquearam, mas o que restava do fio não tinha força suficiente. Retorcendo-se, a serpente negra enlaçou a espinha de Tyrathan e subiu para o cérebro.

Lá, ela atacou e arrancou de Tyrathan um uivo de gelar a alma. A imagem que Vol'jin tinha do homem desapareceu como um reflexo engolido por um vórtice. Toda a luz foi drenada para um buraco negro, depois o

lampejo prateado de dor retrocedeu, surpreendendo tanto Vol'jin quanto Tyrathan.

Vol'jin se contorceu com o rosto coberto de suor, e suas mãos deslizaram sobre o corpo em busca de ferimentos. Agarrou a coxa, sentindo a dor da fratura desaparecer gradualmente. O troll arquejou, depois olhou para Tyrathan.

A pele do homem exibia traços de cor novamente. Ele respirava com mais facilidade. Não se debatia mais sob as cobertas.

Vol'jin o estudou. Ainda fraco e muito mais frágil que o troll jamais poderia ter imaginado antes de entrar em sua pele, o homem tinha uma vontade de aço que permitiria que se recuperasse. Parte de Vol'jin odiava isso, pois reconhecia que era um traço que muitos humanos compartilhavam. Era um problema para os trolls. Ainda assim, ao mesmo tempo, ele admirava Tyrathan pelo espírito com que lutava contra a morte.

O troll ergueu os olhos para Taran Zhu.

— Alguns escaparam. Não consegui pegar todos.

— Você pegou o suficiente. — O monge pandaren acenou solenemente com a cabeça. — Por agora, deve bastar.

8



A tempestade e a febre de Tyrathan começaram ao mesmo tempo, o que fez Chen pensar se não haveria um caráter sobrenatural no fenômeno. Era uma ideia sinistra, certamente, mas ele logo a esqueceu. Não fazia sentido para ele, pois enquanto o último floco de neve caía, Chen viu lírios-das-neves lutando por seu lugar ao sol. Uma força do mal não permitiria que aquilo acontecesse.

Taran Zhu não se preocupou com a natureza da tormenta, mas enviou monges para o sul, oeste e leste para avaliar os estragos. Chen se ofereceu para ir ao leste, pois era a direção do Templo do Tigre Branco. Assim ele veria a sobrinha e saberia como ela estava se saindo. Taran Zhu permitiu que ele fosse e prometeu que Tyrathan seria bem cuidado em sua ausência.

Foi bom para Chen sair do monastério. A viagem apaziguou sua sede de correr o mundo. Tinha certeza de que a maioria dos monges se dispunha a descer a montanha somente por aquela razão. Combinava com a noção de mundo deles, e a ideia de que aqueles que moravam em Shen-zin Su estavam, por natureza, fora de equilíbrio e inclinados para o Huojin.

Chen não negava que gostava de viajar e explorar. Alguns alegariam que não paravam em um lugar só por medo de se sentirem presos, mas Chen não. Ele se voltou para a companheira de viagem e sorriu.

— Sinto que toda vez que parto, estou abrindo espaço para outra pessoa se acomodar e aproveitar por um tempo.

Yalia Sábio Sussurro o agradeceu com uma expressão interrogativa, mas não desprovida de alegria.

— Mestre Malte do Trovão, essa é outra daquelas conversas em que não participei da primeira parte?

— Desculpe, Irmã. Às vezes os pensamentos ficam dando voltas na minha cabeça e acabam escapulindo, como uma peça de jihui. Nunca sei que lado estará para cima. — Ele apontou para trás, na direção do monastério escondido pelo manto de nuvens. — Eu gosto bastante do monastério.

— Mas não conseguiria ficar lá para sempre.

— Não, acho que não. — Chen franziu o cenho. — Já tivemos essa conversa antes?

Ela balançou a cabeça.

— Tem horas, Mestre Malte do Trovão, quando para de varrer por um momento, ou quando observa um homem saindo para uma caminhada pela montanha, que você fica aéreo. Sua mente viaja para longe, exatamente como quando está elaborando um plano.

— Você percebeu isso? — O coração de Chen acelerou. — Você estava me observando?

— É difícil não notar quando o amor pela aventura brilha tão forte em alguém. — Ela o observou de rabo de olho e sorriu. — Quer saber o que eu vejo quando você trabalha?

— Ficaria honrado em ouvir seus pensamentos.

— Você se transforma em uma lente, Mestre Tormenta. Você vivenciou o mundo, o mundo além de Pandária, e usa isso no que faz. A cerveja curativa que você criou para o troll, por exemplo. Existem mestres cervejeiros pandarens que poderiam preparar a cerveja com a mesma habilidade. Melhor, talvez. Mas a falta de experiência faria com que não

soubessem o que acrescentar à infusão para o bem-estar do troll. — Ela olhou para baixo. — Temo não estar me expressando bem.

— Não, eu entendi, obrigado. — Chen sorriu. — É bom para a humildade vermo-nos pelos olhos de outra pessoa. Você está certa, claro. É que nunca vi por esse lado. Vejo como algo divertido, um presente que dou aos outros. Quando fiz chá para você e Lorde Taran Zhu, quis mostrar meu apreço, e me doar um pouco. Seguindo sua linha de pensamento, significa que estava compartilhando uma parte do mundo.

— Foi o que você fez. Obrigada. — Ela aquiesceu enquanto desciam vagarosamente até um vale com uma vila distante e terras de cultivos variados ao redor. — Suas declarações anteriores sugerem que a motivação desta jornada vai além de perseguir a tartaruga ou o desejo de ver sua sobrinha. Estou certa?

— Sim. — Chen franziu a testa. — Se eu pudesse identificar o que é, não fugiria. Não estou fugindo agora, só preciso de...

— Perspectiva.

— Exatamente. — Ele concordou prontamente, como se ela tivesse tirado a palavra de sua boca. — Tenho acompanhado a recuperação física de Vol'jin e Tyrathan Khort. Estão melhorando. Os corpos deles, pelo menos. Mas ainda estão feridos. Não consigo ver...

Yalia se virou e colocou a mão no ombro dele.

— Não é culpa sua não conseguir enxergar. O que eles escondem, escondem bem. E mesmo que visse, você não poderia fazer com que eles percebessem. Esse tipo de cura pode ser incentivado, não forçado, e, às vezes, a espera fere o curandeiro.

— Você fala por experiência própria? — Chen saltou sobre um pequeno riacho.

Yalia cruzou-o pelas pedras.

— Por experiência, sim. Uma bem incomum. A maioria das nossas iniciativas é tomada por uma série de processos, mas nem sempre é assim que acontece. Você sabe como os filhotes, os muito especiais, são escolhidos, Mestre Malte do Trovão?

O cervejeiro balançou a cabeça.

— Nunca pensei sobre isso.

— Diz a lenda que alguns filhotes não passam pela Prova das Flores Vermelhas. O destino deles é decidido de outra forma. — O olhar de Yalia se perdeu ao longe enquanto ela falava, e sua voz suavizou. — Esses filhotes, espertos demais para sua idade, dizem alguns, chegam em corpos infantis, mas com a alma de anciões. Eles são ajudados por viajantes bondosos que, segundo a lenda, são os próprios deuses. Os filhotes são aceitos pelo Lorde Shado-pan. São chamados de Filhotes Predestinados. Eu fui um deles. Minha terra natal, Zouchin, fica na costa norte. Meu pai era pescador. Ele tinha o próprio barco e era próspero. Havia muitas famílias de respeito em nossa vila. Enquanto eu crescia, compreendi que seria dada em casamento ao filho de outro pescador. O problema é que existiam dois candidatos, cada um era meia dúzia de anos mais velho que eu. Eles competiam pela minha atenção, e pela de toda a vila também. A escolha garantiria a fortuna de uma família, e as pessoas rapidamente escolheram um lado.

Yalia olhou para ele brevemente.

— Você precisa entender, Mestre Malte do trovão, que eu entendia como o mundo funcionava. Entendia que eu era um prêmio, e que esse era meu papel. Talvez, se fosse mais velha, teria me ressentido de ser reduzida a uma posse. A realidade que eu vi tornava aquilo desimportante.

— O que você viu?

— A rivalidade entre Yenki e Chinwa era de natureza benigna no início. Eles eram pandarens. Havia muitas artimanhas, muito barulho e muita agitação, mas nada grave. Mas as coisas foram mudando. As ações foram se tornando maiores, e eles se provocavam para o outro superá-las. O tom das vozes ficava cada vez mais rude. — Ela abriu as mãos. — Eu conseguia ver o que os outros não viam. Aquela rivalidade amigável estava se tornando maléfica. E ainda que não chegasse ao ponto em que um agrediria ao outro em um rompante de raiva, eles continuariam tentando provar que mereciam mais que o outro. Correriam riscos desmedidos, tolos. Isso não acabaria depois que eu fosse conquistada, mas continuaria, até que um deles morresse. O sobrevivente viveria com a culpa para sempre. Essas duas vidas seriam destruídas.

— Três, contando com a sua.

— Isso eu entendi muitos anos depois. Àquela época, ainda que muito jovem, sabia que eles acabariam morrendo por minha causa. Então, uma manhã, embalei alguns bolinhos de arroz e uma muda de roupa e parti. Minha avó materna me viu. Ela me ajudou. Enrolou o cachecol preferido dela no meu pescoço e sussurrou: “Queria ter sua coragem, Yalia.” Então segui meu caminho até o monastério.

Chen esperou ouvir mais, mas Yalia manteve-se em silêncio. A história dela o deixou com vontade de sorrir, pois ela fora uma brava criança, e sábia, para fazer aquela escolha e jornada. Ao mesmo tempo, era uma decisão terrível para uma criança tomar. Nos ecos de suas palavras, ele notou tons de dor e mágoa.

Yalia balançou a cabeça.

— Percebo a ironia que é o fato de eu ser a responsável pelas tradições da Prova das Flores Vermelhas. Eu, que nunca tive que passar por estes testes, agora sou quem decide quem, entre tantos esperançosos, se juntará a nós. Se tivesse sido julgada pelos mesmos rígidos critérios que agora emprego, não estaria aqui.

E ser uma severa mestre de tarefas ia contra sua verdadeira natureza. Chen se abaixou e colheu com habilidade um punhado de flores amarelas com pequenas raias vermelhas. Ele as juntou em um ramalhete entre as mãos. Elas soltavam um perfume maravilhoso. Chen estendeu as flores para ela.

Yalia aceitou o buquê amassado nas mãos em concha e sentiu seu cheiro.

— Promessa de primavera.

— Existe uma flor parecida em Durotar que cresce depois da chuva. Eles a chamam de “sossego do coração”. Mas não os trolls. Eles têm o coração nobre, mas não acham que devem viver na tranquilidade. Imagino que pensam que houve um tempo em que viveram no sossego, mas que foi justamente isso que os desgraçou.

— Eles se deixam guiar pela amargura?

— Alguns. Muitos, na verdade. Mas não Vol’jin.

Yalia derramou as pétalas amarelas em uma pequena bolsa de linho e puxou o cordão fechando-a apertada.

— Você sabe tão bem o que ele carrega no coração?

— Achei que sim. Acho que sim.

— Então acredite, Mestre Chen, que seu amigo se conhecerá tão bem quanto você o conhece. Esse será o primeiro passo do caminho para a recuperação.

A intenção inicial deles era seguir em frente até o amanhecer e então pegar a estrada até o Templo do Tigre Branco. Mas não haviam percorrido nem uma légua da estrada ainda quando encontraram dois jovens pandarens trabalhando em uma plantação de nabo, mas nenhum deles era muito ágil. Na verdade, usavam a enxada e o ancinho mais como muletas do que ferramentas. Tinham a aparência castigada e a atitude arrasada dos recém-derrotados.

— Não foi sua culpa — protestou um enquanto repartia o mingau de nabo fervido. — Sofremos com a infestação de vermingues no nosso campo depois da tempestade. Pedimos ajuda a uma andarilha. Antes mesmo que a poeira da primeira batalha abaixasse, ela já tinha terminado o lote e esperava sua recompensa. Ofereci-lhe um beijo, e meu irmão, dois. Nós somos belos, sabe, debaixo dessas bandagens.

O outro concordou rapidamente, então levou as mãos à cabeça, como se o aceno pudesse deslocar seu crânio.

— Ela era uma jovem bonita também, para um cão selvagem.

Chen semicerrou os olhos.

— Li Li Malte do Trovão?

— Você se meteu em encrenca com ela também.

Chen rosnou baixinho e arreganhou os dentes, já que era o esperado de um tio naquelas circunstâncias.

— Ela é minha sobrinha. E eu sou um cão bem mais selvagem. Ela deve ter deixado você vivo por algum motivo. Diga-nos para que lado ela foi e não terei que decidir se a razão foi boa o suficiente ou não.

Os dois tremeram de medo e se apressaram em apontar para o norte.

— As pessoas têm vindo do sul desde as nevascas, procurando ajuda. Nós enviamos comida. Vamos separar alguma coisa pra vocês levarem.

— Antes de achar uma carroça e trazê-la você mesmo?

— Sim, sim.

— Bom...

Chen permaneceu quieto, assim como os irmãos. Yalia estava calada também, mas seu silêncio tinha um caráter diferente. Depois do mingau, Chen fez um chá e acrescentou alguns ingredientes que ajudariam na recuperação dos dois rapazes.

— Coe as folhas do chá com um pano e use como um emplastro. Vai curar o que os aflige.

— Sim, Mestre Malte do Trovão. — Os irmãos Raspapedra se abaixaram em reverência diversas vezes enquanto Chen e Yalia partiam. — Obrigado, Mestre Malte do Trovão. Abençoada seja a viagem de sua sobrinha e a sua.

Yalia quebrou o silêncio quando passaram ao pé de um morro, colocando o cume entre eles e a plantação.

— Você não bateria neles.

Chen sorriu.

— Você me conhece bem o suficiente para perguntar isso.

— Mas ficaram assustados.

Ele abriu os braços para apreciar a vista do vale estreito ladeado por montanhas íngremes. Um córrego serpenteava abaixo, azul onde o sol não alcançava, prateado onde ele refletia. Um verde, muito verde e muito profundo, junto ao rico marrom dos campos cultivados, esbanjava fertilidade. Até mesmo os prédios construídos no horizonte, harmonizando em vez de destoar, pareciam incrivelmente corretos.

— Cresci em Shen-zin Su. Amo minha casa. Mas quando observo isso aqui, parece que venho morando em um retrato. Um lindo retrato, claro, mas um retrato de Pandária. Esta terra me chama. Preenche um vazio que eu nunca soube que tinha. Talvez por isso tenha peregrinado tanto. Estava procurando, mas sem saber o quê. — Ele franziu o cenho. — Rosnei menos

pela Li Li do que por terem chamado ela de “cão selvagem”. Para ela, para mim, Pandária é nosso lar. É o lugar onde eu poderia estar em casa.

— E ainda assim aqueles dois são como os outros que estariam sempre apontando para vocês como estrangeiros.

— Você entende.

Ela lhe passou o saquinho com as pétalas de sossego do coração:

— Mais do que você imagina.

Marcavam a viagem para o norte em direção a Zouchin não por dias ou horas, no entanto por histórias sobre Li Li que iam encontrando pelo caminho. Ela tinha sido de muita ajuda, ainda que irascível. Mais de uma pessoa a chamou de cão selvagem, mas eles estavam citando-a quando se referiam a ela dessa forma. Orgulhosa também, pelo visto. Chen não conseguia evitar um sorriso, e facilmente imaginava a lenda do cão selvagem se espalhando por Pandária.

Em Zouchin, abrigada entre os despenhadeiros e o mar, eles encontraram Li Li trabalhando arduamente no meio da vila. A tempestade destruíra um barco, fizera desmoronar algumas casas e arrastara a doca de seus pilares. Li Li assumiu rapidamente e, quando chegaram lá, supervisionava uma equipe de salvamento e dava ordens para os carpinteiros acelerarem o trabalho nas casas.

Chen pegou Li Li, abraçou-a e a rodopiou como fazia quando ela era um filhote. Li Li gritou, mas dessa vez em protesto à destruição de sua dignidade. Ele a pôs no chão e se curvou respeitosamente. O gesto calou a boataria, mas quando ela devolveu a reverência, se demorando um segundo a mais, as pessoas voltaram a comentar.

Chen apresentou Yalia à sobrinha.

— Irmã Yalia Sábio Sussurro viajou comigo desde o monastério.

Li Li ergueu uma sobrancelha.

— Aposto que foi uma longa jornada. Como você fez para tirá-lo das tavernas com todas aquelas cervejas e chegar até aqui?

Yalia sorriu.

— Nossa viagem foi rápida porque viemos seguindo as histórias de Li Li, o Cão Selvagem, e suas façanhas.

Li Li abriu um largo sorriso e cutucou o tio nas costelas.

— Ela é esperta, tio Chen. — Li Li esfregou o queixo. — Sábio Sussurro? Há uma família “Flor de Sálvia” aqui, o nome é quase igual. Eles sobreviveram bem, só tiveram alguns galos e hematomas.

— Bom saber, Li Li — aquiesceu Yalia respeitosamente. — Se tivermos tempo gostaria de visitá-los, nossos nomes são tão parecidos.

— Tenho certeza de que gostarão da coincidência. — Li Li olhou para a vila. — Vou voltar ao trabalho. Os aldeões são ótimos na água, isso é certo, mas precisam de ajuda em terra.

Li Li abraçou o tio novamente, depois voltou para suas equipes de trabalho, que aceleraram o ritmo com sua proximidade.

Chen inclinou a cabeça.

— Você não volta aqui desde que entrou para o monastério, quando Taran Zhu mudou seu nome. Sua família sabe que você está viva?

Ela balançou a cabeça.

— Alguns de nós são cães selvagens de nascença, Mestre Chen. Outros, por escolha. É melhor assim.

Chen concordou e devolveu a ela o saquinho de sossego do coração.

9



Vol'jin ficou surpreso ao encontrar Tyrathan acordado e de pé quando chegou com o tabuleiro e as peças de jihui. O homem tinha ido até a janela e se apoiado nela, da mesma forma que Vol'jin fizera. O troll percebeu que a bengala de Tyrathan continuava ao pé da cama.

Tyrathan olhou por cima do ombro.

— Mal dá pra ver algum sinal da tempestade agora. Dizem que nunca vemos a flecha que nos matará. Eu não vi aquela tempestade. Não vi mesmo.

— Taran Zhu disse que essas tempestades são incomuns, mas não raras. — Vol'jin colocou o tabuleiro na mesinha de cabeceira. — Quanto mais tarde elas vêm, mais fortes são.

O homem concordou.

— Não consigo ver nada, mas consigo sentir. O ar ainda está gélido.

— Cê não devia estar descalço.

— Nem você. — Tyrathan se virou, um pouco vacilante, e apoiou os cotovelos no parapeito. — Você vem treinando para se adaptar ao frio. Antes

do amanhecer, fica na neve no lado norte, a neve coberta pela sombra durante o dia. Admirável, mas tolo. Não recomendo.

Vol'jin bufou.

— Não é nem um pouco esperto chamar um troll de tolo.

— Espero que você aprenda com minha tolice. — O homem se afastou da parede e cambaleou até a cama. Apesar da fraqueza, ele já quase não mancava. Vol'jin se virou para ele, mas não fez menção de ajudá-lo. Tyrathan sorriu, segurando na cabeceira da cama para descansar. Era parte do jogo deles.

O homem se sentou na beirada da cama.

— Você está atrasado. Eles o colocaram para fazer minhas tarefas?

Vol'jin espantou a pergunta enquanto puxava a mesa de cabeceira mais para perto. Então puxou uma cadeira.

— Ajuda na minha recuperação.

— Agora é você quem está cuidando de mim.

O troll olhou para cima.

— Trolls têm senso de dever.

Tyrathan gargalhou.

— Conheço trolls o suficiente para saber disso.

Vol'jin arrumou o tabuleiro no centro da mesa.

— Conhece?

— Lembra quando você comentou meu sotaque de troll? Você disse que era da Selva do Espinhaço.

— Cê me ignorou.

— Preferi não responder. — Tyrathan aceitou o recipiente, derramou as peças negras e as arrumou em grupos de seis. — Quer saber como aprendi?

Vol'jin deu de ombros, não por não querer saber, mas porque sabia que o homem lhe diria de qualquer forma.

— Você está certo. Era da Selva do Espinhaço. Eu encontrei um troll. E o paguei muito bem por um ano. Ele disse que seria meu guia. E desempenhou bem seus deveres. Aprendi a língua dele, primeiro sem que ele percebesse que eu estava escutando, depois em conversas. Tenho facilidade nisso.

— Acredito em ti.

— Perseguir alguém é uma linguagem. Eu o perseguia. Todo dia voltava para um pedaço de solo para ver suas pegadas desaparecendo. Na estação quente, depois da chuva. Aprendi a linguagem que me dizia há quanto tempo ele havia passado por ali, qual era sua velocidade e sua altura.

— Cê matou ele depois?

Tyrathan guardou as tropas negras de volta na vasilha.

— Ele não. Matei outros trolls.

— Não tenho medo de ti.

— Eu sei. E matei homens também, assim como você. — O homem deixou o recipiente na mesa. — Este troll, Karen'dal, era como se chamava, orava. Foi o que eu achei, e mencionei. Ele disse que falava com os espíritos. Esqueci como os chamava.

Vol'jin balançou a cabeça em negativa.

— Cê não ia esquecer isso. Ele não te disse. Segredo é segredo.

— Às vezes, ele ficava irritadiço, assim como você. Era nas horas em que ele falava com os deuses, mas eles não respondiam.

— Tua Luz Sagrada te responde, criatura homem?

— Já faz tempo que não acredito mais nisso.

— E é por isso que ela te abandonou.

Tyrathan riu.

— Sei por que fui abandonado. Pelo mesmo motivo que você.

Vol'jin olhou para ele com uma expressão de neutralidade, mas soube que aquela atitude o tinha traído. O fato era que, desde que tinha rastreado as memórias de Tyrathan, desde que tinha visto o mundo pelos olhos do homem, os loa vinham se mantendo distantes e silenciosos. Era como se a tempestade que caíra em volta do monastério ainda continuasse no plano espiritual. Ainda conseguia ver Bwonsamdi, Hir'EEK e Shirvallah, mas somente em pálidas e acinzentadas silhuetas, que embranqueciam cada vez mais.

Vol'jin ainda acreditava nos loa, em seu espírito de liderança e em seus dons, na necessidade daquela adoração. Ele era um caçador sombrio. Conseguia ler vestígios com a mesma facilidade de Tyrathan e tinha a

mesma habilidade para se comunicar com os loa. Ainda assim, rastros desaparecem na tempestade, e palavras são roubadas pelo vento.

Ele se esforçou para contatá-los. A última tentativa, na verdade, foi o que fez com que se atrasasse para encontrar Tyrathan. Vol'jin estava concentrado em sua cela, desligara-se de onde estava, mas não conseguiu transpassar o limite da tempestade. Era como se o frio, a distância de casa e o fato de ter andado dentro da carne humana, tudo isso o distraísse. Ele não conseguiu focalizar além e vencer a distância entre ele e os loa.

Era como se Bwonsamdi, ao abdicar de suas pretensões para Vol'jin, tivesse perdido o interesse.

— Por que cê foi abandonado?

— Medo.

— Eu não tenho medo.

— Mas tem sim. — Tyrathan bateu com um dedo em sua têmpora. — Ainda posso senti-lo em minha mente, Vol'jin. Estar na minha pele aterrorizou você. Não porque achou repulsivo, pelo menos não só por isso, mas porque me achou muito frágil. Ah, sim, essa sensação permanece em você. Amarga, oleosa, que nunca vai embora. É uma percepção que se deve valorizar, com certeza, mas você está perdendo um ponto importante.

Vol'jin assentiu, apesar de não querer saber.

— Minha fragilidade te lembrou do quão perto você esteve da morte. Ali estava eu, de perna quebrada, preso, incapaz de fugir, sabendo que iria morrer. E você soube o mesmo quando tentaram te matar. Consegue se lembrar do que aconteceu depois?

— O Chen me achou. E me trouxe pra cá.

— Não, não, isso foi o que disseram a você. — O homem balançou a cabeça. — Do que você se lembra, Vol'jin?

— Quando eu tava andando na sua pele, você tava vivendo na minha?

— Não. Não faria isso nem por uma aposta. Pior do que conhecer minha vulnerabilidade seria sentir o quão invulnerável você se sente. Mas voltando ao assunto: lembra-se do que aconteceu depois? Sabe como chegou ao lugar onde Chen encontrou você? Você, ao menos, sabe por que está vivo agora?

— Eu vivo, criatura homem, porque me recusei a morrer.

O homem insignificante riu com arrogância.

— É o que você diz. Mas é disso que tem medo. Você não sabe. O elo na corrente da experiência entre quem você era antes e quem é agora foi comprometido. Você pode olhar para trás para quem já foi, e imaginar se aquele ainda é você, mas há um vazio. Você não sabe com certeza.

Vol'jin rosou.

— E você tem certeza.

— Quem sou eu? — Tyrathan riu de novo, num tom diferente. Melancolia e um toque de loucura ressoaram. — Você viu o que viu. Deseja saber o resto? Aquilo que não viu?

Vol'jin concordou mais uma vez, tentando não julgar as palavras dele.

— Deixei de ser Tyrathan Kort. Saí rastejando daquele lugar. Não um homem, mas uma besta. Talvez eu tenha me visto como um troll me enxerga. Ferido, patético, guiado pela sede, pela fome. Eu, um homem que já jantou com lordes e príncipes, comendo as carnes mais finas que coloquei na mesa, fui reduzido a procurar larvas na madeira morta. Comi raízes esperando que acabassem comigo ou me curassem, mas, na maioria das vezes, descobri que elas apenas me deixavam pior. Cobri-me com lama para manter os insetos longe. Escondi a cabeça com galhos e folhas para me proteger de caçadores de ambos os lados. Evitei a tudo e a todos até topar com um colhedor de ervas pandaren, que cantarolava alegremente.

— Por que cê não convocou seu ajudante?

Aquilo fez com que Tyrathan se detivesse. Ele olhou para baixo, mantendo o silêncio. Engoliu em seco, e sua voz saiu estrangulada e baixa:

— Meu ajudante se vinculou ao homem que eu costumava ser. Não iria desonrá-lo fazendo com que me visse naquele estado.

— E agora?

O homem balançou a cabeça.

— Não sou mais Tyrathan Khort. Meu ajudante não responde mais a mim.

— Mas isso é por que cê tem medo da morte?

— Não, eu temo outras coisas. — O homem olhou para cima, seus olhos brilhavam como esmeralda. — Você tem medo da morte.

— Morrer não me assusta.

— Não me referi apenas à sua morte.

O comentário atingiu o peito de Vol'jin como a punhalada de uma lâmina. Ele reconhecia a sabedoria da analogia da corrente, mesmo a tendo detestado. Estava claro que o Vol'jin que tinha sido cometera erros que quase o levaram à morte. Ainda assim, ele sobreviveu e aprendeu, para que não cometesse os mesmos erros novamente. Mas algo na mente dele deturpou aquilo e fez seu eu antigo de alguma forma errado, inferior. Ao mesmo tempo que Vol'jin rejeitava aquele conceito e aceitava que era capaz de errar, não conseguia afastar a ideia de que as circunstâncias de sua mudança significavam que ele deixara de ser o troll que conhecia.

A corrente fora comprometida. Os elos se romperam.

Porém, com aquela perda, vinha uma nova perspectiva em um cenário mais amplo. Vol'jin não era apenas um troll. Era um caçador sombrio. O líder dos Lançanegra. Um líder dentro da Horda. O troll quase morrera. O distanciamento dos loa significaria a morte do caçador sombrio? E a morte dele significaria a dos Lançanegra, e da Horda?

Será que o sonho do meu pai tá morrendo? Se o sonho morresse, isso não seria uma zombaria com seus esforços para libertar as Ilhas do Eco de Zalazane? Todo o sangue derramado seria para nada, toda a dor teria sido em vão. Evento após evento, tudo em sua vida e além dela, toda a história dos trolls, tudo aquilo ruiria.

Eu temo que meu fracasso, minha morte, resulte no fim dos Lançanegra, da Horda, dos próprios trolls? Ele visualizou o vácuo que havia em sua mente entre jazer em uma poça de sangue em uma caverna escura e caminhar até o monastério. *Esse abismo engolirá tudo?*

A voz do homem quase não passou de um sussurro:

— Quer saber o que é realmente cruel, Vol'jin?

— Manda.

— Você e eu, nós morremos. Não somos mais quem éramos. — Tyrathan baixou a vista para suas mãos vazias. — O que temos que fazer

agora é nos inventarmos, não reinventarmos, mas inventarmos. É por isso que é cruel. Quando fizemos isso pela primeira vez, tínhamos a energia da juventude. Não sabíamos que nossos sonhos eram impossíveis de realizar, nós simplesmente saímos atrás deles. A inocência nos protegia. O entusiasmo e a confiança inabalável nos levaram em frente. Mas agora não temos nada disso. Agora somos velhos, sábios e cansados.

— Nosso fardo é mais leve.

O homem sorriu com malícia.

— Verdade. Acho que é por isso que me identifico com a simplicidade do monastério. É o suficiente. Os deveres são definidos. As chances de sucesso são reais.

Os olhos do troll se apertaram.

— Você atira bem. E fica olhando os arqueiros. Por que não pratica?

— Ainda não decidi se isso é parte do que sou. — Tyrathan olhou para cima e abriu a boca para fechá-la logo em seguida, abruptamente.

Vol'jin inclinou a cabeça.

— Cê ia perguntar alguma coisa.

— Ter uma pergunta não significa que ela mereça ser respondida.

— Pergunta.

— Conseguiremos superar nossos medos?

— Não sei. — Os lábios de Vol'jin se apertaram. — Se eu descobrir, te conto.

Aquela noite, quando Vol'jin se deitou e dormiu, deixando o mundo de lado, os loa mostraram que não o tinham abandonado de todo. Ele se viu um entre centenas de morcegos, voando pela noite. Não estava com Hir'EEK, mas com certeza era um morcego graças aos loa. Então voou com os outros, lendo os ecos de seus gritos, perfurando a escuridão de um mundo descolorido pelo som.

Fazia sentido para Vol'jin que ele pudesse contatar os loa somente porque ser um caçador sombrio tinha sido grande parte dele. Aquele vazio, apesar de não conseguir enxergar dentro dele, só poderia ter sido aberto por

um caçador sombrio. Tudo o que ele aprendeu, tudo o que suportou, foi, certamente, o que o manteve vivo tempo suficiente para escapar da caverna.

E os morcegos daquela caverna testemunharam aquele vazio, o período que não me lembro. Vol'jin torceu para que aquela visão, mesmo que guiada pelo radar sonoro dos morcegos, lhe mostrasse o vácuo. Torceu para que a corrente fosse forjada novamente, ainda que lá no fundo soubesse que aquilo não seria fácil.

Em vez disso, Hir'EEK, em sua sabedoria, levou Vol'jin para outro lugar, em outro tempo. As bordas nítidas dos prédios de pedra indicavam que aquelas construções eram recentes, e não ruínas. Ele desconfiou que tivesse voltado à época em que Zandalari gerara diversas tribos de trolls, e eles estavam no auge de seu poder. Os morcegos circularam e então se empoleiraram no alto das torres que cercavam o pátio central, onde legiões de trolls se acotovelavam no cerco aos reféns insetoides aqir.

Os amani, trolls da floresta, haviam travado uma guerra com os aqir recentemente. Vol'jin conhecia bem a história, mas suspeitava que Hir'EEK não queria lembrá-lo apenas dos dias de glória do império Amani.

A visão fez justamente isso. Os trolls levaram, sob a ponta das lanças, os aqir escada acima, até onde os sacerdotes aguardavam. Noviços içavam os aqir até o altar de pedra, untado com óleo, de barriga para cima, e então o celebrante erguia a faca. A lâmina e o cabo eram decorados com um símbolo, um para cada loa. Os sentidos de morcego lhe trouxeram a imagem do punho e do rosto de Hir'EEK, um momento antes da lâmina descer e estripar o sacrifício.

Então, ali, acima do altar, Hir'EEK se manifestou. O espírito aqir se levantou do corpo como uma fumaça etérea, e o deus morcego soprou dentro dele. Com movimentos sutis das asas gentis, ele o puxou mais para si, brilhando, se tornando mais definido.

Não foi o radar dos morcegos que mostrou aquilo a Vol'jin. Ele viu com a própria visão interior, algo que refinou e em que aprendeu a confiar como um guerreiro sombrio. Hir'EEK lhe mostrou a maneira certa da adoração, a verdadeira glória e honra para os loa.

Uma voz soou na cabeça de Vol'jin, uma voz bem sibilante. *Cê trabalhou para preservar os Lançanegra, pra que tenha trolls pra adorar a gente. Esse trabalho tem te afastado de nós. Teu corpo se cura, mas não tua alma. E ela não vai sarar enquanto cê não voltar para o caminho da verdade. Abandona tua história e o abismo vai crescer.*

— Mas retornar vai fazer o abismo encolher, Hir'eeek? — Vol'jin se sentou apertado, falando para a escuridão. Ele esperou. E prestou atenção.

Mas não ouviu nenhuma resposta, e entendeu aquilo como um mau presságio.

10



Khal'ak recusou o conforto do manto de pele de tigre, apesar de apreciar seu calor. Apesar da fúria da tempestade contra as muralhas de madeira em volta do porto da ilha do Rei Trovão já ter diminuído há muito tempo, brisas cortantes e bruscas rajadas de vento cortavam sua pele exposta. Ela esperava ter consumido carne de trolls glaciais o suficiente para que a resistência ao frio deles passasse para ela, mas não foi o que aconteceu.

Pouco importa. Prefiro carne de Zangareia. O clima do deserto dava mais sabor. Ainda que não fizesse muito bem a ela ali, no norte de Pandária, mas chegaria a hora. *Quando retomarmos Kalimdor.*

Aquele dia chegaria. Ela sabia. Todos os Zandalari sabiam. Todas as tribos trolls descendiam daquela nobre linhagem, corrompendo-se conforme se afastavam. Bastava a fisiologia para provar: ela era mais alta que qualquer troll que conheceu que não fosse um Zandalari de puro-sangue. A adoração deles aos loa era uma brincadeira perto da devoção aos espíritos de Khal'ak. E, ainda que alguns trolls voltassem a honrar aquelas tradições

(os caçadores sombrios eram um raro exemplo disso), eles não incorporavam as tradições como os Zandalari.

Certas vezes, durante suas viagens pelo mundo, seguindo as ordens de Vilnak'dor, ela pensou ter encontrado um vestígio, talvez uma fagulha dos costumes anciãos, entre os corrompidos. Khal'ak procurou por aqueles que haviam regressado aos velhos tempos, muitas vezes em vão. Muitos fingiam ser os herdeiros do manto Zandalari, como se ela e a tribo não existissem mais. Com frequência, sempre, na verdade, estes autoproclamados salvadores dos trolls eram produtos patéticos de uma sociedade degradada.

O fato de eles falharem tanto não a surpreendia mais.

Vilnak'dor surgiu entre os Zandalari de uma longa linhagem de trolls mergulhada na sabedoria e na tradição fielmente mantidas e praticadas por milênios. Ele não se deixara distrair, como outros fizeram. Não considerava que os impérios Amani e Gurubashi deveriam ser restabelecidos e, então, elevados. Aceitava que o fracasso deles era prova da instabilidade inerente. Reerguê-los seria flertar com a derrota, então ele voltou ainda mais na história para ressuscitar uma aliança que tinha dado frutos.

Um capitão mogu se aproximou, respeitosamente, apesar de ela estar nos muros da sua cidade. Um palmo e meio mais alto que ela, pele cor de ébano, robusto, tinha uma aparência leonina perfeitamente adequada para Pandária. Suas sobrelhas, sua barba e seu cabelo eram tão brancos quanto sua pele era negra. A primeira vez em que viu estátuas representando mogus, achou-as muito estilizadas. Conhecê-los em carne e osso mudou sua opinião, e vê-los em ação indicava que qualquer suavidade em sua forma apenas escondia a determinação e a coragem afiadas deles.

— Minha senhora, já carregamos quase tudo. Quando a maré começar a subir, zarparemos para o sul.

Khal'ak olhou para sua frota negra sacudindo nas águas turvas. Suas tropas, incluindo sua própria legião de elite, tinham embarcado em ordem. A força de assalto, guardada por batedores mogus, consistia principalmente em tropas Zandalari. Nenhum troll inferior, nenhuma das raças inferiores. Mas ela teria gostado da ideia de usar artilharia goblin e algumas das suas engenhocas.

Somente dois navios permaneciam no cais. Sua nau capitânia, que seria a última, mas lideraria a frota, e um navio menor, que deveria estar ancorado junto ao quebra-mar.

— Por que o atraso?

— Eles estão preocupados com sinais e presságios. — O capitão mogu se empertigou, escondendo os punhos maciços atrás das costas. — A tempestade, eles não entendem.

Os olhos dela se estreitaram.

— Os xamãs. Claro. Vou lá eu mesma.

— A maré subirá em seis horas.

— Não vai levar nem seis minutos, depois que eu chegar lá.

O mogu se curvou com tanta sinceridade que Khal'ak quase acreditou que seu sentimento era genuíno. Não que ela achasse que ele, ou qualquer mogu, odiasse ou se ressentisse dos Zandalari. Eles se arrependiam de precisar da ajuda dos Zandalari e, secretamente, perguntavam-se por que ela demorara tanto a ser oferecida.

Muitos milênios atrás, quando existiam apenas os Zandalari, antes da névoa esconder Pandária, os mogus e os trolls se encontraram. Era uma época em que apenas um quarto do que se havia para conhecer sequer existia, e essas duas raças se conheceram. Leões identificam leões. O primeiro mogu e o primeiro troll deveriam ter destruído um ao outro, mas não o fizeram. Eles entenderam que uma guerra medindo forças apenas enfraqueceria quem resistisse. O sobrevivente poderia, até mesmo, sucumbir a um adversário mais fraco. Aquela seria uma tragédia que nenhuma das raças queria.

Com as costas dadas firmemente um para o outro, mogus e trolls cravaram sua posição no mundo. Ainda assim, com o desenrolar dos eventos, a aliança foi esquecida. Os mogus desapareceram junto com Pandária. Os trolls viram o próprio mundo se partir. E, assim como acontecia com as célebres raças pressionadas com problemas imediatos, o passado distante se apagou das lembranças e afrontas mais recentes brilhavam mais forte.

Khal'ak desceu os degraus, alternando entre um patamar e outro. Era um total de dezessete degraus. Ela não entendia o significado daquilo para os mogus, mas também não era o papel dela. Seu trabalho era cumprir as ordens de seu mestre. Em troca, ele procurava acomodar seu aliado, o Rei Trovão. Poder incitaria mais poder, até que ambos tivessem o suficiente para retornar a seu lugar de glória e colocar o mundo em ordem novamente.

Ela seguia por um local que tinha se esmaecido com o tempo, mas que agora parecia ter acordado para uma nova juventude. Os mogus, que apareciam cada vez mais a cada dia, curvavam-se em silêncio quando passavam. Eles entendiam e reconheciam o que ela representava, porque as ações de Khal'ak lhes trouxeram alegria, e ainda trariam mais.

Apesar da reverência e da demonstração de respeito, ainda mantinham um comportamento reservado o bastante para revelar o quão superiores se sentiam a ela e aos trolls. Khal'ak segurou uma risada, já que, com seu treinamento, poderia matá-los com tanta facilidade que pareceria brincadeira de criança. Os mogus não compreendiam o quão precária era a posição deles naquela aliança, ou como estariam vulneráveis se os Zandalari decidissem destruí-los.

Ondas geladas batiam contra as estacas, molhando o cais. Acima, gaivotas rondavam e gritavam. O cheiro do ar salgado e peixe podre eram um tanto exóticos para ela. Cabos gemiam e tábuas rangiam enquanto os navios passavam pela superfície verde-escura do porto.

Ela rapidamente embarcou na embarcação menor e se deparou com uma dúzia de xamãs em uma roda no deque principal. Um terço deles estava agachado, cutucando ossos e penas, pedregulhos e estranhos pedaços de metal. Os outros assistiam, sábios e silenciosos, condição que se intensificou quando ela veio a bordo.

— Por que ainda não levantaram âncora?

— Os loa, eles não tão satisfeitos. — Um dos xamãs agachados levantou o olhar para ela e apontou para dois ossos cruzados sobre uma pena. — A tempestade não foi natural.

Ela abriu as mãos e se segurou para não chutá-lo de lado.

— Cê esperava que fosse? Que tipo de trouxa cê é? Os loa tavam bem contentes quando zarpamos de Pandária. Cês que disseram. Era o que cês tavam lendo aí nesses ossos e caquinhos. Seria estupidez dos loa abençoar nossa partida e agora reclamar por causa da tempestade.

Khal'ak apontou para o palácio escondido no interior da ilha.

— Cês sabem o que a gente fez. O Rei Trovão tá andando de novo. A tempestade foi em honra dele. O mundo tá feliz com o retorno dele. De todas as estações, o inverno é a preferida dele. De todos os climas, ele se sente mais vivo quando a neve tá cobrindo e ofuscando o mundo. Cês podem não lembrar disso, mas o mundo sim, e ele tá dando as boas-vindas pra ele. E agora cês ficam jogando ossinhos pra descobrir o que os loa acham? Se eles tivessem protestado, como a tempestade teria acontecido?

Gyran'zul, um dos xamãs mais jovens e mais lúcidos, se virou para ela, que o reconheceu pela cabeleira vermelha e pela força de suas presas. Ele soube e confiou nisso para falar:

— Honorável Khal'ak, o que diz é sensato. Os loa podiam ter parado a tempestade. Podiam, até mesmo, impedir nossa armada de velejar há muito tempo. Enquanto meus companheiros buscam clareza onde não existe, o fato de precisarem procurar por ela indica confusão.

Os pelos da nuca de Khal'ak começaram a se eriçar.

— Cê fala com sensatez. Continue, por favor.

— Os loa exigem e merecem nossa adoração, a adoração de todos os trolls. Eles dão valor ao vigor. Enquanto oferecemos uns aos outros como sacrifício, esses sacrifícios são aceitos e respeitados, mas não são os preferidos. Quando entramos em contato com os loa, eles falam menos com a gente, porque tão falando com outros também. Não vamos chegar sozinhos a Pandária. A Aliança e a Horda também vão estar lá.

Ela olhou para cada um dos doze xamãs.

— E foi por isso que cês pararam? Talvez não tenham entendido tudo. Talvez não seja o papel de vocês entender. Meu mestre já tinha previsto a chegada de outros a Pandária havia muito tempo. Vermes sempre encontram um jeito de estragar as coisas. Achar que a gente ia escapar deles

seria burrice. Os planos de contingência já foram feitos. A oposição não será tolerada.

Outro xamã com presas curtas se levantou.

— Isso pode funcionar com a Aliança, mas e com a Horda?

— O que têm eles?

— Podem ter trolls com eles.

— O fato dos vermes escolherem se juntar em bandos não faz deles nobres. Continuam sendo vermes. E se trolls acham que se unir a esses bandos vai ser bom pra eles, e não humilhante, então são mais idiotas ainda. Vamos receber bem os trolls que virem a sabedoria de nossas ações e quiserem passar pro nosso lado. Sempre vamos precisar de tropas de guarnição e subalternos para organizar vários detalhes. Se os loa tão distraídos se comunicando com esses trolls e dizendo pra eles se juntarem com a gente, disso eu gosto. Talvez seja isso que devemos pedir pra eles fazerem. — Ela bufou. — Deste navio. Para o quebra-mar.

O xamã de presas curtas balançou a cabeça.

— Precisaremos de tempo para nos preparar. Um sacrifício.

— Cês têm seis horas. Menos. Até o nascer da lua.

— Não é o suficiente.

Ela colocou um dedo no peito do xamã.

— Então eu vou fazer um sacrifício pros loa. Vou amarrar teu tornozelo e teu pulso esquerdo nas docas e teu tornozelo e pulso direito no navio. Vou mandar o capitão levantar âncora e velejar. Que tal essa forma de servir aos loa, à sua frota e ao seu povo?

Gyran'zul interveio:

— A pureza de sua fé, honorável Khal'ak, é o reflexo da grande estima que tem por seu mestre e por sua família. Sem dúvida, sua fidelidade aos loa conta para nosso grande sucesso inicial. Vamos comunicar isso a eles e estaremos prontos para partir imediatamente.

— Cês vão deixar nosso mestre satisfeito.

O jovem troll levantou o dedo.

— Tem outra coisa.

— Sim?

O xamã apertou as mãos, finas e delicadas demais. Seus olhos se estreitaram.

— Os loa falaram com a gente, e falaram com alguns da Horda, mas não foi isso que exigiu toda a atenção deles.

— O que foi, então?

— Este é o problema: a gente não sabe. O motivo da tempestade ter deixado a gente preocupado foi porque quando tentamos descobrir o que era, a coisa se escondeu atrás de uma cortina. Podia ser um fantasma. Podia ser um troll distante. Podia ser o anúncio do nascimento de um troll destinado a algo grandioso. A gente não sabe; a gente tinha que te contar porque cê encontra a certeza onde existem dúvidas.

Um arrepio lhe correu a espinha. De alguma maneira, a presença desse troll desconhecido a preocupava mais que saber que a Horda e a Aliança chegavam a Pandária. O número deles era conhecido. Os Zandalari poderiam enfrentá-los. *Mas como alguém bola um plano de contingência para algo desconhecido?* Os mogus tinham assegurado que os pandarens estavam, efetivamente, indefesos. *O que seria aquilo?*

Khal'ak olhou para o sul, através do xamã; a bruma se juntava além do porto. A frota velejaria por aquela noite até a noite seguinte. Ela já tinha estado em Pandária. Escolheu o local do desembarque. Uma pequena vila de pescadores, sem nada substancial ou de valor, a não ser um porto decente. Uma vez que chegassem e tomassem o porto, eles avançariam território adentro. Os trolls batedores asseguraram que não havia nada que pudesse parar ou atrasar o Zandalari.

A não ser sucumbir às suspeitas daqueles que mais têm a perder se vencermos. Ela olhou para Gyran'zul de novo e teve certeza de que ele não estava jogando. Se ele queria poder, ela daria a ele. Os dois sabiam daquilo. Então, sua preocupação era real.

Khal'ak concordou.

— Cês vão se preparar pra partir. Vão se desdobrar pra descobrir o que está escondido no vazio, nessa sombra pálida. Todos vocês. Se eu não ficar contente quanto a isso, vou dar vocês em oferenda pros loa, até eles ficarem satisfeitos. Não contrariem a gente, isso não existe.

Naquela noite, mais ao sul, o sono de Vol'jin foi perturbado por uma visão. Aquilo o surpreendeu. Depois da visita de Hir'ëek, os loa o ignoraram, e ele os ignorou de volta. Percebeu que tentar contatá-los antes de se descobrir seria apenas uma tentativa de imitar a pessoa que ele era antes. Como o ajudante de Tyrathan não viria pela convocação de alguém que eles não reconheciam, Vol'jin não poderia restabelecer a conexão com os loa se não fosse mais o troll que as criara.

Ele não conseguia identificar qual loa tinha enviado a visão. Disparara pelo ar sem esforço, então podia ter sido Aki'l'darah. Ainda assim, voava pela noite, e a águia não faria isso. Então, percebeu que, na verdade, flutuava e via através de muitos olhos. Concluiu que Elortha no Shadra, a Dançarina da Seda, o tinha transformado em um de seus filhos. Vol'jin voava alto, suspenso por teias de aranha que o carregavam pelo vento.

Abaixo dele, nuvens se abriram. Navios seguiam a toda em direção ao sul. Tinha que ser uma visão de tempos longínquos, pois as velas traziam o brasão Zandalari. Ele não conseguiu se lembrar, de imediato, em que momento da história os Zandalari reuniram uma frota tão poderosa.

Vol'jin olhou para o céu noturno, esperando ver as constelações dispostas de maneira diferente. Ficou chocado quando as reconheceu.

E ele riu.

Muito bem, Mãe do Veneno. Cê tá me mostrando uma visão onde eu poderia reunir uma frota desse tamanho. Cê tá me mostrando a glória que eu poderia alcançar pra ti e pros loa. Uma visão muito generosa. Eu podia até acreditar que isso realizaria o sonho do meu pai. O problema é: eu ainda sou o filho de Sen'jin?

A brisa parou.

A aranha caiu.

E Vol'jin espantou ela e sua teia do rosto, antes de se virar de lado e voltar para um sono sem sonhos.



Apesar da atípica demonstração de emoção do Lorde Taran Zhu, vista em uma expressão contraída, numa mistura de desaprovação com séria restrição, indicando problemas, Chen não conseguiu evitar um sorriso. O coração dele quase explodia de orgulho e alegria, que se multiplicaram quando Taran Zhu concordou com o plano.

Grande parte de sua felicidade vinha de saber que a interferência de Yalia Sábio Sussurro tinha feito o velho monge mudar de ideia. Enquanto trabalhava em Zouchin e no caminho de volta, Chen tinha conseguido misturar os ingredientes de uma incrível cerveja. Ele tinha certeza de que funcionaria para Pandária como a bebida curativa servira para Vol'jin. Chen queria dividir aquilo quando retornasse, e percebia, agora, que o entusiasmo exacerbado tinha deixado Taran Zhu desconfiado.

O fato de Yalia falar com o monge em seu favor o tocou profundamente. Chen gostava dela. Sempre gostara. Na viagem, porém, esse sentimento cresceu. E ele também passou a acreditar que Yalia pudesse

corresponder a seu afeto. O quanto, Chen não sabia, mas qualquer coisa já seria boa, pois ovos pequenos dão origem a grandes tartarugas.

Ninguém em Zouchin a reconheceu, e ele achou aquilo tão estranho quanto o fato de ela não ter procurado sua família de imediato. Yalia com certeza ouviu falar deles, por Li Li e outros, e soube que prosperaram. Até sua avó ainda estava viva. Ela se manteve afastada, e uma parte daquele afastamento a distanciou dele também.

Não foi fácil para Chen entender sua vontade de se afastar da família, dele nem tanto. Em Pandária, ele encontrara pedaços do lar de que sentia falta. Zouchin foi mais um. Tinha recursos disponíveis que tornavam o lugar perfeito para abrir uma pequena cervejaria. Quando percebeu isso, decidiu construir uma ali, porque era o lugar perfeito e poderia aproximá-lo de Yalia.

Na primeira vez em que preparou um chá, ele tocou no assunto da família dela.

Yalia encarou o fundo de sua caneca.

— Eles têm a vida deles, Mestre Chen. Fui embora para que tivessem paz. Não trarei destruição para cá.

— Não acha que se souberem que você está viva e que é respeitada os deixará mais tranquilos? — Ele encolheu os ombros e forçou um sorriso. — Preocupo-me sempre que Li Li está fora de minha vista. Sua família deve se preocupar ou... — Se calou quando um pensamento lhe veio à mente.

Ela olhou para cima.

— Ou?

— Não foi um pensamento digno, Irmã Yalia. Não de você.

— Por favor, compartilhe. Mesmo que nós decidamos depois que foi um erro. Gostaria que fôssemos honestos uns com os outros. — Ela pousou a mão em seu antebraço. — Por favor, Mestre Chen.

Ele deixou o crepitar da fogueira que eles dividiam preencher o silêncio por um momento e então concordou:

— Imagino, somente porque é o que penso sobre mim às vezes, se é a sua paz, e não a deles, que você quer preservar...

A mão dela voltou para a caneca. Yalia a segurou de modo que Chen pudesse ver as estrelas refletidas lá dentro.

— O monastério me trouxe muita paz.

— Não podemos prever como os outros reagirão. Acho que sua família ficaria feliz em ver você. Talvez uma irmã caçula se ressinta por ter sido obrigada a assumir seu papel, ou sua mãe lamente que você nunca vá lhe dar filhotes para que ela mime. Mesmo que isso seja verdade, são sentimentos muito pequenos comparados à alegria de saber que você está viva e bem.

— Uma noite tranquila e um chá quente fazem uma sabedoria difícil mais palatável?

— Não sei. Não tenho muitas noites tranquilas, e não sou acusado com frequência de atos de sabedoria. — Ele bebeu o chá e deixou uma gota cair de seu focinho, só para que Yalia risse.

Ela estendeu a mão e o limpou.

— Você é sábio o suficiente para bancar o bobo quando necessário. O que torna mais fácil considerarmos suas ideias. E ver a verdade nelas.

Chen não conseguiu esconder o sorriso, mas o deteve tanto que o orgulho não transpareceu.

— Você vai ver sua família.

— Sim, mas amanhã. Gostaria muito de aproveitar outra noite tranquila, com chá quente e um amigo atencioso. Devo me lembrar de quem eu sou, para poder dividir com eles, em vez de tentar explicar por que não sou quem eles acham que eu deveria ser.

O dia seguinte nasceu claro e quente, e Chen o considerou um bom sinal. Ele foi com Yalia conhecer a família dela. O choque com o retorno foi ligeiramente ofuscado pelo entusiasmo por conhecerem Chen, já que ele era o famoso tio da cão selvagem Li Li. Aparentemente, ela havia evocado seu nome para motivar os trabalhadores, e sugerido que se fossem operários tão folgados sob o comando dele as consequências seriam terríveis.

O pai de Yalia, Tswen-luo, reconheceu a verdade por trás da história quase que imediatamente, porque ele, como mestre de uma frota de

pescadores, teve que se esconder por trás de uma máscara parecida. Os dois também descobriram um amor mútuo por cerveja e, como era típico dos machos, um tentou beber mais que o outro. Em algum momento Tswen-luo concordou com a ideia de abrir uma filial da Cervejaria Malte do Trovão em Zouchin, e em financiá-la em troca de uma modesta participação nos lucros e de uma caneca sempre cheia.

Apesar de passar o tempo com o pai dela, Chen viu Yalia interagir com a família. Ela foi imediatamente aceita pelos sobrinhos quando quebrou placas com um soco ou um chute. Eles correram pela via com pedaços de madeira quebrados, convocando um bando de filhotes para outra demonstração. Muitos deles eram filhotes dos pandarens que um dia disputaram sua mão. Chen percebeu uma pincelada de melancolia no rosto dela quando foram apresentados, e era claro que não tinham ideia de quem Yalia tinha sido.

A mãe e as irmãs a recriminaram, mas antes a apertaram, abraçaram e choraram. Os irmãos a abraçaram com solenidade, e depois se afastaram para trabalhar ou para tomar uma ou duas cervejas com Chen. Yalia manteve a compostura e a tranquilidade lidando com todos eles.

E então ela encontrou a avó. Os anos debilitaram a velha pandarena, encurvando-a, deixando-a com a pele flácida. Ela andava com uma bengala, melhor que Tyrathan em seus piores dias, mas por pouco. A idade turvaralhe os olhos, então a avó levou a mão ao rosto de Yalia e se demorou ali.

— Você é a neta para quem emprestei o cachecol?

— Sim, Ama.

— Você o trouxe de volta?

— Não, Ama.

— Traga na próxima visita, minha neta. Sinto falta dele.

A anciã abriu um sorriso banguela e deixou Yalia constrangida. O silêncio reinou enquanto a avó desaparecia no abraço de Yalia. Os corpos sacudiam com soluços silenciosos, que todos fingiam não notar.

Por isso, Tswen-luo soltou um arrotto alto e inapropriado para chamar atenção para si. Chen, sendo um bom convidado e protetor de sua reputação de arrotador, chacoalhou as vigas logo depois. Dessa forma, as mulheres não

poderiam descontar as emoções repreendendo demais o patriarca, e Yalia e a avó garantiriam um pouco mais de privacidade em meio ao caos.

Nos dois dias que se seguiram, o trabalho de reconstrução terminou na vila, e os preparativos para a edificação da cervejaria começaram. Chen nomeou Li Li como sua agente, e os irmãos Raspapedra, que chegaram com a comida prometida, como pedreiros. Eles definitivamente não levavam jeito para fazendeiros, já que em suas hortas cresciam mais pedras que nabos, e passavam tanto tempo transportando as rochas que o trabalho de pedreiro lhes caía bem.

Chen reservou um tempo para colher ervas da área e testar uma mistura em um barril de madeira, que amarrou nas costas. A mistura ia sacudindo no caminho de volta para o monastério. Ele provava um pouco de vez em quando, arrotando, e adicionava água e punhados de ingredientes à infusão.

No caminho, Chen franziu a testa quando Yalia parou no meio de uma subida íngreme.

— Percebi que preciso me desculpar, Irmã Yalia.

— Pelo quê?

— Por ter imposto minha presença em Zouchin.

Ela balançou a cabeça.

— Você tem procurado por um lar, e achou que Zouchin é o lugar. Por que se desculparia por isso?

— É o seu lar, e eu não invadiria sua privacidade.

Yalia riu, e Chen gostou imensamente do som.

— Caro Chen, o monastério é minha casa. Gosto de Zouchin, mais agora que descobri que você também. Mas, como um andarilho, você deve saber que precisamos carregar conosco o verdadeiro sentimento de lar. Se uma pessoa não consegue passar uma noite silenciosa bebendo um chá e se sentir em paz, então não há local geográfico que lhe trará essa paz. Procuramos por um local porque ele amplifica essa sensação. Nos mostra outro aspecto dela, e a reflete de volta para nós.

Ela apontou para trás ao longe e continuou:

— Me mostrando Zouchin por seus olhos, e por me fazer reencontrar com minha família graças a seu conselho, agora tenho outro lugar que amplifica minha paz. Mas você deve saber que uma noite tranquila, bebendo chá com um amigo me traz ainda mais paz.

Chen sentiu que, se ela se transformasse em uma árvore e criasse raízes, ele jamais se distanciaria da sombra dela. Não podia dizer aquilo, claro, e seu sorriso não o entregava. Ele subiu até onde Yalia se encontrava, torcendo para que a infusão não se chacoalhasse muito alto, e concordou com a cabeça.

— Em uma noite tranquila ou barulhenta, com chá, cerveja ou apenas água gelada, eu também me sentiria em paz com um amigo.

Timidamente, ela virou o rosto, mas não conseguiu esconder o sorriso.

— Então nos deixe voltar para o lar longe de nossas casas e aproveitar essa paz também.

* * *

Foi apenas depois de Yalia interceder a seu favor que Taran Zhu permitiu que Chen dividisse sua nova mistura com um seleto grupo de monges do monastério. Mas ela não estava entre eles; Taran Zhu escolheu cinco dos mais antigos. Chen não sabia se ele desconfiava de que as coisas acabariam em uma baderna bêbada, ou se apenas achava que aqueles monges apreciariam a nova experiência. Mas apostava mais na primeira opção.

Vol'jin e Tyrathan também se juntaram ao grupo, apesar de terem chegado separados. Chen notou certa rigidez e formalidade entre eles. Não deveria ser um abismo tão grande, mas, comparando com a proximidade que ele sentia com Yalia, os dois pareciam estar em continentes diferentes.

Chen serviu uma dose modesta da mistura para cada convidado.

— Por favor, entendam que esta não é a fórmula final. Misturei diversos ingredientes, inclusive a cerveja da primavera que fermentei há um tempo e deixei esquecida no depósito. Não revelarei qual o objetivo disso. O

que quero de cada um de vocês não é saber como é o gosto, mas como é a sensação. Vocês provarão o gosto e o odor, mas esses sentidos despertarão memórias. — Levantou sua própria caneca. — Ao lar e aos amigos.

Ele meneou a cabeça primeiro para Taran Zhu, depois para Vol'jin, então para todos os outros em volta da mesa. Todos, exceto Taran Zhu, beberam ao mesmo tempo.

Chen deixou a cerveja demorar-se na língua. Já de cara percebeu notas de frutas silvestres e sossego do coração, mas esses ingredientes estavam misturados a um sabor por vezes doce, por vezes ardente, em apenas um gole. Ele engoliu, saboreando a bebida que descia arranhando por sua garganta, então pousou a caneca na mesa.

— Isto me lembra de uma vez, em terras além das névoas, quando fui convidado para jantar por três ogros vorazes, bem, convidado não era exatamente a palavra, eu era o jantar. Eles discutiam sobre qual seria meu sabor. Um achou que eu teria gosto de coelho, como eu era malhado, e eu disse: “Quase certo.” Outro sugeriu um urso, por razões óbvias, e eu disse: “Quase certo.” Então o terceiro apostou em um corvo, ele tinha um amassado estranho no crânio, então eu disse: “Quase certo também.” E eles continuaram debatendo.

Um monge sorriu.

— E você aproveitou para escapar.

— Quase certo. — Chen sorriu e bebeu mais um pouco. — Me ofereci para encerrar a discussão por meio de um concurso, com um prêmio. Disse para eles apanharem um coelho, um urso e um corvo e cozinhá-los, pois deveriam ter o gosto em suas bocas se quisessem mesmo saber qual era meu sabor. Me ofereci para preparar uma bebida para cada refeição, e outra que se harmonizasse comigo. Então os ogros partiram, cada um em busca de sua carne. Depois, ao voltar, eles as assaram, eu fiz a cerveja e eles comeram. Perguntei qual bebida casava melhor com que carne, o que gerou uma nova discussão. Então as comidas e bebidas começaram a voar por todos os lados. E, sendo o único sóbrio depois de uma noite de esbórnia, fui embora livremente pela manhã. Esta cerveja me lembra a liberdade que senti naquela aurora.

Os monges riram e aplaudiram, até Tyrathan soltou uma risadinha. Somente Taran Zhu e Vol'jin não se abalaram com a história. Mas Vol'jin bebeu, então aquiesceu e baixou o copo.

— Me lembra a paz que se sente quando se aniquilam os inimigos. Os sonhos morrendo com eles, deixando o futuro limpo, como uma manhã depois da chuva. O eco da crepitação dos ossos deles se quebrando. A doçura que é a alegria de ouvir seus soluços agonizantes. E eu provo a liberdade ali também.

A história do troll deixou todos quietos, e os monges de olhos arregalados. Tyrathan bebeu e então sorriu.

— Para mim é o outono, as folhas se tornando vermelhas e douradas. É colher a última lavoura, achar as últimas frutas, todos trabalhando juntos, estocando mantimentos para o inverno que se aproxima. É um tempo de união e júbilo, em preparação para a incerteza do inverno, mas com a certeza de que o trabalho duro será recompensado. Então, é liberdade para mim também.

Chen concordou.

— Sim, vocês dois encontraram a liberdade. Ótimo. — Ele olhou na direção de Taran Zhu, sua caneca estava intocada. — E você, Lorde Taran Zhu?

O monge ancião encarou a caneca, então a levantou cuidadosamente com as mãos. Ele a cheirou e então bebeu. Cheirou novamente e bebeu mais um pouco antes de baixar a caneca outra vez.

— Para mim não é uma memória. É um retrato do agora. De um estado do mundo. — Ele curvou a cabeça devagar. — E de liberdade, para variar. É o prenúncio de uma mudança. Aniquilar inimigos, talvez, um inverno vindouro, mais provável; mas, assim como vocês nunca fermentarão exatamente esta cerveja mais uma vez, o mundo jamais conhecerá de novo outra época ou, infelizmente, outra paz como esta.

12



Com resquícios do amargor da bebida de Chen durando na língua, Vol'jin foi dar um passeio fora do monastério. As palavras de Taran Zhu ecoavam em sua mente, e encontraram ressonância com o conto de Tyrathan sobre os tempos difíceis entre os homens. Outono, o tempo em que o mundo morre; a morte definida como a linha que divide o velho do novo, outra analogia para mudança. Em ciclos como aquele o novo é imprescindível. E pessoas com consciência de si e com consciência do tempo, frequentemente escolhem uma estação, ou outro ponto cronológico arbitrário como um fim ou um princípio.

Fim de quê? Princípio de quê?

Ele não mentiu quando dividiu as emoções desencadeadas pela cerveja de Chen, apesar de perceber que eram pesadas e contra o que o cervejeiro pandaren esperava. Mas aquelas eram lembranças de um troll, e não valiam menos por não serem pandarenas. Qualquer troll teria sentido a mesma coisa, pois aquela era a natureza deles. *Trolls são os mestres do mundo.*

Vol'jin estremeceu enquanto subia a montanha em direção ao norte. Seus pés encontraram a neve e ele se agachou na sombra. Bebeu do frio, esperando que aquilo o endurecesse, mas só o lembrou do ar gélido do túmulo. Trolls já tinham sido os mestres do mundo.

Seu pai, Sen'jin, testemunhara a loucura de outros trolls na ânsia de ascender novamente. Esses trolls tentaram fazer com que o mundo se curvasse a sua vontade. Eles queriam subjugar tudo e todos. Mas por quê?

Para sentirem a liberdade que a cerveja de Chen evocava?

Em um instante, ele teve o lampejo da percepção que seu pai deveria ter tido, mas que nunca contou. Se o objetivo era alcançar aquela liberdade, a pergunta a ser feita era se a conquista era o único caminho para esse fim. Libertar-se do medo, da ambição; liberdade para enxergar um futuro, nada daquilo exigia inimigos mortos. Talvez a morte de alguns deles, mas o sacrifício não garantiria o resultado.

O troll pensou nos taurens do Penhasco do Trovão. Eles viviam ali em relativa paz e isolamento. Apesar de muitos se juntarem e lutarem pela Horda, eles não pareciam impelidos àquilo. Aderiam porque era o certo e o honrado a se fazer, ajudar seus camaradas na luta contra a Aliança, não porque aquilo santificava alguma tradição milenar.

Não que seu pai defendesse o abandono dos métodos antigos. Vol'jin vira alguns trolls — taurens azuis, como Chan os chamava — que foram viver com os taurens e se adaptaram ao estilo de vida deles. Não se lembrava se pareciam mais ou menos em paz consigo mesmo, mas a ruptura com as tradições os deixara em uma leve dissintonia com os outros. Era como se tivessem trocado uma tradição pela outra, e não funcionassem muito bem em nenhuma das duas.

Sen'jin respeitava muito as tradições dos trolls. Se não fosse assim, se quisesse romper com elas em definitivo, Vol'jin nunca teria se tornado um caçador sombrio. Seu pai sempre o encorajou nesse caminho, olhando para o futuro. Ele sempre enfatizara as lições de liderança, não as tradições a serem seguidas cegamente.

Um comentário de Chen, atribuído a Taran Zhu, sobre navios, âncoras e água veio à mente de Vol'jin enquanto o troll se levantava e se dirigia para

um lugar mais elevado e sombras mais frias. As tradições podiam ser as águas que permitiam que os navios viajassem, ou podiam encalhá-los e impedir que se movessem. Os loa, e o que eles pediam aos trolls, podiam ser vistos como uma âncora. Os loa e suas necessidades nasceram em tempos longínquos. Pelas exigências e glórias deles, os trolls ergueram grandes impérios e civilizações.

Desligar-se dos loa poderia livrá-lo da âncora, mas o deixaria à deriva em mares nefastos. Era o tipo de decisão radical e precipitada que seu pai desaconselharia. Ocorreu a Vol'jin que os loa poderiam ser as ondas que empurravam o navio para a frente.

O que faz da nossa história a âncora, sempre prendendo a gente na baía.

Antes de conseguir explorar esse pensamento, porém, dobrou uma esquina no caminho e encontrou Tyrathan Khort, virado para o nordeste, encarando a bruma a distância. Ele hesitou, querendo escapar para sua própria solidão e não perturbar o homem.

— Você é mais silencioso que a maioria dos trolls, Vol'jin, mas eu já teria morrido umas mil vezes se não pudesse perceber quando um se esgueira atrás de mim.

— Trolls não se esgueiram. E cê não me ouviu. — Ele observou a forma como o vento da montanha moldava um manto de lã vermelho em volta do corpo do homem. — Foi a cerveja do Chen, ou meu cheiro.

Tyrathan se virou devagar, sorrindo.

— Passei muito tempo tirando seu cheiro dos lençóis.

— Não vou te perturbar.

O homem balançou a cabeça.

— Quero me desculpar com você.

— Cê não me ofendeu. — Vol'jin se agachou com os pés enterrados na neve. Ele quis dizer que qualquer ofensa que um homem pudesse fazer a ele passaria despercebida, mas se satisfez com as palavras proferidas.

— Quando acusei você de ter medo, foi para atacar. A sensação de ter você na minha mente permanece. Ainda me assombra. Cada vez menos, mas ainda está lá. Achei que pudesse afastá-la se espantasse, se machucasse você. — Tyrathan olhou para baixo, com a sobrancelha franzida. — Isso era

impróprio do homem que eu era, espero que não se torne parte do que eu sou agora.

Os olhos de Vol'jin se estreitaram.

— Quem cê quer ser?

O homem balançou a cabeça.

— Sei mais sobre quem não posso ser do que sobre quem posso. Sabe por que fiquei preso aqui no dia em que a tempestade chegou? Sabe por que não percebi que ela se aproximava? Você, acima de todos, deve saber que aquela tempestade não me pegaria de surpresa.

— Seu corpo estava aqui, sua mente não.

— Sim. — Tyrathan se virou de lado, indicando com a mão o vale verde distante. — Jurei, quando acatei o chamado de Ventobravo para agir aqui, que não morreria antes de ver os vales verdes do meu lar mais uma vez. Foi meu compromisso com minha... família. Sempre cumpro minha palavra. Eles sabiam que eu voltaria. Mas a pessoa que eu era, a que fez esse juramento, não está mais aqui. Ainda estou preso a esse compromisso?

Vol'jin sentiu um frio no estômago. *Eu ainda estou ligado às minhas tradições e promessas feitas a trolls mortos há tanto tempo? Os sonhos e desejos deles ainda me prendem?*

O troll cutucou a neve com a unha, raspando a superfície.

— Se cê assumir o fardo do homem que foi, então vai ser ele de novo. Se cê é um novo homem, esse vale é o teu lar.

— Então os caçadores sombrios são filósofos. — Tyrathan Khort sorriu. — Já vi você antes, antes do monastério. Eu estava com as forças de Kul Tiras, a serviço de Daelin Proudmore. Era bem mais jovem, cabelo mais escuro, pele mais macia. Você não mudou nada, de verdade, a não ser por umas cicatrizes. Outro caçador queria apostar dez moedas de ouro que mataria você. Mais tarde fiquei sabendo que ele morreu caçando trolls.

— Cê não topou a aposta.

— Não. Quando você se foca em um só alvo, perde a pista dos outros. — O homem suspirou, o ar lhe escapou como um vapor branco. — Por outro lado, se me ordenassem que matasse você...

— Cê daria seu melhor na caçada.

— Caçar homens ou trolls, ou qualquer criatura pensante, me lembra que somos todos animais. Já matei homens e trolls, muitos de cada. Não sei a conta certa. — Tyrathan estremeceu. — Conheço caçadores que sabem. Acho falta de respeito, mórbido. Reduz as pessoas a números. Gostaria de pensar que sou mais que um item na lista do diário de alguém.

— Cê pensa assim, ou é seu antigo eu?

— Ambos. Mais ainda agora. Tem algo na forma como os monges vivem e se colocam que é mais respeitoso com a vida. Esta ideia de equilíbrio e busca pela harmonia. Você se pergunta, Vol'jin, se seu novo eu conseguirá contrabalançar o antigo?

— Cê se pergunta.

— Sim.

— Eu vou saber.

— Para você ou para mim?

O troll abriu as mãos e se levantou.

— Pros dois. Cê disse que a criança não carrega nenhuma bagagem. A criança não conhece limites. Mas a criança não tem experiência, então não pode escolher o equilíbrio. A gente pode.

— Não podemos escapar do nosso passado.

— Não? Eu sou Vol'jin, líder dos Lançanegra. Você é um homem, um matador de trolls. Por que nenhum dos dois tá morto ou sangrando da luta entre nós?

— Bem colocado. — Tyrathan pigarreou. — Aqui, não somos inimigos. Vol'jin vislumbrou navios de novo. Ele sorriu.

— Cê vê seu passado como um fardo. E quer se livrar dele. Se fizer isso, cê vai estar livre, mas não vai saber quem se vai se tornar. Pense nisso como um navio naufragado. Cê nunca vai poder ser inteiro de novo. Ser resgatado dali. Este lugar aqui, agora, talvez seja sua casa. Mas ele vai parecer seu lar por causa das memórias que cê salvou.

— Encalhado. Esse sou eu, com certeza.

Vol'jin concordou.

— A caçadora que morreu. Quem era?

Tyrathan balançou a cabeça e a mão enluvada cobriu-lhe a boca.

— Não sei de verdade.

— Cê pareceu muito ligado a ela.

— O nome dela era Larsi. Conheci antes de zarpar. Nunca a tinha visto. Mas ela me agradeceu, e disse que quando soube que eu estava partindo para uma ilha inexplorada, não poderia perder a aventura. — Ele cruzou os braços em volta do corpo. — Ela... Se eu precisasse de um voluntário, lá estava ela. Certificava-se de que minha comida estivesse quente, de que minha cabana estivesse armada. Não éramos amantes. Não conversávamos muito. Eu só tinha a sensação de que ela se sentia em dívida comigo. E como ela estava lá porque eu estava...

— Se deixar a dor te devastar, cê vai desonrar ela. — O troll balançou a cabeça solenemente, em afirmação. — Cê vai honrar ela resgatando a fé dela em ti.

— Essa fé a matou.

— Não. A morte dela não é tua. Foi escolha dela. E ela ficaria feliz de saber que cê sobreviveu.

— Já seria alguém. — O homem se virou para encarar o nordeste e a costa acidentada. — Minha antiga vida, tantos escombros espalhados pela praia. Resgatá-los levará um longo tempo.

— Pense nisso como uma brincadeira de criança. — Vol'jin deu um passo e se juntou ao homem na beira da montanha. A luz do sol brilhava prateada no mar distante. Eles estavam muito no alto para ver qualquer coisa, mas Vol'jin se permitiu imaginar sua antiga vida, quebrada e despedaçada. *O que vou resgatar?*

Alguma coisa roçou em seu rosto, de forma leve e etérea. Parecia a teia de uma aranha. Ele tentou espantá-la, mas não achou nada. Em vez disso, se lembrou de ser uma aranha, flutuando, e olhou para o mar novamente.

Sua visão mudou,afiada por uma lente que curvava o tempo. Lá longe, boiando sobre as ondas, vinha a frota negra de sua visão. Mas ele estava errado. A cena não era de um tempo longínquo. O que ele via agora, e no sonho, estava a apenas alguns dias de distância, não no passado, mas no futuro.

— Vem, rápido. Preciso ver Taran Zhu.

Tyrathan se alarmou. Ele olhava para o oceano e então para Vol'jin sem entender.

— Seus olhos não são tão melhores que os meus. O que você viu?

— Problema, dos grandes. — O troll balançou a cabeça. — Problema que não sei se vamos poder dar conta, quem dirá prevenir.

Eles desceram a montanha o mais rápido que conseguiram. As longas pernas de Vol'jin davam passadas amplas, ganhando mais terreno, mas que faziam doer seu flanco. Ele se apoiou em um joelho para recuperar o fôlego, permitindo que Tyrathan o alcançasse. Vol'jin acenou para que o homem seguisse e ele foi em frente, mancando quase que imperceptivelmente.

Um dos monges da muralha devia ter notado a aproximação deles porque Taran Zhu os encontrou no pátio.

— O que foi?

— Diagramas. Você tem diagramas? Mapas? — Vol'jin buscou a palavra pandarena sem saber se tinha chegado a aprendê-la.

Taran Zhu proferiu uma ordem rápida, então pegou Vol'jin pelo braço e o levou para dentro. Tyrathan Khort os seguiu. O monge ancião os guiou até o aposento onde dividiram a cerveja de Chen, mas a mesa já fora limpa havia muito. Outro monge chegou com um rolo de papel de arroz.

O monge pegou o rolo e o abriu na mesa. Vol'jin teve que dar a volta para ficar de frente para o norte. Ele não conseguia ler os símbolos, mas identificava o monastério e o pico da montanha a leste. Olhou um pouco além naquela direção e apontou para um ponto na costa nordeste.

— Aqui, o que é isso?

Chen Tormenta desceu as escadas suavemente.

— É Zouchin, onde estou construindo minha nova cervejaria.

Vol'jin estudou o norte e o nordeste do mapa.

— Por que a ilha não tá no mapa?

— Que ilha? Não há nada ali.

Taran Zhu olhou para o monge que trouxera o mapa e lhe ordenou algo em pandariano. Chen começou a se virar e seguiu-o.

— Não, Mestre Malte do Trovão, você fica. Irmão Kwan-ji trará os outros.

Chen concordou voltando para a mesa. O sorriso com que falou sobre Zouchin tinha desaparecido completamente.

— Que ilha?

O monge Shado-pan cruzou as mãos atrás das costas.

— Pandária não é o lar apenas dos pandarens. Houve um tempo em que outra raça, uma raça poderosa, os mogu, comandava a ilha.

Vol'jin se empertigou.

— Tô ligado nos mogu.

Tyrathan piscou, tomado pela surpresa. Os olhos de Chen se estreitaram.

— Então você sabe que o tempo deles já passou. Que você saiba, porém, não faz com que eles saibam. — Taran Zhu encostou em um ponto próximo ao canto nordeste do mapa. Uma ilha irregular começou a aparecer, como se a bruma que a encobrisse tivesse evaporado. — A ilha do Rei Trovão. Muitos acreditam que seja uma lenda. Poucos sabem que é real. E se você a conhece, Vol'jin, então outros que também conhecem podem causar um grande estrago.

— Eu não sabia dela até ter a visão. — O troll apontou para Zouchin. — Tive outra. Uma frota zarpou da ilha. É uma frota Zandalari. O propósito deles só pode ser causar um grande mal. E se queremos impedi-los, temos que agir depressa.

13



Um mau pressentimento revirou as entranhas de Vol'jin e Taran Zhu ficou tão imóvel quanto os pilares de pedra robustos que apoiavam o teto.

— O que a gente faz agora, Vol'jin?

O troll lançou um olhar incrédulo ao homem e abriu as mãos.

— Manda os mensageiros pras aldeias. Chama as milícias. Prepara as defesas. Chama as tropas de elite. Manda elas pra Zouchin. Convoca as frotas. Não deixa os Zandalari chegarem em terra firme.

Ele olhou o mapa.

— Eu tava precisando de outros mapas. De uns mapas táticos. Com mais detalhes.

Tyrathan se aproximou.

— Os vales servem como pontos de afunilamento. Nós podemos... O que é isso?

O velho monge ergueu o queixo.

— Nas suas ilhas, Vol'jin, que recursos você preparou para lidar com uma nevasca tal como a que enfrentamos aqui?

— Nenhum. Não tem nevasca nas Ilhas do Eco. — O pressentimento de um desastre comprimiu seu estômago. — Tempo ruim não é a mesma coisa que uma invasão.

O monge deu de ombros com certa dureza.

— Se nunca houver noite, ninguém precisará de lanternas. Os nevoeiros são nossa defesa desde antes do início da história.

— Mas vocês não são indefesos. — Tyrathan apontou para o pátio. — Esses monges são capazes de estraçalhar madeira com as próprias mãos. Eles lutam com espadas. Eu já vi eles atirando flechas. Eles são lutadores de elite de nível mundial.

— São lutadores, mas não são um exército. — Taran Zhu apertou as patas contra o esterno. — Nós somos poucos e estamos espalhados por todo o continente. Somos a única linha de defesa de Pandária, mas também somos mais que isso. Nosso treinamento nas artes marciais nos concede mais que apenas a habilidade de matar. Por exemplo, estudamos o arco e a flecha não pelo aspecto marcial; estudamos pelo equilíbrio. É um meio pelo qual podemos conectar dois pontos através de um espaço de intervenção, tendo que administrar e equilibrar a distância e o movimento, o arco e o vento, e a natureza da flecha. Defendemos não só Pandária, mas também o equilíbrio.

Vol'jin bateu levemente no mapa.

— Cê tá falando de filosofia. A gente tá numa guerra.

— Você pode me dizer, troll, que a guerra existe apenas no plano material? Que ela é apenas aço e sangue e ossos? — Os olhos de Taran Zhu tornaram-se fendas negras. — Vocês dois têm cicatrizes físicas. E cicatrizes mais profundas. A guerra deixou vocês desequilibrados, ou então foi a fome pela guerra que deixou.

O troll rosnou.

— Guerra é desequilíbrio. Se ela destruiu o seu equilíbrio é porque seu equilíbrio era falso.

Chen se postou entre os dois.

— Eu acabei de vir de lá. Li Li vai voltar para cá. A família de Yalia está lá. Os Zandalari vão desequilibrar tudo na vida dessas pessoas. Temos que

fazer o possível para recuperar o equilíbrio.

O homem consentiu com a cabeça.

— No mínimo, temos que alertar o povo. Para evacuar a região.

Taran Zhu fechou os olhos e recompôs o rosto.

— Vocês três são do mundo para além dos nevoeiros. Suas experiências fazem vocês valorizarem a urgência em detrimento dos caminhos que seguimos com conforto aqui. Se vocês exigirem pressa, encontrarão a preguiça como resistência. Nos pontos em que vocês têm habilidade tática, pensarão que eu sou cego. Minha incumbência, como o líder dos Shado-pan, é lidar com as coisas maiores.

Vol'jin arqueou uma sobrancelha.

— Preservando o equilíbrio?

— A guerra não vai durar para sempre. A guerra só vence quando o mundo não é capaz de se recuperar dela. Você almeja parar a guerra. Eu almejo reconquistá-la.

Da boca de Vol'jin quase irrompeu uma réplica áspera, mas algo nas palavras de Taran Zhu atingiu-lhe o coração. Elas ecoaram em algo que seu pai lhe confiara, em certo momento, após uma chuva matutina ter deixado o mundo limpo. Ele dissera:

— Eu gosto muito do mundo assim. Sem sangue, sem dor, molhado com lágrimas de alegria e com a esperança de um sol brilhante.

O troll se agachou e curvou a cabeça.

— Suas habilidades de monge ainda funcionam.

— Sim. Você vai ter recursos. Não o suficiente para ganhar essa sua guerra, mas o suficiente para prostrar a guerra deles. — Taran Zhu expirou lentamente ao abrir os olhos. — Eu vou ceder dezoito monges. Eles não vão ser os maiores, nem os mais rápidos; mas eles vão ser os melhores para que você consiga alcançar seus objetivos.

A expressão boquiaberta de Tyrathan revelou sua opinião.

— Dezoito monges e nós três. — Ele olhou para Vol'jin. — Na sua visão, a frota tem o que, dois navios?

— Três. Um é pequeno.

— Isso não vai prostrar a invasão, só vai dar uma agitada nas coisas. — O homem balançou a cabeça. — A gente precisa de mais do que isso.

— Eu ajudaria mais se pudesse. — O líder Shado-pan abriu as patas vazias. — Infelizmente, apenas vinte e um de vocês poderão chegar a Zouchin a tempo de ajudar de alguma forma.

Vol'jin esperava que os preparativos para a guerra pudessem ser um ritual familiar o bastante para que ele restabelecesse um vínculo com seu passado. Porém a armadura pandariana o frustrou. Era, ao mesmo tempo, curta e larga demais, e a seda acolchoada parecia leve demais para ser eficiente. Feita com escamas de metal em tiras, todas amarradas com cordões brilhantes ao peitoral de couro envernizado, ela sacudia onde não devia e o deixava roliço onde ele não deveria ser. Um monge trabalhou rápido para esticar a armadura que lhe contornava o peitoral, e Vol'jin jurou que a primeira coisa que faria seria tirar a armadura de um Zandalari e usá-la.

Depois, ele riu. Ele era alto demais para uma armadura pandariana, mas era baixo demais para uma Zandalari. Ele tivera a oportunidade de lidar com eles antes. Eles eram, no mínimo, uma cabeça mais altos que ele e o dobro disso, se fossem medir a arrogância. Embora não gostasse do fato de eles verem todos os outros trolls como inferiores, não podia negar que seus braços e pernas impecáveis e suas características nobres faziam com que fossem agradáveis ao olhar. Ele já havia escutado eles serem chamados, por um humano, de “os elfos dos trolls”. Os Zandalari acharam que a comparação era um grande insulto e seu desconforto divertia Vol'jin.

Enquanto lhe ajustavam a armadura, ouviam-se muitas batidas e tinidos que anunciavam os preparativos para a batalha. Com orgulho, Chen apresentou-lhe uma espada de duas lâminas.

— Eu pedi para os espadeiros tirarem o cabo de duas espadas curvas, e depois eles fixaram uma espiga na outra e enrolaram elas com pele de tubarão e bambu. Não é exatamente seu gládio, mas é assustadora.

— Vai ser ainda mais assustadora quando beber o sangue dos Zandalari. — Vol'jin empunhou a arma pelo cabo central e a girou

rapidamente. Ele a deteve bruscamente, mas as lâminas tiritaram e zumbiram de uma forma curiosa. Embora não fosse seu gládio, estava favoravelmente equilibrada. — Cê tem mais habilidades do que só preparar cerveja.

— Não. O irmão Xiao é um dos que estavam bebendo conosco. — Chen sorriu. — Eu disse a ele que fizesse uma arma que fizesse você se lembrar da cerveja.

— Ele mandou bem.

Tyrathan soltou um assobio grave ao entrar no corredor. Ele trajava uma túnica longa de couro rebitada com placas de metal. Seu elmo tinha uma ponta e um saiote de cota de malha protegia seu pescoço. Ele carregava dois arcos e meia dúzia de aljavas com flechas.

— Belo gládio. Ele vai ter bastante trabalho.

O homem arremessou um arco para Vol'jin.

— Estes são os melhores do depósito de armas deles. Eu fiz uma limpa nele e também consegui as melhores flechas. Todas pontas de campo; as flechas de combate foram enviadas para os monges em outro lugar. Estas voam bem, mas não atravessam armadura.

Vol'jin acenou com a cabeça.

— Então cê vai ter que atirar com cuidado.

— Com trolls, eu traço uma linha ligando o pé da orelha, desço uns sete centímetros e divido ao meio. É um tiro fácil na espinha, e você também pega a língua.

Chen pareceu horrorizado.

— Eu acho, Vol'jin, que ele quis dizer que...

— Eu sei o que ele quis dizer. — O troll olhou para Tyrathan. — Mas esses são Zandalari. Dez centímetros. As orelhas deles ficam mais pra cima.

Chen e Tyrathan seguiram Vol'jin até o pátio do monastério. As roupas dos monges que compunham a força militar eram muito parecidas com as do homem, salvo que cada um deles ostentava o brasão com o tigre do monastério no peito e nas costas. Igualmente, uma única tira de pano tremulava das pontas de seus elmos — metade delas vermelha, metade azul. Taran Zhu não mentira. Não eram monges que Vol'jin escolheria, mas ele

aceitou o fato de que o monge mestre era quem conhecia melhor seu próprio povo. Vol'jin ficou surpreso ao ver Yalia Sábio Sussurro entre os dezoito, então se lembrou de que eles iriam defender a terra dela e que seu conhecimento dos arredores era inestimável.

Ao subir os degraus até o plano entre o monastério e a montanha, Vol'jin também se deu conta do motivo pelo qual Taran Zhu só pôde enviar uma força militar limitada. Onze bestas voadoras, sinuosas e lânguidas, haviam sido atreladas com selas duplas e carregadas com suprimentos escassos em bolsas de couro. Ele vira versões menores das bestas gravadas na parede ou na forma de estátuas em nichos espalhados por todo o monastério. De alguma forma, ele presumira que elas eram uma representação artística pandariana de dragões.

Yalia acenou para que prosseguissem e designou cada um a uma besta.

— São serpentes das nuvens. Antigamente, elas eram temidas, até que uma jovem corajosa se tornou amiga delas. Ela nos mostrou do que elas eram capazes. Hoje em dia, não são muito comuns. O monastério tem acesso a um bando delas.

Vol'jin voltou o olhar para o monastério e avistou Taran Zhu na varanda. O monge não demonstrou ter percebido Vol'jin, mas o troll não se deixou enganar. Embora Taran Zhu professasse ignorância quanto à arte da guerra, ele compreendia bem o bastante que informação era poder, e que o acesso à informação deveria ser limitado à necessidade. Vol'jin deveria ter sido informado imediatamente sobre as serpentes das nuvens, mas não o fora.

Não me falaram nada que pudesse ajudar os Zandalari se eles me pegassem.

Um surto de irritação assolou o troll, mas ele se conteve. Ele estava indo para a guerra, mas não era a guerra dele. Os Zandalari estavam invadindo Pandária, não as Ilhas do Eco. *Se essa guerra não é minha, por que eu tô indo lutar nela? Pro Chen poder ter a cervejaria dele na costa do norte? Ou pra frustrar os Zandalari?*

Um pensamento ecoou por sua mente na forma de uma voz profunda e distante. Era a voz de Bwonsamdi. *Vinda do vazio. Ou será que é pra provar*

que o Vol'jin não tá morto?

Vol'jin não tinha uma resposta, então formulou uma ao montar na sela, atrás de um monge. *Eu vou pra guerra, Bwonsamdi, pra mandar alguns hóspedes, aí você dá boas-vindas pra eles aí na eternidade. Cê pode estar pensando que não me conhece mais, mas eu te conheço. Tá na hora de cê se lembrar disso.*

Ao sinal do mestre de voo — o único monge que estava montado sozinho —, as serpentes das nuvens rastejaram na direção da beira da montanha e se lançaram às alturas. As bestas mergulharam em direção ao solo. Vol'jin, que não estava usando um elmo, já que nenhum no monastério lhe servira, sentiu o ar puxar-lhe os cabelos vermelhos e soltou um uivo exultante.

O vento montanhês frio inundou seus pulmões e reavivou a dor em sua garganta. Ele tossiu e sentiu um ponto complacente dar um puxão na costela. O troll rosnou, inspirou pelo nariz e ressentiu as dores de sua última luta.

As serpentes das nuvens se espiralaram e saltaram no ar. Seus corpos escamados se retorceram e dançaram, lúdica e alegremente. Vol'jin poderia ter sentido prazer em outro momento, mas o contraste entre o voo e a natureza sombria de sua missão deu-lhe um nó no estômago. Aquilo que estavam correndo para prevenir era a antítese do prazer e ele não tinha certeza de que chegariam ao destino antes que o desastre ocorresse.

Eles chegaram às montanhas próximas de Zouchin em cima da hora. Vol'jin desejou que eles tivessem sido muito mais rápidos, ou que tivessem chegado com grande atraso. Cinco navios já haviam adentrado o porto. No oceano, um barco pesqueiro queimava alegremente até a linha de flutuação. Máquinas de cerco — todas do tipo menor, apropriado para navios — lançavam pedras que quicavam por toda a aldeia. Suas cambalhotas despedaçaram casas, porém, de alguma maneira, não deixaram corpos esmagados para trás.

Vol'jin estudou o desdobrar da batalha e bateu no ombro do monge que o acompanhava. Ele traçou um círculo com o dedo e, depois, apontou para o sul, onde uma única trilha serpenteava para fora da aldeia. Os pandarianos já começavam a seguir naquela direção.

Informação é poder. Os Zandalari não vão deixar eles lançarem um alerta.

Tyrathan assobiou alto e apontou. Ele percebera a mesma coisa. Pouco importava se seus olhos eram realmente tão aguçados, ou se ele simplesmente sabia onde os Zandalari preparariam a emboscada porque teria escolhido o mesmo local. Vol'jin também apontou e as duas primeiras serpentes das nuvens caíram do céu.

O mestre de voo desceu na frente deles e fez uma grande curva com sua besta. Ela se abaixou atrás de uma linha de morros e aterrissou em uma pequena superfície plana, cento e cinquenta metros a oeste da estrada. Sem dizer sequer uma palavra, os monges pousaram. Tyrathan já estava com seu arco preparado e Vol'jin fez o mesmo no instante seguinte. Ambos avançaram e os monges os seguiram.

A terra podia não pertencer a trolls ou a homens; mas eles conheciam o panorama da guerra melhor que os outros. Chen, que não era um estranho à guerra, levou o esquadrão azul direto para a trilha. Os monges vermelhos, atrás de Vol'jin e do humano caçador, se dirigiram para o norte e intensificaram seus esforços.

Adiante, em uma encosta, um arqueiro Zandalari emergiu e puxou uma flecha. Tyrathan o viu e preparou a sua com fluidez. Ele mediu a distância, puxou e soltou a flecha com uma economia de movimentos bem treinada. A corda do arco zumbiu. A flecha rasgou e abriu caminho através de folhas largas. Ela se inclinou para cima e trespassou o pescoço do troll. Entrou por baixo da mandíbula em um lado e saiu abaixo da orelha oposta.

A flecha do Zandalari saltou do arco e seu voo flácido terminou antes que ele pudesse erguer a mão até a haste que se projetava do pescoço. O troll tentou olhar para baixo, na direção da flecha — algo impossível, pois, quanto mais ele virava a cabeça, mais a extremidade se escondia dele. Então, a flecha se prendeu em seu ombro e seus olhos se arregalaram. A boca do troll abriu,

mas, em vez de palavras, jorrou sangue. Ele tombou e rolou morro abaixo como um boneco.

Foi então que a guerra desequilibrou o mundo.

14



Gritos de ordens anunciavam o caos, mas elas eram emitidas sem pânico. Os Zandalari não conheciam o pânico. Um esquadrão se dirigiu ao sul, em direção ao ataque, e os outros dois cortaram a estrada. Flechas voavam contra alvos invisíveis, não na esperança de atingir alguma coisa, mas de fazer as presas saírem de suas tocas.

Uma flecha passou rente à orelha de Vol'jin, a um fio de cabelo de desfazer o trabalho que a havia costurado de volta em seu lugar. Ele retribuiu o disparo, sem a esperança de matar. A flecha atingiu o alvo, mas não penetrou a armadura. Um grito de surpresa se transformou em um grunhido pela sorte que tivera. O Zandalari deve ter pensado que a sorte estava com ele.

Não é a mesma coisa que ter os loa a seu favor.

Vol'jin julgou a ávida falta de disciplina com a qual o Zandalari fazia barulhos bruscos pelo mato. Até então, o Zandalari não havia encontrado um inimigo considerável, tampouco visto defesas organizadas. A flecha que atingira o alvo de Vol'jin não era muito mais que um brinquedo. Era óbvio

que ela não era apropriada para a guerra e igualmente óbvio que era de confecção pandariana. Todas as experiências do Zandalari com inimigos apontavam para uma grave falta de oposições perigosas.

Ele não sabe reconhecer uma ameaça. Azar o dele.

Vol'jin, que se abaixara enquanto o troll corria morro acima, se ergueu e brandiu o gládio. O Zandalari bloqueou com sua própria espada, mas o fez lenta e tardiamente. Vol'jin mudou a forma como empunhava a arma. Ele alavancou a lâmina dianteira para cima e, depois, impeliu-a com um giro. Como a inércia fazia com que o Zandalari continuasse a descer o morro, a ponta da lâmina curva se enterrou no pescoço do troll. Vol'jin tirou o gládio do ferimento, abrindo a carótida e criando uma fonte brilhante de sangue.

O Zandalari fitou-o ao cair.

— Por quê?

— Bwonsamdi tá com fome. — Vol'jin chutou o troll para longe. Ele prosseguiu morro acima, golpeando baixo para rasgar a perna de outro troll. Com um único movimento, ele subiu e, girando sua arma, esmagou a parte de trás do crânio do troll.

Este último grunhiu e seus olhos ficaram vítreos antes que ele tombasse e rolasse pelo mato.

Vol'jin sorriu a contragosto. O cheiro penetrante de sangue quente preencheu o ar. Grunhidos, gemidos, gritos e o tinir das armas o prendiam no combate. Ele se sentia mais à vontade ali, perseguindo oponentes, do que ele jamais poderia na paz do monastério. Essa percepção teria horrorizado Taran Zhu, mas fazia o Lançanegra sentir-se mais vivo que em qualquer momento em que esteve em Pandária.

À direita de Vol'jin, o humano caçador atirou. Um Zandalari rodopiou até cair no chão com uma haste negra com rêmiges vermelhas trepidando em seu esterno. O caçador acabou com o troll ao golpear sua garganta com uma faca. Tyrathan se apropriou de mais flechas Zandalari de sua presa e se moveu silenciosamente pelo mato. Ele era a morte com patas de tigre, perseguindo e matando.

Os monges se alinhavam para a esquerda e para a direita, e se moviam curiosamente com a paisagem e, ao mesmo tempo, separados dela. Não

fosse a armadura que trajava, o monge mais próximo de Vol'jin poderia estar colhendo ervas. Ele se movia em um ritmo diferente do da batalha, ainda não engajado nela; mas não lhe foi permitido ficar nesse distanciamento por muito tempo.

Um guerreiro Zandalari avançou em sua direção com a espada erguida, pronta para desferir um golpe fatal. O monge se esquivou para a esquerda. A lâmina assobiou ao passar a seu lado e voltou em um golpe transversal. O monge agarrou o pulso do troll e girou de modo que eles ficassem virados para a mesma direção. O braço do troll se esticou e bateu contra a barriga do pandaren. O monge torceu o punho direito e os joelhos do troll se curvaram. Porém, antes que ele tombasse, o cotovelo do monge se moveu rapidamente para cima. O troll gorgolejou quando o golpe estilhaçou sua mandíbula e esmagou sua garganta.

O pequeno monge saltou para a frente, despreocupado. Vol'jin correu em sua direção brandindo a lâmina ensanguentada por todos os lados. Despercebido da capacidade de um troll de se recuperar de ferimentos não letais, o monge assumira que os ruídos que deixava para trás eram os sons da morte. Em vez disso, eram o prenúncio de um troll furioso se recompondo para atacar.

Então, o gládio de Vol'jin desferiu um corte rápido de um lado ao outro. A cabeça do troll se soltou e pairou no ar enquanto o corpo tombava como se não tivesse ossos. Depois, a cabeça caiu, quicando no peito do troll morto. Vol'jin prosseguiu e, atrás dele, começaram os verdadeiros ruídos da morte.

Vol'jin e os monges adentraram as profundezas do matagal e chegaram a uma pequena depressão coberta de grama, paralela à rota de fuga. Sem pensar conscientemente, Vol'jin correu até o meio dela e se viu rodeado por soldados liderados pelos Zandalari. Mesmo que ele tivesse parado para pensar, não teria desacelerado. Ele já sabia que eram escaramuçadores com armaduras leves, enviados anteriormente para massacrar os refugiados. Ele atacou rapidamente, não sem se sentir ultrajado, mas somente porque desprezava tais tropas. Eles não tinham honra; não eram guerreiros, mas açougueiros — açougueiros desajeitados, vale acrescentar.

Um Gurubashi avançou contra Vol'jin com a espada erguida. O Lançanegra gesticulou e curvou o lábio em desdém. Magia sombria atordoou o outro troll, devorando sua alma. Ele ficou paralisado por um momento. Antes que Vol'jin pudesse chegar até ele, o monge Shado-pan se lançou pelos ares com uma voadora, que jogou a cabeça do troll para trás, fazendo-o cair morto.

As lâminas duplas de Vol'jin zuniam pelo ar conforme a batalha se complicava. O metal afiado expunha ferimentos em carne viva. As lâminas tiniam contra espadas que eram erguidas para bloquear. Elas se livravam das defesas emitindo sibilos. O impacto que detinha uma das lâminas impulsionava a outra no sentido contrário, a qual se enganchava atrás de um joelho ou penetrava em uma axila. Sangue quente espirrava por todos os lados. Corpos eram esmagados, membros ficavam disformes, e haustos borbulhavam da abertura de ferimentos nos peitos das vítimas.

Algo o atingira com força entre as omoplatas. Ele se deixou cair para a frente, rolou e se levantou com um pulo. Vol'jin quis emitir um rugido desafiador, cheio de fúria e orgulho, mas sua garganta dolorida o impediu. Ele brandiu o gládio ao redor, borrifando sangue em um arco largo. Depois, se agachou e preparou sua lâmina, segurando-a para trás.

Vol'jin encarou um Zandalari ainda mais alto que a maioria e, sem dúvida, mais largo. Ele carregava uma espada longa — relíquia de alguma outra batalha. Ele se aproximou rapidamente — um pouco mais rápido do que Vol'jin esperava — e brandiu a arma com o braço estendido acima do ombro. O caçador sombrio bloqueou com o gládio, mas a força do golpe o arrancou de suas mãos.

O Zandalari deu um bote e esmagou a testa contra o rosto de Vol'jin, forçando o Lançanegra a dar um passo para trás. Ele se desvencilhou da espada e se aproximou impetuosamente, agarrando o caçador sombrio pelo peito. O Zandalari o ergueu bem alto enquanto seus polegares pressionavam o centro do peito de Vol'jin. Ele o apertou com força e o sacudiu.

Os dedos de ferro se cravaram em suas costelas, reacendendo as dores. Os polegares do troll perfuraram até mesmo o peitoral da armadura, rasgando a seda que havia por baixo dele. O Zandalari rugiu com raiva e

desafiadoramente. Ele chocalhou Vol'jin com mais força, exibindo os dentes, e olhou para cima.

Os olhares se encontraram.

Aquele momento pareceu se estender ao infinito. Os olhos arregalados do Zandalari traíram sua incredulidade ao encontrar um troll lutando contra ele. A dúvida vincou-lhe as sobrancelhas. Vol'jin pôde lê-las fácil e claramente.

Ele sabia o que fazer.

Conforme Taran Zhu o instruíra, Vol'jin preparou seu punho. Seus olhos se estreitaram. Ele visualizou a dúvida do Zandalari como uma bola cintilante. Ela afundou atrás do rosto do troll, alojando-se bem atrás de seus olhos. Com as narinas flamejantes, Vol'jin conduziu seu punho através do rosto do Zandalari, esmagando fragmentos de osso contra a dúvida.

O Zandalari o largou. Vol'jin caiu de joelhos. Ele se segurou com uma das mãos. A outra se enrolou no peito, abraçando as costelas. Ele tentou respirar um hausto profundo, mas algo lhe triturava a lateral do tórax, como um punhal afiado. Ele pressionou a mão sobre a dor, mas não pôde se concentrar o bastante para conjurar um feitiço de cura.

Tyrathan enganchou uma mão por baixo de seu braço.

— Vamos lá. Nós precisamos de você.

— Algum deles fugiu?

— Não sei.

Vol'jin se ergueu devagar, curvando apenas para recuperar sua arma e limpar o sangue da mão em um cadáver. Ao se endireitar, ele inspecionou a depressão. Os sinais da batalha eram bem fáceis de ler. Os azuis haviam corrido pela trilha e subido o morro, combatendo os Zandalari que estavam à espreita. Os vermelhos haviam destruído as tropas que defendiam o acesso meridional. Vol'jin e os outros atingiram o flanco dos Zandalari, forçando-os a bater em retirada.

Vol'jin libertou seu braço do apoio do humano e apressou-se o quanto pôde a fim de segui-lo. Eles desceram o morro até a estrada e encontraram Chen conversando com uma jovem pandarena que liderava um grupo de refugiados.

— Esses são os primeiros, tio Chen. Temos que ir buscar os outros. Eles já foram atacados por trolls, então eles estão desesperados para fugir.

Chen, de cujo pelo pingava sangue Zandalari, balançou a cabeça com firmeza.

— Você não vai voltar lá, Li Li. Não vai.

— Eu tenho que voltar.

Vol'jin esticou o braço e deitou a mão sobre o ombro dela.

— Cê tem que ouvir.

Ela deu um salto para trás e se agachou em uma posição defensiva.

— Ele é um deles.

— Não, ele é meu amigo. Vol'jin. Você deve se lembrar dele.

Li Li o contemplou mais de perto.

— Você fica melhor com a orelha de volta no lugar.

O troll se ergueu e arqueou as costas.

— Cê tem que levar essa galera pro sul.

— Mas há mais trolls vindo, e mais pessoas precisando de resgate.

Chen apontou para o mar.

— E a maioria delas nunca saiu de suas aldeias. Leve-as para o Templo do Tigre Branco, Li Li.

— Lá elas ficarão seguras?

— Vai ser mais fácil defender elas lá. — Vol'jin acenou para o mestre de voo. — Cê tem que fazer a travessia de barco dessa galera. Elas são lerdas. Os azuis vão juntar elas.

— Bom plano. — Tyrathan olhou para os vermelhos. — Eu vou usar os outros monges para acosar os Zandalari.

— Você?

O homem consentiu com a cabeça.

— Você está machucado.

— Você manca e eu sarô rápido.

— Vol'jin, a tarefa que precisa ser feita é o meu tipo de guerra. O objetivo é retardá-los. Atrasá-los. Machucá-los. Fazê-los sentir dor. Vamos conseguir o tempo que você precisa para tirar essas pessoas daqui. — Tyrathan deu uns tapinhas em uma aljava com flechas Zandalari. — Alguns

escaramuçadores as deixaram cair e eu pretendo devolver os objetos perdidos.

— Muita gentileza sua. — Vol'jin sorriu. — Eu vou te ajudar.

— O quê?

— Tem muita flecha, e os refugiados confiam nas outras pessoas. A gente vai dar cobertura pra eles. — Vol'jin acenou com a cabeça para os dois esquadrões de monges. — Junta as pessoas, os arcos e as flechas. A gente vai voltar pro sul e pro leste. A gente vai fazer eles fugirem.

Tyrathan sorriu.

— Usar o orgulho deles para desviá-los?

— Uma liçãozinha de humildade não pode fazer mal pra um Zandalari.

— Certo. Olha, esconda algumas flechas e alguns arcos em pedras verticais, como essas, daqui até lá em cima das montanhas. — O homem lançou um meio sorriso a Vol'jin. — Estou pronto para morrer com você.

— Isso vai demorar. — Vol'jin se voltou para Chen. — Você comanda os azuis.

— Você vai ficar com a esquerda, e ele, com a direita. Eu vou ficar com o centro.

— O nosso trabalho vai dar sede, Chen Malte do Trovão. — O troll apoiou as mãos nos ombros do pandaren. — Só você sabe preparar a bebida que vai matar essa sede.

— Você vai ficar completamente sozinho.

— O que ele está tentando dizer, Chen, é que não vamos lá lutar para que você possa morrer conosco.

O pandaren olhou para Tyrathan.

— E vocês dois?

O homem riu.

— A gente luta para irritar um ao outro. Ele ficaria completamente humilhado se morresse antes de mim, e vice-versa. E a gente vai ficar com sede. Com muita sede.

Vol'jin acenou com a cabeça na direção dos refugiados.

— E, Chen, eles precisam de um líder pandaren.

O mestre cervejeiro hesitou por um instante e suspirou.

— Eu encontro um lugar que posso chamar de lar e são vocês dois que lutam para defendê-lo.

O troll aceitou uma aljava e um arco de guerra Zandalari de um monge.

— Se você não tem um lar seu, lutar a favor do lar de um amigo é a coisa mais nobre que você pode fazer.

— Os navios lançaram âncora. Eles estão descendo os barcos.

— Vamos.

Por um momento, Vol'jin achou curioso caminhar por uma estrada pavimentada com monges pandarens espriados à sua frente em ambos os lados, e com um humano ao seu lado. Nada do que ele aprendera em sua vida o havia preparado para aquele momento. Ele estava sendo caçado e sentia dores, não tinha um lar e muitos acreditavam que ele estava morto; mesmo assim, ele se sentia inteiramente vivo.

Ele olhou para Tyrathan.

— A gente tem que atirar primeiro nos mais altos.

— Por algum motivo em especial?

— São alvos maiores.

O homem sorriu.

— E são onze centímetros.

— Cê sabe que eu não vou esperar você.

— Só peço que pegue o cara que me pegar.

Tyrathan lançou-lhe um cumprimento e virou para o leste, seguindo os azuis, que rumavam para a aldeia.

Vol'jin avançou enquanto os vermelhos arrancavam pandarens em choque das sombras e das portas. Era nítido que eles já haviam visto trolls antes e, considerando a forma como eles se encolhiam com medo dele, tais ocasiões haviam sido pesadelos. Mesmo que pudessem entender que ele viera para ajudar, era impossível que não sentissem medo.

Vol'jin gostava disso. Ele se deu conta de que, diferente dos Zandalari, não era porque ele queria usar o medo para governar, ou porque sentia que seus inferiores deveriam temê-lo. Era porque ele havia conquistado aquele

medo. Ele era um caçador sombrio. Um assassino de humanos e de trolls e de Zandalari. Ele libertara sua terra. Liderara sua tribo. Fora conselheiro do chefe guerreiro da Horda.

O Garrosh tinha tanto medo de mim que mandou me matar.

Por um instante, ele considerou a ideia de prosseguir até o ancoradouro, do qual vários escaleres Zandalari se aproximavam, e se revelar. Ele lutara antes contra eles, mas duvidou que sua presença os surpreenderia. Pior ainda, ele se deu conta de que poderia alertá-los ao fato de que sua compreensão do inimigo era incompleta.

Parte dele se deu conta de que, no passado, ele poderia ter feito exatamente aquilo. Da mesma maneira que ele confrontou Garrosh e o ameaçou enquanto levava os Lançanegra para fora de Orgrimmar, ele teria rugido seu nome e os desafiado a vir atrás dele. Ele deixaria bem claro de que não estava com medo; e que sua falta de medo incutiria medo em seus corações.

Ele preparou uma flecha. *É isso que eles precisam ter no coração.* Ele puxou e soltou. A flecha, com uma ponta farpada capaz de retalhar carne, traçou um arco. Seu alvo, o troll debruçado sobre a proa, esperou para saltar do barco na hora em que a quilha riscasse a areia. Ele não teve a chance de ver o que o atingiu. A flecha, um minúsculo pontinho letal, voou diretamente até ele. Ela o atingiu no ombro, resvalando na parte de trás de sua clavícula. Depois, escorregou para dentro dele, correndo paralela à espinha, a ponto de se enterrar até as penas em seu corpo.

Ele desabou sobre a borda do navio. Depois de quicar, escorregou pela lateral e seus pés foram os últimos a mergulhar. O barco perdeu o equilíbrio, se inclinando para estibordo, antes de se endireitar novamente.

Bem a tempo para que a segunda flecha de Vol'jin espetasse o troll timoneiro no leme.

Vol'jin se abaixou e virou de costas. Embora desejasse ver soldados confusos em um barco instável, esse luxo lhe custaria a vida. Quatro flechas bateram forte contra a parede atrás de onde ele se escondia e outras duas erraram o alvo.

Vol'jin recuou para trás das ruínas da construção ao lado. Quando chegou, um monge estava ajudando um pandaren com um escudo esmagado a sair de baixo dos destroços. Mais longe na baía, aonde o último barco chegava, uma flecha acertou a orelha do piloto. Ela o fez girar, lançando-o para fora do barco.

O barco da frente atingiu terra firme. Alguns Zandalari correram para buscar cobertura. Outros viraram o barco e se amontoaram atrás dele. Os dois barcos do meio retrocederam rapidamente. O leme do último fora assumido por uma criatura robusta. Uma flecha trespassou-lhe as entranhas. Ele desabou sentado, mas manteve a mão no leme, guiando o barco até a praia, enquanto os outros trolls remavam vigorosamente.

O troll que comandava a invasão de um navio mais afastado da costa sinalizou furiosamente. Os navios no porto reiniciaram os ataques com máquinas de cerco. Pedras traçaram arcos e atingiram a praia com força, levantando uma grande quantidade de areia. Vol'jin achou que a pedra semienterrada era um esforço vão, mas um dos Zandalari correu até ela e se abaixou atrás dela.

Então, outra pedra atingiu a praia, seguida de outra.

E foi assim que o jogo começou. Conforme os Zandalari avançavam, Vol'jin se movia para a lateral e atirava. Então, observadores abordo do navio viravam as máquinas de cerco para seu esconderijo, fazendo-o em pedaços. No lado oriental, eles fizeram o mesmo com os esconderijos de Tyrathan, embora Vol'jin não tivesse ideia de como eles o viram. Ele mesmo não conseguia vê-lo.

Cada onda de pedras fazia Vol'jin recuar, permitindo que mais trolls avançassem. Os navios baixavam mais barcos ao mar. Alguns dos Zandalari até mesmo se despiram de suas armaduras e mergulharam na baía com seus arcos e flechas bem amarrados com oleado. Os navios destruíram um grande arco no centro de Zouchin, e as tropas chegaram à margem para ocupar a aldeia.

O caçador sombrio aproveitou todas as suas flechas. Ele nem sempre matava. As armaduras neutralizaram alguns disparos. Por vezes, ele só podia ver o pé de um alvo, ou um pedaço de pele azul através de um emaranhado

de vigas tombadas. Entretanto, a pura verdade era que, para cada flecha que ele possuía, os navios tinham dezenas de pedras de balista e a metade desse número em soldados.

Assim, Vol'jin recuou. Ele só encontrou o corpo de uma monja em seu caminho. Ela fora atingida por duas flechas. A julgar pelos rastros que seguiam para o sul, ela protegeu dois filhotes dos disparos que a mataram.

Ele marchou atrás dos filhotes, seguindo-os até a aldeia. Quando a trilha culminou em uma abertura atrás de uma casa derrubada, da qual restavam apenas pilhas de estilhaços, Vol'jin ouviu ruídos apressados e desordenados. Rapidamente, ele se virou até o Zandalari entrar em seu campo de visão. Vol'jin levou a mão às flechas em sua aljava, mas o inimigo atirou primeiro.

A flecha atingiu-lhe na lateral do tórax e se projetou pelas costas. Uma dor penetrante pulsou em suas costelas, atordoando-o. Vol'jin caiu sobre um joelho e pegou seu gládio enquanto o outro troll preparava mais uma flecha.

O Zandalari abriu um sorriso largo e triunfante, exibindo os dentes com orgulho.

No instante seguinte, uma flecha atravessou seus dentes. Por uma fração de segundo, pareceu que o troll estava vomitando penas. Depois, seus olhos giraram nas órbitas e ele tombou para trás.

Vol'jin se virou lentamente, olhando para trás, seguindo a trajetória da flecha. A vegetação alta se fechava na crista de um morro. *Tiro pela boca. Onze centímetros. E ele tava querendo que eu pegasse o cara que pegasse ele.*

Lentamente, a poeira abaixou sobre o troll que se contorcia. Vol'jin levou a mão às costas, partiu a ponta da flecha e, em seguida, deslizou a haste pelo peito. Ele sorriu quando o ferimento se fechou e, depois, afanou a aljava do troll e prosseguiu com sua retirada de combate.

15



Deveria estar chovendo. O sol brilhante, ao não aquecê-la, parecia escarnecer dela. Khal'ak se postava com imponência na proa de sua barçaça, não por causa da imagem de comando que transmitia, mas porque era o melhor local de onde se podia inspecionar a costa.

A barçaça empurrou para o lado um escaler à deriva. Ele balançava sobre a marola. O piloto morrera com a mão no leme e com uma flecha nas vísceras. A morte só pode ter sido dolorosa, mas sua expressão não o demonstrava. Ele fitava para a frente e seus olhos, já começando a embaçar, já estavam sendo explorados pelas moscas.

A areia sibilou sob o casco da barçaça quando esta chegou gentilmente à praia. A trolesa desceu e seu manto escuro oscilou. Dois guerreiros esperavam por ela: o capitão Nir'zan e um troll maior, corpulento, que carregava um escudo enorme. Imediatamente, eles voltaram a atenção para ela e prestaram continência mecanicamente.

Ela retribuiu o cumprimento com desgosto.

— Cês conseguiram descobrir o que aconteceu?

— Tanto quanto foi possível saber ao certo, senhora. — Nir'zan se voltou para o interior da terra firme. — Graças aos estudos e à infiltração de antes, a gente conseguiu mandar uns batedores por uma enseada no oeste. Dois nadaram até a praia, mataram dois pandarens que tavam pescando lá e protegeram os pontos altos. Eles ficaram lá, cumprindo ordens, e foram interrogados. Quando os batedores seguiram para o interior, tudo correu de acordo com o plano.

Ela traçou um arco com a mão enquanto absorvia o cenário de degradação.

— O plano não deu muito certo.

— Não, senhora.

— Por quê?

Os olhos do Zandalari se semicerraram.

— O porquê é menos importante que o como, senhora. Vem comigo.

Ela o seguiu pela aldeia até os destroços de uma casa que ficava a uns cinquenta metros da praia. Ao se aproximarem, outro guerreiro se ajoelhou e removeu uma esteira de dormir feita de junco. Ela preservara uma única pegada.

Ela sentiu um frio na barriga.

— Não é de um dos nossos?

— Não. Com certeza, é de um troll, mas é pequena demais pra ser de um Zandalari.

Khal'ak se virou e olhou de volta para o litoral.

— Esse arqueiro matou o piloto?

— E outro guerreiro naquele barco.

— Um ótimo tiro.

Nir'zan apontou para o leste.

— Lá na frente, onde a senhora tá vendo o tenente, tem outros rastros. De um humano que tava usando as nossas flechas. Ele matou outro piloto.

Ela calculou a distância de onde o soldado estava até a baía.

— Com um arco nosso, né? Tiro de sorte?

Nir'zan ergueu o queixo, expondo a garganta.

— Eu queria acreditar nisso, mas não dá. Nem sorte, nem arco deixam rastro.

— Honestidade. Ótimo. — Ela acenou lentamente com a cabeça. — Que mais?

O guerreiro deixou a aldeia e seguiu por uma estrada para o sul.

— A gente encontrou mais uns corpos na cidade. Os arqueiros atiraram e foram embora rapidinho. Eles tavam ganhando tempo pros outros poderem fugir. Tem vários rastros indo pro sul. Tem uma coisa aqui que cê vai querer ver.

Ele a levou até um local onde havia uma pandarena estirada, perfurada por duas flechas. Mesmo morta, mesmo vestindo uma armadura estampada com o rosto de um tigre rugindo, a criatura ainda aparentava ser ridiculamente benigna. Ela se ajoelhou ao lado do corpo e cutucou-lhe a coxa. Apesar do *rigor mortis*, ela pôde inferir que a pandarena era musculosa e um tanto compacta.

Ela olhou para cima.

— Eu não tô vendo nenhuma arma. Nem cinturão.

— Olha as patas, senhora.

Ela agarrou uma pata e passou o polegar pelos nós dos dedos da pandarena. O pelo fora desgastado. A pele escura formara calos por cima deles. A palma também estava endurecida.

— Eles não são pescadores.

— A gente encontrou mais quatro. Alguns deles tavam armados. — O guerreiro hesitou. — Todos já tinham matado antes.

— Me mostra.

Eles continuaram para o sul e, então, guinaram para o leste até chegarem à depressão coberta por grama na beira da estrada. Khal'ak escolhera aquele local para a emboscada. Sua intenção fora que os batedores matassem alguns refugiados e fizessem com que o restante voltasse à aldeia. Quando suas tropas a tivessem conquistado, os pandarens serviriam de carregadores e transportadores.

Ela examinou a destruição. Suas tropas, embora equipadas com armas e armaduras leves para se locomoverem mais rápido, jaziam espalhadas e

dizimadas. Quase quarenta deles estavam mortos e toda essa destruição só podia ser atribuída a um punhado de pandarens? O fato de que ela pôde ver dois corpos ali indicava que eles não tentaram remover seus mortos. E mesmo que houvesse dois ou três feridos para cada corpo abandonado...

— Algum de vocês sabe o número exato de pandarens?

— Eles se organizaram mais pro sul e um pouquinho mais pro leste. A gente também encontrou as pegadas do humano e do troll, além dos rastros de outras criaturas.

— O total da força deles, Nir'zan!

— Vinte e um é o que a gente acha.

Khal'ak se levantou e caminhou até o centro da depressão, onde jazia um corpo excepcionalmente grande. Era o tenente Trag'kal. Pelo menos, ela achou que era. Seu rosto estava destruído, mas não havia como confundir sua altura. Ela o escolhera a dedo para comandar os batedores.

E ele fracassou.

Ela chutou seu cadáver e se virou para o capitão Nir'zan.

— Eu quero isso tudo catalogado. Eu quero saber as posições deles, os ferimentos deles, tudo. Eu quero saber tudo que vocês sabem, nada de chute ou de estimativa. E eu quero saber quem são esses pandarens. Disseram pra gente que eles não têm exército. Que eles não têm milícia. Que eles não têm defesa. Parece que as nossas fontes tavam totalmente mal-informadas.

— Sim, senhora.

— E eu quero saber pra onde os aldeões foram.

O guerreiro Zandalari consentiu com a cabeça.

— A gente mandou uma força de reconhecimento na frente. A gente rastreou os arqueiros, o humano e o troll indo pro leste, pra longe da estrada, mas tudo indica que os refugiados escaparam pro sul. A gente encontrou sinais de que essas criaturas voltaram para carregar os velhos e os feridos.

— É, eu também preciso de mais informação sobre eles. — Ela se inclinou e puxou uma flecha ensanguentada do pescoço de um troll morto. A haste esguia culminava em uma ponta simples. — Isso não serve nem pra

caçar. A gente trouxe um exército e eles lutaram contra a gente com esses brinquedinhos?

— Eles pegaram nosso equipamento assim que puderam, senhora.

— E organizaram uma retirada bem ordenada. — Khal'ak apontou para os corpos dos batedores com a flecha. — Depois que cês catalogarem tudo, eu vou querer que tirem as armaduras e a pele deles. Enche a pele deles com palha e põe eles em postes na beira da estrada. Os corpos, cês jogam no mar.

— Sim, senhora, mas a senhora percebe que não tem nenhum pandaren pra se assustar com isso, né?

— Eu não quero assustar pandarens. Isso é pra assustar o resto da gente. — Khal'ak atirou a flecha para baixo. Ela ricocheteou em uma armadura e aterrissou na grama. — Todo Zandalari que acha que o império é um direito de nascença tem que se lembrar que quase nenhum nascimento é fácil, e que quase todos tendem a ser sangrentos. Isso não vai se repetir, Nir'zan. Cê vai garantir que não vai.

Vol'jin acordou sobressaltado. Não foi por causa de seu sonho, no qual era perseguido por Zandalari. Ele gostou desse sonho. Ser caçado significava que ele era alguém. Eles o caçavam por raiva e por medo, e ser capaz de inspirar tais sentimentos lhe deu prazer. Ser capaz de inspirar pavor em seus inimigos sempre fora parte de quem ele era, e era uma parte que ele gostava de resgatar.

Seu corpo doía, principalmente nas coxas. Ele ainda podia sentir a sutura na lateral do tórax e sua garganta permanecia sensível. Todos seus ferimentos haviam se fechado, mas a cura permanente demoraria mais tempo. Ele ressentiu as dores persistentes; não pelas dores em si, mas porque elas o faziam lembrar do quão perto de matá-lo seus inimigos haviam chegado.

Ele e o humano haviam recuado conforme o planejado. Eles encontraram reservas de arcos e flechas onde haviam dito aos monges que as deixassem. Também encontraram comida, a qual eles consumiram apressadamente, e linhas e pedras que indicavam o próximo esconderijo.

Eles as desarrumavam antes de prosseguir e, sem tais indicadores, eles teriam se perdido; e, sem dúvida, sido mortos.

Os Zandalari vinham atrás deles, mas tanto o humano quanto o troll sabiam o que deveriam fazer. Primeiro, matavam os arqueiros, ganhando uma vantagem no combate à distância. Os arqueiros Zandalari não eram ruins; prova disso era um trapo ensanguentado enrolado na coxa esquerda de Vol'jin. Mas ele e Tyrathan foram melhores. O troll admitiu, a contragosto, que o humano era muito melhor. Este matara um arqueiro Zandalari muito desagradável ao fazer uma flecha traçar um arco por uma rachadura estreita entre algumas pedras, e já lançara a segunda pelo ar, destinada ao ponto para onde o troll recuaria, antes mesmo que a primeira tivesse acertado. Vol'jin disse a si mesmo que já vira demonstrações de habilidade como aquela antes, mas nunca em uma situação em que o alvo estivesse atirando de volta.

O troll acordou sobressaltado por causa de seu entorno. O Templo do Tigre Branco, embora não fosse, de forma alguma, fino ou opulento, de acordo com qualquer padrão, era caloroso e cheio de luz. Vol'jin foi acomodado em um cubículo não muito maior que aquele em que ficou no Monastério Shado-pan, mas as luzes mais brilhantes e os lampejos de vegetação através da janela faziam-no parecer gigantesco.

Ele se levantou, se lavou e, ao retornar ao cubículo, encontrou um robe branco estendido. O troll o vestiu e foi atrás do silvo ilusório de uma flauta até o pátio afastado dos arredores principais do templo. Chen e Tyrathan estavam lá, juntos do restante dos monges vermelhos e azuis. Taran Zhu aparecera — sem dúvida, chegara voando em uma serpente das nuvens —, e todos vestiam branco. Alguns monges, assim como Vol'jin, haviam sido feridos durante a luta. Eles se apoiavam em muletas ou tinham os braços enrolados em uma tipoia.

Cinco pequenas estátuas brancas, com não mais que um palmo de altura, esculpidas de uma pedra macia, estavam de pé sobre uma mesa na lateral. Ao lado delas, havia um pequeno gongo, uma garrafa azul e cinco pequenos copos azuis. Taran Zhu se curvou em reverência às estátuas e, em

seguida, à multidão aglomerada. Eles devolveram os arcos e o monge mestre olhou na direção de Chen, Tyrathan e Vol'jin.

— Quando um pandaren se torna inteiramente Shado-pan, o monge viaja com um de nossos artesãos mestres até o coração de Kun-Lai. Eles viajam para as profundezas subterrâneas. Encontram os ossos da montanha e fazem uma marca em um pequeno pedaço dela. Depois, o artesão faz uma escultura semelhante a eles, deixando-a conectada ao osso. E, quando o tempo passa e o monge perece, a estátua se liberta. As estátuas são reunidas e nós as guardamos no monastério para que todos possamos nos lembrar dos que vieram antes de nós.

Yalia Sábio Sussurro passou pelas várias fileiras de monges e bateu o gongo. Lorde Taran Zhu chamou o nome do primeiro monge. Todos permaneceram curvados até que os ecos de sua voz se esvaíssem. Eles se endireitaram novamente, o gongo soou e outro nome foi chamado.

Vol'jin ficou surpreso ao reconhecer os nomes e pôde associá-los facilmente aos respectivos rostos. Não de quando eles partiram para a guerra, mas de antes, do tempo de sua recuperação. Um o alimentara com um caldo revigorante. Outro trocara suas ataduras. Um terceiro sussurrara-lhe conselhos sobre o jogo de jihui. Ele se lembrou de cada um deles em vida, e isso serviu tanto para aguçar a dor que ele sentia devido à perda como para cicatrizar o ferimento mais rapidamente.

Ele se deu conta de que Garrosh não teria reconhecido esses cinco monges, caso eles tivessem, de alguma forma, trocado de lugar. Ele os compreenderia. Ele os teria avaliado e medido segundo suas habilidades marciais. Segundo suas habilidades de projetar seu poder e sua vontade sobre os outros. Mas eles não seriam mais que isso para ele, quer fossem cinco, quer fossem cinco mil. Sua fome pela guerra não permitia que ele conhecesse soldados, apenas exércitos.

Não é assim que eu quero ser. Era por isso que, sempre que estava em sua casa nas Ilhas do Eco, ele falava com os trolls que haviam se saído bem nos treinos. Ele fazia um esforço para se lembrar deles e de seus nomes. Ele os valorizava e queria que eles percebessem isso. Não apenas para que se

sentissem orgulhosos por terem chamado sua atenção, mas para que ele não pensasse neles como números a serem lançados às garras da guerra.

Quando o nome do último monge foi proferido e todos se aprumaram, Yalia recolocou o gongo no lugar. Ela se reuniu aos outros monges e Chen foi à frente. Ele pegou os copos — minúsculos em suas patas — e posicionou um deles diante de cada estátua. Depois, ele pegou a garrafa.

— Meus presentes não são muita coisa. Eu não tenho muito a oferecer. Eu não dei tanto quanto eles deram. Mas meus amigos disseram que combater os Zandalari seria uma tarefa que daria sede. Com isto, pretendo saciar a sede deles. Embora eu esteja contente em poder compartilhar a bebida com todos vocês, são esses cinco que merecem beber primeiro.

Ele despejou um líquido dourado em quatro medidas iguais em cada copo. Curvou-se após encher cada um deles e, quando terminou, depositou a garrafa sobre a mesa. Taran Zhu se curvou em honra a ele, depois às estátuas, e todos o imitaram.

O monge mestre olhou para os outros.

— Nossos irmãos e irmãs que pereceram durante a batalha estão felizes por vocês estarem vivos. Vocês os honraram por isso e por terem salvado tantos outros. O fato de que isso pode ter exigido que vocês cometessem atos que jamais haviam pensado que teriam que cometer é lamentável, mas não é insuperável. Contemplem, lamentem, orem; mas saibam que o que vocês fizeram preservou o equilíbrio para muitos outros, e é esse, afinal, o nosso propósito.

Após outra série de reverências, Taran Zhu se aproximou dos três forasteiros.

— Será que vocês poderiam me ajudar com alguns conselhos?

Taran Zhu os levou a um pequeno aposento. Alguns mapas haviam sido estendidos, compondo um mosaico detalhado de Pandária. Peças de jihui haviam sido posicionadas estrategicamente. Vol'jin teve a vã esperança de que as forças relativas não retratassem a realidade. Se fosse esse o caso, Pandária estaria perdida.

A expressão sóbria de Taran Zhu sugeria que as peças representavam algo ainda pior: estimativas otimistas.

— Devo confessar que estou completamente perdido. — O monge passou a pata pelo mapa. — As incursões da Aliança e da Horda não envolviam massacres indiscriminados. Eles se contrabalanceiam e ambos os lados foram capazes de lidar com dificuldades.

Os olhos de Tyrathan se encobriram.

— Como o Coração da Serpente.

— Sim, a libertação do Sha da Dúvida. — O pandaren escondeu as patas atrás das costas. — Qualquer uma das forças está mais capacitada para se opor a essa invasão do que nós estamos.

Vol'jin meneou a cabeça.

— Tem rancor entre todo mundo. E nada de confiança. Eles iriam muito devagar. E não tem como saber pra onde. Não dá pra se deslocar sem garantir os suprimentos e os flancos.

A cabeça de Taran Zhu se ergueu.

— Nenhum de vocês poderia influenciar seus aliados antigos?

— O meu povo tentou me assassinar.

— Pro meu, seria melhor se eu estivesse morto.

— Então Pandária está perdida.

Vol'jin sorriu, exibindo os dentes.

— A gente não tem voz. Mas a gente pode te dizer como falar com eles. Eles vão dar ouvido pro bom senso. A gente precisa de informação para convencer eles, e eu sei como a gente pode conseguir essa informação.

16



Chen Malte do Trovão conferiu sua mochila uma última vez. Ele teve a certeza de que tinha tudo de que precisava. Fisicamente, pelo menos. Mas ali, no portão do templo, ele se demorou um pouco mais.

E sorriu.

No pátio, Li Li organizava um carro de bois. Isso significava que ela estava comandando os irmãos Raspapedra a carregar e ajeitar as coisas no carro. Chen pensou que eles sofriam as chicotadas da língua dela não porque a temiam, mas porque haviam começado a gostar dela. O pai de Yalia, Tswen-luo, ajudou com o carregamento e sua presença ofuscava os comentários de Li Li.

Yalia parou de supervisionar Li Li e acercou-se dele. Não fosse seu rápido olhar para baixo ao se aproximar, ele poderia ter imaginado que ela só queria falar de negócios. Mas aquele pequeno hiato fez seu coração disparar.

— Em breve, estaremos prontos para partir, Mestre Chen.

— Eu percebi. Eu só lamento que nossos caminhos divirjam tão rapidamente.

Ela olhou para trás, onde sua família estava reunida com o primeiro grupo de refugiados.

— Mandar as pessoas para a Cervejaria Malte do Trovão no vale dos Quatro Ventos foi uma sugestão excelente. É uma viagem difícil, mas vale a pena para a segurança delas. Estou muito feliz por minha família estar entre os escolhidos.

— Isso faz muito sentido. Lá, eles poderão aprender tudo o que precisam aprender para a cervejaria de Zouchin. Eu deveria ter pensado nisso antes.

Ela colocou a pata no antebraço dele.

— Eu sei que você enviou minha família porque a Li Li só sairia do seu lado se recebesse a missão de levá-los até lá em segurança.

— E eu fico contente que você garantirá a segurança dela. — Chen se ocupou amarrando novamente a mochila. — Não foi fácil, lá na estrada, ter que partir enquanto você ia buscar os outros. Tampouco será fácil partir agora.

Ela ergueu a pata e acariciou a bochecha dele.

— É uma honra ser incumbida da responsabilidade de cuidar da Li Li; ver que ela foi incumbida de cuidar da minha família também é.

Ele se virou e quis abraçá-la, mas ele sentia que todos o olhavam. Ele não ligava para o que ninguém pensava, mas não queria manchar a dignidade dela. Ele abaixou o tom de voz.

— Se você não fosse Shado-pan...

— Quietos, Chen. Se eu não fosse Shado-pan, nós não teríamos nos conhecido. Eu seria apenas uma pandarena vulgar com meia dúzia de filhotes. Se você tivesse vindo a Zouchin, teria acenado e sorrido para mim, cuspidos fogo para fazer meus filhotes rirem, e acabaria aí.

Ele sorriu.

— Você sabe que sua sabedoria a deixa ainda mais atraente, não é?

— Digo o mesmo de sua honestidade. — Yalia mirou-o nos olhos e sorriu. — Ter ido atrás da tartaruga o tornou menos inflexível que o resto de

nós. A tradição promove estabilidade, mas também inflexibilidade. Algumas circunstâncias ameaçam a estabilidade e exigem flexibilidade. Eu gosto que você seja capaz de compartilhar seus sentimentos.

— Eu gosto de compartilhá-los com você.

— Fico ansiosa para que tenhamos mais tempo para compartilhá-los.

— Chen, você está pron... ah, me perdoe, Irmã Yalia. — Tyrathan, já com a mochila nas costas, entrou pelo portão e se curvou.

— Estarei com vocês em um instante. — Chen se curvou para o homem e para Yalia antes de se dirigir a sua sobrinha.

— Li Li.

— Sim, tio Chen? — Suas palavras foram afiadas e gélidas, descontentes por estar prestes a realizar um “serviço de entrega”.

— Seja menos um cão selvagem, Li Li, e mais uma Malte do Trovão.

Ela se enrijeceu e curvou a cabeça.

— Sim, tio Chen.

Ele a puxou em seus braços e apertou forte. No começo, ela resistiu, mas, depois, se agarrou a ele.

— Li Li, você vai salvar vidas muito importantes. Não só para mim, ou para a Irmã Yalia, mas para toda Pandária. Grandes mudanças vieram a este lugar. Mudanças horríveis e violentas. Os Flor de Sálvia e os Raspapedra e os outros mostrarão que se pode sobreviver a tais mudanças.

— Eu sei, tio Chen. — Ela o espremeu até arrancar-lhe um grunhido.

— Quando os levamos até a cervejaria, a Irmã Yalia e eu podemos...

— Não.

— Você não acha...

Ele recuou e inclinou a cabeça dela para que ela pudesse olhá-lo no rosto.

— Li Li, você já ouviu as minhas incontáveis histórias. As histórias sobre ogros, as em que eu convencia murlocs a fazerem sopa de si mesmos...

— ...as em que você ensinava avatares de gelo e gigantes de gelo a dançar...

— Sim. Você ouviu muitas histórias, mas não todas elas. Há algumas que não divido com ninguém.

— Você as contaria a Vol'jin ou a Tyrathan.

Chen olhou para onde o humano e Yalia conversavam.

— A Vol'jin, pois ele estava presente em muitas delas. Mas essas histórias são terríveis, Li Li, porque elas não têm graça; não há nenhuma chance de provocarem risadas. As pessoas de Zouchin têm histórias tristes, mas a sobrevivência faz delas boas histórias. No que vimos, no que Tyrathan e Vol'jin e Yalia verão, não haverá sorrisos.

Li Li consentiu lentamente com a cabeça.

— Eu percebi que Tyrathan não sorri muito.

Chen sentiu um arrepio ao se lembrar do amplo sorriso malicioso que Tyrathan exibira a Zouchin.

— Eu não posso te proteger dessas histórias, Li Li. Mas o que eu quero que você faça é preparar as pessoas na cervejaria para que essas histórias não se repitam. Os Raspapedra podem ser terríveis fazendeiros, mas é só colocar-lhes uma foice ou um mangual nas patas que eles serão capazes de provocar pesadelos nos Zandalari. Para Taran Zhu e Vol'jin terem uma chance de salvar Pandária, eles precisarão do máximo de fazendeiros e pescadores reabilitados que você conseguir treinar.

— Você está confiando o futuro a mim.

— Quem melhor que você?

Li Li se atirou em seus braços e o abraçou com a mesma força que imprimira quando era um filhote e ele saía em uma de suas aventuras. Ele retribuiu o abraço e a afastou. Depois, eles se despediram com um cumprimento profundo e longo antes de retornarem a seus afazeres.

A caravana de refugiados dividiu a estrada com Chen e Tyrathan Khort apenas por um curto tempo. Li Li e Yalia seguiram para o sul, enquanto os outros rumaram para o norte. Tyrathan gritou para que parassem no topo de um morro a fim de tomar notas ostensivas sobre a topografia. Chen ficou observando até que os refugiados tivessem desaparecido atrás de uma curva na estrada — momento que, praticamente, coincidiu com o término dos apontamentos de Tyrathan.

O coração de Chen doía, mas ele não podia ficar mal-humorado. Enquanto ele e o humano rumavam ao norte, sempre viajando pelo campo, e não pela estrada em si, Chen via coisas que o faziam pensar em Yalia. Ele arrancou um amor-perfeito e o esmagou com o único intuito de sentir-lhe o cheiro. Ele memorizou o formato de uma pedra, a qual lembrava um ogro cadeirudo curvado para olhar um buraco de vermingue. Ela teria achado graça naquilo e, talvez, ainda mais graça no constrangimento dele ao chegar à metade da explicação, antes de perceber que não era um comentário apropriado.

Uma hora depois, Tyrathan ordenou que fizessem outra parada, em uma depressão coberta de grama que ficava, aproximadamente, meio quilômetro a leste da estrada. A oeste, ficava Kun-Lai, envolta em nuvens. Vol'jin e Taran Zhu teriam voltado com todos os monges que, diferentes de Yalia, não estavam protegendo caravanas de refugiados. Lá, os Shado-pan preparariam quaisquer defesas que pudessem e, então, as enviariam de acordo com os relatórios dos batedores.

Tyrathan desenrolou um bolinho de arroz.

— É compreensível você ficar babando pela Irmã Yalia, Chen, mas a gente vai precisar manter o foco pra seguir adiante. Então é melhor desabafar agora.

O pandaren fitou o humano.

— Eu tenho um enorme respeito por Yalia Sábio Sussurro, meu amigo. Ficar babando, seja lá o que você queira dizer com isso, não é uma expressão muito digna...

— Sim, Chen, é claro, me desculpe. — Os olhos do homem resplandeceram. — É bem óbvio que vocês dois têm sentimentos um pelo outro. E ela parece ser muito especial.

— Ela é. Ela faz eu me sentir... em casa. — Pronto, ele o dissera. Pandária podia ser o lugar que ele buscara ao longo de toda sua vida, mas Yalia era o motivo pelo qual ele o procurava. — Sim, ela faz eu me sentir em casa.

— Então, vai ter casamento, filhotes, envelhecer juntos à sombra da sua cervejaria? Cervejarias?

— Isso seria bom. — Chen sorriu por um breve instante. — Monges Shado-pan podem se casar? E ter filhotes?

— Tenho certeza que sim. — O homem emitiu uma risada tranquila. — E os seus filhotes vão dar trabalho, com certeza.

— Bem, você sabe que sempre será bem-vindo, não é? Eu vou te conceder o mesmo privilégio que eu concedi ao pai de Yalia. Sua caneca nunca ficará vazia em uma de minhas cervejarias. Você pode trazer sua família. Seus filhotes podem brincar com os meus. — Chen franziu o cenho. — Você tem família?

Tyrathan olhou para a metade do bolinho de arroz que ainda não havia comido antes de embrulhá-lo novamente.

— Essa é uma pergunta interessante.

O estômago do pandaren se revirou.

— Você não os perdeu, foi? Não foi uma guerra...

O homem balançou a cabeça.

— Pelo que eu saiba, eles estão vivos. Se eu os perdi, já é uma coisa totalmente diferente, Chen. Não importa o que você faça, só não perca a Yalia.

— Como eu poderia perdê-la?

— O simples fato de você me fazer essa pergunta quer dizer que você, provavelmente, não tem o necessário para perdê-la. — Tyrathan deitou de bruços e analisou a estrada. — Eu daria meu braço direito por uma daquelas lunetas gnômicas. Ou por um equivalente goblínico. Melhor ainda, por uma bateria de seus canhões. Uma coisa peculiar nos navios Zandalari foi esta: não tinham canhões. Eu também só vi trolls.

— Vol'jin saberia o porquê. — Chen acenou com a cabeça ao se abaixar perto do homem para observar a estrada. — Ele queria estar aqui, mas você tinha razão. Taran Zhu precisa mais dele do que nós.

— Como eu disse a ele, este é o meu tipo de guerra. — Tyrathan deslizou pela margem da depressão. — Eu sei muito sobre tática, mas não muito sobre estratégia. Ele fez isso com a Horda. Digo, ele poderia fazer o que estamos fazendo, mas nenhum de nós dois seria capaz de fazer o que ele está fazendo. E é isso que vai salvar Pandária.

Ao longo dos três dias seguintes, o pandaren e o humano cruzaram a estrada, enquanto rumavam ao norte, prestando atenção minuciosa aos detalhes e a um passo que faria um caracol parecer mais veloz que um grifo em voo. Tyrathan tomou muitas notas e esboçou inúmeros diagramas. Chen suspeitou que, desde a corte do último imperador mogu, ninguém fizera uma inspeção tão meticulosa.

Eles improvisaram um acampamento sem fogueira nas alturas. Considerando seu pelo e seu tamanho, Chen não se incomodou muito com isso. Entretanto, a manhã fria atingiu Tyrathan com força, e os indícios de fraqueza só desapareceram perto do meio da manhã, dois ou três quilômetros depois. O homem fez grandes esforços para apagar todos os sinais de sua passagem. Mesmo que não tivesse visto ninguém, ele insistiu em retornar pelo mesmo caminho e colocar armadilhas no caminho de volta, só por garantia.

Ao observar e ajudar Tyrathan, Chen pôde compreender melhor Vol'jin e o motivo pelo qual ele fazia as coisas que fazia. O humano salientou que a falta de escaramuçadores e coletores Zandalari significava que a força de invasão viera preparada com amplos recursos. Ele supôs que dois terços dos navios continham suprimentos e pessoal de suporte. Como ainda ninguém viera ao sul, isso significava que eles estavam se preparando para uma campanha sólida. Embora isso desse aos pandarens a chance de reunir forças, isso implicava que sua tarefa seria muito mais difícil.

E você diz que não é bom em estratégia. Chen teve a impressão que Tyrathan não queria voltar ao monastério. Ali no campo, ele tinha muitas distrações. Ele não queria tempo para pensar em Zouchin. Chen não tinha a mínima ideia do motivo, exceto a memória assombrosa do sorriso largo do humano após a batalha.

Embora o homem possa ter disfarçado sua habilidade de pensar estrategicamente, Chen vira Vol'jin digerir o tipo de informação que eles estavam coletando e costurar planos de guerra primorosos. Uma coisa é ser capaz de estimar o tamanho de um exército; outra é saber o que um bom general pode fazer com ele. Vol'jin era o tipo de criatura que era capaz de ver

tudo isso, além das pequenas falhas de planejamento capazes de fazer ruir até mesmo o melhor dos planos.

Chen achava que Tyrathan ficava mais ávido por compartilhar seus pensamentos sobre a missão no final da tarde, durante aqueles momentos de silêncio em que uma possível mudança de assunto era capaz de levar a perguntas sobre a família do homem. Chen teria seguido essa linha por curiosidade, mas suspeitou que o contra-ataque de Tyrathan seria fazer perguntas sobre Yalia e escarnecer de seus planos.

O pandaren sabia que o escárnio seria só uma brincadeira. Em outra ocasião, com uma caneca de cerveja ou uma xícara de chá, Chen teria o espírito esportivo para tanto. Mas ele não queria macular seus pensamentos sobre Yalia. Ele queria se prender a eles e a suas memórias. Mesmo que ele soubesse que estava sendo caprichoso em seu modo de pensar nela, não queria ser lembrado desse fato.

Assim, os dois deixaram a conversa caducar, cada um deles feliz na escuridão por suas próprias razões. E, a cada manhã, eles apagavam os traços do acampamento e seguiam adiante.

No terceiro dia, espreitaram um pequeno sítio construído na encosta. Os morros ao redor haviam sido terraceados. Outrora, eles também haviam sido bem cuidados, mas ervas daninhas haviam brotado e algumas culturas haviam sido atacadas por animais selvagens. Nuvens escuras se formavam lentamente ao norte, grávidas de chuva negra. Sem trocar uma palavra sequer, e não muito cautelosamente, eles foram até a propriedade e entraram logo antes de a chuva começar a cair.

A casa fora construída de pedras sólidas e tinha um telhado de madeira que impedia a chuva de entrar. O fazendeiro e sua família deviam ter evacuado a área ao serem alertados por refugiados ou monges. Embora algumas coisas tivessem sido empacotadas às pressas, a casa permanecia limpa e arrumada. Na verdade, além do ranger das tábuas do chão, Chen achou que o lugar era perfeito.

Tyrathan tinha outras ideias. Ele bateu levemente em uma parede do fundo, inclusive na despensa próxima à lareira. Ela emitiu um baque oco. Ele bateu e encontrou uma espécie de alavanca que, ao ser puxada, fez a

despensa deslizar para trás da lareira. Atrás, havia um buraco negro com degraus que desciam até um porão de armazenamento.

O homem desceu primeiro, com uma adaga empunhada na mão direita. Chen o seguiu, carregando uma maçã em uma pata e, na outra, um lampião aceso. Ele atingiu o meio da escada quando Tyrathan chegou ao fundo. Um deles pisou em um gatilho que acionou a despensa, fazendo deslizar atrás deles até se fechar.

Tyrathan olhou para cima e acenou para que Chen terminasse de descer.

— Meu amigo, eu acho que vamos esperar a tempestade passar em grande estilo.

O porão de armazenamento era pequeno, mas, nele, haviam sido instaladas prateleiras. Cada uma delas continha dezenas de vidros com nabo e repolho em conserva. Cenouras haviam sido colhidas e amontoadas em cestos. Havia peixes secos, obviamente obtidos em troca de vegetais, pendurados em longas correntes que pendiam das vigas.

Em um canto, havia um pequeno barrilete de carvalho, que esperava para ser inspecionado.

Chen olhou para ele e, depois, para Tyrathan.

— Só uma provinha?

O homem pensou por um segundo e estava prestes a responder quando o vento uivou no andar de cima. A porta fora aberta violentamente, o que poderia ter sido decorrência da tempestade.

Os ruídos dos passos pesados no andar acima e os palavrões proferidos em língua trólica contra o mau tempo tinham uma causa completamente diferente.

Chen e Tyrathan trocaram olhares.

Lentamente, o homem balançou a cabeça. Eles não poderiam mexer no barrilete, embora fossem passar a noite com muita sede.



Vol'jin se arqueou, apoiou um joelho no solo e apertou o antebraço direito contra a costela. Ele subira a montanha além do local onde havia falado com Tyrathan, mas não muito além. O caminho era íngreme a partir daquele ponto. Ele não era um total estranho a escaladas, mas a dor na lateral do tórax não o permitia atacar a montanha como gostaria.

Sua vontade de se juntar a Chen e Tyrathan na missão de reconhecimento era enorme, e ele estava ansioso para ler os relatórios, mas estava feliz por Taran Zhu ter concordado com a avaliação do humano de que Vol'jin era necessário ao se planejarem as defesas. Ele não só tinha mais experiência nesse quesito, mas, por ser ele mesmo um troll, conhecia os trolls e seus comportamentos melhor do que ninguém.

— Você não acha curioso, Vol'jin, que, mesmo depois do veneno ter saído do seu corpo, você ainda não tenha se recuperado completamente?

O troll balançou a cabeça abruptamente e ele ainda arquejava.

Taran Zhu ficou parado ali, a uns cinco metros abaixo, com a aparência de alguém que estava fazendo uma simples caminhada.

Vol'jin decidiu achar que era porque o monge estava em melhor forma física que a maioria, em vez de pensar que ele mesmo estava em péssima forma.

— Não dá pra saber. Zul'jin perdeu um olho e cortou fora o próprio braço. E não sarou.

— Fazer um membro amputado ou um órgão complexo crescer de novo não é a mesma coisa que curar um corte. — O pandaren balançou a cabeça lentamente. — Você está com dificuldade para falar por causa de sua garganta. E está difícil correr e aguentar uma batalha por causa do ferimento na costela. Nós dois sabemos que, se você tivesse ido com seus amigos, eles teriam que ir mais devagar.

Vol'jin acenou com a cabeça.

— Mesmo a perna do homem machucada.

— Sim. Ele passou mais tempo aqui, tudo bem, mas a recuperação dele foi melhor que a sua.

O troll espremeu os olhos.

— Por que você acha que isso aconteceu?

— Em alguma medida, ele acredita que merece se recuperar. — O monge balançou a cabeça. — Você, em alguma medida, não.

Vol'jin quis negar com um rugido, mas sua garganta não permitiu. *Eu também não tô conseguindo respirar direito.*

— Que mais?

O pandaren sorriu de uma maneira tão exasperante que poderia ter justificado a invasão Zandalari.

— Existe uma espécie de caranguejo que se apropria de carapaças para usá-las como proteção. Certa vez, dois desses caranguejos, irmãos, cresceram lado a lado. Quando eles cresceram, um deles encontrou uma caveira. O rosto havia sido esmagado, permitindo que ele entrasse. O outro encontrou o elmo que havia servido de proteção à caveira. O primeiro adorou a caveira e se desenvolveu de modo a se adaptar a ela. O segundo considerava o elmo uma casca qualquer. Mas, quando chegou a hora de seguir adiante, o primeiro não quis deixar a caveira. Ela o havia definido,

então ele parou de crescer. O segundo, embora com relutância, teve que deixar para trás seu elmo e seu irmão. Ele não podia parar de crescer.

— Qual é o irmão que eu sou?

— Depende da sua escolha. Você é o caranguejo da caveira, que está satisfeito por ter prendido a si mesmo? — Taran Zhu encolheu os ombros.

— Ou você é o caranguejo que continua a crescer, buscando um novo lar?

Vol'jin esfregou a mão no rosto.

— Você tá perguntando se eu sou um troll ou se eu sou o Vol'jin?

— De certa forma. Eu inverteria a ordem. Você é o Vol'jin que quase morreu em uma caverna ou você é um troll buscando um novo lar?

— “Lar” é uma metáfora, né?

— Mais ou menos.

Eu fiquei preso naquela caverna? Quando ele pensou sobre como fora atraído até lá, um sentimento de vergonha rugiu por seu corpo. Sim, o fato de que ele não morrera era uma vitória, mas ele nunca deveria ter estado em uma batalha. Garrosh jogara a isca e ele a engolira. Se Garrosh o tivesse convidado para jantar, só os dois, ele teria previsto a traição e chegaria com toda a tribo Lançanegra.

O troll sentiu calafrios.

Eu me prendi nessa vergonha. Ao prestar atenção, Vol'jin enxergou o ciclo terrível. Nenhum troll que se preze deveria ter sido enganado daquele jeito. Nem mesmo um humano como Tyrathan teria caído em um arдил tão transparente. A vergonha o ancorava e o fato de que ele não podia se lembrar de como fugira significava que ele não tinha as ferramentas necessárias para se libertar. Quanto a isso, Tyrathan estivera certo. Vol'jin temia o que lhe era desconhecido.

Porém, ao examinar o ciclo, ele notou fraqueza do mesmo. A forma como ele sobrevivera era irrelevante. Ele poderia ter sido arrastado para fora da caverna por vermingues para ser lavado no rio e devorado, mas não importava. O que importava é que ele ainda estava vivo. Ele ainda podia crescer. Podia continuar. Ele não precisava ficar preso.

E pronto. Como nenhum troll deveria ter ficado preso daquela forma, e como ele ficara preso, Vol'jin se exilara mentalmente de ser um troll. Ele

lutou bravamente, como um troll poderia lutar — e lutaria —, mas apenas para provar sua trolice para os pandarens e para os Zandalari. E para um humano. *A que ponto eu cheguei?*

Ele balançou a cabeça. *Uma prisão dessas não é lugar prum troll. Mas apenas um troll poderia ter sobrevivido a uma prisão como essas. Garrosh enviara um de seus assassinos órquicos mais próximos para matá-lo. Apenas um. Garrosh não deveria saber? Vol'jin não havia ameaçado lançar uma flecha contra ele? Como ele ousa mandar qualquer coisa menos que trolls ou titãs contra mim?*

Taran Zhu ergueu uma pata como sinal de cautela.

— Você está em uma conjuntura crítica, Vol'jin, então escute o resto do conto do caranguejo. O outro irmão, em sua busca por um novo lar, encontrou uma caveira, uma caveira maior, e o elmo que a protegia. Ele tinha que escolher. Caveira ou elmo.

O troll balançou lentamente a cabeça.

— Mas essas não são as únicas opções.

— Para um Shado-pan, são as mais convenientes dentre as que se podem considerar. Você, por outro lado, tem outras opções disponíveis. — O monge balançou a cabeça. — Se você desejar outras parábolas, ficarei contente em contá-las. Espero que você continue disposto a me aconselhar em assuntos de estratégia militar.

— Sim. Caranguejo da caveira ou não, isso é uma parte de mim.

— Então deixarei você com seus pensamentos.

Vol'jin abandonou sua posição acorçada e se sentou no chão. Ao decidir que nenhum troll deveria ter ficado preso da forma que ele ficou, ele se convencera de que não era um troll. Provar para os outros que isso era uma mentira não ajudou em nada para mudar o que ele mesmo pensava. *Mas eu sou um troll. Eu sobrevivi. Eu sou tudo que eu era antes. Só que mais sensato.*

Ele riu consigo mesmo. *Sensato o bastante pra perceber que eu andei sendo um trouxa.*

Vol'jin se recompôs e prosseguiu, abrindo-se para os loa. Ele deslizou pela paisagem cinzenta, percebendo sombras dentro de sombras, silhuetas

indistintas de plantas e árvores das selvas de sua terra. O troll interpretou aquilo como um bom sinal. Então, ele girou e encontrou Bwonsamdi pairando sobre ele.

— Eu não vou ser pego de surpresa de novo.

— Não por orcs, pelo menos. — O guardião dos mortos riu por trás de sua máscara. — Quem é esse que eu tô vendo na minha frente?

— Um troll. E isso basta por enquanto. — Vol'jin esticou a mão até ele. — Eu preciso disso de volta.

— O que você acha que eu tenho?

— Meu senso de ser um troll.

Bwonsamdi riu novamente e arrancou uma pérola negra cintilante de dentro de seu cinturão.

— Quando cê veio me procurar, tava convencido que não era um troll. Eu não achei que cê fosse precisar disso.

— Mas cê guardou pra mim. — Vol'jin pegou a pérola com as mãos em forma de concha. Ela ficou ali, sem nenhum peso, enviando-lhe faíscas pungentes nas palmas. Assim como as agulhas que se sente quando um membro dormente volta ao normal. — Valeu.

— E obrigado pelos que você mandou pra mim. — O loa olhou para trás, sobre os ombros, em direção a uma falange distante de Zandalari. — Eles odeiam o fato de que tão sob minha proteção.

— Eu ainda vou mandar mais.

— Você vai ser um troll obediente.

Vol'jin encerrou a pérola em seu punho esquerdo.

— E os outros, que tão me mandando essas visões? Por que eles tão fazendo isso?

— Pra te lembrar o que é ser um troll.

— Mas a visão que a Mãe do Veneno mandou vai funcionar contra os Zandalari dela.

— Eles fazem o que acham que vai agradar ela, mas isso não significa que sabem o que ela quer. — Bwonsamdi encolheu os ombros. — Se não for um esforço de verdade, vai ser uma oferenda digna?

— Ela tá me colocando contra o povo dela pra fazer eles trabalharem?

— E pra você ficar um pouco em dívida com ela se eles falharem.

— Quando eles falharem.

— Ha! É por isso que você sempre foi um dos meus favoritos, independente de quem você seja.

— Eu te aviso quando eu decidir. — Vol'jin sorriu. — Você vai ouvir a mensagem da boca dos Zandalari mortos.

— O meu desejo é vasto, troll. E a minha gratidão é grande.

Vol'jin acenou com a cabeça e o mundo cinzento derreteu lentamente, voltando a se transformar no pico da montanha. Ele abriu a mão esquerda, mas a pérola já havia sido absorvida por sua carne. Vol'jin se concentrou, olhando para seu interior, e encontrou a essência se espalhando por todo seu corpo, enquanto fazia o que tinha que fazer. As dores já abrandavam e o tecido da pele se renovava.

O troll assumiu o processo em duas áreas. Ele remendou a maior parte da sutura em sua costela. Consertou o pulmão para que pudesse respirar, mas deixou uma cicatriz. Ele queria sentir as pontadas. Queria ser lembrado dos erros que cometera.

Da mesma forma, curou a garganta, mas não por completo. Ele deixou que o ferimento continuasse a lhe roubar a melódiosidade porque aquela fora a voz de Vol'jin. Aquela fora a voz que ameaçou Garrosh. Fora a outra voz que aceitou a missão. Vol'jin não queria ouvi-la novamente.

Ele não reconhecia completamente sua voz atual, mas seria capaz de conviver com ela. Conforme dissera a Bwonsamdi, por enquanto, ele era um troll. Ele não precisava ser mais que isso. *Enquanto eu souber quem eu sou, eu vou conhecer o som de quem eu me tornar.*

Ao descer até o monastério, ele percebeu que, de muitas formas, ele fora o caranguejo da caveira. Ele se permitira ser definido pelos outros. O sonho de seu pai se tornara seu legado e o moldara de determinada maneira. Ele quase acreditou que estava preso, mas seu pai teria ficado aterrorizado ao pensar que seu filho se sentia assim. Ser um caçador sombrio, liderar os Lançanegra e estar entre os líderes da Horda; todas essas coisas foram as placas ósseas que compunham a caveira.

E havia o verdadeiro segredo da parábola. A caveira e o capacete que a protegera haviam sido criados para dois propósitos diferentes. Ambos os caranguejos precisavam de proteção, mas apenas o que optou pelo elmo fizera a escolha certa. A escolha do outro, embora fosse funcional, não permitia que ele continuasse a crescer de acordo com seu destino.

Caveira, elmo, ou... o quê? Quanto aos monges que se deparavam com essa escolha, a maioria deles se voltava completamente para dentro e permanecia no monastério como o caranguejo na caveira. Outros — e Vol'jin colocava Yalia Sábio Sussurro nesta categoria — podiam ir para além do monastério e se transformar no que precisassem ser. Em Pandária, não havia muita necessidade de procurar opções além dessas duas. Se eles quisessem uma terceira, haveria o casco da tartaruga e a vida de aventuras que Chen escolhera.

Mas, pra mim... Os elementos que ele usara para descrever as placas cranianas não era nada mal. O sonho de seu pai tinha mérito. Vol'jin concordava com ele. Paralela a isso, ficava sua liderança dos Lançanegra. E sua posição na Horda. Vol'jin resistira às súplicas Zandalari em outra ocasião ao escolher a Horda como sua aliada neste novo mundo. Mas, agora, a Horda se voltava contra ele.

As decisões que ele precisaria tomar não eram simples, e ele aceitava esse fato. O troll percebeu que foram frequentes as ocasiões em que decisões tinham sido tomadas em seu nome. Isso poderia soar como algo maligno, mas não era. O incentivo de seu pai e as expectativas dos outros fez da escolha de se tornar um caçador sombrio algo fácil. Não que o processo em si tenha sido, ou que ele tenha se arrependido, mas ele jamais considerou realmente uma alternativa a esse caminho.

De maneira semelhante, assumir a liderança dos Lançanegra e a responsabilidade por eles iniciou uma série de eventos. Ele tampouco se arrependia de qualquer um deles. Zalazane tinha que ser detido. Até mesmo dar apoio à Horda contra o rei Zandalari Rastakhan fora uma escolha que ele não teve que tomar, já que Thrall e a Horda contribuíram para que ele e seu pai salvassem os Lançanegra e construíssem um novo lar nas Ilhas do Eco.

Abandonar a Horda foi a decisão mais difícil que eu já tomei. Quase causou a minha morte.

Vol'jin retornou ao monastério. Ele se uniu aos monges em seus exercícios, não apenas para ficar sabendo do que eles eram capazes e para se fortalecer, mas também para mostrar-lhes do que um troll era capaz. O monge que ele salvara ao decapitar um Zandalari em Zouchin ratificou as histórias de Vol'jin sobre a pujança dos trolls. Os Shado-pan, de modo geral, redobram seus esforços contra ele.

E o deixaram com muita dificuldade para se defender.

Sem dúvida, havia caranguejos de caveira e caranguejos de elmo entre os monges. Isso não incomodava Vol'jin, nem um pouco. Para cada guerreiro de um exército, havia cinco pessoas que ficavam para trás a fim de alimentá-lo, manter seu equipamento em bom estado e atender às suas outras necessidades. Muitos dos Shado-pan, especialmente os monges mais velhos, ficavam satisfeitos assumindo esse papel de suporte; enquanto os monges mais novos eram ávidos por aprender como lutar contra trolls.

Vol'jin observou Taran Zhu enquanto o velho monge assistia aos exercícios. *Tá gostando do formato do elmo onde seus monges tão crescendo?* Embora seus olhares tenham se entrecruzado algumas vezes, o líder dos Shado-pan não revelou qualquer sinal de seus pensamentos, quaisquer que fossem.

Durante o tempo em que não realizava treinos físicos, Vol'jin se dedicava a se tornar um estudioso da geografia e da história militar pandariana. Ele achou que esta última era um tema frustrante. Tudo acontecera havia tanto tempo — para os pandarens, pelo menos — que assumira o caráter de mito ou folclore. Era possível, na verdade, que uma dúzia de monges houvesse defendido um desfiladeiro por doze anos, cada um defendendo-o por um único mês e descansando no resto do ano. A cada monge era atribuído o pioneirismo de um estilo de luta, dos quais todos os estilos atuais teriam descendido.

Geografia era mais fácil. Cartas imperiais antigas haviam mapeado todo o continente com riqueza de detalhes. Ele ainda encontrou algumas áreas que foram descritas apenas vagamente. Isso era especialmente

verdadeiro em relação ao Vale das Flores Eternas, pois, em um de seus mapas, havia caído tinta na área centro-meridional.

Vol'jin destacou esse fato quando Taran Zhu adentrou a biblioteca.

— Eu não tô conseguindo encontrar muita referência pra essa região.

— Esse é um problema que devemos remediar. — O monge deu meia-volta quando Chen e Tyrathan, abatidos e ligeiramente ensanguentados, entraram pela porta da biblioteca atrás dele. — Conforme seus amigos descobriram, parece que é exatamente para lá que os invasores estão indo.

18



Chen rapidamente apagou a lanterna. A noite invadiu o porão. Era como se os sons lá de cima tivessem sido amplificados. Sem que o pandaren notasse, uma companhia inteira de trolls se infiltrara no sítio.

Um dos trolls acendeu uma vela. Uma nesga de luz atravessou as rachaduras do piso de madeira, iluminando tanto Chen quanto Tyrathan. O homem congelou na posição, o dedo indicador diante dos lábios. Chen fez um sinal com a cabeça e o parceiro abaixou a mão e não se mexeu mais.

Chen não conseguia entender simplesmente nada do que os Zandalari diziam, porém mesmo assim ouvia com atenção. Esperava menos pegar alguma referência geográfica pandarena do que identificar as vozes. Percebeu que uma das delas parecia dar ordens curtas e grossas enquanto outras duas respondiam, cansadas. Uma quarta voz sussurrava comentários.

Ele olhou para Tyrathan e levantou três dedos.

O homem balançou a cabeça e ergueu um a mais. Apontou na direção do suposto comandante, depois para os dois que Chen identificara. Então

indicou o quarto, no canto, cuja presença era confirmada por uma gotejo de água pingando do teto.

Chen se arrepiou. Aquilo era diferente de quando os ogros o tomaram prisioneiro. Não só os trolls eram mais inteligentes do que a média como os Zandalari se gabavam pela esperteza. E a crueldade. Pelo que vira em Zouchin, e o que ouvira sobre batalhas contra os Zandalari, não tinha dúvidas de que, se fosse descoberto, seria morto.

Como estavam explorando a casa, Chen e Tyrathan não tinham deixado as armas ou mochilas lá em cima. Carregavam as armas, mas o porão também não era o melhor lugar para um arqueiro mostrar suas habilidades. Chen poderia se defender com artes marciais, embora lutas em lugares fechados favorecessem geralmente quem empunhava armas de curto alcance. Qualquer batalha no porão seria horrível, disputada, e mesmo os vitoriosos sairiam feridos.

Temos que torcer para eles não ficarem curiosos e descerem aqui. A tempestade logo acaba e eles vão embora. A força do vento se intensificou, zombando das esperanças de Chen. Ao menos não passaremos fome.

Tyrathan se sentou no chão e tirou da aljava seis flechas. Cada uma tinha pontas farpadas, algumas só com duas arestas, outras com quatro. Todas tinham um corte em meia-lua na direção das rêmiges para dificultar, tal como um anzol, a retirada da flecha uma vez que o alvo fosse atingido.

O humano enfileirou as setas, emparelhando as de duas arestas com as de quatro, então inverteu as de quatro. Usando ataduras, que cortou em pedaços menores com a faca de esfolar, amarrou-as de tal forma que cada uma teria duas pontas.

Ainda que a escuridão dificultasse ler no rosto de Tyrathan qualquer expressão, dava para notar um sorriso determinado no rosto. Trabalhando, às vezes olhava para cima. Observava, ouvia, então assentia para si mesmo.

Depois de uma eternidade, os trolls se acalmaram. Batidas pesadas no piso sugeriram que os inimigos tinham retirado a armadura para dormir — ao menos três deles. Não o troll silencioso, mas este bloqueava a luz o suficiente para denunciar sua posição. O comandante foi o último a dormir. Apagou a última vela antes de se esticar.

Tão silencioso quanto um fantasma, Tyrathan alcançou o ombro de Chen.

— No meu sinal... Você vai saber qual é... Suba. Encontre a alavanca para abrir a despensa. Mate o que vir.

— Pode ser que eles vão embora amanhã de manhã...

O homem apontou para onde dormia o comandante.

— Ele está mantendo um diário. Precisamos disso.

Chen concordou. Ambos se posicionaram na base da escada. Na parte central do porão, Tyrathan alcançou as flechas de ponta dupla e as inseriu entre os vãos do assoalho. Girou uma delas, afixando-a entre os trolls adormecidos. Arrumou então a do comandante, depois uma para cada um dos que falavam e terminou posicionando a flecha abaixo do silencioso. Parou nessa posição, e fitou Chen. Apontou para sua estratégia, em que deixava o comandante por último — e fez sinal para que o parceiro subisse os degraus.

O pandaren concordou e tomou fôlego, preparando-se.

O homem cravou a primeira flecha no troll e a retorceu. Antes que a vítima gritasse, alcançou as outras duas flechas e as empurrou para cima, de forma a cravá-las nos inimigos ao mesmo tempo. Ambos ganharam de dor. Tyrathan pulou até a última flecha e acertou o alvo.

Chen subiu a escada sem se preocupar em achar uma alavanca. Jogou-se contra a porta, e a madeira rachou. Louças e vasilhas de madeira voaram da despensa um segundo antes dele. À direita, o troll silencioso estava estirado, de lado. A flecha atravessara o bíceps e atingira o peito no canto do coração. O inimigo chegou a pegar uma faca com a mão direita, mas Chen deu um chute vigoroso. A cabeça do Zandalari estalou para trás e bateu contra o chão de pedra.

O pandaren olhou ao redor e parou. Os dois trolls falantes se sacudiam no chão. Uma flecha perfurara a barriga de um. O outro parecia estar preso pela espinha. Ao tentarem se sentar, as flechas de quatro arestas, enganchadas no vão, os prendia firmemente. O sangue jorrou junto com os gritos, enquanto se debatiam, batendo os calcanhares contra a madeira e arrancando lascas do piso com as unhas.

O comandante, um xamã, estava na porta. Entre as mãos, concentrava uma bola de energia negra e pulsante. Os gritos dos companheiros à beira da morte o alertaram para o perigo. A flecha destinada a ele só raspou as costelas. Mirou Chen com os olhos pretos ardendo de raiva e rosnou algo cruel na língua troll.

Chen, sabendo o que ocorreria caso não agisse — e sabendo que ocorreria mesmo se agisse —, se preparou e saltou. Não rápido o bastante.

Um milésimo antes que seu chute o levasse ao alvo, e um milésimo antes de o xamã completar o feitiço, uma flecha rachou o piso. Passou raspando pelo tornozelo de Chen, entre as mãos e corpo do xamã. Acertou o troll embaixo do queixo e atravessou o crânio, pregando a língua do feiticeiro no céu da boca.

Então Chen aterrissou com seu golpe, arremessando o Zandalari porta afora para a escuridão da tempestade.

Tyrathan, com arco e flecha armados, apareceu no topo da escada.

— A alavanca estava emperrada?

O pandaren fez que sim com a cabeça, enquanto os trolls se sacudiam nos últimos segundos de vida.

— É... Estava presa.

O homem conferiu o troll silencioso, então o degolou. Os dois no meio do recinto estavam obviamente mortos, no entanto ele checou da mesma forma. Então caminhou até onde estavam os pertences do comandante e encontrou uma maleta com o caderno e uma pequena caixa para penas e tintas. Folheou o diário por um momento, então devolveu à bolsa.

— Não sei ler Zandali, mas deu para entender pela conversa que eles eram batedores como nós. — Olhou ao redor. — Vamos arrastar o outro de volta. Incendiamos o lugar?

Chen balançou a cabeça.

— Talvez seja melhor. Vou trazer aquele barril no porão e queimá-lo com meu Bafo de Onça. Vou registrar este lugar na minha memória para um dia compensar essas pessoas.

O homem o encarou.

— Você não é culpado por eles perderem a fazenda.

— Posso não ser, mas sinto que sou.

Chen olhou pela última vez a casa, tentou se recordar como fora, então acendeu o fogo e seguiu o homem sob a tempestade.

Eles marcharam para oeste, em direção ao monastério, e encontraram um complexo de cavernas que serpenteava caminho abaixo a perder de vista. Ousaram armar uma pequena fogueira. Chen se alegrou com a perspectiva de um chá. Precisava se esquentar, e de tempo para pensar enquanto Tyrathan estudava o diário.

Chen sobrevivera a outros combates. Como dissera à sobrinha, vira coisas que preferiria esquecer. Ali estava um dos pequenos milagres da vida: os momentos mais dolorosos podiam ser esquecidos. Ou, ao menos, as lembranças podem se esvanecer. *Se você permitir.*

O pandaren vira e fizera muito. Até mesmo muitas coisas sanguinárias. Porém, nada como o que Tyrathan fizera na casa da fazenda. Não fora exatamente o tiro através das tábuas de madeira que ficariam na memória — ainda que isso, provavelmente, tivesse salvado sua vida. Já vira um bocado de soldados com escudos espetados ao braço por flechas para saber que madeira não oferecia defesa contra um bom arqueiro. De fato, o homem era um arqueiro incrível, por isso sua atuação não fora surpreendente.

O que incomodava Chen eram a calma e determinação com que o homem armara as flechas que usaria do porão. Planejara-as deliberadamente não só para matar, mas contra a possibilidade de que não fossem fatais. Ele as fizera para prender os trolls. Depois, girara as hastes para ter certeza de que as pontas enganchariam em costelas ou outros ossos.

Era possível manter a honra na guerra, lutando bem. Mesmo a estratégia de Tyrathan e Vol'jin em Zouchin — ficar atrás para acertar, de longe, os Zandalari e retardá-los — foi honrada. Só assim os monges conseguiriam salvar os aldeões. Talvez os inimigos considerassem aquilo um golpe covarde. Mas vergonhoso mesmo era usar armas de cerco contra uma vila de pescadores.

Chen serviu o chá e entregou uma pequena caneca a Tyrathan. O homem aceitou, fechando o diário. Aspirou o vapor, então bebeu.

— Obrigado. Está perfeito.

O pandaren forçou o sorriso.

— Algo útil ali?

— O xamã é um bom artista, até. Desenha bem os mapas. Guardou algumas flores ressecadas entre as páginas. Rascunhava animais da região e rochas. — Tyrathan apontou o caderno com o indicador. — Algumas páginas estão em branco, exceto por uma série de pontos aleatórios nos quatro cantos. Também se vê isso em páginas preenchidas, e ele inclusive repetiu o padrão noutras que não tinham. As páginas em branco tinham símbolos inscritos, acho que por outra pessoa.

Chen bebericou o chá, desejando que o esquentasse ainda mais.

— O que isso significa?

— Acredito serem orientações de navegação. Coloque a parte de baixo da página diante do horizonte e procure as constelações equivalentes aos pontos. Isso indica a próxima direção — disse, franzindo a testa. — Como o céu está encoberto, não conseguiremos analisá-lo, é óbvio, e as constelações são diferentes aqui. Mas, assim que o tempo melhorar, acredito que vamos descobrir para onde estavam indo.

— Isso seria bom.

Tyrathan descansou o chá na capa de couro do caderno.

— Vamos esclarecer as coisas?

— O que você quer dizer?

O homem apontou na direção de onde tinham vindo, da fazenda.

— Você está muito quieto desde que saímos de lá. Isso não é normal.

Qual o problema?

Chen encarou o chá, mas ali não havia respostas.

— A forma como você os matou. Não foi um combate. Não foi...

— Justo? — questionou, soltando um suspiro. — Observei a situação. Eles estavam em quatro, mais bem preparados para a luta. Precisava matar ou impedir o ataque de quantos pudesse, o mais rápido possível. Impedir significava ter certeza de que não nos atacariam, não fatalmente.

Tyrathan encarou Chen, que parecia assustado.

— Você consegue imaginar o que ocorreria caso entrasse lá e os dois no chão não estivessem presos daquela forma? E o do canto também? Eles teriam matado você e depois viriam atrás de mim.

— Você poderia ter acertado através do piso.

— Aquilo só funcionou porque eu estava logo abaixo, e o feitiço estava criando uma luz excelente. — Tyrathan suspirou. — O que eu fiz foi cruel, sim. E poderia dizer que a guerra sempre é cruel, mas não vou lhe desrespeitar dessa forma. É só que... Não tenho palavras para explicar...

Chen o serviu mais chá.

— Você os caça. Você é bom nisso.

— Não, meu amigo, não sou bom nisso. Sou bom em matar. — Tyrathan bebeu o chá e fechou os olhos. — Sou bom em matar a distância, quando não estou vendo os rostos dos alvos. Não quero ver. Então tento mantê-los longe. Mantenho todo mundo longe. Sinto muito por aquela cena ter perturbado você.

A angústia na voz de Tyrathan deixou o coração de Chen apertado.

— Você é bom em outras coisas.

— Não, na verdade, não.

— Jihui.

— Um jogo de caça... Ao menos, é assim que o jogo. — Tyrathan quase riu, então sorriu. — É o que invejo em você, Chen. Invejo a sua habilidade de fazer os outros sorrirem. Você faz com que se sintam melhores sobre si mesmos. Se eu caçasse um monte de animais para um banquete, e então preparasse a melhor comida do mundo, só assim seria lembrado. Porém, se você viesse e contasse uma de suas histórias, já ficaria na lembrança. Você toca as pessoas. Eu só os toco com o aço na ponta de uma haste.

— Talvez esse seja quem você foi. Não precisa ser essa pessoa agora.

O homem hesitou por um momento, então tomou mais um gole de chá.

— Tem razão. Mas temo estar me tornando de novo essa pessoa. Sou bom nessa coisa de matar, muito bom. Me preocupo por gostar disso até demais. Do jeito que é, claramente já assusta você. Me assusta ainda mais.

Chen concordou em silêncio, pois não podia dizer nada para alcançar o coração daquele homem. Percebeu que este era o fim do Huojin aos olhos da maior parte dos pandarens. Ceder à impulsividade significa desvalorizar tudo e todos. É mais fácil matar um inimigo sem rosto de longe do que à distância de uma espada. Huojin, levado ao extremo, esvaziava o sentido da vida e era, simplesmente, o prenúncio do mal.

Mas o contrário, Tushui, levaria alguém que passa muito tempo refletindo sobre tudo a, logicamente, acreditar que nenhuma ação é possível. Dificilmente isso seria a antítese do mal. Por isso os monges enfatizavam a importância do equilíbrio. Fitou Tyrathan. *Um equilíbrio que meu amigo está tendo dificuldades de encontrar.*

Chen continuou refletindo sobre equilíbrio durante o resto da viagem até o monastério. Buscava o próprio ponto de equilíbrio, o que parecia depender de uma questão: deveria continuar explorando o mundo ou começar uma família? Com Yalia a seu lado, conseguia se imaginar, facilmente, tendo os dois melhores aspectos da vida.

Enquanto isso, Tyrathan fazia cálculos usando o caderno do troll.

— É um chute. Mas acho que estão seguindo para o coração de Pandária.

— O Vale das Flores Eternas — Chen olhou em direção ao sul. — É lindo, e muito antigo.

— Já foi lá?

— Só conheço seu esplendor por conta dos meus afazeres na muralha do Espinhaço da Serpente, a oeste, mas nunca pisei naquele solo.

Tyrathan sorriu brevemente.

— Suspeito que isso vai mudar, e logo. É onde encontraremos os Zandalari. E pressinto que nenhum de nós vai gostar dessa reunião.



— **E**ufemismo é muito valorizado na guerra, Lorde Taran Zhu — Vol'jin acenou para Chen e Tyrathan. — Tô feliz que cês voltaram.

O homem devolveu o cumprimento.

— Felizes estamos de ter sobrevivido. E de ouvir sua voz se recuperando.

— Sim, muito feliz, Vol'jin. — O mestre cervejeiro pandaren sorriu. — Posso fazer um chá que vai ajudar nisso.

O troll balançou a cabeça. Sentiu certo distanciamento entre Chen e o homem, mas não era hora de comentar.

— Isso é o melhor que vai ficar. Por enquanto. Com todo respeito, Lorde Taran Zhu, a gente precisa saber mais sobre esse lugar.

— Não seja tão duro com os pandarens, Vol'jin. Sem dúvida encontrará erros na maneira como agimos. Você já crê que a falta de um exército formal, apesar de milênios de paz, sem invasões bem-sucedidas, é um erro. Talvez enfim sua tese seja provada correta — afirmou o líder Shado-pan, juntando as patas nas costas. — Pelo que Chen me contou, no mundo além

das névoas, vocês também têm encarado catástrofes imprevistas. Poderia argumentar que nossa lógica sobre o assunto é falha. Mas por milênios foi válida, assim se tornou tão verdadeira quanto o nascer do sol pelas manhãs e o pôr do sol no crepúsculo.

— Tuas palavras não tão dizendo muita coisa.

— Ao menos alertam contra os seus preconceitos, que podem prejudicar seu julgamento sobre o que está prestes a ver. — Taran Zhu apontou para o mapa. — As referências são mínimas, mas o vale não é desconhecido. É até mesmo povoado. Em incursões recentes, refugiados conseguiram abrigo por lá. Mesmo assim, não temos muitas informações geográficas ou táticas como você procura.

— Ao manter o vale escondido, é como se esperassem isolar Pandária da ameaça que está lá. — Tyrathan analisou o mapa. — Esconder um problema não o elimina.

— Não. Porém ganhamos tempo em relação a quem pretende desencadear o problema. — O ancião pandaren respirou fundo e soltou o ar lentamente. — O que vou lhes mostrar me foi passado de Lorde Shado-pan a Lorde Shado-pan, vindo de uma época em que nem mesmo os Shado-pan existiam. Só posso revelar o que me mostraram. Não sei se o medo ou os preconceitos dos meus antecessores embaralharam as coisas. Não sei o que foi esquecido ou aumentado. O que compartilharei com vocês não contei a nenhum monge.

As patas de Taran Zhu reapareceram à frente da sua cintura e se separaram. Esferas de energia negra crepitavam de cada palma da mão. Uma ele mantinha baixa, a outra acima, ambas afastadas ao lado. Uma janela irradiando luz dourada apareceu entre elas. Dentro da abertura, surgiram imagens em movimento.

— Essa área fica oculta dentro do Solo Sagrado Tu Shen. O Rei Trovão, o primeiro déspota mogu com quem os Zandalari negociaram no amanhecer dos tempos, tinha sob seu controle um círculo de partidários de confiança. Então seus chefes de guerra foram assassinados quando o mestre estava prestes a morrer... Talvez para evitar uma guerra civil no império desencadeada pela disputa do trono. Não sabemos. Mas sabemos que os

mogu acreditam que a morte nem sempre é o final, e que os mortos, ou partes deles, podem voltar à vida posteriormente. Acredito que esse é o propósito da invasão ao vale.

Vol'jin espiou de perto, pela primeira vez avistando um mogu — em vez de só senti-los como ocorrera na caverna. A boca ficou seca e a garganta voltou a doer. Os mogus eram mais altos do que os Zandalari, musculosos, e tinham uma expressão cruel. Pareciam esculpidos a partir de um dólmen de basalto. Vol'jin tentou dar um desconto, pois, como Taran Zhu alertara, as lembranças podiam tê-los tornado mais assustadores do que de fato eram. Mesmo assim, reduzidos à metade, seriam formidáveis.

Na visão, os mogus caminhavam por Pandária usando espadas e fogo para dominar outros povos. Os pandarens se reduziram a uma raça de escravos. Os mais sortudos deles serviam como bobos da corte, entretendo os mestres com palhaçadas. Viviam em palácios de pedra e conheciam um luxo relativo. Contudo, o conforto acabava no momento em que proferiam a piada errada, ofensiva ao mestre. Para fazer os mogus rirem novamente, só quebrando o espinhaço ou degolando o pandaren infeliz.

Num momento, a visão se transformou, revirando o estômago do troll. Estava de volta à caverna onde quase morrera. Agora, não era só um lugar úmido, mofado, coberto de guano. Feiticeiros mogus trabalhavam ali. Selecionavam ninhos de ovos de lagartos — talvez crocoliscos. Vol'jin não sabia distinguir, mas não fazia diferença. Os mogus os enterravam na areia e os aqueciam magicamente a temperaturas precisas. Quando os ovos chocavam, as criaturas eram transportadas para outra área, que agora o troll notava ser um viveiro.

Na câmara de onde quase saíra sem vida, os mogus tocavam a mágica que Vol'jin sentira. Magia titã. A mágica criadora do mundo. Ali os mortais trabalhavam com elementos divinos, usando simples criaturas para gerar sauroks. Os lagartos funcionavam como tropas que sustentavam o império, permitindo aos mogus gozar dos frutos daquela conquista.

Algo horrível de se ver, mas fascinante. Vol'jin não tirava os olhos das criaturas: os ossos estalavam ao se esticarem. As juntas se refaziam, os músculos rasgavam o corpo. Ao crescerem novamente, os ângulos se

transformavam, tornando os sauroks mais fortes e altos. Dedos cresciam, polegares tomavam forma. Em minutos, passavam de lagarto a guerreiro com escamas — menos uma prova das habilidades mogus que do absoluto poder das magias com que brincavam.

O troll se arrepiou. *Será que a magia titã naquele lugar fez com que eu não morresse?* No mesmo momento em que pensou isso, quis rir. Seria típico de Garrosh tramar seu assassinato no único lugar onde não poderia acontecer.

A risada ficou na garganta, pois a cena mudou novamente para outra imagem com fogo e sangue, muito mais obscura que a da conquista. O céu escureceu. Raios vermelhos caíam como lava e se espalhavam pela superfície. A magia deformava a realidade. Os monges agora derrubavam seus suseranos. Lideraram a luta pela liberdade e, corajosamente, venceram.

Com a queda do império mogu, o céu abriu e o sangue aos poucos foi lavado dos rios e córregos. Os pandarens recolheram os cadáveres dos inimigos e os enterraram no Solo Sagrado Tu Shen. O respeito demonstrado para com os chefes de guerra surpreendeu Vol'jin. Se tivesse topado com Tyrathan num campo de batalha e vencido, degolaria o homem e afixaria a cabeça dele em uma estaca num cruzamento movimentado para que todos os viajantes soubessem de seu êxito.

De novo, o conceito de equilíbrio. Medo e ódio são contrabalançados pelo respeito. Vol'jin ainda assistiu ao fechamento dos túmulos, cujas indicações foram escondidas. Os pandarens levantaram a névoa para cobrir Pandária. Isso, também e então, é equilíbrio. A paz da camuflagem, da invisibilidade, contra o terror da guerra. Usam a bondade na cura, e só se escondem por necessidade.

Quando a visão desapareceu, o troll encontrou o olhar de Taran Zhu.

— Tô entendendo, Lorde Taran Zhu. Eu não julgo vocês.

— Mas você queria que as coisas fossem diferentes.

— Coisas demais pra contar. Querer não ganha batalha. — Vol'jin indicou a região Tu Shen no mapa. — Cê disse que tem gente morando lá. O que eles contam?

— Pouca coisa. Em geral, estão contentes. Não exploram ou se comunicam com o exterior. Estão alegremente escondidos no paraíso. — Taran Zhu sorriu. — E aqueles pandarens de natureza aventureira foram encorajados a seguir a tartaruga.

Chen ergueu cabeça.

— Para que não perturbássemos os túmulos dos chefes de guerra e imperadores mogu.

— Você compreende, Mestre Malte do Trovão. Os poucos mogus sobreviventes nunca nos ameaçaram. O pouco que sabíamos sobre os Zandalari vinha do ponto de vista mogu. E eles subestimavam os Zandalari. Trabalhávamos a partir da crença que ninguém teria a habilidade ou o desejo de ressuscitá-los. Ao que parece, os seus Zandalari tomaram atitudes para realizar as duas coisas. Retiraram o Rei Trovão da tumba, e...

O homem cruzou os braços.

— E agora estão voltando pelos chefes de guerra dele?

— Assim aumentam sua determinação e seu poder.

O Rei Trovão os vê tal como Garrosh enxerga os líderes de outros contingentes da Horda. Vol'jin concordou.

— Então, é lógico pensar duas coisas. O restabelecimento do reino é o primeiro objetivo do Rei Trovão.

Chen balançou a cabeça.

— Isso seria ruim para Pandária.

— Com certeza. O pessoal aqui pode ter esquecido tudo depois de enterrá-lo, mas duvido que o tempo embaixo da terra tenha apagado a memória dele. — O homem suspirou e continuou o discurso. — A segunda coisa é impedir que a força invasora Zandalari alcance o cemitério.

Vol'jin então meneou a cabeça.

— Não, impedir a ressurreição dos chefes de guerra. Bem provável que poucos deles sejam fortes o suficiente para completar a conjuração.

Tyrathan logo concordou.

— Entendi. Vamos matá-los.

— Matar pelo menos alguns pode funcionar, imagino. — Vol'jin olhou para Taran Zhu. — Sua prioridade deve ser preparar Pandária para a

resistência. Quantos monges cê tem pra isso?

— Cem, sendo que metade eu já enviei às províncias para começar a organização. Logística. Algum treinamento. Mas esses não são os monges a que você se refere. — O pandaren ergueu o queixo. — Da forma a que se refere, capazes de matar, incluindo vocês três e eu, tenho cinquenta.

— Cinquenta para impedir uma invasão Zandalari e mandar de volta pro túmulo um tirano mogu milenar. — Vol'jin assentiu lentamente. — Para cuidar do solo sagrado, preciso de sete. Agora vamos ver o que os outros vão fazer enquanto estivermos longe.

* * *

— Isso não tá me agradando, Capitão Nir'zan. — O troll estava prostrado no chão diante dela, porém, desta vez, não tinha o efeito usual de acalmá-la. — Tô vendo que cê quer parabéns só por ter descoberto que o homem que matou os patrulheiros era o mesmo que lutou aqui em Zouchin. Entende que eu preferia saber que ele está morto, e não que continua lutando?

— Sim, minha senhora.

— Ainda por cima perderam o diário do xamã. Só pra me deixar mais enfurecida. O homem e o aliado pandaren dele deviam ter sido capturados. E o diário devia estar aqui comigo, agora.

Se o troll tentasse argumentar que aquilo era impossível, ela o teria matado com as próprias mãos, como um exemplo para os outros oficiais assistindo à cena. Khal'ak sabia o quão insensato era esperar que ele — enviado somente depois que a unidade deixou de se reportar — alcançasse os assassinos.

Ela cutucou com o pé o ombro dele, para que ele se erguesse e voltasse a se ajoelhar.

— Mas cê tem algum crédito por ter voltado. E deixou uma unidade de guarda a leste, desenhou as pegadas do homem na vila de pescadores e reconheceu a identidade dele aqui. Cê é mais inteligente do que eu pensava.

O Capitão Nir'zan evitava o olhar dela, encarando o chão.

— É muita gentileza de sua parte, minha senhora. Foi sorte a tempestade ter apagado o incêndio, mas não as pegadas.

Ela apertou as mãos diante dos lábios por um momento, então as retirou e concordou com a cabeça.

— Cês vão pegar os destacamentos e se espalhar pela rota prevista. Suponham que o inimigo sabe que cês tão indo. Cês vão ficar nas encruzilhadas e pontos estratégicos de onde dê para atrasar qualquer oposição. Se vocês ou algum dos soldados recuar... Bem, não recuem. Melhor morrer logo na mão dos inimigos do que lentamente sob meus cuidados.

“Cês vão fazer prisioneiros. Vão torturar eles pra arrancar informações. Se os inimigos tiverem influência ou algum cargo político, cês vão trazer eles pra mim. As famílias vão ser decapitadas. Os corpos, queimados, e as cabeças, pregadas em estacas fincadas nos cruzamentos. As mortes dos nossos patrulheiros são culpa, pelo menos em parte, de um pandaren. Então quero dez dessas criaturas nojentas destroçadas por cada uma das nossas perdas. Solte um prisioneiro, novo ou velho, mas não combatente, para espalhar a história.”

Ela se inclinou para erguer o queixo pontudo de Nir'zan com um dedo torto.

— Você, Nir'zan, terá um enorme privilégio. Cê descobriu o papel do cara nisso. Cê vai liderar seu destacamento ainda mais longe. Cê vai achar onde a Aliança tá formando as linhas de combate. Cê vai capturar prisioneiros sem se deixar revelar. De preferência, homens. Até worgens e elfos, se precisar. Dois anões e três gnomos. Quero uma dúzia em peso de homem pra vingar nossos mortos. Não deixe nenhum sobrevivente. Logo vão saber o motivo de ter gente deles desaparecida.

— Sim, minha senhora.

— Cê vai levar eles até os túmulos dos chefes de guerra. Vou pensar o que fazer com eles lá. — Ela se endireitou. — Agora vão, todos. Informem quando tiverem completado a missão com sucesso.

Ao saírem apressados de volta para as unidades, os doze capitães trolls levantaram poeira. Ela observou seus subordinados partirem segurando uma gargalhada de satisfação. Eles não iriam decepcioná-la — mas somente por que a missão confiada a eles não admitia falhas. O sucesso era necessário para deixá-los confiantes, o que eles precisariam mais adiante quando ela exigisse que fizessem o impossível.

Ela se virou, sentindo a sombra mogu cobri-la antes de vê-la escurecendo a areia.

— Bela manhã, Honrado Chae-nan.

— Você dá pouco valor aos seus mortos. Eu mataria uma centena de pandarens por cada um dos meus.

— Pensei nisso, mas temos poucas encruzilhadas e não temos muitas estacas. — Ela deu de ombros. — Além disso, podemos sempre matar mais, e eu o faria para agradar o mestre.

— Duvido que pandarens mortos lhe tragam qualquer prazer. Porém, homens mortos, é possível que sim. — O mogu sorriu de tal forma que deu para entender por que os carrascos costumam usar capuzes. — O homem que você procura, o pandaren e, acredito, o troll anterior... Esses dariam prazer ao meu mestre.

— Então vou fazer tudo o que puder para capturá-los. — Ela se curvou diante do mogu. — Eu mesma vou entregá-los, e o Rei Trovão poderá sugar as almas e beber as agonias de cada um.

20



Vol'jin se viu preso, não sabia se num pesadelo ou numa visão. O primeiro ele talvez pudesse dispensar por ser, simplesmente, o sinal de que sua mente digerira o que vira e ouvira. Mas a visão — ao que tudo indicava, uma oferta da Dançarina da Seda — precisava ser levada em conta. Ou seja, ele tinha que analisá-la.

Escondera seu rosto atrás de uma máscara rush'kah, o que lhe dava certo conforto. Assim, estaria a salvo mesmo se concluísse que estava de fato num corpo Zandalari. Não era como estar na pele de Tyrathan. Vol'jin se sentia um troll por completo, mais ainda do que no próprio corpo. Olhando ao redor, percebeu que estava numa era em que não existiam trolls Zandalari.

Voltara para um tempo mais remoto que qualquer outro em que jamais estivera.

Ele reconheceu Pandária. Contudo, sabia que se usasse esse nome, seu anfitrião não o reconheceria. Era o nome vulgar da região. Os mogus

guardavam com tanto zelo o verdadeiro que, mesmo diante de um honrado hóspede, não revelariam a informação.

Os pandarens, ainda que nenhum tão corpulento como Chen, corriam num leva-e-traz de coisas. Seu hospedeiro, um rasga-almas mogu de nível social equivalente, sugerira que escalassem uma montanha para examinarem melhor o terreno. Pararam perto do topo para almoçar.

Ainda que o corpo de Vol'jin estivesse milhares de anos no futuro, ele reconheceu aquele ponto de parada como o futuro lar do monastério. Sentado, mordiscava bolinhos de arroz atrás da máscara, no mesmo lugar onde seu corpo agora descansava. Quase se questionou se, de alguma forma, estava acessando memórias de vidas passadas.

Aquela ideia o entusiasmou, como também o revoltou.

O entusiasmo o tomou mesmo que resistisse — simplesmente por conta da cultura tróica em que fora criado. Apesar de os Zandalari menosprezarem outros trolls, e ainda que, em retaliação, povos como os Lançanegra debochassem da decadência Zandalari, ser desprezado por eles era como, para uma criança, ser rejeitado pelos pais. Criava um vazio que, por mais indignos que fossem os genitores, era facilmente substituído pela menor bondade. Então, descobrir-se um dia ter sido Zandalari, ou ao menos se sentir de certa forma confortável na pele de um, respondia a um desejo que tentava negar.

Reconhecer essa existência não me escraviza a ela. O que o revoltava ao mesmo tempo facilitava a extinção daquele desejo. Como não fora servido rápido o bastante, o anfitrião mogu chamou um servo. Um raio azul-escuro atingiu o pandaren curvado. A criatura cambaleou, derrubando o vinho do jarro dourado. O mestre mogu o acertou de novo, e de novo, e então ele se virou.

— Sou um péssimo anfitrião. Estou lhe negando esse prazer.

O coração de Vol'jin deu um salto diante do convite para torturar o pandaren. Não era uma questão de se provar superior ao servo. Não. O objetivo era se provar tão bom quanto o anfitrião na habilidade de infligir dor. Como arqueiros atirando ao alvo, tentando acertar o mais perto do centro. Só a disputa importa, não o alvo em si.

Ninguém lamenta pelo alvo.

Por misericórdia, antes de Vol'jin descobrir se conseguia brincar daquele jogo, a cena mudou. O anfitrião e o hóspede estavam no topo de uma pirâmide, entre o verde da selva conhecida como Selva do Espinhaço. A cidade que se espalhava diante deles cobria uma vasta planície de pedras, muitas trazidas de longe, dos mundos dominados pelos trolls. Tão antiga era a cidade que, na época de Vol'jin, nada mais restava — com a exceção de algumas das pedras saqueadas, agora reduzidas a cascalho para preencher as paredes cobertas de vinhas.

Do anfitrião, Vol'jin notava sutis sinais de desprezo. A pirâmide não era tão alta quanto a montanha — e eles acabaram não chegando ao topo —, mas os trolls não precisavam de montanhas para admirar seu reino. Quando se podia comunicar com os loa e ter visões, a necessidade pela altura física — mortal — desaparecia. Eles não tinham escravizado outras raças para servi-los, mas, apesar disso, qual espécie era digna de tocar num troll? Desenvolveram uma sociedade de castas, cada uma com papel e função definidos. Tudo determinado pelos céus.

Eram como deveriam ser, e os loa só lamentavam pelos mogus que não compreendiam o porquê de tal realidade.

Vol'jin tentou sentir qualquer pista de magia titã no anfitrião, mas não conseguiu. Talvez ainda não tivessem descoberto. Quem sabe só a tivessem usado para criar os sauroks nos últimos anos de vida do imperador. Ou ainda, talvez o Rei Trovão fosse louco o bastante para ordenar o seu uso, ou tivesse enlouquecido ao usá-la. No fim, isso não era importante.

O que importava era a rixa entre os Zandalari e os mogus. Ali estava a semente da ruína dos mogus. Os indícios de desprezo que Vol'jin sentiu logo levariam à indiferença política entre os dois povos. Confiavam que o outro não atacaria, por se sentirem seguros de que venceriam. Enquanto estavam de costas um para o outro, ignorando o adversário, não assistiram ao fracasso alheio.

E, curiosamente, ambas as sociedades falharam. Os escravos, de quem tanto os mogus gostavam e dependiam, se rebelaram e deram o golpe. As castas que antes mantinham os Zandalari no topo desenvolveram a própria

sociedade. Diminuídos, os Zandalari os deixaram partir, contentes — abandonando as crianças malcriadas. Porém essas só depois perceberam a loucura dessa rebelião juvenil e voltaram implorando...

Implorando pela aprovação Zandalari.

Vol'jin acordou com um rosnado na cela, surpreso por notar que sua máscara era, na verdade, um único fio da seda de uma aranha esticado sobre os olhos. O ar estava impregnado pela neve lá fora. Ele se sentou abraçando os joelhos por um momento, então puxou as roupas e saiu do quarto. Passou pelo pátio em que os monges se exercitavam — usando armaduras de seda ou couro — e seguiu para a montanha.

Nem os Zandalari nem os mogus sentiram a necessidade de alcançar o cume. No entanto, Vol'jin agora sentia necessidade de chegar às alturas que ambas as raças tinham sido preguiçosas demais para descobrir. Ele pensou que, considerando o modo de pensar dos pandarens, defenderiam a falta de vontade de chegar ao topo se convencendo de que tinham atingido o equilíbrio na vida.

O autoengano os amaldiçoava.

Já no final da trilha até a montanha, encontrou o homem esperando por ele.

— Você é extremamente calado, mesmo quando está perdido em pensamentos.

— Mas cê percebeu minha presença de qualquer forma.

— Passo muito tempo aqui, estou acostumado aos sons. Não ouvi você se aproximando. Somente a natureza ao redor reagindo ao fato de que, ela sim, escutou. — E então, sorriu. — Passou mal a noite?

— Só perto do fim. — Vol'jin se esticou. — E cê dormiu bem?

— Dormi incrivelmente bem. — Tyrathan se ergueu da pedra e seguiu em direção à estreita trilha. — Surpreendentemente, já que acatei o seu plano, que é basicamente uma missão suicida.

— Não seria a primeira pra ti.

— É verdade, e isso lança sérias dúvidas sobre a minha sanidade.

O troll avançava com passos largos, satisfeito por ver que Tyrathan não mancava mais, nem sentia nada além de uma fraca pontada no flanco.

— Seria uma prova da sua capacidade de sobrevivência.

— Não muito lisonjeira. — O homem se voltou para o troll com os olhos semicerrados. — Você viu como sobrevivi no Coração da Serpente. Eu corri.

— Rastejou. — Vol'jin ergueu as mãos abertas. — Fez o que precisava para sobreviver.

— Fui covarde.

— Se é covardia evitar morrer junto com os homens, então todo general deve ser covarde. — O troll balançou a cabeça. — Mas, além disso, cê num é aquele homem. Ele não tinha barba. Ele pintava o cabelo. Ele nunca fugiria enquanto a vida de outros dependesse dele.

— Mas eu fugi, Vol'jin. — Tyrathan riu, mas não revelou a piada. — Quanto à barba, e a deixar o cabelo crescer na cor natural, percebi que, depois do meu encontro com a morte, já não quero mais me enganar. Me entendo muito melhor agora. Quem e o que sou. Eu não tenho medo e não vou fugir.

— Se temesse isso, não deixaria cê vir.

— E por que está deixando Chen?

De repente, Vol'jin se viu tomado de raiva.

— Chen não vai fugir.

— Eu sei. Mas não quis dizer isso — o homem suspirou. — Acho que ele não deveria vir justamente por que ele não vai correr. Poucos monges têm família fora daqui. Eu estou sozinho. Você, não sei...

Vol'jin balançou a cabeça.

— Ela vai entender.

— Chen tem uma sobrinha e Yalia. E, sinceramente, acho que carrega um coração muito grande para testemunhar o que faremos.

— O que foi que aconteceu lá?

Enquanto subiam a montanha, Tyrathan descreveu precisamente, com detalhes, o que ocorrera. Vol'jin entendeu tudo. Ele escolheria matar o silencioso primeiro, pois esse não retirara a armadura. E a conversa indicara que o líder não era um guerreiro.

Vol'jin tomara as mesmas decisões, pelos mesmos motivos. Achar uma forma de prender os trolls fora essencial. Não só para tirá-los da briga: a dor e o medo os inutilizariam.

Ainda assim, por mais que compreendesse Tyrathan, também entendia por que Chen ficara tão estranhamente taciturno. Muitos que iam para a guerra se recusavam a encarar seu trabalho. Heroicas fábulas de coragem representavam as batalhas. Essas histórias desviavam dos trechos horrendos em prol dos momentos de coragem e força contra as mais terríveis adversidades. Milhares de músicas cantavam o guerreiro que vencera milhares de inimigos odiosos, porém nem uma mencionava o caído, nem mesmo uma nota memorial.

Chen era um daqueles que sempre pôde mitificar batalhas, primeiro porque costumava estar longe delas. Não que nunca corresse perigo. Corria, e com frequência, mas se saía bem. Por outro lado, qualquer guerreiro que se permitisse refletir sobre o risco que corria ou enlouquecia ou se atirava diante do inimigo para dar cabo da loucura.

Até agora Chen sempre lutara pelos amigos, dando apoio nas batalhas. Aqui, no entanto, lutava por um lugar que podia chamar de lar. Fora, era só um pandaren. Nenhum dos mortos parecia com ele. Ou com sua sobrinha ou seu amigo.

Quando chegaram ao topo, Vol'jin se agachou.

— Tô entendendo teu questionamento sobre Chen. Ninguém duvida da coragem dele. Nem estamos a fim de machucar ele. Mas é por isso que ele precisa vir com a gente. Para ele, vai ser pior saber que não agiu, em caso de vitória ou fracasso, do que nos ver matando milhares de maneiras cruéis que os deixam gritando até o último suspiro. Ele é pandaren. Pandária é o futuro dele. Também é a luta dele. Não podemos protegê-lo disso. Então é melhor ter Chen com a gente, pronto para nos salvar.

O homem refletiu por um momento, então concordou.

— Chen me contou histórias suas, do seu passado. Disse que você era sábio. Você imaginava, naquela época, que o mundo ia virar de ponta-cabeça e um dia você estaria lutando pela terra dele como Chen fez pela sua?

— Não. — O troll observou Pandária, analisando as montanhas que espetavam as nuvens e as manchas verdes que apareciam entre elas. — Vale a pena lutar por esse lugar... Vale até a pena morrer.

— Uma batalha para que impeçamos de fazerem aqui o que fizeram com os nossos lares?

— Sim.

Tyrathan coçou o cavanhaque.

— Como foi que um líder da Horda e um soldado da Aliança se uniram para brigar por um povo que não se aliou a nenhum de nós?

— Cê tá falando das pessoas que eles eram. — Vol'jin deu de ombros. — Meu corpo sobreviveu à tentativa de assassinato. Mas o Vol'jin de antes morreu naquela caverna. Aquele que quiseram matar tá morto.

— Você não está mais perto do que eu de entender quem é agora.

— Eu não sou um caranguejo de caveira — afirmou o troll. Vendo nos olhos de Tyrathan que ele não o compreendera. — É uma alegoria que Taran Zhu me contou.

— Ele usou comigo a Sala das Mil Portas. Em algumas, eu conseguia me enfiar. Mas só numa eu entraria perfeitamente, e essa desapareceu depois que a atravessei.

— Você escolheu a sua porta?

— Não, mas acho que estou perto de escolher. Minhas opções estão diminuindo. — O homem sorriu. — Mas você sabe, claro, que quando atravessá-la, vou me encontrar em outra Sala das Mil Portas.

— E eu vou continuar crescendo para extrapolar a concha em que me criei. — Vol'jin levou a mão pela imensidão de Pandária e dos vales arborizados. — Cê prometeu pra ti mesmo voltar para admirar os vales da tua terra natal antes de morrer... Esses aqui seriam um substituto à altura?

— Vou mentir para você e dizer não. — E o homem sorriu. — Se eu dissesse que sim, então meu juramento me permitiria morrer.

— Como prometi, eu vou pegar quem te pegar.

— Espero que estejamos muito longe disso. Quando eu estiver muito velho para lembrar o porquê, mas ainda jovem o bastante para me sentir grato.

O troll o encarou e depois virou o rosto.

— Porque nossas raças se odeiam tanto e nós conseguimos ser sensatos, um diante do outro?

— Porque é mais fácil encontrar as diferenças sobre as quais se pode basear o ódio do que descobrir o que há de comum, que pode servir à união.

— Tyrathan deu uma breve gargalhada. — Se eu retornar à Aliança e contar as histórias de tudo o que fizemos...

— Vão dizer que cê é louco?

— Seria condenado por traição e executado.

— Mais um ponto em comum entre nós. A execução é mais limpa que o assassinato.

— E, ainda assim, é baseada no conforto de encontrar diferenças. — O homem balançou a cabeça. — Você entende que se fizermos isso... Quando fizermos isso... Ainda que o mundo todo veja e compreenda, nunca vão escrever canções ou espalhar as histórias do que conquistamos.

Vol'jin concordou.

— Mas estamos fazendo isso para ter músicas com os nossos nomes?

— Não. Elas não vão passar pela minha porta.

— Então, meu amigo, deixe que as músicas de lamentação dos Zandalari sejam as únicas cantadas. — Ele se levantou e observou a montanha mais uma vez. — Deixe que cantem por milhares de gerações como uma serenata à nossa eternidade.

21



Os monges Shado-pan se preparavam com louvável concentração para a guerra. Faltava em suas ações, porém, aquele típico humor negro que Vol'jin vira em ocasiões semelhantes noutros povos. Quatro monges, sendo dois sobreviventes do pelotão azul e dois do vermelho, foram escolhidos para se unir ao grupo de Vol'jin, Tyrathan e Chen. Em público, disseram que tinham feito um sorteio. Mas Vol'jin suspeitava que, na verdade, o sorteio fora só uma forma de não abalar a autoestima daqueles que não conseguiriam lidar com a missão.

Não seria simples invadir o Vale das Flores Eternas. Cravado no meio das montanhas, escondido pelas sombras, era uma fortaleza que se mantivera inexplorada por milhares de anos. Se ele tinha algum consolo nessa missão era que os Zandalari, com uma força muito maior, passariam por maiores dificuldades nesse caminho.

Tô torcendo.

Cada um dos sete se preparava de uma forma. Tyrathan procurou no arsenal do monastério as melhores flechas. Quebrou e emplumou-as ele

mesmo. Pintou as hastes de um vermelho vivo e as rêmiges, de azul — em homenagem aos monges azuis e vermelhos, disse. Quando lhe perguntaram o motivo de ter escurecido as pontas com fuligem, ele explicou que era homenagem aos corações negros dos Zandalari.

Chen cuidava das provisões para a expedição. Os monges, inexperientes em relação ao tipo de guerra que enfrentariam contra os Zandalari, poderiam considerar aquela tarefa frívola. Mas Vol'jin compreendia as intenções do amigo. Não fazia aquilo só porque seria crucial no sucesso da missão ter a quantidade certa de comida, líquidos e ataduras. Mas porque também era assim que Chen cuidava dos outros. Independente do que vira na guerra, ou o que o horror poderia levá-lo a fazer, Chen seria fiel à sua natureza. E Vol'jin era grato a isso.

Taran Zhu se aproximou da ameia onde o troll estava sentado, passando a ponta curvada de um de seus gládios por uma pedra de amolar.

— Você não vai conseguir afiá-la mais do que isso. Assim, já consegue partir o dia da noite.

Vol'jin ergueu a lâmina e observou os raios de sol refletindo nela.

— Afiar o guerreiro que leva essa lâmina exige mais tempo do que temos.

— Acredito que ele, também, está afiado o bastante. — O monge olhou em frente, encarando as montanhas do vale, que encarceravam um lago de nuvens ao sul. — Quando o último imperador mogu caiu, os monges lideraram a rebelião. Duvido que eles então reconheceriam os Shado-pan como herdeiros, e nós talvez não admitíssemos que eles eram uma fonte de inspiração. Reverenciamos muito as lendas deles, e eles esperariam muito mais de nós.

O monge franziu a testa.

— Na rebelião, não só os pandarens lutavam com eles. Os jinyu, os hozens e até os grômulos se juntaram. Pode ser também, ainda que os Andarilhos das Lendas nunca tenham mencionado isso, que até homens e trolls tenham lutado com os pandarens.

O troll sorriu.

— Pouco provável. Os homens eram brutos, naquela época. E os Zandalari ainda viam os mogus como aliados.

— Mas sempre há exceções dentro de cada povo.

— Cê tá falando dos loucos e renegados.

— A questão é que nossa luta por liberdade é uma que você entenderia no passado, e entende hoje. — Taran Zhu balançou a cabeça. — Os anos anteriores à guerra, quando éramos escravos, e as sangrentas batalhas posteriores deixaram feridas profundas na alma. Feridas que, talvez, só possam supurar. Nunca cicatrizar.

Vol'jin virou a espada e raspou a pedra novamente na ponta curva.

— Feridas com pus devem ser abertas e drenadas.

— Nossa vontade de esquecer esse pesadelo nos levou a esquecer também essa sabedoria. Não de como fazer, mas o motivo de ser tão importante. — O monge ancião assentiu. — Sua presença e conduta aqui contribuíram muito para que eu entendesse isso.

Vol'jin sentiu um calafrio.

— Fico contente, mas também triste. Já vi guerras o suficiente para não gostar. Não sou como certas pessoas que vivem por isso.

— Como o homem?

— Nem ele. Tyrathan pode ser bom nisso. Mas se fosse um cara que vive de guerra, já teria ido embora daqui há muito tempo. O que nós temos em comum é a disposição de carregar responsabilidades diante das quais os outros se acovardam. Posso dizer o mesmo sobre os Shado-pan. E agora cê tá entendendo a importância disso.

— Sim — concordou o pandaren. — Conforme discutimos, mandei mensageiros até os jinyu e os hozens. Espero que eles nos apoiem.

— Os grômulos parecem dispostos a apoiar. — Um pequeno aglomerado das criaturas baixinhas, de braços longos, se reunira ao redor de Chen, que entregava um saco para cada um levar. Carregariam os equipamentos até o vale, então retornariam ao monastério com a mensagem de que o grupo chegara lá. Dados o vigor e a força dos grômulos, certamente poupariam a energia do pelotão para o segundo tempo da expedição, no interior do vale.

— Eles são prestativos e mais sábios do que parecem. — O monge sorriu. — Nós, digo, os povos de Pandária, nunca conseguiremos recompensar você à altura de tudo o que fez. Já mandei meus mestres escultores para a montanha, para marcar os ossos dela na sua semelhança. Se você morrer...

Vol'jin concordou. Para ele, a queda de uma estatueta era apenas um pedaço de informação militar, mas, claramente, para os Shado-pan, tratava-se de algo bem diverso.

— Seria uma grande honra para mim.

— E ainda assim não faria justiça a tudo o que você está fazendo por nós. Os monges lideraram a rebelião, e agora escreverão um novo final para ela.

O troll ergueu as sobrancelhas.

— Mas cê sabe que só estamos ganhando tempo. Podemos retardá-los. Podemos fazê-los recuar. Mas sete, ou quarenta e sete, não vão ser o bastante para parar os Zandalari ou mogus.

— Tempo é tudo o que precisamos. — Taran Zhu sorriu, e se justificou. — Quase ninguém se lembra de quando éramos escravos. Mas ninguém deseja ser escravizado. O ressurgimento dos mogus traz de volta os motivos pelos quais os derrubamos. Só precisamos de tempo para organizar. Tempo para lembrar o povo do passado, e ensiná-los o valor do futuro.

Quando partiram na manhã seguinte para o Vale das Flores Eternas, Vol'jin olhou para trás mirando o Pico da Serenidade. Ali treinaram os primeiros monges — em segredo, com a privacidade garantida, pois sabiam que os mogus eram muito preguiçosos para subir até o topo. A memória do período passado com um camarada mogu, mais abaixo, irrompeu junto com a lembrança da caminhada até o topo com o homem. Outro aliado, um companheiro, mas em circunstâncias tão diferentes.

E tão adequadas, ainda que estranhas.

Vol'jin observou o grupo e não pôde conter um sorriso. Para cada um deles, havia dois grômulos levando armas, rações e outros suprimentos.

Cinco pandarens, um homem e um troll. Se Garrosh visse isso, se soubesse como Vol'jin se dava bem com todos eles, teria ainda mais motivos para acusá-lo de traição.

De forma alguma essa companhia substituía o valor da Horda na mente e no coração dele. Era uma questão de necessidade, e, nessa perspectiva, lembrava a Horda. Uma companhia diversa, unida para preservar a liberdade. Era essa unidade de objetivos que definia a Horda que ele conheceu e amou, a Horda em que lutou sob o comando de Thrall.

Os objetivos da Horda de Garrosh eram definidos por ele. Pelo afã por conquistas e poder. Um dia, os desejos de Garrosh quebrariam a Horda — e talvez, de forma irreversível. Para Vol'jin, isso seria uma tragédia tão grande quanto a retomada de Pandária pela aliança dos Zandalari e mogus.

Seguiram para o sul e, depois de vários dias, alcançaram os morros acima do Vale das Flores Eternas. As nuvens pareciam bater e espumar como ondas no mar alertando para a chegada da tempestade. Se os grômulos sentiram qualquer sinal de agouro, nada disseram. Armaram o acampamento como antes e se segregaram.

Ainda que tivesse mais o que fazer, Vol'jin se esforçou para memorizar o nome de cada pandaren, assim como Chen. Tyrathan adotara uma estratégia mais sábia, chamando a todos de irmão, irmã ou meu amigo, mantendo uma distância entre eles. Não saber os nomes, as esperanças e os sonhos tornaria as coisas mais fáceis se... *Se a estátua deles cair dos ossos da montanha.*

Vol'jin não queria que fosse fácil. Nunca quisera, mas, no passado, lutava com e para a sua tribo. Em teoria, aqui seria mais fácil se distanciar, uma vez que não era seu povo, seu lar ou sua tribo. *Mas se vale a pena lutar, então que esse seja meu povo, meu lar e minha tribo.*

Imaginou que os mogus talvez pensassem exatamente a mesma coisa, apesar de enraizados no passado. Essa era a terra deles. Esse era o povo deles. Mesmo depois de séculos e dezenas de séculos — depois de terem sido completamente esquecidos —, ardiam com o desejo de fazer valer seus direitos. Uma coisa era os trolls desejarem retornar ao passado porque eles, ao menos, tinham conhecido o futuro. Os mogus pouco fizeram para

organizar ou restabelecer seu domínio. Mantiveram-se excluídos do futuro por estarem ainda tão presos ao passado que perderam.

Apesar de acampar dentro de uma caverna, voltados para o sudoeste, não acenderam a fogueira. Jantaram bolinhos de arroz, frutas secas e peixe defumado. Chen enchera um cantil de chá, que tornava tudo mais palatável.

Tyrathan esvaziou sua pequena caneca e a estendeu para repetir.

— Sempre imaginei qual seria minha última refeição.

Chen sorriu com uma alegria verdadeira.

— Essa é uma questão sobre a qual você refletirá por um bocado de tempo ainda, Tyrathan.

— Talvez. Mas não consigo imaginar uma melhor do que esta.

O troll ergueu o copo.

— Não é a comida, é a companhia.

Depois de pegar o primeiro turno de vigília após a ceia, Vol'jin dormiu profundamente até pouco antes do raiar do dia. Não teve pesadelos ou visões — ao menos, nenhum que lembrasse. Por um segundo, pensou que o loa o tivesse abandonado novamente. Decidiu, pelo contrário, que Bwonsamdi afastara os outros para que Vol'jin descansasse o suficiente a fim de trazer mais trolls ao seu caminho.

Os sete se despediram dos carregadores grômulos. Tyrathan deu a cada um deles uma flecha de recordação. Quando Vol'jin o encarou, ele deu de ombros.

— Vou substituí-las por Zandalaris. Ora, você sabe que meu suprimento de flechas acabaria de qualquer forma antes que os Zandalari ficassem sem munição.

Para não ser superado, e se sentindo tão grato quanto Tyrathan, Vol'jin raspou as laterais do cabelo. Presenteou cada grômulo com uma mecha ruiva. Para os baixotes, era como se tivessem recebido uma porção de joias. Depois, sumiram no meio dos picos, de volta para casa.

Os sete começaram a descida, sem dificuldades, pela montanha. O Irmão Shan liderava a expedição, encontrando pontos de apoio em áreas

íngremes e lisas e apoiando as cordas enquanto os outros o seguiam. Ele lembrou uma história que dizia que os monges tinham, na época da rebelião, feito rapel nessas montanhas para surpreender os mogus no vale. Vol'jin se sentiu confortado com essa lenda e esperou que eles também encontrassem o sucesso.

Já pela metade do dia chegaram a um ponto abaixo das nuvens. O sol não afastara a neblina, mas as nuvens ostentavam um brilho dourado sutil, consequência do reflexo tanto do solo quanto dos raios solares. Vol'jin acorrou-se na beirada de uma clareira na face sul da montanha e observou o vale.

Se fosse obrigado a escolher uma cor para definir Pandária, seria verde. Do matiz suave dos brotos gramíneos ao intenso esmeralda das florestas, inúmeras eram as variações da mesma cor. O continente era todo verde. Porém aqui, no Vale das Flores Eternas, o verde dava lugar ao dourado e vermelho. Não eram as cores do outono — ainda que em alguns pontos se aproximassem disso —, mas os tons vivos das plantas no auge do florescimento. Era seu momento de maior glória: viviam eternamente na primavera, num mundo onde o tempo não existia. A luz difusa criava sombras suaves, e o pouco que se movia lá embaixo o fazia lânguido como nos sonhos.

O vale emanava aquela sensação de acordar lentamente, espreguiçando-se sem pressa.

Da altura em que estavam, podiam ver alguns prédios, mas não tinham ideia de quem vivia ali ou os mantinha. Sua ocupação antiga era incontestável, mas a natureza não invadira aquele espaço. A atemporalidade do vale preservara os prédios. Vol'jin se perguntou se aquela característica também os manteria vivos.

Ou vamos ficar morrendo para sempre?

A Irmã Quan-li, uma pandarena de pelos castanho-avermelhados e brancos, apontou para o sudeste.

— Os invasores devem se aproximar daquela direção. O palácio mogu fica ali, e Lorde Taran Zhu disse que os chefes de guerra do imperador foram enterrados logo ao sul da nossa atual posição.

Tyrathan concordou.

— Pelo diário do xamã, procuravam uma passagem ao leste do vale. Não vejo sinais de que eles já conseguiram.

O troll deu uma gargalhada.

— Mas o que cê esperava, meu camarada? Ver uma mancha negra inundando a paisagem? Fumaça saindo de vilas saqueadas e destruídas?

— Não. Mas deveria ter, ao menos, alguns acampamentos improvisados. Acho que podemos esperar até a noite para ver se as fogueiras denunciam os inimigos.

— Ou descer e vasculhar mais de perto para o caso de eles, também, estarem em acampamentos sem fogueira — sugeriu Vol'jin. — Prefiro a segunda opção.

— É mais fácil atirar durante o dia. Não é impossível à noite, só é mais fácil.

— Ótimo. Vamos sair naquele pequeno platô acima da estrada. Continuamos nas alturas.

Tyrathan apontou com a extremidade do arco.

— Se conseguirmos seguir ao sul e então contornar para o leste, estaríamos atrás da linha de marcha deles. Não vão nos procurar em áreas por onde já passaram. Além disso, as pessoas que são cruciais para ressuscitar os mogus provavelmente não estarão na linha de frente, mas sim mais atrás, fora do perigo iminente.

— Sim. Identificamos e matamos.

Chen observou o vale, com os olhos semicerrados.

— E então damos o fora.

O troll e o homem trocaram olhares, então Vol'jin concordou.

— Bem provável na direção sul e oeste. Vamos voltar pelo mesmo caminho que chegamos.

— Pelo menos já conhecemos o caminho e sabemos onde montar armadilhas. — O homem abaixou o arco. — Considerando que somos sete coitados contra a elite de dois impérios, esse até que não é o pior plano que poderíamos armar.

— Concordo. — O troll colocou a mochila nas costas. — Me incomoda que eu não tô conseguindo pensar num plano melhor.

— Mas essa não é a intenção, não é, Vol'jin? — Chen agarrou sua mochila também. — Nós estamos aqui para incomodá-los, e acho que essa estratégia fará justamente isso.



Apesar de caminhar por um vale dourado por onde poucos forasteiros tinham passado em séculos, Vol'jin não temia. Sabia que deveria temer, e conscientemente tomou toda precaução possível para evitar ser descoberto. Mesmo assim, não sentia frio na barriga. Não sentia arrepios na base da nuca. Parecia estar usando a máscara rush'kah, que o isolava do medo.

Mas não era só isso. Não tinha pesadelos nas noites no Vale das Flores Eternas — nem precisava. Caminhar por ali era como passear por uma miragem. Algo sobre a realidade daquele lugar o contaminara. Uma arrogância, em parte, ressoando com a herança troll. Ele tocava num resquício da magia mogu: sentia-se acolhido pelo fantasma do império.

Naquele lugar, onde grandes raças detiveram enorme poder, não podia conhecer o medo. Lá, nos longínquos degraus do Palácio Mogu'shan — onde seus inimigos provavelmente dormiam —, orgulhosos patriarcas mogus mostraram aos filhos o oeste do vale, fazendo um gesto com o braço que englobava todo o lugar. Aquela terra pertencia a eles, e toda terra que a tocava, para fazer dela o que quisessem. Ali, criariam tudo como quisessem,

reconstruiriam tudo como mandava o coração. Nada poderia machucá-los, pois tudo ali os temia.

Era essa última ideia que salvava Vol'jin. Ele sabia o que era ser temido. E gostava de saber que os inimigos o temiam... Mas esse sentimento surgia dos atos cometidos no passado. Vol'jin conquistara aquilo a cada golpe de espada, a cada feitiço, a cada vitória. Não herdara o respeito, nem via como um direito de nascença.

Era algo que ele compreendia, e isso o separava dos jovens príncipes mogus que só contemplavam seus domínios. Como entendia aquilo, ele sabia usar. Sentia emanando e fluindo. Eles não, mantinham-se acima de tudo, vendo e ouvindo somente o que queriam. E nunca sentiam a urgência de escalar novas alturas para ver a realidade do mundo.

Quando armaram o acampamento naquela noite, já estavam no meio do vale. Tyrathan o encarou.

— Você está sentindo, não?

Vol'jin assentiu.

Chen ergueu os olhos da caneca de chá.

— Sentindo o quê?

O homem sorriu.

— Isso já responde a minha pergunta.

O pandaren balançou a cabeça.

— Que pergunta? O que você sente?

Tyrathan franziu a testa.

— Uma sensação de que esse lugar é meu, que eu me encaixo aqui. Por que a terra está encharcada de sangue, e eu estou impregnado de morte. É o que você sente, não, Vol'jin?

— Mais ou menos.

Chen sorriu, servindo-se de mais chá.

— Ah, isso.

O homem fez uma careta.

— Então você também sente?

— Não, mas eu sei que vocês, sim. — O mestre cervejeiro olhou para os dois, então deu de ombros. — Já vi essa expressão no rosto de vocês. Mais

em você, Vol'jin, do que em Tyrathan, mas não lutei ao lado dele tanto quanto lutei ao seu. Em cada batalha, no momento em que estão no ápice, vocês fazem essa expressão. É dura. Implacável. Quando vejo, sei que vão vencer. É a expressão de que vocês são os melhores guerreiros no campo naquele dia. Quem for tolo de desafiar vocês morre.

O troll se empertigou.

— Tô usando essa expressão agora?

— Bem, não. Talvez um pouco, ao redor dos olhos. Os dois. Quando vocês acham que ninguém está olhando. Ou quando não percebem que estão olhando. Esse olhar diz que essa terra é de vocês, conquistada honestamente, e vocês não vão renunciar a ela. — Chen deu de ombros. — Considerando a nossa missão, isso é bom.

O homem esticou a caneca até o pandaren e assentiu.

— Então o que você sente aqui?

Chen guardou o cantil e coçou o queixo.

— Sinto a paz que esse lugar promete. Creio que vocês dois sentem um pouco do legado mogu. Mas, pra mim, a paz, a promessa, é o que quero num lar. Me diz que devo parar de vagar por aí. Porém, não exige isso. É um acolhimento que nunca será negado.

Ele olhou para ambos — e pela primeira vez na memória de Vol'jin —, os grandes olhos dourados do pandaren estavam cheios de tristeza.

— Queria que pudessem sentir o mesmo.

Vol'jin sorriu para o amigo.

— Se cê sente, pra mim tá bom, Chen. Tenho um lar porque cê me ajudou a conquistá-lo. Garantiu uma casa pra mim. Como não ficar feliz por ti?

Sem precisar insistir, Vol'jin conseguiu que Chen e os monges compartilhassem sua compreensão de lar, o que eles fizeram com alegria. Vol'jin os ouviu com prazer. Mas depois do pôr do sol uma onda obscura e fria surgiu ao leste. Os monges se calaram e Tyrathan, que estava de guarda no topo de uma colina abaixo do acampamento, apontou.

— Estão aqui.

Vol'jin e os outros se amontoaram ao lado dele. Lá ao leste, o Palácio Mogu'shan se iluminara. Luzes prateadas e azuis coloriam a fachada, revelando a estrutura com jatos luminosos, retorcidos feito gavinhas que brilhavam nas laterais. A ostentação da magia impressionou Vol'jin, porém, não pelo poder ali contido, mas sim pela forma casual em que estava sendo exibida.

Chen se arrepiou.

— As boas-vindas estão acabando.

— Estão sendo sufocadas. — Vol'jin sacudiu a cabeça. — Ainda mais, enterrada. Ninguém mais é bem-vindo aqui.

Tyrathan encarou Vol'jin.

— Não estão ao alcance de uma flechada, mas podemos chegar até lá antes da madrugada. Antes que os mais afoitos acordem, ao menos.

— Não. Isso é uma isca pra gente. Eles querem que a gente morda.

O homem ergueu a sobrancelha.

— Eles sabiam que viríamos?

— Devem supor que sim. Assim como a gente deve supor que eles sabem que a gente reagiria depois de roubar o diário. — Vol'jin apontou ao sul da cadeia montanhosa. — Os patrulheiros da Horda e da Aliança devem estar nos cumes. Vão ver isso e reagir. É só uma questão de discutir a estratégia e começar a se mover.

— A não ser que alguém tome a iniciativa. — Tyrathan deu uma risada. — Há meses, eu seria essa pessoa. Quem será que vai dar uma de herói?

— Isso não importa pra nossa missão... Desde que não mexam com a gente.

— De acordo. — O homem coçou a barba. — Mantemos o plano de seguir adiante e virar a leste?

— Até que alguém nos impeça, sim.

Vol'jin passara mais uma noite sem sonhos, porém não conseguira descansar completamente. Considerou pedir ajuda aos loa. Mas eles, como todos os deuses, podiam ser caprichosos. Caso estivessem entediados ou irritados, talvez deixassem escapar alguma informação sobre a presença do

grupo de Vol'jin aos inimigos. Como dissera a Tyrathan, precisavam supor que os inimigos os esperavam. O fato de os Zandalari não saberem exatamente onde estavam já era uma vantagem. E, considerando aquela missão, qualquer vantagem deveria ser celebrada.

Na manhã seguinte, Vol'jin mal conseguia discernir se o dia clareara ou não. As nuvens engrossaram. Exceto por um brilho anêmico, aquela região de Pandária era iluminada por esparsos raios que se debilitavam ao rasgar a neblina. A luz não tocava o solo, como se temesse reprimendas do Palácio Mogu'shan.

Os sete diminuíram o passo por necessidade. A iluminação fraca induzia a mais tropeções e deslizos. Bastavam pedregulhos agarrarem nas solas, ressoando como um trovão no vazio, para que todos congelassem, apurando os ouvidos para identificar reações. A escolta precisou reduzir a distância do grupo, pois a escuridão tornara mais difícil enxergar — e, no fim, isso exigia ainda mais paradas.

Noite após noite, o show de luzes se repetia no Palácio Mogu'shan. Com isso, intensificavam-se os sentimentos a respeito do vale. Este era o lugar de direito de Vol'jin, e aqueles no palácio lançavam um desafio a ele. O palácio era como uma lâmpada para a mariposa, mas nenhum dos sete se permitiria cair naquela armadilha.

O que incomodava Vol'jin era a ausência de qualquer sinal de patrulhas Zandalari. Se estivesse no comando, teria enviado pelotões pequenos adiante, mesmo até a muralha ocidental, entre o vale e o lar das criaturas conhecidas como mantídeos. As lendas sobre os mantídeos calavam crianças malcriadas — e Vol'jin se referia a crianças trolls, não a filhotes de pandaren. Não assegurar as fronteiras seria de uma negligência gritante, ainda mais quando os inimigos sabiam ter oposição.

Passaram-se dois dias até verem uma pista dos Zandalari. À frente, o Irmão Shan parou num intervalo entre duas colinas mais altas, no início da tarde. Tinham alcançado o extremo sul da cadeia montanhosa e agora seguiam a leste, atravessando o pé das montanhas. O monge fez sinal. Vol'jin e Tyrathan correram enquanto Shan recuou para o ponto onde os outros aguardavam.

A cena lá embaixo esfriou o sangue de Vol'jin. Uma companhia de dezoito guerreiros Zandalari criara um posto de patrulha. Derrubaram várias árvores de folhagem dourada e arrancaram as copas. Afiaram os troncos nos dois lados, então os enterraram no solo circulando o perímetro. As estacas apontavam para fora em todas as direções, exceto por uma área estreita à esquerda, acobertada por mais pontas afiadas. Assim, obrigavam os inimigos a fazer uma curva fechada antes de entrar no acampamento.

As narinas do troll se dilataram, mas ele se segurou para não bufar de raiva. Reduzir as belas árvores a uma cruel fortaleza parecia a Vol'jin uma blasfêmia por si só. *Um crime menor, mas vão pagar por isso.*

Dois troncos de árvores tinham sido enfiados no chão no centro do acampamento, a leste de uma grande fogueira. Com seis metros de altura, ficavam a três metros de distância um do outro. Cordas tinham sido presas ao topo de cada tronco e aos pulsos de um guerreiro. Ele vestia um tabardo azul, rasgado até a cintura e usado por cima do cinto. Sua pele fora cortada em vários lugares, superficialmente — o suficiente para machucar e para fazer sangue verter.

Vol'jin estava certo de que nunca antes vira aquele homem, ainda que parecesse familiar. Outros quatro homens também usavam tabardos esfarrapados que, pelo palpite do troll, eram iguais aos da vítima torturada. Estavam amarrados juntos e se encolhiam sob o olhar Zandalari.

Dois trolls guardavam a lacuna entre as estacas; outra dupla guardava os prisioneiros. O resto, inclusive um oficial júnior segurando uma espada humana, se aglomerava diante do homem suspenso. O oficial disse algo que fez o Zandalari rir, então este feriu novamente o homem.

Vol'jin vira o suficiente e estava pronto para partir. Então notou o olhar no rosto do amigo.

— Não podemos intervir. Cê sabe disso.

O homem engoliu com dificuldade.

— Não posso deixá-lo ser torturado.

— Cê não tem outra escolha.

— Não, você não tem escolha.

O troll concordou e alcançou uma flecha.

— Tudo bem. Mato ele então.

O queixo de Tyrathan caiu. Então ele fechou a boca e balançou a cabeça. Recusava-se a encarar Vol'jin.

— Não posso deixá-lo morrer.

— Esse resgate é suicídio.

— Dá pra fazer.

— Quem são esses que merecem que a gente coloque nossas vidas e missões em risco?

O homem deixou cair os ombros.

— Não dá tempo de explicar. Não de uma forma que faça sentido.

— Pra mim ou pra você?

— Por favor, Vol'jin, é meu dever. — O caçador fechou os olhos numa expressão de profunda tristeza. — Mas... você está certo sobre a missão. Leve todo mundo embora. Acho que consigo fazer isso sozinho. Precisamos nos aproximar do nosso objetivo, e isso será uma distração. Por favor, meu amigo.

Vol'jin ouviu o tom angustiado na voz de Tyrathan, então reconsiderou a situação. Concordou.

— Vai sorrateiro, chega o mais perto que puder. Vou pegar o líder. Eles vão cair na armadilha e vir pra cima de mim. Nisso, os prisioneiros vão ficar sem guarda. Siga para as montanhas.

Tyrathan apoiou a mão no ombro de Vol'jin.

— Esse plano, meu amigo, é ainda mais idiota do que a nossa presença aqui. Só tem um jeito de isso funcionar. Eu dou um jeito de chegar até aquelas pedras. Você e os pandarens descem até a clareira e se posicionam perto da abertura nas estacas. Quando as flechas começarem a chover, é sinal para atacar e matar todos os Zandalari.

Vol'jin analisou os dois pontos destacados pelo homem, e concordou.

— Deixa que eu atiro. Seu povo vai te seguir. Não vão seguir um troll.

— O homem suspenso ali está nessa situação porque acreditam que estou morto. É melhor que continuem acreditando nisso. Grite para que eles fujam. Diga para a Irmã Quan-li guiá-los e se unir à Aliança. — Tyrathan soltou um suspiro. — Será melhor assim.

O troll mediu as distâncias com os olhos e assentiu. Independente das complicadas relações humanas, Vol'jin sabia que seria melhor na luta mano a mano contra os Zandalari. Além de tudo, queria fazer isso. A forma como tinham ferido o vale indicava que mereciam morrer. Queria que vissem nos olhos dele a alegria por assistir àquelas mortes.

— De acordo.

O homem apertou os ombros do troll.

— E eu sei que você poderia acertá-los.

— Cê sabe que eu seria ainda melhor.

— Isso, também. — O caçador sorriu. — Quando você estiver na posição, verá o meu sinal.

Tyrathan seguiu para a posição determinada por ele enquanto Vol'jin retornou aos pandarens. Rapidamente, colocou-os a par da situação. Ficou surpreso por nenhum deles ter protestado contra aquela loucura. Então lembrou que Chen sempre fora um amigo leal — e a lealdade era um valor muitíssimo prezado pelos pandarens. Havia uma diferença entre a complacência esclarecida para ajudar um amigo e a aderência cega ao dever: só a primeira delas poderia tornar o impossível possível. Além disso, os monges viam o resgate como uma aposta para restaurar o equilíbrio do mundo — o que então tornava a ação ainda mais imperativa para eles do que para Tyrathan.

O grupo do resgate rapidamente alcançou a posição combinada, esgueirando-se até o bosque, parando a menos de vinte metros da lacuna. A falha na segurança era razão suficiente, na cabeça de Vol'jin, para o oficial Zandalari morrer. Vol'jin trouxe o gládio à palma da mão e sorriu lentamente.

Dez centímetros.

O sinal de Tyrathan veio na forma de uma única flecha fincada na boca aberta do oficial. O troll acabara de virar o rosto para encarar a vítima novamente, então o sangue jorrou nos dois guerreiros agachados atrás dele. Antes que pudesse se recuperar, uma flecha atravessou-o pelo peito. Ele perdeu o equilíbrio e, ao cair, atingiu outro troll com a ponta ensanguentada.

Este tombou para trás, gemendo, olhando para a flecha azul e vermelha cravada em seu peito.

Os guardas na abertura do posto se voltaram para a comoção ao redor da fogueira. O erro estratégico destruiu a visão noturna deles — não que fizesse tanta diferença, pois Vol'jin se aproximou tão lento quanto a morte, e os guerreiros Shado-pan esgueiraram-se, atrás, como a sombra da morte. O crepitar do fogo se sobrepôs ao som dos passos de Chen, que ficara por último, e também aos gorgolejos finais dos guardas próximos aos outros prisioneiros.

Vol'jin correu para a batalha, e seu gládio zumbia ao girar. O primeiro golpe abriu uma perna, então ele virou para desviar do guarda que atacava. O Lançanegra se voltou e esmagou com um segundo golpe a cabeça do troll. Vol'jin reconheceu o delicioso aroma do sangue quente mesclado ao ar e saiu em busca de outros oponentes.

Perto dele, os pandarens lutavam sem medo contra os Zandalari, alheios à superioridade de armamentos e força dos trolls. A Irmã Quan-li se abaixou, evitando o golpe de um machado, e fincou as patas afiadas na garganta do troll. O Zandalari soltou um assobio, tentando respirar à revelia da laringe destruída. Ela então quebrou a mandíbula pontuda do moribundo com um murro e o derrubou com um chute circular.

O Irmão Dao possuía uma lança mais apropriada à batalha e lutava contra um troll portando a mesma arma. O Shado-pan aparava todos os golpes, recuando. O Zandalari entendeu, assim, duas coisas: que estava ganhando a luta e que o pandaren estava amedrontado. A ilusão durou mais duas estocadas, e Dao acertou o golpe, girando. A haste da lança bateu no joelho do troll, quebrando-o. Outra batida acertou a têmpora do adversário, o que, provavelmente, foi fatal. Ou ao menos deixou o inimigo inconsciente, poupando-o da humilhação do golpe final que o espetou ao chão.

Chen entrou na batalha sem a precisão Shado-pan, compensando com sua experiência. Armado com um bastão firme, bloqueou um golpe de malho acima dos ombros, quando se virou para fazer escorregar a arma do troll à esquerda. O inimigo, determinado a vencer o pandaren, que era menor, girou a arma na direção oposta.

Chen o deixou, então se agachou e prendeu uma perna atrás do troll. Ele puxou, rapidamente e com facilidade, e o Zandalari caiu de costas. O pé direito de Chen surgiu do nada, pisando forte na garganta do inimigo, quebrando ossos vitais. Assim, o mestre cervejeiro saiu em busca de outro oponente.

Durante a batalha, voavam flechas. Uma das cordas suspendendo o prisioneiro partiu num estalo. O homem girou e bateu na estrutura oposta, machucando a nuca. Uma segunda flecha cortou a outra corda, e jogou o homem no chão. A seta tremulava no poste.

Os Zandalari se recuperaram do choque rapidamente, contra-atacando. Dois deles vieram rosnando para cima de Vol'jin. Um golpeou com a espada por baixo. Vol'jin aparou com uma das suas armas, então atacou bruscamente com o gládio na outra mão. A lâmina perfurou o peitoral do troll. Ao cair, o inimigo levou consigo a espada de Vol'jin, arrancando-a das mãos dele.

O outro Zandalari comemorou a vitória.

— Agora cê vai morrer, traíra!

Vol'jin, com as mãos em garra, rosnou para ele.

O Zandalari agitou uma clava farpada acima da cintura. Em vez de recuar, Vol'jin deu um passo à frente. Empurrou o pulso do troll contra o peitoral e ergueu seu antebraço acima do antebraço do Zandalari. Então Vol'jin girou para a direita, rápido o suficiente para prender o cotovelo do inimigo, e o girou até ouvir um estalo alto. Gritando, o Zandalari tombou.

Vol'jin, virando-se para o oponente, deu um soco na cara do troll, que o atravessou.

Assim, rapidamente, a batalha acabou. A Irmã Quan-li libertou os prisioneiros. Chen já correra até o homem torturado. Vol'jin se aproximou, diminuindo o passo à medida que Chen ajudava o homem a se levantar. O homem passou a mão na nuca e a retirou ensanguentada, porém não muito.

O homem encarou o pandaren.

— Cadê ele? Cadê Tyrathan Khort?

Vol'jin interrompeu antes que Chen respondesse.

— Não tem Tyrathan Khort.

O homem então fitou Vol'jin, os olhos em chamas.

— Posso estar vendo estrelas, mas conheço aquelas flechas. E conheço as mãos que pintaram e prepararam aquelas flechas. Onde está ele?

O troll rosnou.

— Ele pode ter preparado as flechas, mas esse Tyrathan Khort tá morto.

— Não acredito.

Vol'jin mostrou os dentes, ameaçador.

— Eu, Vol'jin, líder dos Lançanegra, matei ele.

O homem empalideceu.

— Dizem que você está morto.

— Então nós dois somos fantasmas. — Com a espada cheia de sangue, Vol'jin apontou para o sul. — Vá antes de acabar como a gente.

A Irmã Quan-li alcançou o homem, junto com os outros prisioneiros. Logo arranjaram mantimentos o suficiente na bagagem dos trolls, armaram-se e sumiram montanha adentro.

Chen se virou para Vol'jin.

— Por que você disse que ele está morto?

— Foi melhor assim. Para eles, e para ele. — Vol'jin limpou o gládio num Zandalari morto. — Vambora.

Vol'jin, Chen e outros três monges deixaram o bosque. Usando alguns dos galhos cortados pelos Zandalari, apagaram a rota de fuga dos prisioneiros e a própria. Seguiram a oeste, voltando ao lugar onde Tyrathan e Vol'jin tinham espionado o campo inimigo.

Quando entraram na pequena clareira, uma coluna de fogo se destacou na escuridão, deixando Vol'jin cego por um momento. Aos poucos, ele recuperou a visão. Longe, viu uma fêmea Zandalari rodeada por meia dúzia de arqueiros, as flechas já armadas nos arcos. Vendado, Tyrathan tinha as mãos presas nas costas, e estava ajoelhado aos pés dela.

Ela agarrou os cabelos de Tyrathan e empurrou a cabeça dele para a frente.

— Teu cachorrinho me incomodou muito, Vol'jin. Mas eu tô muito caridosa. Larga tua espada e nem tu nem teus coleguinhas pandarens vão

precisar ver o que acontece quando eu fico zangada.



Raiva tomou conta de Vol'jin quando ouviu seu nome nos lábios dela. Ele olhou para o homem que, embora amarrado, não parecia nem de longe ter sido torturado o suficiente para ter revelado a própria identidade. Em seguida, sentiu vergonha por pensar que ele teria sido capaz disso. *Tyrathan não ia me trair.*

Vol'jin então cravou o gládio no chão.

A Zandalari inclinou a cabeça para saudá-lo.

— Eu até aceitaria tua palavra de honra que não ia fazer confusão, Lançanegra. Mas como cê já fez confusão aqui, vou ter que amarrar teus bichos. Cê devia saber que não quero mal aos pandarens, mas não posso dizer o mesmo de meus anfitriões.

Vol'jin olhou ao redor.

— Não tô vendo mais ninguém aqui.

— A intenção da gente é essa. Cê vai me acompanhar, e vão trazer tua bagagem logo atrás — disse ela, fazendo uma pausa e apertando os olhos por um instante. — Cê não tá lembrado de mim, né?

Ele a observou por tempo suficiente para ela achar que ele estava fazendo algum esforço.

— Não vou mentir. Não lembro.

— Achei que cê não ia lembrar. E agradeço por não mentir. — Ela seguiu na frente, descendo na direção do posto avançado. Lá no meio, junto com um grupo de Zandalari mexendo nos corpos, medindo com os olhos a distância para lançar flechas, havia duas figuras altas e robustas. Vol'jin já tinha visto aquele tipo de criatura antes em visões e pesadelos.

— Teus anfitriões.

— Os mogus. Senhores de Pandária. — Sorriu ela com indulgência. — Cê sabia que isso era uma armadilha, né? Não exatamente pra ti, mas pro teu arqueiro. Ele me aborreceu. Foi fácil armar uma cilada pra ele.

— E pensou que quando capturasse ele ia me pegar também?

— Eu tinha alguma esperança.

Eles seguiram para o leste, passando pelo caminho que os humanos e a Irmã Quan-li teriam feito. Vol'jin não viu sinal algum de perseguição.

— Vai deixar a isca escapar?

— Se eles conseguirem ficar sempre um passo à frente dos que mandei atrás deles, pode ser. — A Zandalari lançou um olhar para ele. — Cê não acha que eu vou deixar eles escaparem, né? Ia parecer fraqueza aos olhos dos mogus, e eles já acham que a gente é fraco. Pouco me importa que seus companheiros escapem. Seria até bom, pra dizer a verdade. As histórias que contassem iam plantar a semente do medo no inimigo. Mais útil do que essa promessa de um exército Amani de cobrir o flanco da gente.

Vol'jin não disse nada. Escondeu a fagulha de surpresa pelo fato de ela mencionar os Amani como aliados.

— Mesmo se escaparem, ninguém vai acreditar neles.

— Mas vai dar uma boa história. Um nobre da Aliança resgatado dos trolls por Vol'jin. Para piorar, um Vol'jin que voltou da tumba.

Ela o levou até o local onde os cavaliços seguravam as rédeas de raptos domesticados. Atrás das feras seladas, havia duas carroças, ambas claramente fabricadas por pandarens, mas atreladas a mushans.

Ela deu um salto e montou na sela do raptor vermelho e ficou esperando que ele montasse no que tinha listras verdes.

— Essa fera pertencia ao oficial que cê matou. Achava ele muito irritante, por isso não me importei de sacrificar ele. Vem comigo, Vol'jin. Sinta a sensação de correr por esta terra.

O raptor dela saltou na frente e disparou. Ele respondeu cutucando as costelas do bicho com os calcanhares e partiu avidamente atrás. Na hora em que ela sugeriu uma corrida, isso era a última coisa que ele queria. Mas à medida que o vento foi brincando por entre seus cabelos e seu corpo lembrou-se de como compensar seu peso na disparada do raptor, velhas alegrias se reacenderam. A velocidade e força da fera em que montava, somadas à sensação proporcionada pela terra, eram intoxicantes.

Vol'jin fustigou mais uma vez as costelas da fera. O raptor reagiu, sabendo que, se não fosse mais rápido, viria alguma coisa pior a seguir. As garras rasgaram o solo dourado. Vol'jin se inclinou para a frente, sobre o pescoço da fera, rindo rouca e rudemente enquanto alcançava e ultrapassava sua anfitriã.

Ele continuou correndo, deixando o raptor guiar. A fera sabia para onde ia, e Vol'jin não se importava. Bastou aquele curto tempo na sela para ele esquecer tudo: sua missão, a Horda, Garrosh, o monastério. Deixando aqueles fardos lá atrás no chão sangrento e empoeirado do posto avançado dos Zandalari, Vol'jin conseguia respirar em paz. Não lembrava a última vez que tinha se sentido assim, sabia apenas que fazia tempo — tempo demais.

— Por aqui!

O percurso que faziam levava na direção do Palácio Mogu'shan, que estava se aproximando de seu ciclo noturno. Ela puxou sua montaria para o leste, passando entre duas colinas. Vol'jin a seguiu, encerrando seu passeio num comprido e baixo prédio de cumeeiras altas e beirais que rodeavam um pátio ao fundo. Ele apeou, largando as rédeas com o cavaliariço que também tinha pegado as da anfitriã e entrou pela porta da frente, logo atrás dela.

Ela bateu palmas com força, e trolls saíram apressadamente de corredores e portas com a cabeça baixa. A julgar pelas tatuagens, a maioria era Gurubashi, mas claramente estavam a serviço de uns poucos Zandalari.

Sua anfitriã apontou para ele.

— Esse é Vol'jin dos Lançanegra. Cês tratem ele bem, senão vou comer o coração de vocês no café da manhã. Cês vão dar banho nele e vestir ele direitinho.

Os serviçais mais à frente bufaram com escárnio enquanto ela olhava Vol'jin.

— Ele é Lançanegra, senhora. Ele devia era chafurdar na pocilga e roubar roupa de um guardador de porcos.

A anfitriã fez um movimento tão rápido e acertou um tapa com as costas da mão com tanta força que o serviçal não teria se desviado nem que tivesse uma semana para se preparar.

— Ele é caçador sombrio. É da reverência dos loa. É pra deixar ele brilhando que nem um deus. Amanhã, quando o sol chegar no zênite, se ele não fizer os mogus chorarem de tanta beleza e os Zandalari se lamuriarem de inveja, cês vão sentir minha ira. Vão!

A não ser pela velha inconsciente estirada no chão, todos os serviçais se espalharam. A anfitriã se virou e sorriu discretamente.

— Imagino que teus pandaren tão te servindo fielmente. Tem horas que eu acho que até homem feito teu arqueiro ia dar mais certo pra o serviço. Vamo discutir essas e outras coisas quando cê tiver se lavado e tiver com roupa adequada.

Embora de modo geral Vol'jin não nutrisse nenhum sentimento especial pela Zandalari, ele a achava intrigante.

— E depois cê vai me ajudar a lembrar teu nome.

— Não, meu querido Vol'jin — replicou ela com um largo sorriso. — Não tem chance de cê lembrar, porque cê nunca ouviu. Mas depois eu vou te dizer e te dar uma razão pra nunca mais esquecer dele.

Vol'jin poderia ter recusado que os lacaios dela o banhassem, mas eles odiaram tanto ter que cuidar das necessidades dele que isso os torturava bem mais do que o incômodo causado a ele. Para os Zandalari e Gurubashi, ter que lavá-lo, cortar seu cabelo e suas unhas, esfregar unguentos em seus

pés e mãos e depois vesti-lo em um fino saiote de seda com cinturão de couro de raptor era sem dúvida um tormento insuportável. Para piorar, foram forçados a lhe conceder a honra de carregar uma pequena adaga cerimonial numa bainha atada ao seu braço esquerdo. Por ser um caçador sombrio, isso era direito dele. Por mais que quisessem menosprezá-lo como alguém que vinha de uma tribo de mestiços desobedientes e de baixa estirpe, até os de casta mais baixa sabiam que nunca poderiam receber as honras que estavam sendo concedidas a ele.

A magia do lugar também o envolvia, convencendo-o de que, de fato, ele tinha direito a honras e louvores. Parte dele recebia de bom grado as atenções da anfitriã porque ele tinha feito por merecer essa consideração. Os Gurubashi e Amani podiam até tê-lo menosprezado com desdém, mas quando Rastakhan, rei dos Zandalari, tentou unir todos os trolls, foi Vol'jin que convocaram para representar os Lançanegra. Ele recusou a união com as outras tribos, alegando que agora a Horda era sua família, mas o fato é que ele tinha sido convidado.

Assim que ele ficou pronto, um criado de cara amarrada o levou para o pátio central. Uma fogueira ardia dentro de um círculo de pedras rústico bem no centro. Ao lado, um pouco atrás, estava uma pequena mesa com dois cálices e uma ânfora cheia com vinho escuro. Duas esteiras haviam sido colocadas entre a fogueira e a mesa, facilitando o acesso à bebida.

Ela se ajoelhou sobre uma das esteiras, atizando o fogo com um graveto, então ficou de pé quando ele entrou. Tinha trocado as vestes de couro por uma de seda, de um azul mais escuro que ganhava tons claros com a decoração do Palácio Mogu'shan. Um simples cinto de elos dourados prendia o vestido sem mangas. Era feito de moedas cunhadas em todas as terras conhecidas e em diversas eras. As pontas ficavam penduradas até a altura dos joelhos dela, e Vol'jin presumiu que ela simplesmente daria outra volta na cintura à medida que as conquistas fossem trazendo novas moedas.

Ela apontou na direção do vinho.

— Ofereço uma bebida. Cê pode escolher a taça e servir. Vou beber de qualquer uma ou das duas. Quero que cê saiba que não tenho intenção de fazer mal ou enganar. Fique à vontade.

Vol'jin concordou com um aceno da cabeça, mas manteve a fogueira entre eles.

— Cê serve e escolhe. Cê me deu essa honra. Vou confiar em ti.

Ela serviu o vinho, mas nenhuma das duas taças foi tocada.

— Eu sou Khal'ak, serva de Vilnak'dor. Ele é para o Rei Rastakhan o que cê é para Thrall... e mais. Ele tá cuidando da situação dos pandarens. Ele tem uma grande dívida contigo, apesar de não ter plena consciência disso.

— E que dívida seria essa?

Khal'ak sorriu.

— Primeiro, um pouco de história. Eu servi a Vilnak'dor e ele serviu ao nosso rei quando Rastakhan permitiu que Zul fizesse a proposta de unir todos os trolls sob uma só bandeira. De todos os líderes que tavam lá, somente Vol'jin dos Lançanegra recusou a oferta. Quando virou as costas e saiu andando, cê passou do meu lado. Fiquei olhando cê ir embora. Depois que cê sumiu de vista, passei um bom tempo observando tuas pegadas na areia, pensando o que é que se desfaria mais rápido: os sonhos de Zul ou as tuas pegadas.

Ela olhou para a fogueira por um instante.

— Então eu fiquei surpresa, lá em Zouchin, quando um dos meus guerreiros mostrou uma pegada que reconheci com tanta facilidade. Nessa época, claro, os espias que a gente tinha na Horda tinham contado histórias sobre teu sumiço. Os boatos a teu respeito te dão muito crédito. A maior parte da Horda acredita que cê morreu numa missão secreta muito importante pro benefício deles. Teve um grande luto pela tua morte. E ainda tem quem diga que cê foi assassinado.

Vol'jin ergueu uma sobrancelha.

— Ninguém tá achando que eu sobrevivi?

Khal'ak pegou as taças e se aproximou, oferecendo ambas.

— Tem uns lunáticos que acreditam nisso e tem o xamã estranho que diz que cê subiu pra virar um dos loa. Uns rezam pra ti, outros fizeram tatuagem dos Lançanegra. Geralmente no flanco ou na parte interna do bíceps, já que os orcs não aprovam esse tipo de demonstração.

Ele aceitou um dos cálices.

— E teu mestre gosta de história de fantasmas? É por isso que ele deveria me agradecer?

— Ah, não. Ele te deve muito mais. — Ela bebeu um gole de vinho e se virou. Então caminhou casualmente em direção à esteira, com os músculos de seu corpo esguio fluindo sob a seda. Então se ajoelhou, quase como quem faz uma súplica a um deus, e bebeu mais. — Por favor, sente comigo.

Vol'jin aceitou, colocando seu vinho de volta na mesa antes de sentar.

— E o teu mestre?

— Só uma coisa, Vol'jin. Vou te conceder a honra de supor que cê não é um tolo. Cê vai ficar sabendo de muita coisa na conversa da gente, muita coisa importante. Saiba que eu tenho plena consciência de que estou contando isso pra ti. Eu tenho um objetivo. Vou te tratar com sinceridade. Pergunte e, se puder, eu respondo.

Ele pegou novamente seu cálice e tomou um gole. O vinho escuro tinha sabor de frutas e temperos, alguns de Kalimdor, porém mais de Pandária. Ele gostou, mas não deixou que isso relaxasse sua postura.

— Então, cê tava falando...

— Os mogus são tudo arrogante e desdenhoso. A experiência que eles têm com troll vem toda de histórias de antes do império deles se acabar. O que eles viram depois disso foi somente os Zandalari, que controlam só uma fração do que a gente tinha antes, e outros trolls, que eles enxergam como criaturas degradadas. E são esses trolls que lutam do lado da gente. A experiência deles com os poucos que lutam pela Horda só reforça essa tendência.

— E aí tem Zouchin e tu — disse ela, tomando em seguida mais um gole de vinho e lambendo os lábios. — Eu não sabia que era tu, claro, e poucos ousavam ter esperança depois de ouvir falar da tua morte. Eu estava presumindo que os rumores mais sinistros eram verdade, considerando que tua recusa a Garrosh foi ainda mais robusta do que ao meu rei. Eu só pensava que a Horda poderia ter te matado, mas agora vejo que estava errada.

Vol'jin não respondeu com palavras, mas ergueu o queixo o suficiente para que ela visse a cicatriz em sua garganta.

— Sim. Achei estranho. Tua voz não é mais como eu lembrava. — Khal'ak sorriu. — Os hóspedes da Aliança que tão com a gente também ouviram falar da tua morte. Devem estar aliviados, muitos deles. Muita gente deve ter deixado de ter pesadelos contigo. Pelo menos por enquanto.

— Mas voltando aos mogus. O fato de um troll e um homem terem atacado a gente foi uma grande diversão pra eles. Ainda assim, tua habilidade de escapar parece que tá deixando eles impressionados. Quando eu tava montando a armadilha dessa noite, e eles gostaram muito do espetáculo, apesar da presença de teus capangas pandarens ter incomodado eles, eu tava esperando te capturar. Se não com o grupo, pelo menos ter um encontro contigo em troca da vida dos teus bichos.

— Por quê?

— Por que eu quero que cê se junte com a gente. Isso ia causar boa impressão nos mogus e ia parecer que a gente tem uma grande influência no resto do mundo. Na visão deles, a única coisa que a gente fez foi despertar o rei deles. Com essa arrogância deles, ignoram o fato de que eles não conseguiram isso nem um milênio depois de o império deles ter desmoronado. Deixar um homem e um troll nos atacarem refletiu nossa fraqueza, na perda da vitalidade em nosso sangue. Seria fantástico se cê se juntasse a nós.

Vol'jin franziu a testa.

— Cê tava lá e viu. Eu já recusei a oferta dos Zandalari.

— Não é a mesma oferta, Caçador Sombrio, e também não é o mesmo mundo. — Ela esticou o braço, tocando com o dedo a cicatriz no pescoço dele e depois a que ele tinha no flanco. — Na época, cê alegou que a Horda era tua família. Eles te rejeitaram. Garrosh, de espírito e mente pequena, matou a única pessoa que poderia ter avisado a ele da voragem que tava por vir. Cê não deve lealdade nenhuma a ele. Teu povo é os Lançanegra, e a gente tá disposto a lhes dar a posição mais importante entre todas as tribos.

“Sim, os Gurubashi vão chiar. Os Amani vão protestar. Vão falar das histórias deles, e eu vou falar dos fracassos deles. Pois os Lançanegra foram a única tribo que continuou fiel à sua identidade. Cês não chegaram a erguer um império porque não conseguiram: foi simplesmente porque não

escolheram esse caminho. Batalhar e ser derrotado, como eles foram, não torna sagrado o esforço. Eles querem glória pelo trabalho que fizeram séculos atrás... e um trabalho que foi desfeito pouco tempo depois.”

Ela levantou os olhos, ardentes de esperança no futuro, para encontrar os dele.

— Então, essa é minha oferta pra ti, Vol’jin Lançanegra, da tribo Lançanegra. Seja pra mim o que cê foi pro Thrall. Assume teu poder pleno como o caçador sombrio que teu povo precisa. Teu povo: os Lançanegra e os trolls. Juntos, a gente vai mostrar ao mundo sua loucura e novamente trazer ordem às terras que definharam pela ausência dela.

Vol’jin ergueu sua taça.

— Isso é uma grande honra. E é uma oferta que só um tolo poderia recusar.



— **E** só um tolo aceitaria somente minhas palavras.

— Cê é persuasiva.

— E cê é muito gentil. — Ela sorriu descontraidamente. — Claro que tem coisas que preciso saber. Como cê acabou sendo encontrado na companhia de pandarens e com um homem te ajudando contra a gente?

Vol’jin observou o rosto dela por um instante.

— Chen Malte do Trovão, que cê conhece. Ele é amigo de longa data. Foi ele que me achou quando a Horda acabou comigo. Os monges que teus aliados mogus odeiam me acolheram e me curaram. Eles tinham feito o mesmo com o homem.

Bebeu mais um pouco de vinho antes de continuar.

— E essa história de “contra vocês”, quando eu vi a invasão, nem pensei em quem tava sendo invadido. Eu tava só retribuindo a gentileza dos meus benfeitores.

Khal’ak assentiu com a cabeça.

— “Quando eu vi”, cê disse. Então a Dançarina da Seda também te deu visões.

Vol’jin confirmou com um gesto.

— Imaginei que era ela.

— Sim. Sempre foi nossa protetora. A gente desagradou ela quando renovou as relações com os mogus. No passado, sei que teve uns guerreiros nossos que se bandearam pra magia mogu e abandonaram ela. Esse culto sumiu faz tempo, mas a memória dela é robusta. — Khal’ak olhou pensativa para as profundezas escuras de seu vinho. — Não fico surpresa de ela querer criar problema pequeno agora pra evitar problema grande depois.

— Cê tem as mesmas visões que eu, e simplesmente ignora?

— Eu encontro solução pra elas.

— E eu sou essa tal solução?

— Cê é mais que uma solução, Vol’jin. — Ela se inclinou, baixando o tom da voz. — Se cê oferece muito, tua recompensa é igual ao teu serviço. Por exemplo, agora mesmo teu pequeno bando mostrou pras tropas da gente que ser Zandalari não é ser à prova de flecha. E o mais importante é que lembrou aos mogus o quanto os ex-escravos deles podem ser mortíferos. O fato de ter capturado eles dá muito crédito pra gente. De novo, te agradeço.

O Lançanegra se sentou.

— Se eu de fato trouxer esse benefício todo, cê não tem medo de teu mestre te eliminar e me colocar no teu lugar?

— Não. Ele tem medo de ti. Ele não tem a firmeza que cê mostrou quando recusou o pedido do rei. Ele vai me deixar aqui pra te manter sob controle. — Sorriu ela timidamente. — E não tenho medo de cê me trair porque vou te controlar através dos teus amigos. Chen Malte do Trovão, eu conheço. O homem, não, mas dá pra perceber tua consideração por ele.

— A necessidade de coagir anula tua oferta na base da confiança.

— Não, eu só quero frear tuas ações até que cê tenha tempo suficiente de considerar minha oferta. Tô lembrada da tua recusa em se juntar com a gente no passado e tua rejeição às ordens de Garrosh. Cê tem princípios, que é um traço maravilhoso. É coisa que eu admiro. — Ela então colocou a taça

de lado e se ajoelhou com as mãos sobre o colo. — Se cê ficar com a gente, com total e aberta cooperação, eu liberto teus companheiros.

— E não vai mandar caçadores atrás deles como fez com os outros?

— Se a gente tivesse barganhado a segurança deles, ninguém estaria atrás deles agora. — Ela levantou uma mão e prosseguiu. — Mas, repito, isso não é decisão pra cê tomar agora. Teus companheiros vão estar confortáveis. Não com os luxos que eu te ofereci, mas confortáveis. — Ela sorriu. — E amanhã cê vai ver em primeira mão o que os mogus tão trazendo à parceria da gente. Assim que cê abrir teus olhos pra isso, cê vai ver que minha oferta é muito generosa e merece ser muito bem pensada.

A conversa tomou rumos mais corriqueiros. Vol'jin não tinha dúvida de que, se tivesse demonstrado vontade, Khal'ak teria dormido com ele. Ela pensaria na intimidade como forma de incentivar sua cooperação — mas isso só funcionaria com seres de intelecto inferior. Khal'ak sabia que ele não era bobo, então ela saberia muito bem que Vol'jin estaria indo para a cama com ela apenas para parecer manipulável. Ela desconfiaria dessa atitude e perderia a confiança nele.

Por outro lado, ao se segurar, Vol'jin ganhou certo poder sobre ela.

Por mais competente que ela fosse, Khal'ak estava claramente interessada nele. Se não estivesse, ela não teria se lembrado de um rastro que seu pé deixou na areia anos atrás. Ela iria querer consumir o relacionamento entre eles simplesmente para compensar todos os anos que ficara interessada em Vol'jin.

Ele poderia usar isso independentemente da resposta que desse à oferta dela.

Eles conversaram um pouco mais, depois dormiram no pátio, a céu aberto. Vol'jin acordou com os primeiros sinais da aurora iluminando o vão escuro sobre sua cabeça. Não tinha descansado bem, mas também não estava fatigado. A energia do nervosismo estava compensando suas poucas horas de sono.

Depois de um café da manhã simples, com carpa-dourada defumada e bolinhos de arroz-doce, os servos novamente cuidaram de suas necessidades físicas, então eles montaram nos raptos e fizeram o caminho de volta na direção sudoeste. Khal'ak não disse nada. Estava bem montada no raptor, e o vento açoitando-lhe os cabelos e a capa fazia dela uma visão magnífica. Nessa imagem, Vol'jin viu os Zandalari como eles viam a si mesmos. Isso eliminou nele qualquer dúvida quanto aos motivos de eles insistirem reaver o que tinham perdido. *Saber o quanto caiu e ter medo de nunca voltar àquele ponto novamente pode devorar qualquer um por dentro.*

Eles seguiram para a montanha alta de contrafortes inclinados, depois a contornaram. Foi ali que as coisas tinham se arruinado, mas não por desgaste natural. Eles tinham sido destroçados por uma guerra há muito tempo. Embora o clima tivesse limpado o sangue e a fuligem, assim como as plantas douradas enterraram os ossos e detritos, os restos dos arcos davam provas da violência que os destruiu.

Apesar de o dia estar escuro, à medida que a estrada seguia através das montanhas, a majestade de Pandária fazia o lugar parecer belíssimo mesmo com os sinais de destruição. Vol'jin sentiu que já estivera ali, mas poderia ser simplesmente a compreensão, formada em seu tempo em Orgrimmar, sobre o poder que um dia houve naquele lugar. Enquanto os Lançanegra se contentavam com habitações modestas que servissem aos seus propósitos, ele via a necessidade que os outros tinham de provar sua superioridade através de grandes obras. Tinha ouvido falar das enormes estátuas de Altaforja e Ventobravo e sabia que aquele lugar seria uma celebração similar ao passado mogu.

E os mogus não desapontaram.

A estrada levava a uma abertura mal-acabada no flanco da montanha que deixava entrever uma gigantesca estátua cinza em uma base de bronze. A estátua mostrava um guerreiro mogu de pé, com altivez, empunhando uma enorme maça. Reduzida a proporções normais, até Garrosh teria dificuldade de erguer aquela arma. Embora a feição impassível da estátua não desse pistas sobre a personalidade dos mogus, a arma revelava poder, crueldade e desejo de esmagar qualquer oposição.

Khal'ak e Vol'jin não entraram na tumba, pois ao longe vinha na direção deles, em ritmo cerimonial, um cortejo. À frente, tropas Zandalari com flâmulas tremulando nas lanças. Atrás delas, numa elegante carruagem de estilo pandaren atrelada a kodos, meia dúzia de Zandalari ladeava três mogus. Mais atrás ainda, vinha um coche menor com uma dúzia de mandingueiros Zandalari. Na penúltima ala, logo à frente das tropas Zandalari, uma carroça velha trazia Chen, Tyrathan, os três monges e os quatro humanos, todos homens. A madeira rangia e as feras grunhiam a cada vez que seus vigorosos passos estremeciam o chão.

Quando a procissão parou em frente à tumba, os xamãs pegaram os prisioneiros e os arrastaram para dentro. Os Zandalari e seus anfitriões mogus entraram em seguida. Khal'ak fez alguns sinais de comando para o capitão das tropas que restaram. Eles se espalharam, assumindo posições de defesa, enquanto ela e Vol'jin penetravam no interior escuro da tumba.

Um dos mogus — um rasga-almas, pelo que pareceu a Vol'jin — apontou dois dedos para os prisioneiros. Os mandingueiros Zandalari trouxeram Dao e Shan à frente, colocando-os no canto esquerdo mais próximo e no canto direito oposto da base da estátua. O mogu apontou novamente, e dois homens foram postos nos outros dois cantos.

Vol'jin sentiu uma súbita vergonha por Tyrathan. Os monges pandarens mantinham a cabeça erguida. Não tinham que ser empurrados ou coagidos. Eles tinham uma dignidade silenciosa, negando completamente o que eles sabiam estar prestes a se concretizar. Os homens, por outro lado, seja por perderem o equilíbrio ou estarem tomados por um agudo senso de sua própria mortalidade, choravam e tinham que ser arrastados para a posição. Um não conseguia ficar de pé e precisou ser sustentado por dois Zandalari. Os outros choramingavam e se urinavam.

Khal'ak se voltou para Vol'jin e sussurrou:

— Tentei convencer os mogus que eles só precisavam dos homens, mas quando viram o Shado-pan lutando, eles insistiram. Consegui persuadir eles a não tocar em Chen e no seu amigo humano, mas...

Vol'jin assentiu com a cabeça.

— Liderança tem que tomar decisões difíceis.

O rasga-almas mogu se aproximou do Irmão Dao no canto à esquerda. Com uma mão, o rasga-almas puxou a cabeça do monge para trás, expondo sua garganta. Com a outra, usando uma única garra, o mogu perfurou a garganta de Dao, mas não foi um golpe mortal, nada mais do que uma espetada. A unha voltou com uma gota de sangue pandaren.

O mogu encostou a gota no pedestal de bronze. Uma pequena labareda surgiu, depois foi diminuindo até virar uma ínfima chama azulada.

Em seguida, o mogu foi para o homem que estava na frente. Quando a gota de sangue dele foi colocada no canto, fez com que saísse um pequeno jato de água para cima, que depois sossegou formando uma diminuta poça. A superfície dela criava ondas no mesmo ritmo em que a chama dançava.

Então ele foi até o segundo homem. O sangue deste produziu um pequeno ciclone de tom avermelhado, que depois ficou invisível, a não ser pela leve movimentação que produzia nas vestes sujas. E essa movimentação também estava ritmada com a da água.

Por fim, o mogu chegou até o Irmão Shan. O monge ergueu o queixo, expondo a própria garganta. O mogu pegou seu sangue, e Vol'jin entendeu que a erupção vulcânica que resultou do toque no bronze estava sendo alimentada pela raiva de Shan. Ao contrário dos outros, a lava não se acalmou, continuou fluindo e se espalhou em linhas na direção da água e do ciclone.

Ar, fogo e água também se expandiram. Quando se encontraram, entraram em conflito. O poder dessas colisões subiu na forma de paredes de força semitransparentes e opalinas. Foram até o teto, cercando a estátua. Um forte trovão ressoou. Apareceram fissuras na rocha, rachaduras enormes, tão visíveis quanto as das pedras lá fora. Elas se irradiaram como raízes de uma árvore e, como Vol'jin deduziu, quando a estátua caísse, a tumba ficaria cheia com três metros de altura de detritos.

O suficiente para enterrar todos nós.

Mas a estátua não caiu. As linhas de energia se recolheram e entraram pelas frestas. Por alguns instantes, elas amalgamaram no centro, onde seria o coração do mogu. Então pulsaram duas vezes, talvez quatro, e a energia foi bombeada por veias invisíveis. Um rubor opaco inundou a estátua inteira,

fazendo-a rachar mais e mais. Era como se aquele brilho estivesse fazendo uma pressão incrível na estátua, como se um moinho a estivesse triturando até virar pó.

Ainda assim, o poder fazia com que ela mantivesse sua forma.

Em seguida, do tornozelo e do pulso surgiu um tentáculo etéreo. Parecia uma névoa. Ela envolveu o rosto do Irmão Dao. O monge jogou a cabeça para trás a fim de soltar um grito, e a névoa invadiu seu corpo. Num piscar de olhos, o brilho tinha envolvido e esmagado Dao como se fosse uma uva.

O sumo que restou do Irmão Dao fluiu de volta pelo tentáculo. Só depois que essa cena de horror terminou, Vol'jin percebeu que os outros três também tinham sumido. O brilho retornou à estátua e ficou ainda mais intenso. Pulsava e ficava mais forte. Dois pontos flamejantes surgiram onde ficavam os olhos.

Então a magia se contraiu com uma série de estalos e ruídos. À medida que o brilho ardia, o calor se espalhou e depois sumiu abruptamente. O contorno começou a diminuir. Ao mesmo tempo, os braços da estátua se abriram. A rocha sem vida se contraiu formando músculos grossos sob uma pele escura. A luz se recolheu para dentro da estátua, e a carne se regenerou fechando as linhas irregulares das rachaduras. Não restou qualquer cicatriz: apenas um guerreiro mogu inigualável, nu e invencível, sobre um pedestal.

Os outros dois mogus correram para a frente. Ambos se ajoelharam diante dele. Com a cabeça curvada, um ofereceu uma grossa capa dourada com detalhes pretos; o outro segurava um bastão dourado. O mogu pegou o bastão primeiro, desceu ao chão e permitiu que o outro mogu o vestisse.

Vol'jin estudou intensamente o rosto daquele mogu. Deduziu que ele foi tirado do túmulo depois de milênios, poderia estar com a guarda baixa nestes primeiros momentos, enquanto entendia o que aconteceu. Percebeu uma centelha de desprezo do senhor da guerra quando viu os Zandalari presentes e puro ódio pela presença de pandarens.

Ele deu um passo na direção em que Chen e o Irmão Cuo estavam, mas séculos de morte o deixaram um pouco lento. Khal'ak se colocou entre ele e os prisioneiros. Indo postar-se ao lado dela, mas um pouco atrás,

Vol'jin se deu conta de que ela tinha escolhido aquele lugar para assistir à cerimônia prevendo essa situação.

Ela se curvou, mas não se ajoelhou.

— Senhor da Guerra Kao, dou-lhe as boas-vindas em nome do General Vilnak'dor. Ele espera sua agradável presença na ilha do Rei Trovão, onde ele reside com seu mestre ressuscitado.

O mogu olhou-a de alto a baixo.

— Matar pandarens honrará meu mestre e não nos atrasará.

Khal'ak fez um gesto com a mão aberta na direção de Vol'jin.

— Mas isso estragaria o presente que o Caçador Sombrio Vol'jin deseja dar ao seu mestre. Se quiser matar pandarens, vou organizar uma caçada durante a viagem. Mas estes dois estão prometidos.

Kao e Vol'jin trocaram olhares. O senhor da guerra entendeu o que estava acontecendo, mas não estava preparado para resolver a questão naquele momento. No entanto, o ódio ardente em seus olhos informou a Vol'jin que seu papel nessa encenação não seria perdoado.

O senhor da guerra mogu concordou inclinando a cabeça.

— Quero matar um pandaren para cada ano que passei no túmulo e dois para cada ano que meu mestre passou morto. Consiga-os, trolesa, a não ser que seu caçador sombrio tenha prometido mais deles ao meu mestre.

Vol'jin estreitou os olhos.

— Senhor da Guerra Kao, cê mataria milhares e milhares. Seu império ruiu por falta de mão de obra pandaren. O que cê quer pode ser justo, mas o resultado seria trágico. Muita coisa mudou, meu senhor.

Kao resfolegou, deu as costas e saiu pisando forte para o local onde os outros mogus estavam com os oficiais Zandalari.

Khal'ak respirou aliviada.

— Bem pensado.

— E cê também, prevendo o que ele ia fazer. — Vol'jin meneou a cabeça. — Ele vai exigir as vidas de Chen e Cuo.

— Eu sei. Provavelmente vou ter que entregar o monge a ele. Os mogu odeiam o Shado-pan com as profundezas de suas almas sombrias. Vou achar outro pra substituir Chen. Para os mogu, eles parecem todos iguais.

— Se ele descobrir essa enganação, cê vai morrer.

— E tu e Chen e o humano também. — Khal'ak sorriu. — Quer cê goste, quer não, Vol'jin Lançanegra, os destinos da gente tão inevitavelmente interligados.

25



— **O** que me causa certo desconforto. É inevitável.

Khal'ak se virou para encará-lo enquanto os soldados levavam os prisioneiros e os colocavam de volta na carroça.

— E isso quer dizer o quê?

— Kao está furioso por ter sido desafiado. Teu mestre tem medo de mim. Se eu viajar para essa ilha do Rei Trovão sem restrições, a desconfiança deles vai aumentar — disse Vol'jin. — Cê tem que demonstrar controle sobre mim. Eu ainda sou teu prisioneiro. Cê tem que me tratar como tal.

Ela ponderou por um momento e então assentiu.

— E isso vai te deixar próximo dos teus aliados, pra cê poder cuidar deles.

— Eu espero que qualquer generosidade pra comigo possa ser compartilhada.

— Eles vão estar a ferros. Vou achar grilhões de ouro pra ti.

— Dá pra aceitar.

Ela estendeu a mão.

— Teu punhal.

Vol'jin sorriu.

— Claro. Depois que a gente voltar.

— É claro.

Vol'jin se permitiu aproveitar a sua liberdade na viagem de volta para a casa de Khal'ak. As nuvens, como se envergonhadas por sua inabilidade de se equiparar à escuridão de Kao, ficaram mais claras. O vale ganhou novamente seu esplendor dourado. *Se eu tivesse preso numa tumba por séculos, este é o lugar que eu gostaria para ressurgir.*

Khal'ak o manteve em sua casa. Cumprindo o que disse, ela trouxe grilhões dourados com grossas correntes. Acabaram ficando mais pesados que os de aço, mas ela deixou que a corrente fosse suficiente para ele se mover à vontade. Também concedeu a ele muita liberdade, sem guardas, mas também ambos sabiam que ele não fugiria enquanto Chen e Tyrathan estivessem presos com os outros.

Eles passaram o tempo em conversas construtivas sobre a conquista de Pandária, que estava por vir. A decisão de não usar canhões goblínicos na tomada de Zouchin fora dela. Vilnak'dor discordou e ordenou o uso de canhão e pólvora na invasão. Ela sentiu que aquilo era sinal de fraqueza, mas os mogus tinham feito bom uso disso no passado, então o mestre afirmou que isso honraria seus aliados.

Os mogus, ao que parece, tinham feito pouco mais do que sonhar acordados desde que o império deles caíra. Khal'ak achava que eles tinham feito pouca coisa que se podia dizer construtiva, mas, apesar de serem desorganizados, eles tinham se multiplicado. O plano para a invasão era simples e direto. As tropas Zandalari iriam apoiar os soldados mogus na captura do coração de Pandária e, nesse momento, pelo que os mogus aparentemente acreditavam, tudo se resolveria magicamente como se fossem simplesmente peças que alguém arruma de novo para uma partida de jihui.

Ela presumiu que os Zandalari defenderiam as conquistas dos mogus até que estes se organizassem. Depois eles atacariam a Aliança ou a Horda, eliminando-a, antes de esmagar a facção que restasse. Os mantídeos a oeste sempre foram um problema e seriam deixados para o final. Então o império

mogu poderia usar sua magia para apoiar os Zandalari na sua conquista de Kalimdor primeiro e, depois, da outra metade do continente dividido.

De manhã, eles partiram de novo, desta vez mais cedo. As festividades noturnas no Palácio Mogu'shan tinham sido silenciadas, então todo mundo levantou cedo por medo de que qualquer atraso pudesse desagradar o Senhor da Guerra Kao. Permitiram que Vol'jin fosse num raptor, com suas correntes à mostra. Chen, Cuo, Tyrathan e outros prisioneiros iam em carroças. Vol'jin os viu pouco até a chegada em Zouchin, quando ele foi colocado numa embarcação menor, em uma cabine abaixo do convés, trancada por fora.

Seus três companheiros, apesar de estarem sujos por causa da poeira da estrada e ensanguentados por conta das agressões, sorriram quando Vol'jin abaixou a cabeça para passar pela escotilha. Chen bateu as patas.

— É a sua cara virar prisioneiro com correntes de ouro.

— Ainda são correntes. — Vol'jin então curvou-se para Cuo. — Sinto pela perda dos teus irmãos.

O monge curvou-se também.

— Fico feliz pela coragem deles.

Tyrathan olhou para ele.

— Quem é a trolesa? Por que...?

— A gente vai ter tempo pra conversar sobre isso depois, mas eu tenho uma pergunta pra tu, meu amigo. A verdade. É importante.

O homem concordou com um gesto.

— Pergunte.

— Chen te contou o que eu disse ao homem que a gente libertou?

— Que eu estava morto, que você me matou? Sim. — Tyrathan sorriu discretamente. — Bom saber que somente a elite da Horda poderia ter me matado. Mas não era essa a pergunta que você quer que eu responda.

— Não. — Vol'jin franziu o cenho. — O homem queria saber onde cê tava. Medo e esperança, era o que ele sentia. Queria que cê tivesse respirando, salvando ele, mas tava aterrorizado por cê estar lá. Por quê?

O homem ficou em silêncio por um instante, limpando as unhas sujas. Ele não levantou a cabeça quando começou a falar.

— Você estava no Coração da Serpente comigo quando a energia do Sha da Dúvida me tocou. Você viu o homem que me deu as ordens. O homem que você salvou era Morelan Vanyst, sobrinho dele. Meu pai era caçador, meu avô também, e nós sempre estivemos a serviço da família Vanyst. Bolten Vanyst, meu senhor, é um homem frívolo cuja esposa é uma bruxa encrenqueira. É por isso que ele é um grande alívio para Ventobravo — se houver uma campanha, ele é a favor, desde que o leve para longe. Não que ele próprio não seja manipulador. Ele só tem três filhas, todas casadas com homens ambiciosos que esperam a promessa de ganharem um reino se o agradarem. No entanto, quando ele partir, Morelan é que será o regente.

Vol'jin observou que as emoções transformavam o rosto do homem enquanto ele falava. O orgulho brilhou quando mencionou o serviço de sua família, mas logo foi engolido pelo desgosto causado pelo drama familiar de seu mestre. Tyrathan claramente tinha servido da melhor forma que podia, mas não se poderia nunca confiar em um mestre como Bolten Vanyst. Não muito diferente de Garrosh.

— Se fosse qualquer outra pessoa, o Sha da Dúvida a teria destruído. Ela duvidaria de seu direito a viver. Duvidaria da própria mente e das próprias memórias. Teria desmoronado num piscar de olhos, incapaz de tomar uma decisão porque o sha faria parecer que nenhuma escolha estaria certa. Como uma mula entre duas pilhas igualmente apetitosas de feno, morreria de fome em meio à fartura simplesmente porque não conseguiria tomar uma decisão.

O homem finalmente ergueu os olhos. O cansaço abatia seus ombros e marcava os anos em seu rosto.

— Para mim, o Sha da Dúvida foi como uma vela para a escuridão da minha vida. Eu duvidei de todos e, naquele instante, vi toda a verdade.

Vol'jin concordou acenando a cabeça, mas permaneceu calado.

— Tenho uma filha, que só tem 4 anos. Da última vez que estive em casa, ela quis me contar uma história na hora de dormir. Ela falou sobre uma pastora que teve que lidar com um caçador malvado e o fez com a ajuda de um lobo gentil. Reconheci a história e atribuí os papéis da história à

influência de algum refugiado guilneano que tivesse se estabelecido em nossa cidade. Mas quando o sha me tocou, eu vi a verdade.

“A pastora era minha esposa, tão gentil e educada, tão amável e inocente. Estranhamente, eu a conheci quando fui caçar uma alcateia de lobos que estavam matando seu rebanho. O que ela viu em mim, eu não sei bem. Para mim, ela era a perfeição. Eu a persegui e a conquistei. Ela foi o maior prêmio da minha vida. Infelizmente, eu sou um matador. Eu mato para sustentar minha família. Mato para manter minha pátria segura. Eu não crio nada, só destruo. Isso a corroeu por dentro. Ela ficava aterrorizada de pensar que, se matar se tornou tão fácil para mim, eu poderia matar qualquer coisa. Minha vida e o que eu me tornei foram gradualmente esvaindo seu amor pela vida.”

O homem meneou a cabeça.

— A verdade, amigos, é que ela estava certa. Em minhas ausências, cuidando dos meus deveres, ela e Morelan ficaram mais próximos. A mulher dele morreu de parto anos atrás. Seu filho é amigo dos meus. Minha mulher cuidava deles. Não suspeitei nada ou talvez não quisesse ver nada porque senão veria que ele era um pai melhor que eu para minhas crianças e um marido melhor que eu para minha esposa.

Tyrathan mordeu o lábio inferior por um instante.

— Quando o vi, eu entendi que ele tinha decidido, quando soube de minha morte, que precisava provar que era valente também. Então ele veio para Pandária, e seu tio o usou como se fosse um peão. A fuga dele provará tudo o que precisa ser provado. Ele será um herói. Pode voltar para casa e viver com a família dele.

— Mas é a tua família. — Vol’jin observou o rosto do homem. — Cê ainda ama eles?

— Completamente. — O homem esfregou o rosto com as mãos. — A ideia de nunca mais os ver vai me matando pouco a pouco.

— E ainda assim cê vai abrir mão da tua felicidade pela deles?

— Eu sempre fiz o que fiz para dar a eles uma vida boa — disse, levantando a vista. — Talvez seja melhor assim. Você me viu. Você viu minha mira naquela noite. Parte de mim estava tentando atirar melhor do

que já atirei em toda a vida só para Morelan saber quem era eu. Matar é o que eu faço, Vol'jin, e eu faço muito bem. Tão bem que pode até matar minha família.

— Essa foi uma decisão difícil que cê tomou.

— Eu questiono isso todos os dias, mas não vou voltar atrás. — Os olhos verdes de Tyrathan se apertaram. — Onde você está querendo chegar com essas perguntas?

— Eu também tenho uma decisão muito difícil pra tomar. Parecida com a tua, mas numa escala bem maior. — O troll suspirou com pesar. — Não importa qual seja minha escolha, nações vão sangrar e pessoas vão morrer.

* * *

Provando que eram amigos de maior valor do que ele achava que merecia, seus três companheiros se contentaram em saber que ele lhes contaria mais quando pudesse. *Eles têm a confiança de que eu vou tomar a decisão certa. E eu vou. E vou aguentar o peso das consequências. Mas isso não cabe somente a mim.*

Os Zandalari tinham certo prazer em atormentar Vol'jin, mas dentro dos limites. Eles serviam comida decente aos quatro prisioneiros, saída da mesma panela, mas serviam os dois pandarens e o homem primeiro. Vol'jin ficava com o resto, que não era muito, queimado do fundo da panela e já frio quando ele ia comer. Se em protesto seus companheiros se recusavam a comer, Vol'jin os convencia a não fazerem isso.

Do mesmo modo, eles eram levados ao convés para respirar ar fresco ao meio-dia, enquanto Vol'jin era colocado na proa ao amanhecer, e o navio manobrava para que as ondas batessem e o encharcassem. Ele suportou a água e os ventos frios sem reclamar, secretamente satisfeito por ter dedicado um tempo a se acostumar com o frio enquanto esteve no monastério.

Ajudava ainda mais o fato de que, enquanto ele ficava lá, os Zandalari se recolhiam para lugares mais quentes e secos.

Aconteceu de Vol'jin estar no convés quando o navio chegou à ilha do Rei Trovão. As instalações portuárias pareciam mais novas do que tudo em redor e eram claramente construções de estilo Zandalari. À esquerda, as tripulações pareciam estar levando pólvora e outros suprimentos para os armazéns. Dava para ver se os prédios baixos estavam vazios ou cheios, mas mesmo se não estivessem totalmente cheios ainda dariam para suprir um exército por um bom tempo. Como estavam chegando com o Senhor da Guerra Kao, ele suspeitou que os suprimentos tinham sido descarregados há pouco tempo e logo seriam carregados novamente como preparação para a viagem a Zouchin.

Assim que o navio atracou, os quatro prisioneiros foram arrastados pelo passadiço e colocados dentro de uma carroça atrelada a bois. Era quase uma carroça de feno, mas uma lona foi usada para cobri-la de modo que os prisioneiros ficassem juntos na escuridão. Contudo, o tecido tinha alguns pontos de desgaste que eles transformaram em buracos alargando com o polegar. Vol'jin e os outros estudaram a ilha à medida que a carroça percorria as estradas pavimentadas mais com detritos do que com pedras inteiras.

Para sua frustração, Vol'jin conseguia ver muito pouco do que queria ver. Considerando que ele estava no convés quando eles chegaram, devia ser a metade da manhã. Mas parecia que era uma da madrugada, e a única iluminação útil vinha em clarões rápidos. Os lampejos mostravam uma paisagem encharcada e pantanosa em que todo pedaço de chão seco tinha uma tenda ou pavilhão de soldados. Ele conseguiu ler alguns dos estandartes à medida que viajavam e achou que eram das origens mais diversas... mais do que ele gostaria que fossem.

Podia ser que os Zandalari tivessem armado um embuste colocando tantas tendas ladeando o caminho percorrido pela carroça, mas Vol'jin duvidava que fosse isso. Eles não teriam pensado na necessidade de criar

essa enganação. Eles nunca pensariam que um inimigo que chegasse até ali poderia escapar com a informação falsa e também não achariam que algum inimigo pudesse fazer frente a eles. Nessas condições, o embuste seria meramente uma desonrosa perda de tempo.

Era uma tolice pensar isso, mas eles poderiam estar certos. Embora o que Vol'jin sabia sobre a presença da Horda em Pandária já estivesse defasado em meses e a informação de Tyrathan estivesse ainda mais, só a quantidade de Zandalari e trolls aliados poderia ser suficiente para expulsar os outros de volta ao mar. Se a manobra fosse bem feita, e Khal'ak cuidaria para que fosse, a Horda e a Aliança poderiam até ser induzidas a lutar entre si — ou intensificar seus esforços contra a outra facção —, o que garantiria o sucesso dos planos dos Zandalari.

Se eles vencerem, vai afetar a balança em que peso minha decisão.

A carroça cambaleava lentamente em direção ao seu destino final. Acabou que era uma cela construída às pressas com barras finas de ferro e uma porta com fechadura que pareciam ter sido reaproveitadas de um dos navios e recolocadas em uso. A gaiola tinha sido posta em um montículo de terra no meio do pântano, cuja única virtude era que uma vala fedorenta separava os prisioneiros dos guardas mais próximos.

Mesmo antes que Vol'jin pudesse ser jogado junto com seus três companheiros, um coche chegou e o levou rapidamente pela estrada alta que serpenteava pelo pântano. Um soldado dirigia e o outro ficava na tábua do cavaliço, na parte de trás. Eles rapidamente chegaram a um prédio feito de pedras nuas, próximo a um complexo baixo e escuro a nordeste.

Os guardas o levaram para dentro. Ele reconheceu os servos de Khal'ak, que fizeram um serviço completo para deixá-lo apresentável, inclusive removendo as correntes de ouro e lhe devolvendo sua adaga cerimonial. Então, entrou novamente na carruagem e seguiu para o prédio maior, em que havia duas estátuas quílenas guardando a porta da frente. Khal'ak o esperava.

— Muito bem, cê tá bem apresentável. — Ela deu um rápido abraço nele. — Kao tá falando com o Rei Trovão agora. Se for pra te salvar e teus

amigos (e peço desculpa de novo pelos monges), meu mestre terá que interferir.

Khal'ak o guiou através de corredores e curvas que desafiavam sua habilidade de decorar o caminho. Ele não sentiu a presença de magia, mas não podia descartar essa possibilidade. Desconfiou que o complexo tinha sido astutamente restaurado para receber o Rei Trovão de volta do túmulo. A disposição das coisas provavelmente tinha significado e pareceria familiar para o imperador mogu. Isso suavizaria sua transição de volta a um mundo que o esquecera, um mundo que teria motivos para temer seu retorno.

Dois guardas ficaram em posição de sentido ao lado de um portal enquanto Khal'ak observava a sala. No canto mais distante, Vilnak'dor esperava, usando vestes no estilo mogu claramente costuradas para servir à sua compleição expansiva. O general dos Zandalari chegou ao ponto de clarear o cabelo até ficar branco e mandar cacheá-lo tal como os mogus. Vol'jin ficou com a impressão de que ele até estava deixando crescer suas unhas para virarem garras.

Khal'ak parou e se curvou.

— Meu senhor, deixe-me apresentar...

— Eu sei quem é esse aí. Senti o fedor antes mesmo de ele chegar aqui — disse o líder Zandalari, desprezando a apresentação dela. — Diga pra mim, Vol'jin Corre-com-Medo, por que eu não devo te matar aí mesmo onde cê tá.

O Lançanegra sorriu.

— No seu lugar, eu provavelmente faria isso mesmo.



Vilnak'dor olhou fixamente para ele, arregalando os olhos como se estivesse usando óculos gnômicos surrupiados.

— Cê faria isso?

— Certamente. Iria agradecer o Senhor da Guerra Kao. — Vol'jin gesticulou com as mãos. — Tua vestimenta, teu estilo... claramente tua principal preocupação é manter os mogus satisfeitos. Me matar iria ajudar nisso. — O Lançanegra deixou a estupefação do Zandalari ficar no ar por uns instantes, depois prosseguiu. — E também seria um grave erro, que iria te custar a vitória.

— É mesmo?

— Com certeza. — Vol'jin manteve o tom da voz baixo e rouco do jeito que estava durante sua recuperação. — A Horda acredita que eu tô morto. Assassinado. As pessoas sabem que eu sobrevivi. Se cê me matar e sair falando por aí, os Lançanegra jamais vão se juntar com vocês. O sonho do seu rei de criar um império pantrólico iria pro buraco. Cê também taria ataçando a Horda contra tu mesmo. E cê taria livrando Garrosh do conflito

interno na facção. Enquanto eu tiver vivo, ele vai ter medo de que eu conte a verdade sobre o que aconteceu. Khal'ak sabe. Os boatos correm soltos. Eu sou a flecha que pode ser disparada no coração de Garrosh quando chegar a hora certa.

— Uma flecha no coração dele ou um espinho no meu pé.

— Um espinho em muitos pés. — O caçador sombrio sorriu calculadamente. — Se cê me aceitar, minha posição vai incitar os Gurubashi e os Amani a se esforçarem mais. Cê pode me usar como uma promessa de progresso para as tribos menores. Motivação por medo funciona, mas só se tiver esperança pra contrabalançar.

O velho general Zandalari apertou mais os olhos.

— Eu daria destaque aos Lançanegra como um exemplo. É esse teu preço?

— Não é tão caro. Cê faria uma coisa que teu rei não fez: trazer os Lançanegra.

A tentação novamente arregalou os olhos do velho troll.

— Mas posso mesmo confiar em ti?

Khal'ak confirmou com um gesto.

— Ele vai ter motivação pra isso, meu senhor.

Vol'jin curvou a cabeça solenemente.

— Não só porque cês tão com três companheiros meus aí. Tenho poucas opções. O líder da Horda mandou me assassinar. Lá não tem poder pra mim. Os Lançanegra são leais, mas são poucos pra enfrentar sozinho a Horda ou os seus exércitos. Eu já sabia disso antes de ver os mogus. Os pandarens já foram muito fortes no passado, mas agora? Eles precisaram de um homem e de mim para fazer frente aos Zandalari.

— E tu, pessoalmente, Vol'jin, o que cê ganharia com isto? — Vilnak'dor abriu os braços. — Cê iria tomar meu lugar? Iria se tornar senhor dos Zandalari?

— Se eu quisesse tanto poder, eu tava reinando em Orgrimmar, num trono encharcado de sangue de orcs. Esse caminho, esse desejo, tá bloqueado pra mim. — Vol'jin bateu na adaga presa ao seu braço esquerdo. — Cê é herdeiro do legado Zandalari. As tradições Zandalari são tua

formação. É o que define teu destino. Eu também sou herdeiro de uma tradição ancestral. Eu sou caçador sombrio. Os Zandalari tavam engatinhando quando minha tradição já tava formada há muito tempo.

“Minhas escolhas são ditadas pelos loa. Os loas querem o melhor pro teu povo. Se Elortha no Shadra me dissesse que tua morte seria melhor para os trolls, essa pequena adaga já taria perfurando teu olho, dentro do teu crânio.”

Vilnak'dor tentou manter a compostura, mas se traiu quando cruzou os braços.

— Seja o que...

— Ela tem me dado visões, mostrando descontentamento, general, mas não pediu que eu te matasse. — Vol'jin juntou as mãos. — Ela tá só me lembrando da minha responsabilidade. Minha vida, meus desejos tão sob o comando dela. Os trolls novamente dominantes, um retorno às tradições antigas, essas coisas vão deixar ela satisfeita. Te servir é servir a ela. Se cê me aceitar.

O tom sincero desta última declaração de Vol'jin fez o Zandalari pensar. Ele sorriu com indulgência, as mãos puxando as pontas soltas da faixa dourada de seda. Sua expressão contraída claramente denotava, para Vilnak'dor, sagacidade e deliberação.

E ele tá fazendo isso vestido como uma criança em roupas de mogu, em uma sala construída nas proporções dos mogus. As janelas altas ao fundo, as gravuras com armações grossas e imagens esculpidas nas paredes, enfim a própria aparência do lugar fazia Vilnak'dor parecer diminuto. Vol'jin não conseguia imaginar por que Rastakhan mandaria Vilnak'dor, a não ser que este general fosse a melhor opção para não ofender os mogus. Concluiu que Vilnak'dor provavelmente não era o único oficial Zandalari de alta patente envolvido na invasão.

Mas é com ele que eu tenho que lidar.

— As coisas que cê disse vão exigir ponderação, Lançanegra — disse Vilnak'dor. — Tua posição de caçador sombrio é muito respeitável e tua avaliação política é valiosa. Vou pensar nessas questões.

— Como for do teu agrado, meu senhor. — Vol'jin se curvou ao estilo pandaren, depois saiu atrás de Khal'ak. Eles caminharam pelos corredores escuros. Seus passos eram apenas sussurros ecoando pelos vãos escuros. Continuaram em silêncio até chegar aos degraus e pararem entre os quíens de pedra.

Vol'jin olhou para ela com uma expressão franca.

— Cê já entendeu que a gente vai ter que matar ele. Cê tava certa em dizer que ele tem medo de mim. Vai ter mais medo ainda de um caçador sombrio.

— Por isso que ele vai ser forçado a mandar te eliminar. — Ela franziu a testa. — Nada desastrado como a tentativa de Garrosh. Primeiro, ele vai aceitar os Lançanegra, depois vai dar cabo de ti. Uma carta escrita por ti antes de morrer vai elogiar e nomear ele, ou um fantoche dele, como teu herdeiro.

— Concordo. Isso vai dar tempo pra gente.

— Ele vai te deixar definhando na prisão por vários dias, depois vai te libertar pra que cê seja grato a ele.

Vol'jin assentiu.

— E te dá tempo para se preparar.

Antes que ela pudesse responder a esse comentário, o Senhor da Guerra Kao entrou pela porta. Ele ainda estava com o manto que tinha recebido, mas agora usava botas altas, calças de seda dourada, uma túnica de seda preta e um cinto de ouro. Ele parou, não por ter se surpreendido, mas de propósito.

Ele estava nos espreitando.

— Meu mestre me prometeu que eu poderia matar quantos pandarens eu desejasse. Eles são criaturas falhas. Somos melhores. Então eles serão eliminados. — O mogu mostrou os dentes brancos. — Inclusive seus companheiros, troll.

— A sabedoria do seu mestre merece ser honrada. — Vol'jin se curvou, não muito nem por muito tempo, mas se curvou.

O mogu debochou.

— Conheço vocês, troll. Sua raça. Vocês só entendem o poder. Olhem e aprendam a temer o poder do meu mestre.

O Senhor da Guerra Kao abriu completamente seus braços, mas não num gesto de alguém que está reunindo poder. Era na verdade um anfitrião, um mestre de cerimônias, apresentando as maravilhas de que seus convidados desfrutariam. Suas mãos se abriram, abraçando os quíleys, e as feras se moveram. A pedra não rachou como ocorreu na ressurreição dele. Aquela magia era inferior, coisa trivial comparada a isto. O poder do Rei Trovão transmutou instantaneamente a pedra cinzenta em carne viva, criaturas de olhos vazios em monstros famintos.

Kao riu novamente. Os quíleys, como cães chamados pelo caçador, saltaram dos pedestais e vieram sentar ao lado dele.

— Seus pandarens jamais poderiam ter construído isto. Mesmo com todo o tempo que tiveram, eles nunca conseguiram criar algo tão elegante. O Rei Trovão ergueu isto sozinho, através de seus sonhos. Agora que ele retornou para o nosso convívio, erguerá seu império novamente. Não há força no mundo que possa impedi-lo, nada que possa lhe negar qualquer coisa que ele desejar.

— Então, só um tolo ficaria contra ele. — Vol'jin se curvou mais respeitosamente. — E eu não sou tolo.

Assim que Kao saiu, Khal'ak suspirou profundamente.

— Ele não é inimigo que se queira ter.

— Foi um equívoco.

— É só um contratempo, que pode ser remediado. — Ela se dirigiu a Vol'jin e tirou dele a adaga cerimonial. — Vou convencer Vilnak'dor de que cê é a chave do sucesso. Ele vai te libertar. Até lá...

O Lançanegra sorriu e estendeu as mãos para ser preso novamente nas correntes de ouro.

— Eu sou troll. Posso ter muita paciência.

Khal'ak lhe deu um beijo na bochecha antes de entregá-lo aos guardas.

— Em breve, Caçador Sombrio, muito em breve.

Os companheiros de Vol'jin se afastaram da porta da prisão como se tivessem sido ordenados pelos Zandalari e, quando os guardas saíram, receberam-no calorosamente. Pediram que ele lhes contasse tudo. Ele contou, começando pela oferta de Khal'ak, depois sobre sua conversa com o líder Zandalari e, por fim, a demonstração de poder de Kao.

Cuo não disse nada. Chen ficou estranhamente calado. O homem esticou os braços e segurou nas barras de cima da jaula.

— Não posso censurar esse seu raciocínio.

Vol'jin o olhou bem de perto.

— Cê tomou tua decisão de continuar como morto porque, apesar de ser doloroso, seria o melhor pra tua família, não foi?

— Exato.

— E cê tomou essa decisão por que cê tava vendo a vida com ela é de fato, não como cê imaginava ou gostaria que fosse, não foi?

Tyrathan confirmou.

— Como eu disse, não posso censurar sua lógica.

Vol'jin se agachou, baixando também o tom de voz.

— Para fazer o melhor para a família, é preciso estar agindo pela verdade, não pela ilusão. Esse é, e sempre vai ser, o problema dos Zandalari.

Chen se aproximou mais.

— Não compreendo.

— Cê já devia estar entendendo, meu amigo. Cê viu em primeira mão. Cê conhece os Lançanegra. Cê esteve no meio da gente. Cê viu nosso coração. Os Zandalari, os Gurubashi e os Amani olham pra gente com desprezo. Eles pensam que a gente não fez nada enquanto eles tavam construindo e perdendo impérios. Os Gurubashi pensam que podem exterminar a gente. Eles fracassaram. Fracassaram em enxergar a verdade.

“Os Lançanegra sobreviveram. E a gente sobreviveu porque tamos vivendo no mundo como ele é, não no mundo que a gente lamenta ter perdido. Eles avaliam tudo tomando como referência uma coisa imaginada. Eles não sabem de verdade como eram os impérios do passado. Eles só conhecem a fantasia romantizada desses impérios. Os padrões deles não são

realistas, não só porque são baseados em mentiras, mas porque esses padrões não são mais compatíveis com o mundo atual.”

Ver Vilnak'dor usando roupas mogus, diminuído pela arquitetura mogu, tinha cristalizado na mente de Vol'jin um pensamento que o tinha assombrado em sonhos e visões. A história dos trolls como um todo só poderia ser vista como algo que desceu das alturas. Os trolls já tiveram unidade, mas depois dessa época a sociedade tinha se fragmentado, e as partes tentaram recriar a glória idealizada do todo. Além de isso ser impossível, para concretizar essa visão, eles se lançaram uns contra os outros. Até hoje os Zandalari ambicionam uma unidade dos trolls, menos para reconstruir o que os trolls já tiveram e mais para confirmar seu lugar no ápice da civilização trólica. Cada parte, em sua busca por formar um império e dominar o mundo, fazia isso para provar que era a melhor.

Mas tudo que eles fazem confirma que eles não acreditam ser os melhores.

Sen'jin, pai de Vol'jin, nunca tinha enxergado as coisas desse jeito. Ele queria o melhor para os Lançanegra. E o melhor era lhes dar um lar seguro, onde eles pudessem atender aos seus desejos e suas necessidades sem maiores preocupações. Para aqueles obcecados com o poder, o passado e os sonhos de um império, isso parecia uma ambição pequena demais.

E, no fim das contas, essa ambição é a única semente para os impérios. Tyrathan enxergou na perspectiva dos medos de sua esposa, isto é, de que ele só sabia matar e destruir. Vol'jin achava que ela o tinha subestimado, mas a constatação dela certamente se aplicava aos Zandalari e aos mogus. A necessidade de vingança os guiava, mas... e depois que eles tivessem destruído todos os seus inimigos? Direcionariam seus esforços para criar uma sociedade idílica ou simplesmente para encontrar novos inimigos?

Tyrathan estava pronto para se sacrificar pela família. Chen faria o mesmo sem hesitar por Li Li e Yalia. Cuo e o Shado-pan se sacrificariam por Pandária. O pai de Vol'jin tinha feito isso, e Vol'jin também faria. *Mas quem é a minha família?*

Quando o agente do Rei Rastakhan, Zul, tentou reunir todos os trolls, Vol'jin tinha se retirado e dito que *a Horda era sua família*. A tentativa de

Garrosh de matá-lo pareceu transformar essa declaração numa mentira, mas então Vol'jin se deu conta de que esse ato não servia aos objetivos da Horda. O assassinato servia aos propósitos de Garrosh. O fato de ele querer matar Vol'jin marcava um ponto de divergência entre o que o orc queria e o que era bom para a Horda.

A Horda é minha família. É meu dever dar tudo pela minha família. Vol'jin mexeu a cabeça num gesto afirmativo para si mesmo. Ficar sentado em Pandária, lambendo suas feridas, era deixar a Horda sofrer. Fazer isso era uma traição para com sua família e suas responsabilidades.

Como troll e como caçador sombrio.

Ele não mentiu para Vilnak'dor quando disse que seu dever como caçador sombrio era fazer o que era melhor para os trolls. Unir-se a essa tentativa sangrenta de restabelecer impérios ancestrais não era o melhor para os trolls. E não era porque custaria vidas, era porque o projeto não tinha nada a ver com a realidade do mundo. A Horda era sua família. Os Lançanegra eram parte da Horda. A Horda era parte da realidade atual. O destino da Horda e o dos trolls estavam indissociavelmente intrincados. Agir como se isso não fosse verdade seria uma completa loucura.

Vol'jin pegou nas mãos a corrente dourada.

— O passado é importante. A gente pode e deve aprender com ele, mas isso não pode nos acorrentar. Os antigos impérios formados por legiões seriam dizimados se enfrentassem uma única companhia de goblins canhoneiros. As tradições do passado são valiosas, mas só como base para o futuro que a gente quer construir.

O troll apontou um dedo para Tyrathan.

— Vai ser como tu, meu amigo. Cê é bom em matar. Mas cê pode aprender a ser bom em criar; embora, vou admitir, saber matar seja mais útil no momento. E tu, Chen, cê quer um lar e uma família, isso é muito poderoso. Muito guerreiro morreu enfrentando um oponente que tava defendendo exatamente isso. E tu, Cuo, junto com o Shado-pan e sua busca por equilíbrio, vai ser a água que permite ao barco navegar e a âncora que impede que ele vá longe de mais.

Tyrathan olhou sério para ele.

— Sei que você valoriza minha destreza em matar, mas não vou usá-la em favor dos Zandalari.

— O que eu espero, meu amigo, é que cê use isso a meu favor. — Com uma simples flexão do punho, Vol'jin partiu o frágil elo central da corrente de ouro. — Eles construíram esta prisão pra segurar Zandalari. Eu sou mais que isso. Sou Lançanegra. Sou caçador sombrio. É hora de contar pra eles como foi grave esse erro que eles cometeram.



○ alívio de seus companheiros veio como ondas. O aperto no peito de Vol'jin diminuiu. Ele tinha se surpreendido por não rejeitar a oferta de Khal'ak logo de início. Preferiria acreditar que sua hesitação se devia somente ao fato de seus aliados estarem sob o domínio dela, mas isso era tão falso quanto dizer que o motivo de sua rejeição seria porque aceitar a oferta não os salvaria do Senhor da Guerra Kao. A oferta dela era do tipo que não se descarta sem ponderar antes. Mas aceitá-la tornou-se impossível até que ele identificasse a família pela qual estaria lutando.

O troll balançou a cabeça e manteve a voz baixa.

— Agora, a primeira coisa que a gente tem que fazer...

— Já cuidamos disso — falou Tyrathan observando o lado de fora. — Doze guardas. Oito, distribuídos em pares, nos quatro pontos cardeais. São Gurubashi que receberam esse serviço como punição. Há mais quatro, Zandalari, muito jovens e verdes, lá na estrada, onde é um pouco mais quente, muito mais seco e sem tantos insetos.

Vol'jin arqueou uma sobrancelha.

— Eu entendo a língua zandali, está lembrado? Guardas reclamam, e os insultos entre os grupos são horríveis.

Chen tomou a palavra.

— A porta foi colocada em batentes que ainda não estão firmes. O lado da fechadura está sólido, mas o lado da dobradiça não está. Os parafusos de baixo já estão quase caindo, os de cima racharam a madeira.

Vol'jin olhou para o monge com ansiedade.

O Irmão Cuo fez um gesto afirmativo.

— As inspeções começam ao norte em quinze minutos, perfazendo todo o circuito em vinte. A troca de turno é de oito em oito horas. A próxima é à meia-noite... se o que Tyrathan ouviu por alto for verdade.

Vol'jin postou as mãos nas coxas, em seguida ficou de pé e se curvou para eles.

— Daqui a duas horas, cês já vão ter escapado.

— Kao quer vê-los mortos, e eu não gosto da vista. — O homem devolveu o cumprimento. — Lembre-se de que saímos para encontrar você, talvez matar um ou dois Reis do Trovão para passar o tempo.

— O Rei Trovão tem uma guarda de mogus, sauroks e quílens gigantes. Sem falar na magia. A gente teria que reunir um exército só pra ter uma audiência com ele.

Chen franziu o cenho.

— Nós fugimos, então?

Vol'jin confirmou.

— Se a gente quer impedir a invasão...

O Irmão Cuo também levantou a sobrancelha.

— Não seria mais eficaz matar o Rei Trovão?

— Lembrem que imperadores comandam exércitos, mas não são bons em tomar ou manter territórios. — Vol'jin sorriu com frieza. — Se a gente der cabo dos que vão reconquistar o império dele, vai ser um golpe pior do que mandar ele de volta pro túmulo.

A meia-noite chegou e, com ela, a mudança de guardas já prevista. Os soldados do novo turno se acomodaram logo, enrolando-se em cobertores e queixando-se do serviço que os deixou sem fogueira. Vol'jin tinha ouvido reclamações parecidas em todos os acampamentos militares. Queixas por causa do frio, da comida ou de oficiais presunçosos constituíam noventa por cento das conversas e tinham o único propósito de afastar o tédio ou o medo. Os soldados se enquadravam facilmente em padrões, e seu mundo se resumia a um pequeno espaço em que fora da conversa deles mais nada existia.

Enquanto Tyrathan e Cuo vigiavam, Chen e Vol'jin cuidaram da porta. O pandaren segurou as barras na intenção de empurrar, enquanto o troll pegou o batente para girá-lo. Eles pretendiam fazer uma pressão contínua na esperança de fazer o mínimo de barulho.

Quando Vol'jin colocou as mãos no batente da porta, ele soltou um riso de desdém.

— Esta prisão não segura nem um gnomo.

O batente não estava muito fundo. Considerando que qualquer buraco no pântano se enche de água quase imediatamente, quem cavou deve ter posto o batente no primeiro monte de lama mais firme que achou.

O troll forçou o batente como se fosse um dente solto, e ele saiu facilmente. Chen fez o mesmo do outro lado, e assim conseguiram tirar a porta sem dificuldades. A trava saiu do suporte da fechadura sem fazer barulho, e Vol'jin pensou em mais uma razão para não se arrepender de sua escolha.

Morrer aqui neste pântano é melhor do que comandar idiotas.

Chen e Cuo saíram furtivamente das grades e entraram no pântano. Chegaram ao posto de vigia a oeste e eliminaram os guardas sem fazer mais barulho do que seria normal para um soldado indo à moita cuidar de suas necessidades fisiológicas, por exemplo. Tyrathan e Vol'jin se juntaram a eles e cada um pegou uma adaga. Os trolls também carregavam porretes, dos quais os pandarens se apropriaram.

Nos quinze minutos que se seguiram, eles foram para o sul, o leste e o norte eliminando os postos um de cada vez. Vol'jin optou por não usar

magia, pois concluiu que nenhum dos guardas era digno de ser morto pelas artes de um caçador sombrio. Chen e Cuo voltaram ao posto leste pouco antes de dois Zandalari fazerem a ronda no perímetro. No posto norte, Vol'jin puxou um dos uniformes Gurubashi e enfiou debaixo de um cobertor. Tyrathan arrastou os corpos para as profundezas do pântano e os deixou para as tartaliscas-dragões da ilha.

Na hora marcada, os dois guerreiros Zandalari seguiram para o posto norte. O menor deles, que ainda assim era maior que Vol'jin, o chutou no quadril.

— Levanta, cão preguiçoso. Cadê teu parceiro?

Vol'jin rosnou e apontou para dentro do pântano. Quando os dois Zandalari se viraram para olhar, ele se levantou e jogou o cobertor na cabeça do que estava mais perto. O guerreiro instintivamente ergueu as mãos para tirá-lo, o que permitiu que Vol'jin rapidamente enfiasse três vezes sua adaga na barriga do troll. Ele deve ter cortado uma artéria no primeiro ou no segundo golpe. Sangue quente e pegajoso esguichou.

O Zandalari caiu aos pés de Vol'jin.

O companheiro caiu em seguida, sobre ele. O Zandalari não tinha percebido que Tyrathan estava ali até que ele puxou-lhe a cabeça para trás pelo cabelo. A adaga Gurubashi não era especialmente afiada, assim Tyrathan teve que passá-la mais de uma vez na garganta do troll. Por sorte, o primeiro corte já foi suficientemente fundo para cortar a traqueia, de modo que os gritos de socorro viraram sussurros roucos de uma brisa noturna. O sangue jorrou das artérias rompidas. O troll sangrou até morrer, e uma relativa calma voltou ao pântano.

Sem manchas de sangue como o homem e o troll, Chen e Cuo se juntaram a eles arrastando os corpos dos dois outros Zandalari para o charco. Assim que a patrulha partiu na direção de Vol'jin, os pandarens cuidaram dos dois últimos trolls. Afundaram o crânio de um, o outro devia estar dormindo. Tyrathan acenou e os arrastou para um lugar, fora da vista do monge, onde cortou a garganta deles para garantir. Assim como os outros, desapareceram nas águas escuras.

Apesar da ânsia de vômito causada pelo fedor, Vol'jin continuou com o uniforme do Gurubashi. Eles concordaram que não fazia sentido os outros tentarem se disfarçar. Nem o troll mais estúpido confundiria um homem ou um pandaren com alguém de sua raça.

O fato era que não estariam nem procurando. Vol'jin entendia em parte isso. Ninguém considerado inimigo pelos Zandalari sabia onde a ilha do Rei Trovão ficava nem tinha uma força de invasão suficiente para conquistá-la. Se a Aliança ou a Horda tivessem atacado, o combate no porto iria retardar seu avanço por tempo suficiente para as tropas se organizarem e contra-atacarem. Atrair os atacantes para os pântanos e atacá-los lá daria aos trolls uma vantagem tática, pelo menos por conhecerem o terreno.

Sentinelas cochilavam nos seus postos ou faziam patrulhas apressadamente para poder voltar a ficar com os amigos. Isso fez com que o plano de Vol'jin para aleijar a invasão se tornasse fácil demais de executar. Teriam conseguido mesmo se tivessem que matar sentinelas, mas não precisaram. Puderam andar pelos acampamentos como fantasmas — o que, aliás, era bem o caso da aparência de Tyrathan e Vol'jin.

Os trolls organizavam seus acampamentos com uma regularidade entediante. Eles colocavam estandartes no meio para indicar que unidade era aquela e colocavam outros menores na frente das tendas em que dormiam os oficiais. Vol'jin passou por esses acampamentos matando sargentos e capitães, as duas principais patentes na estrutura de comando de qualquer exército. Sem capitães para interpretar as ordens e sargentos para garantir que os soldados a executem, até a mais brilhante das estratégias se despedaçaria.

Vol'jin executou seu trabalho de forma fria e eficaz. Uma lâmina rápida no escuro. Um troll engasgando e caindo trôpego em sua esteira de dormir. Vol'jin não se abalava e mandava-os para o abraço frio de Bwonsamdi com satisfação. Sua própria estupidez os sentenciou à morte — Vol'jin só executava a sentença.

E, sempre que possível, ele se assegurava de ter deixado uma pegada clara em seu rastro. Enquanto tentavam chegar ao porto, rapidamente concluíram que não seria possível matar um número suficiente de oficiais.

Cuo e Chen ficavam vigiando nos limites do pântano à frente e atrás da área em que o troll e o homem atacavam. Tyrathan não se afastava muito dos pântanos, mas Vol'jin conseguia matar alvos mais para dentro. O progresso foi lento, mas o tempo que cada execução levava ia consumindo suas chances de escapar.

Vol'jin não contou quantas vítimas foram, mas se eles tivessem matado cinco por cento dos oficiais, ele ficaria muito surpreso.

Vai ajudar, mas não vai ser o suficiente.

Tyrathan se juntou novamente a eles trazendo um poderoso arco Zandalari recurvado e uma aljava cheia de flechas.

— Eram de um sargento. Ele não vai mais precisar. E agora eu me sinto vestido de verdade.

Eles avançaram mais rápido, indo diretamente para o porto, e saíram dos pântanos perto de algumas colinas baixas do lado dos armazéns. Embora os trabalhadores ainda transportassem cargas indo e vindo do navio para a costa, o movimento tinha se reduzido. Pelas pancadas dos martelos de carpinteiro a bordo de muitos navios, Vol'jin deduziu que estavam realocando os anteparos para transformar os navios em transportes de tropas.

Mas não todos. Ele sorriu e se virou para Tyrathan.

— Acho que cê vai ficar feliz por ter me ensinado jihui.

Vol'jin apontou para um barco de pesca pequeno, mas robusto, na areia da praia, virado para o mar.

— Chen, em sua opinião, esse barco consegue chegar a Pandária?

O mestre cervejeiro fez sinal positivo.

— Desde que não tenha buraco no casco...

— Muito bem. Tu e Tyrathan vão colocar ele na água a cerca de cem metros à popa daquele navio de três mastros que tá no meio do porto. Meia hora. Ao amanhecer.

— Considere feito.

Vol'jin segurou Tyrathan pelo antebraço.

— Esteja pronto para atirar se precisar.

— É claro.

— Vão.

O monge olhou para ele enquanto os outros dois saíam. O troll apontou para um guarda solitário patrulhando no fim de um pequeno quebra-mar que protegia a entrada do porto.

— Preciso dele vivo, Cuo, bem aqui, e cê junto dele. Logo depois de amanhecer.

O monge se curvou.

— Obrigado, Mestre Vol'jin.

— Vá.

Vol'jin esperou que o pandaren desaparecesse antes de começar a descida pela colina na direção do armazém. Agora ele desejava profundamente ter pegado um uniforme de um dos Zandalari que eles mataram. Se tivesse feito isso, apesar de ser mais baixo do que a maioria deles, ele poderia andar descaradamente pelas docas até o navio escolhido. E teria acrescentado um imperioso ar de presunção. Todos sairiam do caminho dele.

Como lhe faltava o disfarce para interpretar o papel a contento, ele se adequou a outro. Encharcado de lodo até a cintura e com as mangas do uniforme já endurecendo por causa do sangue, ele curvou os ombros e começou a arrastar um pouco a perna direita, como se tivesse quebrado o quadril há tempo e nunca tivesse se curado totalmente. Ele girou ligeiramente o boné e virou a cabeça para o outro lado.

Ele atravessou as docas, apressado e determinado — pareceria que a urgência não era dele. O guarda no passadiço do navio mal olhou para ele.

Mas não aconteceu o mesmo com o oficial Zandalari no convés de armas superior.

— Que é que cê tá fazendo?

— Meu mestre tá querendo um rato de porão. Não gordo nem magro demais. Branco, se possível. Os brancos são melhor pra comer, sabe?

— Rato de porão? Teu mestre é quem?

— Quem sabe o que passa na cabeça de um mandingueiro? Uma vez eu acordei debaixo de chute porque ele queria três grilos silenciosos. — Vol'jin baixou a cabeça e encolheu os ombros como se esperasse levar uma

surra. — Esses não prestam pra comer, nem o barulhento nem o silencioso. Mas, os ratos, tem gente que gosta de tirar a pele antes, eu não. Cê só pega um espeto e enfia bem no...

— Sim, sim, muito interessante, tá. — O Zandalari parecia já ter comido sua cota de ratos, que não achava muito saborosos. — Vai logo com isso, então.

Vol'jin abaixou a cabeça de novo.

— Brigado, chefe. Se quiser, não dá trabalho nenhum pegar um roliço pra tu.

— Não, só vai rápido.

O Lançanegra desceu para os níveis mais fundos do navio. Dois conveses abaixo, ele corrigiu a postura e seguiu direto para o paiol. Um marinheiro estava de guarda na porta, mas o suave sobe e desce do navio nas ondas o fez dormir. Vol'jin segurou no queixo e no topo da cabeça dele, depois torceu abruptamente. O pescoço do troll estalou fácil, mas silenciosamente. Ele encontrou a chave do paiol no corpo do marinheiro, o que o poupou de ter que subir novamente para o convés para matar o oficial para pegá-la. Então, destravou a fechadura.

Vol'jin colocou o corpo dentro do paiol e separou quatro sacas de pólvora, cada uma com o suficiente para carregar um canhão. Então, arrombou a tampa de um barril com o cotovelo. Ele virou o barril na direção da escotilha, depois pegou os sacos e fechou-a novamente. A borda inferior da escotilha nivelou a pólvora preta a uma altura de pouco mais de um centímetro para dentro do convés. Vol'jin então usou dois sacos para fazer um caminho de pólvora ao longo do anteparo, escondido pelas sombras, e ao redor da cabine à popa.

Ali ele colocou uma trilha para o meio do piso e derramou as outras duas sacas, fazendo um grande monte. A cabine, que aparentemente servia de hospital do navio, tinha duas lamparinas a óleo penduradas em correntes. Vol'jin acendeu ambas, virou o pavio para cima e espalhou pólvora sob elas.

Ele bloqueou a porta, observou seu trabalho e sorriu. Então, abriu a janela da popa e saiu. Pendurou-se segurando com as mãos e deixando os pés balançarem a apenas três metros da água escura. Vol'jin então esticou a

ponta dos pés e soltou. Mergulhou diretamente para baixo, espalhando pouca água, depois tomou impulso no caso e nadou submerso para o lugar para onde ele esperava que Chen tivesse levado o barco de pesca.

Vol'jin emergiu na metade do caminho e alcançou logo o barco. Chen e Tyrathan o puxaram para dentro. Ele se deitou no fundo do barco e apontou para trás.

— Tão vendo aquelas duas luzes...

Tyrathan armou o arco, sorrindo.

— Jihui. O navio de fogo. — Depois puxou a corda e soltou.

A flecha desapareceu na noite. Embora confiasse em Tyrathan, Vol'jin duvidou por um momento. Então ouviu um barulho de algo quebrando. Presumiu que era o vidro de um caixilho sendo quebrado pela flecha. Tyrathan argumentou que ele estava imaginando coisas, já que seu tiro tinha entrado por uma janela aberta.

Fogo líquido se espalhou na cabine distante. Uma luz fulgurante brilhou, e uma fumaça apareceu quando a pólvora queimou com um som abafado. Vol'jin já imaginava o oficial de serviço se virando e vendo a fumaça subir. Ou ele soaria o alarme ou saltaria do navio — e certamente nem pensaria no caçador de ratos lá embaixo ou em seus companheiros de tripulação.

Então o paiol explodiu. O conteúdo do barril derramado pegou fogo. As chamas surgiram por baixo das tábuas, jogando uma aqui, outra acolá. Então foi a vez da carga dos sacos, que por sua vez incendiaram os outros barris. Foram explosões em cascata, aumentando em brilho e velocidade até que se mesclaram em um enorme estrondo que explodiu o casco a estibordo.

O navio foi precipitado violentamente contra as docas, esmagando-as. Estacas vararam o casco. As explosões continuaram avançando, lançando longe as escotilhas dos canhões. Um canhão chegou a disparar através do casco rasgado, caindo sobre as docas e derrubando-as.

E, na imaginação de Vol'jin, esmagando o oficial de guarda que fugia.

Em seguida, uma explosão trovejante lançou uma coluna de fogo no ar, destruindo completamente o navio. Os mastros viraram silhuetas negras,

despontando do meio das chamas. Eles pareceram tentar alcançar as estrelas, depois caíram de novo. Um deles perfurou o casco de um segundo navio. Outro despedaçou uma doca.

Canhões rodopiaram pelo ar, armas se separando do suporte. Um foi lançado para a costa, girando descontroladamente. Bateu em dois trolls e depois derrubou a fachada de um armazém.

Detritos de madeira, muitos queimando, se espalharam. Caíram sobre outros navios e no teto dos armazéns mais distantes. As brasas espelhavam as estrelas no céu. Labaredas tremulando, carvões acesos e silhuetas de trolls e mogus correndo em pânico.

Uma onda se formou do local onde a proa e a popa do navio afundavam lentamente, empurrando o pequeno barco deles na direção do oceano. Chen segurou a cana do leme com as duas patas e desviou dos detritos flamejantes enquanto Tyrathan e Vol'jin lutavam para colocar o pedaço de lona triangular no mastro.

O troll sorriu quando partiram em direção ao local onde Cuo os esperava.

— Belo tiro aquele.

— Uma flecha, um navio abatido e um porto danificado. — O homem meneou a cabeça. — Mas para todos os efeitos Tyrathan Khort está morto. Seria uma história tão fantástica que ninguém acreditaria, independentemente de quem contasse.



Ver o Gurubashi ajoelhado diante de Vilnak'dor, balbuciando besteiras, bastava para causar pena a Khal'ak, mas a história se tornou ainda mais patética na segunda vez. Para piorar, o Lançanegra o humilhou. O troll fitou o general Zandalari com os olhos umedecidos implorando misericórdia.

— Eles me acordaram com um balde d'água, meu senhor. Daí chegou um troll, me agarrou pelo pescoço e me mandou te entregar uma mensagem. Ele era assustador, ainda mais naquela luz dos navios pegando fogo, meu senhor. Disse que era um caçador sombrio e que eles tinham incendiado os navios. Disse também que ele, o homem e os Shado-pan vão nos arruinar se a gente levar a invasão a cabo. Daí ele foi e fez isso!

O Gurubashi puxou para trás os cabelos ruivos que lhe cobriam a fronte. O desenho tosco de uma lança fora marcado em sua testa.

— Disse que isso era pra gente não se esquecer dos Lançanegra.

Vilnak'dor chutou o troll no estômago e virou-se para Khalak.

— A culpa é tua, Khal'ak. Toda tua. Cê se deixou enganar.

— Ele não faz nada disso, meu senhor. Vol'jin nos pertencia de coração e alma, até que o Senhor da Guerra Kao tirou minha autoridade — retrucou Khal'ak, de queixo erguido.

O senhor da guerra mogu, que havia permanecido em silêncio durante o relato balbuciante do troll, examinava detidamente uma de suas garras.

— Ele estava ligado aos Shado-pan. Não era digno de confiança.

— Nós vamos cuidar dele — grunhiu Khal'ak.

— Assim como ele cuidou dos seus oficiais e de seu navio?

“Na ilha onde teu mestre é capaz de erguer prédios com o poder dos sonhos, ele não pôde perceber a fuga de Vol'jin?” Hesitou Khal'ak por um instante, indagando-se se o Rei Trovão havia percebido e decidido manter silêncio. “É possível. Tolo, mas possível. Tolo o bastante para parecer genial a um rei que foi deposto pelos pandarens.” Ela conteve sua linha de pensamento e dirigiu-se ao seu superior:

— O dano causado é insignificante, tanto as perdas, quanto as consequências. As tropas estão em alerta e vão continuar assim até as operações em Pandária. A perda de um navio é lastimável, mas o incêndio foi contido. Se o armazém tivesse sido afetado, nossa invasão teria que ser adiada por mais uma estação. Do jeito que as coisas estão, vamos gastar apenas uma quinzena para reparar o cais e limpar o porto dos destroços.

— Viu só, Senhor da Guerra Kao, vamos zarpar em duas semanas. Teu mestre vai ficar contente — riu-se Vilmak'dor.

— Vocês zarpam em duas semanas. Eu zarparei dentro de uma semana. Os Shado-pan devem ser destruídos. Eu e meus guarda-costas nos certificaremos disso — contrapôs o mogu.

Khal'ak franziu o cenho. Guarda-costas? Os únicos mogu associados a Kao eram aqueles dois sujeitos de capa e bastão que haviam se aproximado dele na tumba.

— Quantos guarda-costas exatamente?

— Dois bastam — respondeu Kao, confiante.

— Cê não sabe quantos monges vai enfrentar, Senhor da Guerra.

— Não importa. Nós venceremos.

— Não se ofenda, mas não foi isso que aconteceu no passado — pontuou o general troll, franzindo as sobrancelhas.

— Não estamos no passado, General Vilnak'dor.

Não, estamos no presente. Um presente onde tivemos que te resgatar de uma tumba onde cê tinha sido enterrado pelo teu tão querido mestre.

Vilnak'dor fechou a cara.

— Eu tinha esperança, meu amigo, de te surpreender com uma boa notícia: queria poder dizer que os Shado-pan foram eliminados.

— Por que meio?

O troll indicou Khal'ak com os olhos.

— Vou despachar minha ajudante para cuidar deles. Ela vai com quinhentos guerreiros Zandalari de elite. Mais da metade são do meu próprio clã. Quando teu mestre chegar em Pandária, vai ser presenteado com a cabeça de cada um dos Shado-pan, além do Lançanegra e seus companheiros.

— Ela? Quem deixou o Lançanegra fugir e espalhar o caos? Os Zandalari enlouqueceram com o passar dos séculos? — perguntou o mogu, cujo olhar dardejava do general para Khal'ak e vice-versa.

— Cê esqueceu de se perguntar, meu amigo, por que eu confiaria nela para trazer a cabeça de Vol'jin. Permita uma pequena demonstração.

Khal'ak aquiesceu. Ela cutucou o Gurubashi com o pé.

— Levanta! — ordenou.

Um segundo chute e uma ordem mais violenta fizeram com que o troll se pusesse de pé, cambaleante.

Ela lhe desferiu uma murraça acima da orelha esquerda e sentenciou:

— Corre! Se conseguir alcançar a porta, cê vive. Vai!

Com a mão sobre a orelha, o troll disparou a correr. Khal'ak ergueu o punho direito, empunhando uma adaga que carregava oculta sob a manga. Ela recuou o braço, medindo a distância. O troll havia ganhado velocidade, o medo apressando-lhe as pernadas. Ele estava a um passo da porta.

Khal'ak projetou o braço num movimento de chicote.

O troll hesitou e apertou o próprio peito, sufocando. Ele caiu de joelhos e foi ao chão num baque surdo. Seu corpo foi atacado por espasmos

convulsivos, as unhas arranhavam o chão polido de pedra. Suas costas arquearam e ele soltou um último grito. Seus olhos se tornaram opacos quase que instantaneamente.

O mogu se aproximou, seus passos estremecendo o chão. Ele fitou o cadáver intensamente, mas não se curvou para fazer um exame completo. Não havia dúvidas de que o troll estava morto, embora a lâmina não saísse do outro lado do peito e tampouco lhe escorresse sangue.

— Ainda assim, vou enviar meus guarda-costas. Você pode ficar encarregada dos Shado-pan, mas com uma condição — disse Kao, virando-se para seus companheiros.

— Pois não? — perguntou Khal'ak, indulgente.

— Meu mestre quer o sangue dos Shado-pan espalhado por toda parte.

Quando o mogu partiu, Khal'ak se inclinou ao ouvido de Vilnak'dor e confidenciou:

— A confiança que cê deposita em mim fortalece meu ânimo, meu senhor.

— Assim espero. Kao é teu inimigo e vai tentar colocar o Rei Trovão contra ti. Cê vai trazer as cabeças como prometido, ou eu é quem farei rolar a tua cabeça.

— Entendido, meu senhor — respondeu Khal'ak, reerguendo a cabeça.

— Por que decidiu enviar quinhentos guerreiros?

— Porque assim os escolhidos vão considerar a missão uma honra. Se fossem mais, achariam que é uma missão tola, sem esperanças de vitória. Essa impressão reduziria o moral das tropas. Mas, francamente, um Lançanegra, um homem e meia dúzia de Pandarens presos em uma montanha? O monastério não tem estrutura para mais do que cento e cinquenta homens. Quinhentos serão o bastante.

— Cê tá coberto de razão, meu senhor. Quinhentos são mais do que suficiente. Vou me certificar de que são.

— Vai, sim — disse o general, apontando para o Gurubashi morto. — Vou recomendar tuas habilidades.

— Muito obrigada, meu senhor. Vou mandar alguém retirar o corpo daqui.

Khal'ak fez uma cortesia e, ao sair, não fez questão de se desviar do cadáver: passou por cima dele como se o troll fosse tão invisível quanto a faca que ela havia arremessado.

A morte do Gurubashi fora apenas um espetáculo para o mogu. Khal'ak fingiu arremessar a faca e a pôs de volta na bainha, no momento em que Kao se virou para vê-la atingir a vítima. O que matou o Gurubashi não fora uma faca invisível, mas uma agulha envenenada, ao receber o golpe na orelha. Uma vez envenenado, o troll tinha dez segundos de vida. Khal'ak contou até oito para fingir o arremesso. Ela fez que acreditassem que havia matado por meio de magia, mas não havia conjurado magia alguma, e isso faria com que o mogu se questionasse se os Zandalari não haviam encontrado uma nova forma de poder enquanto os mogu hibernavam.

O estratagema não fora tramado apenas para o mogu. Khal'ak sabia que precisaria daquilo e de muito mais para destruir os Shado-pan. Afinal de contas, Vol'jin havia abandonado a ela e aos Zandalari para se juntar aos pandarens. Ele provavelmente sabia algo que ela ignorava e o único jeito de descobrir seria derramando sangue.

Sob a direção de Chen, Vol'jin e seus companheiros haviam colocado o máximo de pano possível nos mastros do navio. Ainda que não fossem os melhores navegadores do mundo, os pandarens mantiveram o navio no curso do vento: sul, rumo a Pandária. Embora a manutenção do navio e o alerta permanente para possíveis perseguidores demandassem bastante de sua atenção, vez ou outra era possível ouvir um deles gargalhando, ao se lembrar da fuga.

Vol'jin e o Irmão Cuo se encontravam no convés sob o sol escaldante de meio-dia. O monge andava bastante calado, como de costume, mas Vol'jin se perguntava se os acontecimentos passados durante a fuga não estavam contribuindo para o habitual silêncio do companheiro.

— Irmão Cuo, aquilo que fiz com o soldado Gurubashi... Cortar ele daquele jeito foi cruel, eu tô ligado, mas não foi essa minha intenção.

— Por favor, mestre Vol'jin, eu sei por que você fez o que fez. Assim como sei que o equilíbrio não é uma oposição entre abundância e pobreza. Em teoria, a paz é o estado de equilíbrio da guerra, mas, na prática, a violência não encontra equilíbrio na ausência de si mesma, mas em uma violência da mesma natureza que se move em sentido oposto.

“Vocês acham que os Shado-pan são isolados de tudo, quiçá provincianos, porque não vimos tudo aquilo que viram, mas eu sei que a violência possui uma gama de nuances. Qual é o dano causado por uma espada que golpeia o ar? Ao cortar aquele troll, você distraiu o inimigo, cuja espada revidará no ar. Ao matar os soldados, a mão que empunha a espada enfraquece.”

— O que eu fiz não vai fazer o inimigo golpear o ar. Ele vai atacar a gente — discordou Vol'jin. — Na real, ele vai atacar os Shado-pan. O que eu fiz vai tocar o terror nos mogus e vai forçar os Zandalari a eliminar os Shado-pan. Você viu os exércitos reunidos na ilha.

— São formidáveis! — sorriu o pandaren. — Mas os seus Zandalari nos veem como uma luz fúlgida. Os mogu, como uma chama abrasadora. Eles não percebem que, na realidade, somos o fogo. Este será um erro de que se arrependerão amargamente.

Chen levou o pequeno barco de pesca a uma enseada sob o pináculo de pedra do Pico da Serenidade. Eles arrastaram o barco até a mancha da maré alta e o amarraram ali. Eles sabiam que não o usariam nunca mais, mas abandoná-lo à deriva ou ao naufrágio parecia ingratidão demais pelo serviço que ele lhes havia prestado.

Eles subiram a colina rochosa, por vezes sendo obrigados a escalar paredões íngremes. Vol'jin imaginava multidões de Zandalari apinhados sobre aquelas mesmas rochas. Em sua imaginação, ele os via como uma imensa crista negra e ondulante ao longo da colina, e então uma imensa avalanche caía sobre eles. Trolls esmagados, derramando seu sangue por

entre as pedras, enquanto outros, lançados no oceano, afogavam lentamente, o ar fugindo-lhes do pulmão.

Mas não é assim que vai acontecer.

O melhor que poderia acontecer aos Zandalari era não atacar o monastério. O que eles precisavam fazer era cercar a montanha com dois ou três cordões de tropas. Assim, impediriam os monges de descer ao socorro de Pandária. Bastava incluir neste plano uma companhia de cavaleiros de pterordax para conter as serpentes das nuvens e os Shado-pan ficariam completamente indefesos, enquanto os Zandalari e os mogus ocupavam o Vale das Flores Eternas, a Floresta de Jade e as Estepes de Taolong. Uma vez conquistadas essas áreas, seria fácil conquistar o monastério.

O problema de Vilnak'dor é que esta estratégia não funcionaria. Os mogus exigiriam que os monges fossem destruídos, e os Zandalari não podiam deixar essa tarefa a cargo dos mogus, pois eles já haviam fracassado no passado. Se tivessem matado os Shado-pan, os mogus talvez nem precisassem dos Zandalari agora. E se fracassassem, os Zandalari, além de ter que limpar a bagunça, teriam que lidar com um Rei Trovão bastante furioso.

Além disso, as tropas trólicas saberiam, mais cedo ou mais tarde, que naquela ilha havia um troll e um homem bastante letais. Na velocidade com que os boatos se espalham num acampamento militar, Vol'jin sabia que seria identificado como um caçador sombrio treinado pelos monges, ou então que os monges haviam recebido um treinamento especial de caçador sombrio com ele. De um jeito ou de outro, surgia em Pandária uma ameaça invisível que espreitava pelos acampamentos inimigos, o que tornava cada um dos soldados vulnerável. Isto não seria bom para o moral das tropas.

Vol'jin explicava suas ideias a Taran Zhu, logo depois dos fugitivos terem chegado ao monastério. O monge ancião não se surpreendeu muito ao vê-los. Ele sabia que os fugitivos não estavam mortos, pois eles não haviam despencado dos ossos da montanha. Tampouco havia despencado a Irmã Quan-li, o que dava força aos viajantes.

O líder dos Shado-pan estudava um mapa do distrito de Kun-Lai, acompanhado de Vol'jin e Tyrathan.

— Você avalia, então, que os Zandalari lançarão suas tropas de elite contra nós? Apenas isso será capaz de erguer o moral e apaziguar os mogus.

— Isso é um avanço contra o sul, a partir de Zouchin, é o que eu faria. Eu enviaria um destacamento ao sul e outro ao oeste, bloqueando o acesso à Floresta de Jade e às Estepes de Taolong. Mesmo que as tropas de elite não conseguissem te matar, cê não teria como recuar.

— Se retirarmos as tropas agora para o Vale dos Quatro Ventos, escaparemos da emboscada. Vamos deixar algumas pessoas aqui para dar a impressão de que ainda estamos no monastério. Os homens que ficarem podem usar as serpentes das nuvens para fugir durante a noite, enquanto os Zandalari fecham o cerco — acrescentou Tyrathan, apontando o extremo sul do mapa. — É um plano sagaz. Vou organizar tudo para que possam realizar a evacuação — finalizou o monge com um meneio reflexivo e os braços cruzados às costas.

— Cê fala como se não viesse conosco — disse Vol'jin com os olhos semicerrados.

— Nenhum Shado-pan irá.

— Eu trouxe os Zandalari até aqui. Eu transformei o monastério num alvo. Fiz isso pensando que cê iria embora para liderar a oposição a partir de outro lugar.

— Admiro a responsabilidade que assume por seus atos, Vol'jin, mas não foi você que nos transformou num alvo. Este monastério foi a base militar dos pandarens que derrubaram os mogus. Foi a história que nos transformou num alvo. Talvez você tenha apressado o ataque, mas eles viriam de qualquer jeito. Era inevitável.

“E é por este motivo que não podemos partir.”

O monge apontava para o mapa.

— Foi aqui que conquistamos a liberdade de Pandária e é aqui que a defenderemos. Se o Pico da Serenidade cair, a paz deixará para sempre nosso lar. Mas esse é o nosso lar, não o seu. Não espero que você e Chen fiquem aqui. Vocês têm que ir para o sul. Seu povo tem força para se opor à invasão. Dê-lhes a notícia. Faça com que entendam.

— Com quantos homens cê planeja defender isso aqui? — perguntou Vol'jin, estremeando.

— Com a volta do Irmão Cuo, somos trinta.

— Trinta e um — interveio Tyrathan decidido, as mãos apoiadas na cintura. — E duvido que Chen vá nos deixar.

— Então somos trinta e três.

— Vocês são generosos conosco e condizentes com a sua honra, mas não os obrigarei a ficar. Voltem à sua gente. Não há razão para morrerem aqui — sentenciou Taran Zhu, curvando-se numa mesura.

— Você esculpiu nossa imagem nos ossos da montanha, não esculpiu? — perguntou o troll, de queixo erguido.

O monge aquiesceu em silêncio.

— Então nossa gente são os Shado-pan. Cês são a nossa família. — Vol'jin sorriu. — E eu não tô nem um pouco a fim de morrer aqui. Isso vai ser com os Zandalari.



Vol'jin sentiu a presença de seu pai e não ousou abrir os olhos. O caçador sombrio havia se recolhido à sua câmara, no monastério, apesar do frenesi causado pelos preparativos do ataque que estava por vir. Ele realmente acreditava em tudo que havia dito a Taran Zhu, sobre sentir-se em família, como se o monastério fosse seu novo lar, e o vínculo firmado por ter sua imagem esculpida nos ossos da montanha fosse real.

Sua convicção era tão forte que ele sentira necessidade de se comunicar imediatamente com os loa. Embora estivesse agindo corretamente — ele não possuía dúvidas quanto a isso —, ele sabia que os loa poderiam lhe dar as costas. Eles talvez concordassem que os Zandalari estavam fazendo algo ruim, mas também poderiam considerar seu comprometimento com a causa pandaren algo prejudicial aos trolls.

A presença de seu pai o reconfortou. Pelo menos até aí, não havia hostilidade alguma. Vol'jin respirava e expirava lentamente. Ele combinava as técnicas que havia aprendido no monastério com práticas antigas. Dirigiu-se aos loa como o esperado de um caçador sombrio: firme e

determinado. Ao mesmo tempo, como um adulto que havia reverenciado e admirado seu pai e seus sonhos, ele fora invadido por uma alegria infantil ao vê-lo antes dos outros loa.

Vol'jin enxergava sem precisar abrir os olhos. Seu pai estava lá, um pouco mais curvado pela idade do que ele gostava de se lembrar, mas de olhos tão aguçados como sempre. Ele trajava um manto pesado de lã azul, com um capuz que lhe caía sobre os ombros. Ele sorria.

O caçador sombrio não fez sequer menção de esconder o sorriso em seu rosto, embora ele não tenha durado muito.

— Era isso que cê esperava de mim?

— Peitar os Zandalari em um lugar que vai ser tua ruína? Assumir uma batalha que não pode vencer, por um povo que não te entende, e não faz questão nenhuma de entender? — Sen'jin deu de ombros e balançou a cabeça. — Não, meu filho.

Vol'jin estava cabisbaixo, o peito lhe doía. Parecia que uma corrente enferrujada, repleta de espinhos, havia sido amarrada em volta de seu coração. E o nó apertava. Se ele possuía alguma meta na vida, era deixar o pai orgulhoso. Mas ainda assim, ele pensou: *Se for preciso desapontar ele, que seja.*

— Isso não é o que eu esperava de ti, Vol'jin, mas o que todos os loa esperam de um caçador sombrio. Eu não esperava isso de ti, mas sempre soube que cê estaria à altura do desafio quando a hora chegasse. — Seu pai falava com uma voz suave, e podia-se perceber uma nota de alegria sob o tom austero.

— Acho que não tô entendendo, pai. — Vol'jin erguera a cabeça, sentindo a pressão no peito diminuir.

— Vol'jin, cê é meu filho. Tenho muito orgulho de ti e de tudo que conquistou. — O espírito de seu pai erguia um dedo em riste. — Mas quando se tornou um caçador sombrio, cê deixou de ser só meu filho. Cê se tornou um pai para todos os trolls. Cê é responsável pela gente, pelo que vai ser da gente. Nosso futuro tá em tuas mãos, e não há ninguém mais digno de confiança para guiar a gente do que tu.

O mundo de Vol'jin virou de cabeça para baixo. Sem se mover, viu-se diante de seu pai, face a face. Olhou para o céu noturno e viu a explosão das estrelas, numa noite repleta de explosões. Viu Azeroth emergir do nada. A chegada dos loa e a criação dos trolls, em troca de adoração e súplicas eternas. Guerras e calamidades, tempos de paz e alegria passaram-se diante de seus olhos, no brilhante laço de cetim da história.

Não importa o que visse, quão breve fosse o vislumbre, sempre havia meia dúzia de caçadores sombrios envolvidos. Algumas vezes, à frente de seu povo. Em outras, por trás de um grande líder. Ou então, reuniam-se em conselhos. Os trolls sempre respeitaram a sabedoria de seu discernimento e suas decisões.

Até que os Zandalari começaram a se afastar. Fazia sentido, uma vez que os trolls se tornavam mais sofisticados e começavam a construir suas primeiras cidades. Eles abandonaram o nomadismo, acumularam riquezas e começaram a construir. Criaram templos e santuários, e não tardou a surgir uma classe clerical para realizar sacrifícios e interpretar as mensagens dos loa. As vastas populações significavam que os trolls estavam deixando suas antigas aldeias, que os aproximavam da natureza e dos loa. As antigas crenças precisavam ser revisadas e interpretadas para uma nova era e civilização. Os Zandalari passaram a se dedicar inteiramente a esse objetivo; logo, teriam que reiterar a importância do papel que desempenhavam, ou sua casta não teria mais razão para existir.

Era necessário, portanto, redefinir o papel dos caçadores sombrios. Vencer o treinamento e as provações se tornara um feito grandioso. Uma bênção celebrada por todos. Os caçadores sombrios eram criados para se tornarem heróis de proporções míticas: eram respeitados, mas também temidos, pois andavam entre os loa e, portanto, não compreendiam inteiramente as necessidades de meros mortais.

Vol'jin estremeceu. O desejo inato que percebera pela aprovação dos Zandalari não era uma falha exclusiva das outras tribos trólicas. Khal'ak também era vítima desse mesmo desejo, mas de outra forma. Ela se aliara a um caçador sombrio pelo seu status. Se trabalhassem juntos, ela receberia mais reconhecimento de seus pares.

Aí eu estraguei tudo.

O desfile da história reduzia o passo aqui e ali, nos momentos chave. As alegorias haviam se tornado mais grandiosas, os cortejos maiores, a retórica mais abrasadora e arrebatadora. O frenesi se espalhava pelas vastas hordas que cobriam a paisagem.

Nestas cenas, contudo, Vol'jin não via nenhum caçador sombrio. E se chegava a vislumbrar algum, ele estava dando as costas à multidão. *Assim como eu fiz, quando me pediram para me juntar a Zul. Assim como fiz, quando me separei de Garrosh.*

Subitamente, a última peça decifrou o quebra-cabeça. Os Zandalari haviam conseguido se tornar os emissários dos loa. Talvez eles tivessem passado a acreditar que eram tão grandes quanto os próprios loa. Eles com certeza acreditavam ser um povo à parte dos outros trolls. Eram mais. Eram melhores. E os Gurubashi e Amani, em sua tentativa de emular os Zandalari e reviver sua glória, sofreram da mesma vaidade. Seu ego inflado fez sucumbir todos os seus planos.

Em todas as tentativas, um caçador sombrio lhes dava as costas. Os trolls interpretavam isso como um resquício do passado que reprovava o futuro. Do seu ponto de vista, não havia outra definição possível para tal ação. Mas a interpretação deles os havia separado de sua verdadeira natureza.

Um caçador sombrio pode aconselhar e liderar, mas não são esses os seus verdadeiros propósitos. Não era por esta razão que os loa vinham a eles e confiavam neles. Os caçadores sombrios representavam o ideal do que é ser um troll. Todos os trolls e todas as suas ações são idealizados na figura do caçador sombrio. Era importante perceber a distinção entre ação e habilidade ou potencial. Não havia dúvidas de que os caçadores sombrios eram mais capazes do que a maioria dos trolls, mas todos os trolls podiam espelhar suas ações neste ideal e, assim, contribuir para sua comunidade. É isso o que os tornava verdadeiros trolls.

Vol'jin se imaginou na balança de um mercador. No outro prato, estavam Khal'ak e Vilnak'dor. A balança pesava a favor de Vol'jin, elevando

os Zandalari. Ele pôde compreender, então, por que seus adversários, do ponto de vista deles, acreditavam-se mais trolls do que ele.

Os dois trolls foram substituídos por Chen. Então, surgiram Taran Zhu e o Irmão Cuo. Seu velho amigo Rexxar apareceu também e até Tyrathan subiu na balança. Todos eles mantiveram a balança equilibrada. Quando chegou sua vez, Garrosh decolou feito um foguete goblínico.

Vol'jin investigava qual era a verdadeira natureza de seus companheiros no monastério e na Horda. O valor do humano e dos pandarens certamente não era tão grande quanto o de Vol'jin enquanto troll, muito embora suas ações em nome de Pandária possuíssem o mesmo mérito. Seu desejo de liberdade, seu altruísmo e o fato de estarem dispostos a se sacrificar eram tão grandes quanto os de Vol'jin. Medidos nesta escala, eles possuíam um caráter e um coração tão trólicos quanto o dele.

Rexxar, que amava a Horda tanto quanto Vol'jin, defendia igualmente as mesmas virtudes. O troll queria que seu amigo mok'nathal estivesse ali com eles. Não para que morressem juntos, mas para que pudesse ajudar a destruir os Zandalari. Rexxar o faria com prazer, não importa quão desfavorável fosse a situação.

Que nem muitos outros na Horda. A maioria, eu acho.

A Horda, os Shado-pan e até mesmo Tyrathan estavam mais próximos da essência fundamental de um troll do que os Zandalari. Os Zandalari não passavam de cães vira-lata ganindo sua suposta superioridade aos lobos, pois já haviam sido lobos e agora eram diferentes e acreditavam-se melhores. É verdade que seu couro era mais bonito; que desempenhavam tarefas melhor do que os outros; que eram mais longevos, mas eles haviam se esquecido que tudo isso não significa nada para um lobo. O único propósito de um lobo é ser um lobo. Uma vez que a verdade é esquecida, novas verdades devem ser forjadas, e não importa quão bem forjadas sejam, elas jamais passarão de uma sombra da verdade fundamental.

— Ser troll não tem nada a ver com nossos corpos e linhagens — ponderou Vol'jin, fitando seu pai.

— Essas coisas não podem ser completamente ignoradas, meu filho, mas o espírito que tornou a gente verdadeiros trolls, que fez a gente dignos

da atenção dos loa, é anterior aos nossos corpos. — Seu pai abriu um grande sorriso. — Como cê pôde ver, os caçadores sombrios dão as costas aos caminhos que nos afastam desse espírito. Uma vez que o espírito é o que nos define, encontrar um espírito irmão é motivo para celebrar.

— Cê deixa, então, eu acreditar que a Horda é mais tróica do que os Zandalari? — riu Vol'jin.

— Talvez seja verdade. Cê sabe como a gente se chamava antes de usar o nome “troll”?

— Nunca pensei nisso... — Vol'jin franziu o cenho. — Não sei, pai. Como?

— Eu também não sei, meu filho. Mas com certeza a gente era diferente antes de virar troll, e provavelmente ainda vai ter muita mudança. Os Zandalari sempre tentaram moldar aquilo que a gente é, e outros se aproveitaram pra reforçar essas ideias. Mas não duvido que daqui a vinte mil anos venhamos a nos perguntar: “Como é que a gente se chamava antes do nome ‘Horda’?”

— É assim que cê vê os trolls, pai?

— Minha visão dos trolls é bem simples: a gente tem que voltar a seguir um caçador sombrio. Mas pra isso será necessário algo especial: um caçador sombrio capaz de nos liderar. A maioria dos caçadores sombrios se recusaria a liderar uma viagem rumo à ruína. Tu, meu filho, é um caçador sombrio que pode nos guiar para longe da ruína. Se isto significa que cê vai nos guiar a um lugar onde nossa raça importa menos do que aquilo que há em nossos corações, onde as ações significam mais do que a intenção, então é para lá que a gente vai.

— Mas os loa vão aceitar?

O gargalhar frio de Bwonsamdi ecoou no peito de Vol'jin. Num sobressalto, o troll se viu diante do loa.

— Cê não ouviu as palavras do teu pai, Caçador Sombrio? Os loa vieram antes dos trolls. Teu pai te pergunta como vocês se chamavam, antes de se chamarem trolls. Pois eu pergunto como é que cês se chamavam antes disso. Cês são um rio. Há quem acredite que cês são apenas água. Que tão

estagnados. Mas cês são mais do que isso, pois um rio é mais do que apenas água.

— E a Horda?

— Um rio é um rio. Largo e raso; estreito, profundo e veloz; isso não importa. Somos todos espíritos. O que importa é o teu espírito. Cê tem que manter tua conduta, ser leal ao teu espírito e às tuas obrigações, e aí cê vai prosperar.

— Logo, logo, cê vai ter um banquete de almas Zandalari.

— Cê jamais vai saciar meu apetite. — A gargalhada do loa traía um tom de melancolia.

— Vou estar logo atrás deles.

— E eu te darei as boas-vindas. Sou eu que recebo todos os trolls.

Vol'jin se sentiu estranhamente reconfortado por aquele comentário. Não porque desejasse morrer, mas porque sabia que estaria com seus amigos. Podia não parecer muito com a perspectiva da morte iminente, mas, naquele momento, aquilo bastava para Vol'jin.



Chen sentiu pena do arbustinho atrás do qual haviam escondido a pirâmide de pedras. As pedras eram do tamanho de um crânio tróico, só que mais arredondadas. Apenas uma bastaria para partir o arbusto no meio. Juntas, elas causariam um deslizamento, arrancando o arbusto da terra, devastando tudo abaixo e, se tudo desse certo, esmagando os trolls que subiam para o monastério.

Chen depositou uma pedra no topo da pirâmide, pôs-se de cócoras e olhou morro abaixo. As pedras se afunilariam num canal estreito, onde a trilha se inclinava. Os inimigos teriam que se agrupar ali para fazer a escalada, o que tornava o local ideal para uma emboscada. Aquele arbusto esconderia a armadilha até dos olhos mais vigilantes, mas não enganaria aos Zandalari.

E nós não queremos que eles sejam enganados. O pandaren tirou um punhado de disquinhos de madeira de uma bolsa, em seu cinto. Ele encaixou os discos no vão entre as pedras. Quando as rochas rolassem

ladeira abaixo, os discos não cairiam longe, mas os Zandalari os descobririam depois.

Um pouco acima de onde Chen se encontrava, Yalia se ajoelhava perto de um buraco. Ela teve que esticar o braço ao máximo para alcançar o fundo, onde firmou uma estaca afiada de bambu, apontada para o céu. Chen havia ajudado a esculpir várias daquelas estacas. Cortava-se uma ponta afiada no bambu, depois esculpiam-se dentes na ponta até que ela ficasse completamente serrilhada.

Chen marchava montanha acima, tomando o cuidado de se manter fora da trilha. Eles haviam estendido uma corda a um passo do buraco de Yalia. A ideia era que os trolls provavelmente enviariam um batedor, quando chegassem na parte mais inclinada. Ao se aproximar, ele veria as pedras e a corda, que não estava muito bem escondida, e chegaria à conclusão de que a corda acionaria a armadilha das pedras. Ele cuidadosamente passaria sobre a corda, e então cairia no poço. Seus amigos escutariam seus gritos e o veriam cair, e então correriam a seu socorro.

Então uma catapulta “trabuco”, posicionada mais acima, lançaria rochas que devastariam a área e acionariam o deslizamento, matando ainda mais trolls.

Chen estendeu a pata para Yalia. Ela deu uma última olhada no piso falso que armara sobre o buraco, e então aceitou a ajuda para se levantar.

Eles se mantiveram de mãos dadas por algum tempo, para a alegria de Chen.

— Ficou ótimo, Yalia. Você colocou a terra de um jeito que ficou parecendo chão de verdade. Tyrathan ficaria orgulhoso desta armadilha.

— Essas armadilhas não são para animais selvagens, não é, Chen? — respondeu ela, num breve sorriso.

— Não, os Zandalari são muito espertos. É por isso que vamos usar os discos também. Mas não se preocupe, a sua armadilha vai enganá-los.

— Não tenho dúvidas quanto a isso. Eles vão cair e vão cair feio.

— Então por que a pergunta?

— Eu perguntei por que preciso perguntar — suspirou ela, um pouco de cansaço, mas mais por outro motivo. — De repente, percebi que estava

orgulhosa de meu trabalho, mesmo sabendo que ele só causará dor. Para justificar meu orgulho, passei a ver os Zandalari como animais. Para mim, eles não passavam de assassinos brutais. Eu os transformei em algo indigno de viver, mas o julgamento que fazemos de um indivíduo logo se torna o julgamento de todos. Não é possível que eles sejam todos assim.

— Não. — Chen apertou a pata dela. — Que bom que você pensa assim, e obrigado por me lembrar disso. Sua propensão em valorizar a vida, mesmo naqueles que se opõem a você, é a marca da sabedoria. E é uma das razões pelas quais eu a amo.

— Você escuta e reflete sobre o que digo e este é um dos motivos pelos quais eu o amo, Chen. Eu queria tanto que pudéssemos passar mais tempo juntos. Mais tempo para você. Há tanto que você busca um lar. Eu tinha esperança de que o encontraria aqui. E perdê-lo assim, tão rápido, me entristece.

— Não fique triste. Encontrar um lar é se tornar completo. Esse é um prazer tão maravilhoso que mais tempo não o melhora. Eu sei disso pois já me conheço melhor e sei quem devo ser — consolou-a Chen, erguendo uma pata para secar-lhe uma lágrima e impedir que ela lhe molhasse o pelo.

— Como você sabe?

— Todas as cervejas e receitas que venho criando são uma tentativa de capturar um lugar ou um momento. Um bardo faz isso com a música; um pintor, com a imagem. Eles jogam com os ouvidos e com os olhos, enquanto eu jogo com o nariz e o paladar, talvez com o tato também. Sempre busquei a cerveja perfeita, esperando encontrar uma que descrevesse o vazio que há em minha vida. Ela preencheria o vazio. Mas agora sei que aqui estou pleno. Estou pleno de alegria e felicidade, porque você está presente na minha vida, e agora sei que sou capaz de capturar lugares e momentos nas minhas cervejas.

— Talvez eu seja a egoísta, então. Eu quero mais, Chen. Eu quero a eternidade — suspirou Yalia, aproximando-se dele e passando o braço em volta de seu pescoço.

— Nós temos a eternidade, Yalia Sábio Sussurro. — Chen a puxou para si, segurando-a com firmeza. — Nós somos eternos. Nossas imagens

gravadas na montanha tombarão, a montanha tombará, mas nós ainda seremos lembrados. Os bardos cantarão nossos feitos. Os artistas pintarão nossa imagem daqui até Orgrimmar e além. Os mestres cervejeiros proclamarão, durante eras por vir, que possuem minha receita secreta da cerveja que alimentou os Trinta e Três. Este é o nome que darão a ela: Trinta e Três.

— E nós estaremos eternamente juntos em suas lembranças?

— Todos os garotos de Pandária hão de buscar sua Yalia e saberão que são afortunados quando a encontrarem. As garotas se alegrarão ao domar o coração de seu Chen.

— É isso o que você sente? — perguntou Yalia, afastando-se e franzindo o cenho.

— Não. Você compartilhou a sua paz comigo. Você é a âncora e o oceano. E todos os filhotes que encontrarem sua Yalia e se beneficiarem disso serão os pandarens mais afortunados do mundo — declarou Chen, beijando a ponta do nariz de Yalia.

Então ela o beijou apaixonadamente, desesperadamente. Arrancou-lhe o fôlego. Chen a abraçou com força, acariciando sua nuca enquanto se beijavam. Ele queria que aquele instante nunca terminasse e desejou que os bardos e pintores lhe fizessem jus.

Eles se afastaram e Yalia deitou a cabeça em seu ombro.

— Eu só queria que os nossos filhotes também pudessem encontrar o seu grande amor.

— Eu também. — Ele acariciava o pelo dela. — Eu também. Mas me consolo em saber que muitos outros filhotes poderão buscar seu verdadeiro amor.

Ela concordou em silêncio e descansou a cabeça no ombro de Chen um pouco mais. Então, eles se separaram e recomeçaram a escalada, instalando mais armadilhas, acrescentando versos às canções que entoariam seus nomes e se preparando para a lição dos Zandalari que já deveriam ter aprendido havia tempos.

— Os mogu não encontrariam tuas flechas nem que passassem o resto da eternidade procurando. — Vol'jin cruzou os braços, enquanto o humano se endireitava. — Tem uma pra cada soldado da ilha.

— E duas para cada oficial. — Tyrathan deu de ombros. — E não foram só aljavas que andei escondendo. Também escondi facas, espadas, bastões e arcos. Lá fora, pus arcos pesados, ideais para almejar alvos distantes com flechas compridas. Aqui dentro, arcos compactos, flechas menores, mais fáceis de usar em distâncias curtas.

— Se é que a luta vai chegar até aqui... — Vol'jin lançou um olhar ao redor do Santuário do Tigre Branco.

— É só questão de tempo... — O homem descansou a mão no ombro de uma estátua de pedra de um tigre sentado. — Quando a hora chegar, saiba que a cauda deste tigre está enroscada em meia dúzia de facas de arremesso.

— E de que tem uma espada ali em cima, que eu alcanço, mas cê não.

— Lembre-se de que prometeu que iria matar o meu assassino. Quero me certificar de que tenha as ferramentas necessárias.

— Pode ficar de boa. — Vol'jin empunhou o novo gládio que carregava nas costas. — Irmão Cuo trabalhou duro na forja. Chen falou pra ele como era minha antiga arma. Cuo forjou uma lâmina digna da batalha contra os Zandalari.

— Foram essas as palavras que ele usou, não é, como se batalhar não fosse o mesmo que matar?

— Fazer essa distinção traz paz a ele — aquiesceu Vol'jin.

Tyrathan examinou a arma e sorriu:

— Ele fez as lâminas mais longas e os ganchos mais volteados. O fio vai cortar bem dos dois lados e vai perfurar também. Mas, no centro, parece que a empunhadura ficou um pouco mais robusta.

— É, agora só tem uma ponta. — Vol'jin desembainhou a arma e fendeu o ar, num assobio. — Equilíbrio perfeito. Ele disse que fez sob medida para o meu antebraço. Ela se encaixa melhor em mim do que a que perdi.

— Um pandaren forjando uma arma tradicional dos trolls. — O homem sorriu. — O mundo mudou bastante.

— O trabalho dele é tão espantoso quanto um homem e um troll se unindo para lutar pela liberdade de uma terceira raça.

— Nós já estamos mortos. As regras não se aplicam a nós.

— Acho que tô começando a gostar desse falatório dos humanos. — Vol'jin voltou a embainhar o gládio. — A gente, os trolls, tem um temperamento diferente, não falamos tão rápido. Damos mais tempo às coisas.

— Quer dizer que não foi imprudência dizer a Garrosh que iria matá-lo?

— Foi precipitado com certeza. Mas pensando bem, eu não mudaria nada do que disse. — O troll abriu os braços. — Não mudaria nem se soubesse o futuro. Não digo que vou morrer aqui sem arrependimentos, mas, pelo menos, nenhum deles me aflige.

— Estou triste por não poder cumprir meu juramento de ver meu lar uma vez mais. Mas este é o meu lar agora. Eu vou ficar feliz em assombrá-lo para todo sempre. — Sorriu o homem, num esgar.

— Não vai dar um bom túmulo, né? Se bem que os Zandalari não vão se dar ao trabalho de enterrar a gente. — Vol'jin olhava ao redor.

— Tampouco os mogu permitirão que este lugar continue de pé. Eles vão lançar rocha por rocha ao fundo do oceano, deixar que os urubus se banqueteiem em nossos cadáveres, e então transformarão nossos ossos em pó e deixarão que o vento nos carregue. — Tyrathan deu de ombros. — Se a brisa estiver boa, quem sabe eu não acabo voltando para as montanhas que abrigam o meu lar?

— Vou torcer para que haja bons ventos, então. — Vol'jin se acorrou, deslizando um dedo por um vinco entre duas rochas. — Tyrathan Khort, eu queria te dizer que...

— Não. — O homem balançou a cabeça. — Não quero dizer adeus, não quero despedidas calorosas. Não quero conclusão para nada. Não quero pensar que disse tudo que tinha para dizer. Se eu fizer isso, vou desistir mais facilmente. A vontade de lhe dizer algo mais; de rir, quando você encontrar

uma de minhas espadas e de ver a sua cara, quando uma de minhas flechas matar alguém que estava prestes a degolar você... essa vontade vai me dar forças. Nós já sabemos que não temos futuro. Mas talvez tenhamos um minuto a mais, uma batida do coração. Tempo o suficiente para matar mais um inimigo. Eles vão roubar o meu futuro e eu vou roubar o deles. É uma troca justa, só que eu vou roubar aos montes.

— Entendi e concordo contigo — aquiesceu o troll. — Chen escreveu pra sobrinha... você vai escrever pra alguém?

O homem olhou para as mãos vazias.

— Escrever à minha família? Não. Não diretamente. Mas enviei um bilhete a Li Li. Pedi a ela que se tornasse amiga de meus filhos, caso seus caminhos venham a se cruzar. Ela não precisa explicar o porquê, nem dar notícias minhas a eles. Você escreveu a alguém?

— Enviei alguns recados.

— Nada para Garrosh?

— Um bilhete com minha letra o deixaria assustado, mas ele ia usar isso para se vangloriar da minha morte. Não vou dar esse prazer.

— Você tramou um plano para vingar sua própria morte? — Tyrathan franziu o cenho.

— Não contei a ninguém o que ele fez. Tenho certeza de que ele diria que as mensagens foram forjadas, ou então coagidas pelos Zandalari — negou Vol'jin. — Eu disse a algumas pessoas que me orgulho de seu comprometimento à Horda, que estão realizando um antigo sonho. Elas vão entender o verdadeiro significado de minhas palavras.

— Seria mais satisfatório matar Garrosh, propriamente falando, mas isso já bastará para que descanse em paz — sorriu Tyrathan. — Embora eu goste da imagem de você atirando nele. Sempre imaginei que a flecha seria feita por mim, especialmente para este propósito.

— O voo seria certo, não tenho dúvida.

— Se sobreviver, resgate algumas de minhas flechas dos corpos dos Zandalari. Elas são feitas para atirar, no mínimo, duas vezes. — O homem bateu uma palma, para finalizar: — Se estivéssemos nos despedindo, eu apertaria sua mão e lhe diria para voltarmos ao trabalho.

— Nada de despedidas. Vamos voltar ao trabalho. — O caçador sombrio sorriu e deu uma última olhada à sua volta. — Vamos aterrorizar os mogu, mudar as pedras de lugar e, depois, os peixes. Então, envenenaremos os peixes e mataremos todos que não conseguimos derrubar com as próprias mãos. Não é lá um grande plano, mas vai servir para tornar a eternidade mais interessante.

31



O grito do Amani deixou Khal'ak tensa. Ela ficou atenta para caso o grito se repetisse, caso fosse interrompido bruscamente, ou caso houvesse um estardalhaço de deslizamento seguido de outros gritos. O Amani gritou outra vez, seu urro se reduzindo a um gemido esganiçado: ou ele não se machucara tanto quanto se assustara, ou desmaiara de dor.

Khal'ak não tinha intenção de empurrar os Amani e os Gurubashi às posições de combate. Ela havia trazido um número suficiente de cada tribo, pois os Zandalari não teriam como cozinhar, limpar e carregar tudo. Infelizmente, suas tropas tendiam ao estoicismo, quando se tratava de armadilhas. Eles não entravam em pânico e se recusavam a gritar, logo não alertavam seus companheiros do perigo.

Haveria muitos perigos e ela sabia que a maioria deles seria obra do caçador sombrio. Trapas e alçapremas, deslizamentos de pedras e chuvas de dardos, lançados por pequenas máquinas de cerco dispostas de forma a aproveitar o máximo do terreno. O caminho forçava as tropas a reduzir o

passo e se agrupar em algumas passagens. Os Zandalari reconheciam tais lugares e não baixavam a guarda, reduzindo o dano causado às tropas.

O dano físico, ao menos.

Os trolls se regeneram muito rápido, o que lhes dá tempo de se recuperar daquilo que não os mata imediatamente. Apesar de considerarem suas bandagens como insígnias de bravura e não se importarem em se machucar, Khal'ak notou o efeito que as armadilhas causavam nos soldados. Eles estavam mais cautelosos, o que não é necessariamente bom sempre: os soldados se tornam hesitantes, quando precisam agir com coragem e prontidão.

Ao se deparar com uma passagem estreita demais, as tropas escalavam os paredões mais íngremes habilidosamente. No topo, às vezes encontravam rastros que lhes indicavam a posição de uma máquina de cerco ou a trilha para a entrada de cavernas labirínticas. As cavernas, quase sempre, estavam repletas de armadilhas, eram apertadas demais para os enormes Zandalari e selavam dezenas de metros numa rota tortuosa.

Por mais frustrante que fosse, somente horas de escalada depois, com os dedos cortados e farpas cravadas entre carne e unha, os trolls começavam a sentir as mãos e os pés pulsando. Seus dedos inchavam. Os pontos de apoio estavam impregnados de toxinas diversas. Não eram letais, mas desencadeavam alucinações horríveis. Portanto, a presença de umidade ou um resíduo oleoso fazia com que os trolls hesitassem. Eles ficavam com medo de estar envenenados e se distraíam de sua tarefa.

Vol'jin estava atacando suas mentes, matando-os de forma eficiente.

O caçador sombrio os provocava. Khal'ak girava uma insígnia de madeira entre os dedos convulsivamente. Em uma das faces fora inscrito o símbolo trófico que representava o número "trinta e três". Na face oposta, havia uma imagem mogu. Eles haviam encontrado as insígnias espalhadas no fundo de buracos e em locais onde estavam claramente sendo observados por batedores. Corriam boatos de que uma insígnia havia sido encontrada na tenda de Khal'ak, implicando que o caçador sombrio poderia tê-la matado tão facilmente quanto matara as tropas na ilha do Rei Trovão. Alguns acreditavam que o número se referia aos milênios desde a queda do

Rei Trovão, obtido por meio de artimanhas de numerologia; ou então que Vol'jin era o trigésimo terceiro caçador sombrio de alguma tradição específica, mas ninguém sabia determinar qual. Khal'ak fora obrigada a matar um Amani para que servisse de exemplo aos outros boateiros, mas uma vez que a ideia fixara suas raízes, não havia como detê-la.

Sua teoria favorita era de que cada um dos defensores jurara matar trinta e três inimigos antes de morrer, o que significava que suas tropas enfrentavam apenas cerca de 20 defensores. Embora tais juramentos só possuíssem valor nas canções trovadorescas, ela se sentia intimidada. *Quer dizer que planeja me colocar entre teus trinta e três, Vol'jin?*

Esperou que o vento lhe trouxesse uma resposta. Não ouviu nada.

O Capitão Nir'zan se aproximou e saudou-a:

— Um cozinheiro Amani se afastou da área segura para se aliviar. Encontrou um lugar apropriado. O chão desabou. Ele caiu de joelhos e teve as coxas, o abdome e uma mão empalados. Vai sobreviver.

— Já libertaram ele?

— Não.

— Quero que todos vejam ele quando a gente prosseguir a marcha, de manhã. É possível?

— Como quiser, minha senhora — assentiu o guerreiro trólico.

— Excelente. Se ele for resistente o bastante para sobreviver até que todos tenham passado pode libertar.

— Sim, senhora.

O troll não se moveu, ao que Khal'ak franziu o cenho.

— E então?

— Um mensageiro trouxe notícias sobre a frota. Ela vai retornar à costa de Zouchin. Uma tempestade severa se aproxima, pelo norte. Ventanias, gelo e neve. Isso vai atrasar os navios que saem da ilha do Rei Trovão também.

— Excelente. Isto dará mais tempo para a gente consolidar nosso domínio sobre Pandária, depois que destruímos o monastério. — Khal'ak fitou o monastério a que se destinavam, e, então, seu próprio acampamento. As tendas se espalhavam nas áreas menos inclinadas, de modo a se proteger

de deslizamentos e ataques. Não havia fogueiras, para ocultar seus números do inimigo.

Ela tocou os lábios com a ponta do dedo e continuou:

— A gente tem que se apressar. Uma tempestade a céu aberto vai ser muito forte pra gente agora que estamos mais perto do monastério do que dos abrigos. Um dia e meio até o topo, não é isso?

— Se continuarmos nesse ritmo, sim. A gente chega no monastério junto com a tempestade.

— Envie duas companhias de nossos melhores trolls e faça com que vistam roupas que serão trocadas com o nosso contingente Gurubashi. Quero eles à frente, flanqueando a gente. À meia-noite, quero que limpem todas as cavernas que encontrarem. Se a tempestade chegar mais cedo, vamos precisar de abrigo. Então, enquanto o resto de nós segue adiante, quero que encontrem os túneis de fuga dos monges e abram caminho rumo ao monastério. Deixem os feridos. Nós os resgataremos depois. As armadilhas só servem para nos atrasar. Temos que avançar e rápido.

“Esta noite, vamos ter fogueiras, e não um acampamento frio. Fogueiras enormes, duas por tenda.”

— Senhora, isso vai acabar com quase toda a lenha — disse o subordinado, estreitando os olhos.

— Quase toda? Queime tudo. — Ela apontou para o monastério. — Se nosso povo quiser se aquecer de novo, que seja às chamas da pira dos Shado-pan!

Vol'jin não podia deixar de sorrir ao ver o dia ceder ao crepúsculo, as longas sombras apontadas na direção da madrugada. Apontadas aos Zandalari. Suas armadilhas e ataques não mataram tanto dos trolls de Khal'ak quanto desejava, mas a haviam levado a cometer atos de desespero. Ela havia separado duas companhias, diluindo sua força, e enfrentado vários ataques de frente, feito um touro. Quando chegassem ao monastério, estariam nervosos, frustrados e cansados: três coisas que nenhum general gosta de ver em seus soldados.

Como os Zandalari haviam decidido passar a noite exatamente onde os defensores desejavam — salvo os batalhões flanqueadores, que haviam encontrado lugares menores um pouco mais acima —, Taran Zhu convocou os Trinta e Três para uma reunião. Na verdade, apenas trinta e um. O Irmão Cuo e Tyrathan assumiram a guarda mais cedo, enquanto o monge ancião convocava os guerreiros no Templo do Tigre Branco.

Os monges se dispuseram diante dele em duas fileiras de dez, e uma fileira traseira com oito. Chen e Vol'jin formavam as duas arestas traseiras do retângulo. Nas laterais, havia mesas repletas de comida e cerveja preparada às pressas por Chen, muito embora ele dissesse que, ainda assim, era sua melhor cerveja. Vol'jin não duvidava. Poucas vezes vira o amigo se concentrar tanto em uma tarefa. Em suas palavras ressoava a sinceridade, e não a hipérbole.

— Vocês são jovens demais para se lembrar do tempo em que derrubamos os mogu. Apesar das especulações e das piadas, eu também sou jovem demais para isso. Mas eu tive acesso ao conhecimento e à memória, histórias de um tempo em que este monastério sequer existia. Histórias de um tempo em que se opor aos mogu não era apenas questão de honra, mas de necessidade.

“Vocês fazem parte agora desta grandiosa tradição, assim como todos nossos irmãos e irmãs. Muitos queriam estar aqui, mas precisávamos deles em outros lugares. A Irmã Quan-li, para nossa alegria, continua firme nos ossos da montanha. Eis que surge mais de um de nós para se opor a nossos antigos mestres.”

Vol'jin aquiesceu, satisfeito. Ele tinha certeza de que Quan-li revelaria informação o bastante para, enfim, mobilizar a Aliança. Os espiões da Horda comunicariam as informações a seus superiores. Embora temesse a reação de Garrosh às notícias, pela primeira vez sua propensão à guerra não seria um problema. Os Trinta e Três morreriam ali, mas os Zandalari não tardariam a segui-los rumo à cova. Era a salvação dos trolls.

— Embora eu não estivesse presente quando os mogu caíram, eu lhes asseguro de que a história do último imperador mogu é verdadeira. Acompanhado de um servo pandaren, ele escalara até o topo do Pico da

Serenidade. Ele estendeu os braços, olhando de um lado para o outro. E então disse a seu servo: “Eu gostaria de fazer algo para alegrar a todos em Pandária”, ao que o servo respondeu: “Então planeja pular?”

Os monges riram e o eco da felicidade reverberou na sala. Vol’jin esperava conseguir se lembrar do riso na hora em que os urros dos moribundos e feridos dominasse o ar. Não fazia sentido se perguntar se algum deles sobreviveria. Ninguém sobreviveria, mas ele decidira que, se fosse o último a morrer, ele gargalharia para deixar a memória daquele instante na sala.

— A história não conta o que houve com o servo, mas o imperador, magoado e ferido, declarou que esta parte da montanha estava maculada. Nenhum mogu punha os pés aqui, deixando o caminho aberto para que planejássemos e treinássemos a derrocada dos mogu. Aqui, éramos invisíveis, pois ninguém vinha nos procurar.

Antes de prosseguir, Taran Zhu fez uma mesura solene a Chen e Vol’jin.

— Meses atrás, eu, assim como os mogu, ainda não havia pensado em procurar aqueles de que precisávamos. O Mestre Chen Malte do Trovão me trouxe o homem e o caçador das sombras primeiro. Embora tivesse permitido que ficassem, disse a ele que não trouxesse mais ninguém. É uma decisão de que me arrependo. Nesta mesma sala, falei com o Mestre Chen Malte do Trovão sobre isso. Conversamos sobre âncoras e oceanos, sobre Huojin e Tushui. Perguntei a ele o que era mais importante e ele respondeu que nenhum dos dois: o mais importante era a tripulação. Eu refleti longa e profundamente sobre isso. E eis agora, diante de mim, a tripulação.

“Vocês todos vieram até aqui por diferentes motivos. Juntos, aprenderam várias lições. Mas é esta crise, esta nobre causa que os unirá definitivamente — ponderou o monge, cruzando os braços atrás das costas.

— O Mestre Malte do Trovão preparou uma cerveja para compartilharmos. Ele a chamou de Trinta e Três, em nossa honra. E é assim que seremos lembrados para todo sempre: os Trinta e Três. As pessoas se lembrarão de nós com orgulho, e eu gostaria que soubessem que nunca

estive tão orgulhoso quanto por estar entre vocês — declarou Taran Zhu, enquanto erguia uma das insígnias de madeira.

Ele se curvou e fez uma mesura tão longa quanto demandava a ocasião. Os monges, assim como Vol'jin e Chen, retornaram a saudação. A garganta de Vol'jin embargou. Parte dele estava impressionada por se curvar a uma criatura que seria considerada sua inferior e, contudo, ele também sentia o peito inflar por estar ali entre eles.

Eles eram os Trinta e Três, aquilo que ele sempre imaginara que a Horda fosse. Sua força vinha da diversidade unida por uma visão comum. Seus espíritos — o tipo de espírito que Bwonsamdi consideraria verdadeiramente trólico — haviam se unido para atingir um propósito. Vol'jin ainda se via como um troll, mas isto deixara de ser tudo, embora ainda fosse uma parte importante.

Os monges se endireitaram, se dissiparam, e então foram ao banquete. Prover comida e bebida na véspera da batalha fazia sentido, e a cerveja de Chen corria suavemente pelos espíritos, prevenindo quaisquer desastres. Os monges haviam servido quantidades colossais de comida, e a ideia de que iriam comer tanto que o inimigo não encontraria nada na despensa era uma fonte de humor negro para todos.

Chen, acompanhado de Yalia, levou a Vol'jin um caneco espumante de sua cerveja.

— Guardei o melhor para o final.

Vol'jin ergueu o caneco, e então bebeu um gole da cerveja. Notas de frutas vermelhas e especiarias ataçaram seu olfato. A cerveja, um pouco morna, era encorpada, mas possuía a pungência de uma sidra. Gostos inusitados, às vezes suaves e doces, outras acres e penetrantes, dançavam em sua língua. Seria uma árdua tarefa identificar sequer metade deles. E eles se encaixavam tão bem, que o troll não possuía vontade alguma de conduzir uma análise.

Vol'jin limpou a boca com a manga da camisa.

— Isto me lembra da primeira noite em que dormi nas Ilhas do Eco, depois que a gente conquistou elas de volta. Noite quente, brisa suave, cheiro

de mar. Não tive medo, pois sabia que era ali que eu tinha que estar. Obrigado, Chen.

— Eu é que devo lhe agradecer, Vol'jin.

— Por quê?

— Porque você acaba de confirmar que minha obra-prima se saiu exatamente como eu desejava.

— Então você é o maior dentre a gente, pois nos deu coragem. Aqui é o lar de todos. Onde não sentimos medo. — Vol'jin fez um meneio e deu outro gole. — Pelo menos até os Zandalari chegarem, arrastando seu fardo de medo, e então a gente vai lançar mais medo sobre eles.



Ocorreu a Vol'jin que aquele momento, aquela pausa infinitesimal antes da violência irromper, talvez fosse o último momento de que se lembraria na hora da morte. Seu coração acelerou só de pensar nisso. Os Zandalari adentravam a Alameda das Flores Cadentes, enquanto nuvens negras adiantavam o fim do dia. Os primeiros flocos de neve caíram como cinzas, planando lentamente, levados pela brisa caprichosa. As árvores, repletas de flores róseas, ocultavam o inimigo, o que lhes prejudicava.

À sua direita, a doze metros, o arco de Tyrathan grunhiu ao ser puxado pelos homens. Ele atirou. O tempo ficou tão lento que Vol'jin pôde ver a flecha se dobrar, um milésimo de segundo antes de partir do arco. Cabo vermelho, plumas azuis e listras, com uma ponta serrilhada, desenhada para perfurar cota de malha. A flecha desapareceu entre a cortina de flores. Duas pétalas delicadas tombaram em meio à neve, marcando sua passagem.

À distância, rumo ao lusco-fusco, ouviu-se um estertor entrecortado. O baque surdo de um corpo ao chão. E então, gritos de guerra penetrantes e

maldições ancestrais e malignas: os Zandalari se lançavam feito ondas ao ataque.

Alguns tombaram enquanto atravessavam a alameda. Seus pés se afundavam em poços ocultos. Mesmo quando não havia lanças apontadas ao céu, para lhes ferir; ou ao chão, para imobilizar suas pernas, a velocidade e a força com que os trolls corriam bastava para quebrar pernas e torcer joelhos. Ninguém socorreu os caídos; passavam por cima, como um navio navega sobre o mar.

Devido à seriedade da situação, Taran Zhu urgiu aos monges que levassem suas habilidades ao limite. Ele selecionara meia dúzia de seus melhores arqueiros e, conjuntamente com Vol'jin, arquitetaram uma estratégia que permitiria que cada flecha matasse vários inimigos. Ao meneio solene de Vol'jin, no momento em que os invasores se enfileiraram entre as árvores, seis monges soltaram a corda de seus arcos.

Os preparativos da alameda não se resumiram a cavar buracos. Galhos foram cortados e afiados para se tornarem lanças. Lâminas em foice foram acopladas a alguns deles. Outros foram cobertos por uma extensão de rede farpada. Todos eles, bem escondidos no dossel rosa, foram recuados e adornados com nós cerimoniais.

Os monges disparavam flechas com ponta em V. O lado interno havia sido afiado. As lâminas cortavam os fios rapidamente, lançando os galhos de volta à posição original.

Uma rede de correntes envolveu um Zandalari no abraço metálico de um amante. Ele foi feito em pedaços ao se debater em busca da liberdade. As foices degolavam suas vítimas; trespassavam-nas, erguendo-as sobre o chão. Um troll teve a face cortada ao meio, arruinando-lhe um olho e arrancando-lhe uma orelha; ele se sentou ao pé de uma árvore e, em vão, tentava pô-los de volta no lugar, com os dedos ensanguentados.

No lado norte, em frente às Câmaras Seladas, pequenas máquinas de cerco estalavam. Centenas de jarros de cerâmica foram lançados aos céus. Eles se partiram em volta da corda estreita e da ponte de madeira que levavam à ilha, no centro do monastério. Alguns estavam impregnados da mesma toxina que havia sido espalhada nas pedras da montanha. Outros

estavam cheios de óleo, tornando o chão escorregadio. Outros lançaram fluidos que se misturavam aos resíduos de outros jarros, produzindo vapores brancos, roxos e verdes.

Vol'jin esperava que o cheiro detivesse os trolls. Infelizmente, a ventania dissipava o vapor. A neve substituiu o vento e deu a Vol'jin uma vista clara dos Zandalari, que invadiam a alameda aos montes. A ponte levava a uma ilha, que possuía um pavilhão aberto no centro, onde Vol'jin os aguardava. O fosso que corria sob a ponte não deteria os Zandalari.

— Tyrathan, volta. Eles não vão parar a menos que eu faça algo. — O troll desembainhou o gládio. — Escutem todos: saiam em retirada, como planejado. Muito obrigado.

Os monges e o humano se retiraram da ilha por meio de outra ponte, onde mais máquinas de cerco aguardavam. Eles deram a volta e rumaram ao Dojo Monte de Neve, ao sul, encontrando o Irmão Cuo e seus guerreiros.

Diante de Vol'jin, os Zandalari chegavam à margem do fosso. Eles hesitaram, ou por desejar um momento de descanso antes de atacar, ou pela surpresa de ver ali um Lançanegra, um caçador sombrio, aguardando-os solitário na ilha. Vol'jin sabia que só podia ser a última opção, pois os Zandalari jamais hesitariam por outro motivo.

Ele brandiu o gládio com as mãos e gritou contra a ventania:

— Sou Vol'jin dos Lançanegra, filho de Sen'jin dos Lançanegra! Sou caçador sombrio! Se algum de vocês acredita que tem sangue, peito e habilidade para me derrotar, eu o desafio para um duelo. Se algum de vocês tiver honra ou se acha corajoso, vai aceitar meu desafio!

Os trolls trocaram olhares surpresos. O empurra-empurra da fila lançou um deles no fosso. Ele aterrissou numa pilha, coberto de neve, e lançou um olhar para Vol'jin. Ele tentava se agarrar às paredes do fosso, seus compatriotas riam dele. Era um comportamento estranho para um Zandalari, mas Vol'jin não teve tempo para pensar no que aquilo significava.

Esses tolos não estão me levando a sério. Vol'jin fitou o troll no fosso. Ele estava coberto de neve, mas o feitiço lançado por Vol'jin o envolveu em gelo. O troll desabou, estremeando, arranhando preguiçosamente a parede do fosso, como se quisesse fugir.

Um mogu, portando uma lança, abriu caminho às cotoveladas até o outro lado da ponte.

— Sou Deng-Tai, filho de Deng-Chon. Minha família serve o imperador imortal desde antes do surgimento dos Lançanegra. Meu sangue é superior. Não o temo. Com minha habilidade, o farei chorar sangue por mil feridas.

Vol'jin fez um sinal, convidando o mogu a se aproximar. As cordas da ponte tensionavam à medida que Deng-Tai avançava. As tábuas estalavam. Vol'jin desejou que flechas cortassem as cordas, mas a queda só serviria para enfurecer o mogu e desonrar a si mesmo. Caso a queda fosse letal, Vol'jin aceitaria a desonra.

Ele não conhecia bem aquele tipo de lança. O cabo era curto, mas a lâmina era grande e volteada na ponta, e parecia ter corte em toda sua extensão. Um único golpe daquela arma decapitaria facilmente um boi.

Felizmente, não sou um boi.

Apesar do mogu ser dez centímetros mais alto e bem mais largo que Vol'jin, e de estar envergando uma armadura de malha e placas, ele não reduziu o passo ao chegar à ilha. Dirigiu-se a Vol'jin com surpreendente velocidade. Sua armadura, embora pesada, não era um fardo.

Deng-Tai desferiu uma estocada. Vol'jin se esquivou pela esquerda. A lâmina da lança arrancou faíscas de uma coluna de pedra, sobre o pavilhão da ilha. Vol'jin desferia golpes ascendentes com o gládio. A ponta de uma lâmina feriu o punho direito do mogu. Ela penetrou o malho que ligava a braçadeira à manopla. Sangue negro jorrou.

Vol'jin mal aproveitou o primeiro golpe e o mogu lançou outra estocada. A ponta cega, envolta por uma bola de aço, bateu contra as costelas de Vol'jin. A pancada o ergueu do chão. Ele foi lançado para trás, aterrissou de joelhos e já em seguida teve de aparar os golpes do mogu.

Uma cortina de neve, erguida pelo vento, serpenteava entre os guerreiros, tornando difícil enxergar o que se passava.

Vol'jin alternava entre os aparos e golpes de sua espada. A lâmina do mogu cortava o ar alguns centímetros acima de sua cabeça. O gládio atingiu

algo — parecia um tornozelo —, mas não em cheio. A armadura defletiu o golpe.

Vol'jin deu uma cambalhota à direita e ficou abaixado, temendo que a lança golpeasse novamente como um leque. Em vez disso, o mogu fizera como ele havia planejado: ergueu-se entre a neve e golpeou o chão, na posição onde antes jazia Vol'jin. A ponta da lança foi enterrada na pedra, trincando-a e afundando dez centímetros.

Aquela era a chance de Vol'jin. Ele se ergueu e desferiu um golpe ascendente, da esquerda para a direita. A lâmina volteada cortou através da axila esquerda do mogu. Os anéis do malho retiniam e se partiam. O sangue esguichou. Contudo, os anéis e o sangue derramados não indicavam uma ferida grave.

O golpe de Vol'jin fora em semicírculo, o que o pusera de frente para a alameda e para os trolls que aguardavam à margem do fosso. Surgiu um oficial Zandalari gesticulando vivamente. Embora Vol'jin vislumbrasse as ordens entrecortadas pela parede de neve e vento, não havia dúvidas de que mandava os soldados atacar.

A onda avançou contra o fosso.

Vol'jin iria gritar o alerta, mas foi atingido. O mogu não libertara a lança do chão. Em vez disso, ele partira a haste ao meio, e girou-a num rompante. O golpe atingira Vol'jin no estômago, lançando-o contra a coluna do pavilhão. Ele bateu a cabeça e chegou a ver estrelas. O caçador sombrio, estupefato, caiu de joelhos.

Deng-Tai se ergueu diante dele, a haste às costas, a bola de aço posicionada para desferir um golpe que esmagaria seu crânio.

— Por que temem você, jamais entenderei.

— Porque sabem que um caçador sombrio é sempre letal — sorriu Vol'jin.

Deng-Tai o encarava, sem entender. A neve girava em volta da ilha, ocultando os combatentes, assim como a névoa de Pandária havia ocultado o continente. Apesar disso, uma flecha negra atravessou a tempestade. Se Tyrathan tencionava matar o mogu, ele errara. Contudo, a flecha passara

diante dos olhos de Deng-Tai, feito um véu, causando um instante de hesitação.

Era tudo que eu precisava.

A haste da lança fendeu o ar.

A distração dera tempo a Vol'jin para que se virasse. A bola de aço errou sua cabeça, acertando seu ombro esquerdo. Vol'jin ouviu mais do que sentiu os ossos se estilhaçarem. Seu braço esquerdo estava morto. Fosse em outra ocasião, ele teria se preocupado, mas agora se sentia desconectado da dor e não se preocupava com o futuro.

Na verdade, a única conexão que ainda possuía era com o monastério, os monges e o treinamento que havia recebido. Nada mais importava, e tampouco havia razão para que algo importasse. *Os Zandalari não são dignos daqui, e são tolos se acham que podem me destruir.*

Girando sobre o joelho, ele deu a volta e fincou o gládio no joelho esquerdo do mogu. O negrume jorrou. Mais importante, o joelho partiu.

Deng-Tai cambaleou e veio abaixo. Ele desabou sobre o joelho ferido. Lançou um grunhido envolto em dor. Ele se apoiou na mão esquerda e estendeu a perna direita para se equilibrar. Balançava a haste da lança para lá e para cá, insistindo em atingir Vol'jin.

O truque não funcionou com Vol'jin, pois, quando criança, ele fora encarregado de pastorear filhotes de raptor. Ele se inclinou para trás, a bola de aço dardejou assobiando acima de seu queixo, e então deu o bote. Com um chute feroz, ele deslocou o joelho direito do mogu e desceu feito um martelo, esmagando seu tornozelo.

O contra-ataque de Deng-Tai partiu a haste da lança contra o quadril de Vol'jin. Ele antecipou o ataque e se protegeu. Quando o mogu desferiu o golpe, um talho do gládio o decepou na altura do pulso. A mão e os estilhaços da lança foram lançados à nevasca.

O mogu fitava o sangue quente que jorrava do toco. Então Vol'jin desferiu um último golpe que fendeu o pescoço do mogu.

Um dos loa — pois apenas um loa seria capaz de tal façanha — interrompeu a tempestade por um instante. Os ventos morreram. O ar se limpou. E tudo permaneceu em silêncio durante o momento em que a

cabeça do mogu deslizou lentamente para a frente, pendeu e desabou do tronco. Ela rolou até um montículo de neve, os olhos cegos fitando o corpo decapitado com a intensidade que um homem desprezado olha para a mulher infiel.

A batalha havia se interrompido completamente durante todo aquele instante. Todos os trolls e monges contemplavam a ilha. O mogu se ajoelhou diante do caçador sombrio. O corpo decapitado fez um meneio, e então o corpo caiu num baque, como se fizesse uma mesura.

Então o capitão trólico apontou sua espada para Vol'jin:

— Ele está sozinho e esgotado. Matem-no. Matem todos!

A paz e o silêncio daquele instante se estilhaçaram, e o exército Zandalari se lançou ao ataque.



Enquanto iniciava a batalha com os trolls que avançavam pela ponte e se aglomeravam às margens da ilha, Vol'jin percebeu conscientemente o que já havia intuído; ele não estava enfrentando apenas os Zandalari. Nem todos, pelo menos. Os mais altos certamente o eram. Sua altura — e o fato de que flechas de hastes rubras se projetavam dos olhos e garganta de mais de um deles — os entregava. Os outros, apesar de usarem as armaduras dos Zandalari, deveriam ser Gurubashi ou Amani.

Vol'jin percebeu a tática de enviar os guerreiros mais fracos antes dos melhores, sobrepujando os defensores. Khal'ak devia ter se achado brilhante por pensar nisso. Ele se sentiu compelido a convencê-la de que não era uma ideia viável. Mas, já que não conseguia avistá-la em meio à horda que invadia o monastério, contentou-se em destruir as tropas.

Destruição era a palavra correta, pois não era uma luta de verdade. A pura força bruta garantia que os exércitos dela o esmagariam. Além do cerco dos guerreiros, sacerdotes e curandeiros apareceram pelo bosque. Magia negra fervilhava entre suas mãos. Feitiços foram lançados, indo em direção

aos monges que protegiam as Câmaras Seladas. Alguns foram derrotados, mas os Tempestários Shado-pan reagiram. Seus feitiços explodiram no meio dos trolls, ateando fogo em alguns e abrindo o peito de alguns outros.

Seu ombro direito já havia recuperado um mínimo de utilidade, e Vol'jin se precipitou por entre os trolls. Ele se considerava uma parte cortante e vingativa dos ventos que sopravam uma camada ofuscante de neve acima do campo de batalha. Assim como o vento frio conseguia atravessar roupas até gelar a carne, sua espada cortava profundamente. Mergulhava nas virilhas, dilacerando as artérias do fêmur. Acariciava pescoços, fazendo jorrar sangue quente e escurecendo a neve que caía.

Ele deixava intacta a garganta de seus inimigos para que pudessem gritar de medo e dor.

Alguns se opunham a ele com bravura, mas outros se aproximavam lentamente e com cautela. Procuravam alguma brecha ou fraqueza. Ele dava apenas alguma abertura. Considerava-se morto havia já algum tempo, tanto que os pequenos cortes e investidas não importavam de nada. Se um golpe não o matasse de imediato, seria o mesmo que ter errado o alvo.

No íntimo, Vol'jin sabia que não triunfaria todas as vezes, mas o rosnar em seus lábios, o brilho em seus olhos e a ânsia com que atacava davam a impressão oposta. Seus inimigos o viam como um troll que, apesar de usar uma armadura esfarrapada e estar coberto de sangue, continuaria a lutar indefinidamente. Se não tivessem certeza de que conseguiriam impedi-lo ou matá-lo, o medo congelaria suas entranhas.

E, então, Vol'jin os cortava ao meio.

Ele girou para longe de um troll que tentava insanamente colocar os intestinos de volta para dentro da barriga arruinada e se viu completamente cercado. A batalha o havia feito dar uma volta inteira e, agora, ele se encontrava no lugar dos invasores. A troca de encantamentos arcanos iluminou o campo de batalha à sua direita. Através das placas de neve, chegavam flechas pelo lado esquerdo. Silhuetas pouco discerníveis de trolls encimavam o lado mais distante da trincheira, lutando contra os monges que defendiam as Câmaras Seladas. O refúgio se encontrava naquela direção, e Vol'jin sabia que nunca conseguiria chegar até lá.

De repente, numa explosão de luz e chamas, Chen irrompeu na ilha. Quando um dos verdadeiros Zandalari voltou-se para ele, Chen cuspiu fogo novamente. O rosto do troll escorreu como cera derretida, o cabelo virou uma tocha e a pele faiscou docemente.

Atrás dele, Yalia, Cuo e três outros monges Shado-pan corriam pela ponte até a ilha. A abertura que Chen obtivera com o fogo foi expandida com bastões e espadas. O bastão de Yalia se movia tão rapidamente que seria invisível mesmo se não houvesse neve. Seus golpes amassavam armaduras, esmagando ossos. Cada murro produzia um clangor e um xingamento, cada golpe lançava dentes para longe de mandíbulas quebradas.

Chen estendeu uma pata.

— Rápido!

Vol'jin hesitou surpreso. O círculo dos Zandalari podia ter se estreitado em torno dele novamente, mas os monges avançaram. Eles o cercaram com seu próprio cordão. Patas e pés ficaram turvos. Espadas ressoaram. Os monges se provaram excelentes na defesa, devolvendo ataques e bloqueando golpes. Apesar de sua velocidade deixar os inimigos indefesos, eles não se aproveitaram dessa vantagem. Parecia que, como a missão era resgatar Vol'jin, eles não se preocupavam também em matar tantos inimigos quanto pudessem.

Vol'jin agarrou a pata de Chen e correu para a ponte. Ele não tinha a menor vontade de abandonar a luta, mas a ilha não era um lugar apropriado para isso. Se ele ficasse, todos ficariam. E morreriam. Sendo assim, os monges se retiraram de maneira ordenada, e todos conseguiram alcançar o terreno em frente às Câmaras Seladas.

Enquanto refletia sobre avançar para defender a ponte, o alarme do Dojo Monte de Neve soou alto. Badalou uma meia dúzia de vezes com urgência, e então parou abruptamente. Ele espiou e viu trolls e mais trolls brotarem dali — claramente Zandalari, apesar das roupas desmazeladas que vestiam.

E lá, junto deles, estavam um mogu e Khal'ak.

Taran Zhu apareceu na entrada principal das Câmaras Seladas.

— Recuem agora! — O comando não evidenciava nenhum sinal de pânico nem permitia uma recusa. Os monges recuaram imediatamente, com Chen e Vol'jin na retaguarda.

Os Zandalari, confiantes de sua vitória, pareceram felizes em deixá-los ir.

Vol'jin parou no umbral, olhando em direção ao Dojo Monte de Neve. A neve atrapalhava sua visão e a última cena que viu foi a dos Zandalari atirando monges mortos na trincheira. Ele procurou por algum sinal de Tyrathan, mas sangue gotejava nos seus olhos.

Dois monges fecharam as portas adornadas de bronze atrás dele e colocaram uma barra pesada como reforço. Vol'jin se ajoelhou para recuperar o fôlego. Limpou o sangue do rosto e olhou novamente.

Os Trinta e Três haviam se tornado catorze. Todos, exceto Taran Zhu, apresentavam os sinais da luta. Sangue manchava muitos dos mantos. Magia havia queimado outros. Pelo menos dois dos sobreviventes tinham ossos quebrados, e Vol'jin suspeitava que outros mais escondiam feridas. Yalia definitivamente parecia ter algumas costelas quebradas. O sangue escorria da pata direita de Chen de forma contínua demais para pertencer a ele.

O troll encarou o líder dos Shado-pan.

— Como eles chegaram até o Dojo Monte de Neve?

— Acho que subiram através dos túneis. — Taran Zhu examinava uma unha distraidamente. — Outros tentaram entrar aqui por baixo, mas foram desencorajados. — Ele olhou para um nicho semiaberto atrás da estátua de um tigre e Vol'jin pensou na destruição que haveria do outro lado.

O caçador sombrio fez uma careta enquanto se endireitava e girava o ombro.

— Khal'ak mandou tropas de elite pra cima da gente. E forçou os outros a ir na frente pra aguentar a parte mais pesada do ataque. Nós agimos bem. Matamos muitos.

— Mas não o suficiente. — O monge ancião aquiesceu. Os ventos uivaram e ele sorriu. — Talvez o inverno os mate por nós.

Vol'jin balançou a cabeça.

— Duvido que esperem tanto assim.

As Câmaras Seladas haviam sido construídas no formato de um T. A porta principal abria para uma depressão em círculo. Três alas espalhavam-se a partir dela, opostas em um ângulo reto. À sua esquerda, na ala mais longa, havia mais um par de portas. Um punho pesado batia nelas, exigindo entrada.

Chen riu:

— Acho melhor não atendermos.

— Concordo. — Vol'jin olhou de uma porta para outra.

— Aposto que Kha'ak vai concentrar seus ataques lá, no lado mais longe, pra atrair nossa atenção. Então vai bater nessa porta, bem rápido e forte. Chen, é melhor se preparar pra dar boas-vindas calorosas a ela...

O pandaren assentiu.

— O prazer é meu.

— Irmão Cuo, a porta mais longe é tua. — Vol'jin caminhou até o local onde Tyrathan havia escondido uma aljava e um arco compacto de crina de cavalo. Ele puxou a corda e testou a tensão. — Vou ficar de pé aqui, bem no meio, pra ver o que dá pra fazer.

Taran Zhu concordou com a cabeça, e então subiu as escadas e se sentou no centro da ala oposta à porta que Chen iria defender. Ele se recompôs, sereno e imaculado, a antítese dos outros treze. Vol'jin estava prestes a protestar, mas a aparente paz e falta de preocupação de Taran Zhu animou o espírito do troll. *“Se ele não tá preocupado, eu é que não vou ficar.”*

Os Zandalari iniciaram seu ataque na porta da ala oeste. Feitiços batiam nela com a monotonia incessante de um ferreiro martelando uma ferradura. O metal apoiado à barra de madeira começou a emanar um brilho vermelho opaco. A madeira soltava fumaça. Os monges apertaram as armas em suas mãos. Chen e Yalia se abraçaram.

Então, houve uma grande explosão. Metal fundido foi pulverizado pelo salão. Uma das portas se vergou para dentro, a outra se torceu para fora. A barra de carvalho fora reduzida a fumaça e a cinzas brilhantes que criavam um tapete vermelho para os invasores.

Vol'jin atirava o mais rápido que podia. Tyrathan estava certo. O pequeno arco dava impulso às flechas com força suficiente para perfurar as

armaduras mesmo de tão perto. A massa de guerreiros Zandalari era tão compacta que era impossível não acertar algum alvo. A dificuldade era que eles se moviam tão rápido que era tão fácil atingir letalmente como apenas ferir, e estavam abarrotados tão próximos uns dos outros que, apenas feridos ou já mortos, demoravam algum tempo até cair no chão.

Os monges lutaram bravamente. Lâminas reluziam em prata e ouro sob a morna luz das lamparinas, bebendo profundamente o sangue dos trolls. O mesmo tumulto de corpos que o impedia de errar também restringia os movimentos dos monges. Em um campo de batalha aberto, eles poderiam ter feito grandes estragos entre os Zandalari. A carnificina tornou aparente o fato de que os trolls haviam morrido em massa do lado de fora não por serem Gurubashi ou Amani, mas porque haviam ousado atacar os Shadopan.

Lanças e espadas procuravam-nos, famintas, e um por um os monges morreram. O Irmão Cuo foi um dos últimos. Ele girou e caiu com o rosto partido ao meio. Outros apenas desapareceram em um mar de trolls, morrendo talvez com a satisfação de saber que também haviam tirado a vida de muitos.

Uma segunda explosão destruiu a porta principal. Chen soprou fogo, banhando os Zandalari em chamas. Mais guerreiros de elite invadiram, atacando Chen e Yalia. O capitão que havia comandado o ataque do lado de fora disparou na frente. Atrás dele, encontrava-se Khal'ak com o outro mogu. Ela inspecionava o local como se a luta estivesse terminada e só precisasse contar os corpos.

Vol'jin colocou o arco de lado, abateu um troll com uma explosão de magia negra, e então pegou seu gládio. Ele interceptou o oficial Zandalari, impedindo um golpe destinado a Yalia, e acenou chamando o Zandalari.

— Cê não tá com medo de mim, tá?

O Zandalari rosou e foi para cima dele. Enquanto o mogu depositava sua confiança na força, o troll lutava com velocidade e habilidade. Um sabre zuniu por cima da cabeça de Vol'jin, que se abaixou no último segundo. O caçador sombrio tentou cortar o inimigo no abdômen, mas o Zandalari deu um salto para trás. Antes que Vol'jin conseguisse encurralá-lo, ele deu uma

volta e o atacou novamente, golpeando o sabre sinistramente no corpo do Lançanegra.

Vol'jin se defendeu dos golpes, aparando-os no alto e nos lados. Sabre ressoou contra gládio, metal retinia contra metal a cada defesa. As próprias lâminas pareciam vivas, atacando com a velocidade de víboras e desaparecendo tão rapidamente quanto fantasmas. Fintas e desvios, saltos e arremessos faziam os trolls girar em volta do outro em movimentos mortalmente fluidos. O ritmo da luta aumentou e faíscas voaram.

Vol'jin atacou, e o Zandalari saltou para trás, mas por pouco e com uma margem de dois centímetros. Ele olhou para baixo. Alegria substituiu a incredulidade em seu rosto. Sua barriga deveria estar aberta, suas entranhas se derramando para fora. Mas, de alguma forma, com muita sorte, ele evitara o golpe.

Então Vol'jin empurrou a espada com a mão esquerda e a revirou com a direita. O movimento enganchou a lâmina curva da espada, rasgando as costas do Zandalari. Vol'jin torceu as mãos para cima. A lâmina talhou habilmente em torno de um rim, cortando a artéria que o alimentava e também a que levava o sangue para as pernas do Zandalari. Ele arrancou a lâmina em uma explosão rubra. Seu inimigo caiu num emaranhado de membros frouxos, espirrando sangue sobre o chão.

— Vol'jin, cuidado!

Mãos empurraram o troll para o lado. Vol'jin tropeçou nas pernas do inimigo morto, caindo e rolando. Ele se levantou e a lança mogu, que o teria pegado em cheio nas costas, acertou a barriga do exausto Tyrathan Khort. Ela o atingiu com força suficiente para lançá-lo de costas contra a parede. A ponta da lança se enterrou e o homem, suspenso grotescamente, fitava a arma enterrada em suas tripas.

O mogu correu, com as mãos levantadas, na direção de Vol'jin. Ele nem olhava para a lança. A fúria em seus olhos e a contração de seus dedos traíam a intenção de arrancar cada membro do troll.

E é o que teria acontecido se Taran Zhu não tivesse dado uma voadora. O Lorde Shado-pan apanhou o mogu pelo flanco esquerdo, amassando sua armadura. Ele o acertou com tamanha força que o mogu tombou para a

direita, trombando nos Zandalari que cercavam Chen e Yalia. Ele caiu pesadamente sobre um deles, mas se levantou no mesmo instante. O fato de ter esmagado o crânio de um troll no processo não parecia ser da menor importância para ele.

Vol'jin recolheu seu gládio enquanto se levantava, então observou o mogu se arremessar contra o pandaren. Golpes pesados esmagaram o chão onde Taran Zhu havia estado um segundo antes, quebrando rochas e estremecendo a terra. Punhos voavam. Pés arrastavam e cortavam e estalavam. O mogu, embora claramente habilidoso no combate mano a mano e de ser maior que seu inimigo, simplesmente não conseguia atingir o pandaren.

Taran Zhu mergulhava para trás, ou dançava para longe ou caía e rolava. Ele saltava sobre as pernas e então deslizava em outras combinações. O mogu mudava de posição — Vol'jin reconheceu algumas do seu treinamento —, mas, mesmo assim, o pandaren não adotava a posição oposta. Ele apenas permanecia evasivo como um fantasma. Quanto mais o mogu o pressionava, mais facilmente ele escapava, até que o mogu finalmente parou para se recompor.

Foi então que Taran Zhu atacou. Quase brincando, pulou para a frente e deu um chute para cima e de volta para a direita. Acentou o mogu no meio da coxa esquerda, quebrando-o com um estalo. Assim que aterrissou, deu mais um chute, dessa vez com o pé direito. A outra coxa do mogu partiu com o som de um trovão.

Enquanto o mogu caía, Taran Zhu o esmurrou com um *uppercut*. Seu golpe da garra de lança atravessou o peitoral do mogu com um estouro curto e agudo. Seu braço desapareceu até a altura do ombro dentro do peito do mogu. Dedos endurecidos amassaram a placa das costas de dentro para fora.

O monge ancião deslizou sua pata para fora e recuou enquanto o mogu caía de cara no chão. Taran Zhu olhou para ele por um momento, e então para os Zandalari boquiabertos. Ele puxou a manga ensanguentada.

— Vão embora agora, ou seremos obrigados a destruir o que restou de vocês.



A mão direita de Khal'ak surgiu e golpeou para a frente antes que Vol'jin conseguisse dar um grito de aviso. Uma faca delgada girou no ar em direção ao monge ancião; a trolesa recolheu uma espada do chão e atacou Taran Zhu.

A pata direita do monge pandaren se levantou em uma defesa circular, de dentro para fora. Ele rebateu a adaga para longe com as costas da pata, mandando-a de volta. Em um piscar de olhos, a arma atingiu um Zandalari, alojando-se em sua garganta antes de a vítima e seus companheiros terem consciência de que sua líder a havia lançado, e muito antes de qualquer um deles ter a oportunidade de dar atenção ao aviso do monge. Atordoados pelos acontecimentos, eles continuaram parados onde estavam.

Vol'jin se interpôs entre ela e o monge.

— Não vou cair nessa de te perdoar.

Os olhos dela brilharam de raiva.

— Cê tá traindo os teus superiores.

— Caçador sombrio não tem superior.

Khal'ak atacou, tão habilidosamente quanto o troll que Vol'jin acabara de matar e talvez até mais rápido. Sua lâmina moveu-se em giros e cortes sinuosos. Ele não bloqueou muitos golpes, apenas se defendeu ou desviou deles. Ela não deu nenhuma brecha para ataque, mas não teria feito a menor diferença. Os músculos dele já queimavam de exaustão. Ele não tinha certeza de que seria rápido o suficiente para romper sua guarda. E ela parecia estar esperando por algo, tendo o benefício de tê-lo visto lutar.

O que foi que ela viu?

Como se tivesse lido sua mente, Khal'ak foi de encontro a ele. Ela golpeou para o alto e para baixo, circundando a direita, o seu lado mais fraco. Ela deve ter percebido a preocupação dele com o ombro, mas ele já havia se recuperado daquele ferimento. Se não era isso, do que ela estaria procurando tirar partido?

Então, ele percebeu que não importava o que ela havia visto, porque sabia o que ela *não* tinha visto. Enquanto ela o golpeava com a lâmina apontada para sua barriga, ele havia deslocado sua arma para a mão esquerda. Ele não desviou o golpe com o gládio, apenas o desacelerou, e deu um passo à frente. A espada dela o pegou logo acima do quadril, exatamente onde Deng-Tai o tinha acertado com a lança. Ele sentiu a dor, mas incrivelmente fraca.

Seu braço esquerdo desceu, prendendo o pulso dela contra seu corpo. Ela olhou para ele, a fúria em seus olhos ameaçando saltar e queimá-lo. Ele a encarou com desprezo, não por ela ser uma inimiga, mas por ser a corrupção que acabaria por destruir Pandária e todos os trolls. Ele sustentou o olhar por tempo suficiente para ter certeza de que ela tinha entendido, e então a matou.

Rapidamente.

Sem remorso.

Todas as vezes que ela o vira lutar, ele tinha usado um gládio e lutado da maneira tradicional. A única coisa que ela não tinha visto nem conhecia era o treinamento pelo qual ele passou entre os Shado-pan. É apropriado eu matar ela com as mãos.

Seu golpe da garra de lança esmagou a laringe e traqueia de Khal'ak. Seus dedos mergulharam mais fundo. As vértebras dela estalaram e viraram uma massa mole contra a ponta dos dedos dele. Fragmentos de ossos retalharam sua medula.

Khal'ak cambaleou apenas com a força do golpe. Suas pernas não funcionavam mais. Ela desmoronou aos pés do mogu morto. Encarou Vol'jin com veneno, seu rosto ficando roxo enquanto tentava respirar pela última vez.

Não conseguiu.

As tropas Zandalari ficaram paradas, o espanto estampado em seus rostos. Khal'ak morta. Sua capitã morta. Dois mogus mortos e companheiros demais mortos ou agonizando moribundos. Os Gurubashi e os Amani já haviam começado a recuar. As fileiras da retaguarda diminuía.

Vol'jin passou o gládio novamente para a mão direita.

— Bwonsamdi tá esperando vocês.

Sua declaração fez muitos estremecerem. Eles se juntaram a seus companheiros na fuga pela nevasca. Os poucos restantes voltaram a atacar. Taran Zhu os dispersou como se fossem moscas. Ossos estalaram, corpos caíram e trolls retorceram-se no chão.

Taran Zhu deu um passo para trás e acenou uma pata gentilmente.

— Cuidem deles. Longe daqui. Podem ir.

Como se sua permissão fosse um comando, os últimos Zandalari desapareceram. Alguns poucos carregaram os feridos, deixando a ala mais ao longe inundada de sangue e cadáveres. Chen e Yalia avançaram, vigiando os inimigos, enquanto Taran Zhu e Vol'jin atravessaram até Tyrathan.

Sangue brilhante manchava os lábios do homem. Ele deu um sorriso débil.

— Estou preso.

Vol'jin olhou a lança. A ponta havia claramente perfurado sua espinha e rompido suas tripas. Para piorar, ela tinha uma empunhadura ampla. Eles não conseguiriam deslizá-lo para fora da lança e sua ponta estava cravada muito fundo dentro da rocha para puxá-la dali.

— Fica quieto. Eu conheço um feitiço...

O homem balançou a cabeça e suspirou enquanto o monge ancião examinava a ferida.

— Não. Acabou. Nós vencemos. Posso morrer feliz.

O troll engoliu em seco.

— Humanos idiotas. Não é pra você morrer feliz.

— Me dizer que estou errado é o suficiente pra isso.

Tyrathan suspirou.

— Deixe-me ir. Está tudo bem.

O homem endureceu quando a lança balançou. Alguma coisa atrás dele estalou. Ele caiu para a frente e Taran Zhu o pegou. Vol'jin ajudou o monge a deitá-lo no chão. Tyrathan havia fechado os olhos, de maneira que Vol'jin não sabia se ele poderia ouvi-lo, mas falou mesmo assim.

— Não vou te deixar morrer. Eu não peguei quem te matou, e cê tá me devendo uma flecha pra Garrosh.

Vol'jin pressionou as mãos sobre a ferida, apertando em volta da lâmina da lança. Ele acenou para Taran Zhu. O pandaren mexeu cuidadosamente no cabo e liberou a lâmina. Cerca de dez centímetros de lâmina continuaram presos na parede. A ponta ensanguentada parecia ter sido tão remexida que tinha partido por pura exaustão do metal. Vol'jin não fazia ideia de como o monge havia quebrado a lâmina; nem tinha tempo para pensar sobre isso.

Suas mãos se fecharam sobre a ferida, e o sangue do homem escorreu entre elas. Vol'jin invocou um feitiço. Energia dourada se acumulou nas palmas de suas mãos e pulsaram através de Tyrathan. A magia atingiu o chão e quicou de volta. Atingiu Yalia e Chen de uma vez só. Até mesmo voou pela massa de cadáveres e atingiu um monge soterrado pelos inimigos mortos.

Ele aguardou Tyrathan se mexer, mas não se contentou em deixar as coisas somente a cargo da magia. Fechou os olhos e procurou sentir. Não precisou de muito trabalho nem de ir muito longe, pois a presença de Bwonsamdi envolvia todo o monastério.

— Esse aqui não é pra cê levar.

— Cê é marrento assim, caçador sombrio, pra dizer aos loa o que a gente pode ou não fazer?

A voz de Sen'jin ecoou nos ouvidos de Vol'jin.

— Talvez o que ele quer dizer é que não é pra cê levar o homem ainda.

— Isso. Tem juramentos. Obrigações.

O Deus dos mortos riu.

— Se isso fosse suficiente para me impedir, meu reino ia ficar vazio e ninguém jamais ia morrer.

— O juramento de um caçador sombrio. — Vol'jin levantou o queixo.
— Talvez seja suficiente pra te influenciar.

O espectro do loa assentiu.

— Cê me ofereceu muitos para a colheita.

— E ele também.

— Verdade. E muitos mais morrerão no frio. Se alguém sobreviver para contar o que aconteceu, vai ser chamado de louco e executado por covardia.
— Bwonsamdi sorriu. — A Dançarina da Seda se regozijará na teia que você teceu para ela. Então está bem, fique com ele. Por enquanto.

— Obrigado, Bwonsamdi.

— Mas não é para sempre, Vol'jin. — O loa desapareceu junto com seu sussurro. — Nada é para sempre.

O corpo de Tyrathan tremeu e seus músculos se contorceram, até que ele relaxou e sua respiração ficou mais regular.

Vol'jin sentou nos calcanhares e limpou o sangue nas coxas.

— Curei o que deu.

Taran Zhu sorriu.

— Acho que temos as instalações apropriadas para deixá-lo saudável novamente.

Vol'jin se levantou. Carne morta sujava o chão, mas nada se movia além da neve brincalhona girando e do sangue gotejando lentamente pelas escadas. O sangue endurecia com o frio, parecendo cera de velas vermelhas. Parecia algo benigno, uma negação da realidade.

Mas os mortos não importavam. Enquanto Chen e Yalia libertavam o outro monge sobrevivente de baixo da matança, Vol'jin se inclinou e pegou o

homem nos braços.

— Mostra o caminho, Lorde Taran Zhu. Tá na hora da cura começar.

Chen colocou o último incenso aceso no pote de bronze cheio de areia e se curvou em reverência perante o altar.

Yalia terminou de arrumar as figuras esculpidas, juntou-se a ele e se curvou também. Enquanto permaneciam curvados, uma fumaça branca, impregnada do cheiro de pinho e do mar, amontoou-se sobre as efígies de pedra que eles haviam recuperado do interior da montanha.

Os dois se endireitaram e, de alguma forma, a pata dela encontrou a dele.

— Você tem sido a minha força nos últimos dias, Chen Malte do Trovão. — Yalia baixou os olhos timidamente. — Tanto trabalho penoso a ser feito. Eu não teria suportado sozinha.

Ele ergueu a cabeça dela com a outra pata.

— Eu não poderia partir, Yalia.

— Não, claro que não. Os mortos eram seus companheiros também.

Ele balançou a cabeça.

— Você sabe que não é isso o que eu quero dizer.

— Eu sei que você está ansioso para cuidar da sua sobrinha.

— E da sua família. — Chen acenou em direção às figuras de pedra. — A invasão Zandalari não terminou aqui. O imperador mogu ainda existe e suas tropas continuam marchando.

Ela concordou.

— É egoísmo meu desejar que estivesse tudo terminado?

— Desejar a paz nunca é egoísmo. — Chen sorriu. — Pelo menos, espero que não. Eu também a desejo. Quero a paz porque significa que o medo não governaria mais o meu lar e não teria mais que ficar longe de você.

Yalia Sábio Sussurro se inclinou e o beijou.

— Eu quero a mesma coisa. — Ela deslizou os braços em torno dele e o abraçou com força. — Eu queria ir com você...

— Precisam de você aqui. — Chen a abraçou forte, não querendo soltá-la. — E eu voltarei, você sabe. Não duvide disso.

Yalia se afastou um pouco, sorrindo apesar das lágrimas que começavam a brilhar em seus olhos.

— Não tenho dúvidas, e nem medo.

— Ótimo. — Chen acariciou sua bochecha, beijou seus lábios e testa. Ela se sentia maravilhosa nos braços dele. Ele respirou profundamente o cheiro dela e bebeu do seu calor. — E saiba disso: nós temos muitos e muitos anos antes de cairmos da encosta da montanha. Eu quero que passemos a maior parte possível desse tempo juntos. Com você, eu me sinto enfim e verdadeiramente em casa.

Vol'jin encontrou Tyrathan sentado na beirada da cama, seu abdome ainda atado com bandagens. O homem havia conseguido calçar os chinelos, o que o troll considerou um sinal de que as sensações estavam retornando aos pés dele. Dois dias antes, a mesma tentativa havia fracassado.

— A montanha vai te esperar.

O homem riu.

— Deixe que espere. Minha melhor adaga está fincada em um Zandalari, dentro dos túneis. Esperava conseguir pegá-la de volta.

— Pensava que cê teria que pegar mais de vinte de volta.

Tyrathan assentiu.

— Eu também. Quando descí lá, pensei que nunca mais veria a luz do dia novamente.

As tropas de elite de Khal'ak haviam invadido os túneis embaixo do monastério e esmagado os monges no Dojo Monte de Neve. O ataque inicial à construção não encontrou Tyrathan. Ele havia descido os túneis e Vol'jin viu seu trabalho. O homem havia ido atrás dos Zandalari que tentavam entrar nas Câmaras Seladas e impedido muitos deles. Flechas eram inúteis no escuro, então o homem tinha matado com espadas, adagas e pedras do tamanho de sua cabeça. O troll tinha certeza de que algumas vítimas ainda seriam encontradas depois de terem se arrastado dali para morrer.

— Tô feliz de cê ter saído de lá. Cê salvou minha vida.

— E você salvou a minha. — Tyrathan abaixou os olhos, o fantasma de um sorriso tremendo em seus lábios. — O que eu disse, sobre me deixar ir...

— Foi a dor falando.

— Sim, mas não a dor física. — O homem olhou para as próprias mãos abertas e sãs descansando sobre as coxas. — Acho que gostei da ideia de estar morto pois significava poder fugir da dor... a dor da situação da minha família. Porém o que você disse sobre família ao rejeitar os Zandalari me tocou fundo. A nossa decisão de ficar e lutar nasceu da coragem, da honra e do sentimento de família.

— Muita gente diria que também foi burrice.

— E estariam certos, mas pelas razões erradas. — Tyrathan suspirou. — Minha disposição para morrer não foi corajosa. E não me importa quem eu seja, não quero viver sem coragem ou honra.

Vol'jin concordou.

— Saquei. Tem muito trabalho pra fazer que precisa dessas duas qualidades... e até mais. Como a visão de um atirador perito.

— Eu sei. E irei fabricar para você essa flecha destinada a Garrosh.

— Mas cê tem coisas pra fazer antes, né?

— Você aprendeu muito sobre mim enquanto estive dentro da minha mente.

Vol'jin balançou a cabeça e descansou ambas as mãos nos ombros do homem.

— Eu aprendo mais estando ao teu lado.

Tyrathan sorriu.

— Ficarei aqui por um tempo, me recuperando, ajudando. E, então, honrarei o juramento de ver os vales da minha terra natal novamente. Apesar de meu desaparecimento ter sido melhor para mim, estaria mentindo para mim mesmo se pensasse que é o melhor para minha família. Meus filhos precisam me conhecer. Minha esposa precisa saber que eu entendo isso. Posso não ser capaz de consertar as coisas, mas deixar uma mentira sugerir que as coisas não estão complicadas não é uma boa ideia. Não para eles. Nem para mim. Não é uma porta que eu queira atravessar.

— Entendi. Cê é mais corajoso que muitos por aí pra fazer isso. — Vol'jin se distanciou, cruzando os braços sobre o peito. — E sei que cê vai tá lá com aquela flecha quando eu precisar dela.

— Tanto quanto confio que você pegará aquele que vier me matar. — O homem se levantou desengonçadamente. — E espero que essa sua obrigação ainda demore muitos anos para se concretizar.

Vol'jin estava em pé sobre a ilha onde havia matado o mogu e olhou para a Alameda das Flores Cadentes. A neve encobria tudo. Ele não conseguia saber com certeza se as protuberâncias eram rochas ou cadáveres congelados. Mas não importava. Os flocos brancos, alguns dos quais subiam e giravam junto com os ventos, escondiam tudo em sua inocência.

Vol'jin deixou que o seduzissem, fazendo-o acreditar que o mundo, pelo menos por um instante, estava em paz.

Taran Zhu apareceu ao seu lado.

— A paz é o estado natural. Você pode desfrutá-la aqui pelo tempo que quiser.

— Cê é muito gente boa, Lorde Taran Zhu.

O pandaren sorriu.

— Mas você não irá desfrutá-la pelo tempo que deveria.

— Fazer isso ia ser egoísmo. — Vol'jin se voltou para ele. — A paz que cê me oferece é bem-vinda, mas uma armadilha que nem uma caveira ou um elmo.

Taran Zhu ergueu a cabeça.

— Você realmente entende?

— É. A parábola não é sobre caveiras e elmos, mas sobre as limitações que cê aceita quando se rotula. Um caranguejo que se vê como caranguejo não se define pelo abrigo que procura, mas porque precisa procurar abrigo. Eu não vou ser um caranguejo. Meu futuro não vai depender do que eu conseguir encontrar pra ser minha casca. Eu tenho um monte de escolhas.

— E muitas outras obrigações.

— Verdade. — O troll respirou fundo e expirou lentamente. Garrosh havia traído a Horda e continuaria sua traição. Era da sua natureza. Ele se permitiu ser definido por seus desejos e medos egoístas. Nunca iria mudar; e recorreria a muitas coisas, coisas terríveis, para manter sua posição. Para tal, derramaria rios de sangue e acabaria sendo arrastado pela enchente resultante.

— Lorde Taran Zhu, cê tem sua família pra cuidar aqui. Chen também. Tyrathan vai voltar pra família dele. — Vol'jin apertou os olhos. — A Horda é minha família. Tyrathan não pode deixar a família dele achar que ele tá morto, e nem eu posso fazer isso com a Horda. Eles merecem ter paz também, e eu aceitar ela aqui seria negar a paz pra eles.

— E um caçador sombrio não pode permitir isso?

— Poder ou não, não interessa. Caçador sombrio ou troll, não interessa. — Vol'jin balançou a cabeça devagar. — Vol'jin Lançanegra não vai fazer isso. Não é quem eu sou. Vai chegar a hora que vou lembrar meus inimigos disso e fazer eles pagarem pelo mal que causaram.

AGRADECIMENTOS

O autor gostaria de agradecer às seguintes pessoas por suas contribuições a este livro. Sem elas, ele jamais teria sido escrito. Paul Arena, por sugerir que eu escrevesse um romance de Warcraft; Scott Gaeta da Cryptozoic, por fazer as apresentações; Jerry Chu da Blizzard, por pedir a Scott que fizesse a apresentação; Micky Neilson, Dave Kosak, Cameron Dayton, Joshua Horst, Justin Parker e Cate Gary da Blizzard, por trabalhar duro para me manter pintando dentro das linhas; Ed Schlesinger, meu editor, que tem a paciência de um santo; Howard Morhaim, meu agente, por fazer o negócio funcionar; e meus amigos Kat Klaybourne, Paul Garabedian e Jami Kupperman, que conspiraram para me manter são pelo processo de escrita. (Que não foi tão ruim. Afinal, quando eu precisava de folga, podia entrar em Azeroth e considerar pesquisa de campo.)

NOTAS

A história que você acabou de ler foi baseada parcialmente em personagens, situações e cenários do jogo de computador *World of Warcraft* da Blizzard Entertainment, uma experiência de RPG online no premiado universo de Warcraft. Em *World of Warcraft*, os jogadores criam os próprios heróis e exploram, se aventuram e realizam missões num vasto mundo compartilhado com milhares de outros jogadores. Esse jogo tão rico e imenso permite que quem joga interaja com vários dos personagens intrigantes e poderosos apresentados neste livro, ou então que combata ao lado deles ou contra eles.

Desde o lançamento, em novembro de 2004, *World of Warcraft* se tornou o RPG online por assinatura mais popular do mundo. A última expansão, *Mists of Pandaria*, leva os jogadores para um local de Azeroth inédito e emocionante: o misterioso continente de Pandária. Mais informação sobre *Mists of Pandaria* e as expansões anteriores podem ser encontradas em www.WorldofWarcraft.com.

LEITURAS COMPLEMENTARES

Se você quiser saber mais sobre os personagens, situações e cenários mostrados neste romance, as fontes listadas abaixo oferecem mais informações.

- Em meio à guerra e às vicissitudes, Vol'jin liderou a tribo Lançanegra com coragem ímpar. Detalhes sobre a vida do líder troll antes que ele e seu povo se juntassem à Horda podem ser vistos no conto “The Judgment”, de Brian Kindregan (em www.WorldofWarcraft.com). As aventuras mais recentes de Vol'jin, incluindo seu relacionamento tenso com Garrosh Grito Infernal, aparecem em *World of Warcraft: Marés da Guerra*, de Christie Golden.
- O famoso mestre cervejeiro, Chen Malte do Trovão, viajou por todo o mundo de Azeroth e além, explorando masmorras esquecidas e outros locais perigosos (frequentemente em busca dos ingredientes perfeitos para fabricar cerveja). Um vislumbre de sua vida emocionante aparece na história em quadrinhos *World of Warcraft: Pearl of Pandaria* de Micky Neilson e Sean “Cheeks” Galloway. Sua jornada ao misterioso continente de Pandária é mostrada na história em quatro partes “Busca por Pandária”, de Sarah Pine (em www.WorldofWarcraft.com).

- Por milênios, a ordem dos Shado-pan manteve vigília nas terras de Pandária. Você pode saber mais sobre essa misteriosa organização e seus segredos mais bem guardados no conto “A Prova das Flores Vermelhas”, de Cameron Dayton (em www.WorldofWarcraft.com).
- Mais informações sobre o Chefe Guerreiro Garrosh Grito Infernal e suas aventuras pregressas se encontram nos números 15 a 20 da história em quadrinhos mensal *World of Warcraft*, de Walter e Louise Simonson, Jon Buran, Mike Bowden, Phil Moy, Walden Wong e Pop Mhan; *World of Warcraft: Marés da Guerra* e *World of Warcraft: A Ruptura*, de Christie Golden; “*World of Warcraft: Beyond the Dark Portal*”, de Aaron Rosenberg e Christie Golden; *World of Warcraft: Wolf heart* de Richard A. Knaak; e nos contos “Heart of War” de Sarah Pine, “As Our Fathers Before Us” de Steven Nix e “Edge of Night” de Dave Kosak (em www.WorldofWarcraft.com).
- Li Li, a sobrinha precoce de Chen Malte do Trovão, sempre sonhou em seguir os passos do tio e explorar as terras de Azeroth. Mais informações sobre essa pandarena curiosa aparecem na história em quadrinhos *World of Warcraft: Pearl of Pandaria* de Micky Neilson e Sean “Cheeks” Galloway, no conto em quatro partes “Busca por Pandária” de Sarah Pine, e na série em onze partes Diário de Viagem da Li Li (em www.WorldofWarcraft.com).

A CHAMA DA BATALHA CONTINUA A ARDER

Sombras da Horda mostra um vislumbre sinistro das medidas implacáveis que o Chefe Guerreiro Garrosh Grito Infernal está empregando para silenciar seus detratores. Mas essas táticas selvagens só atiçaram as chamas do descontentamento entre sua facção orgulhosa, levando muitos dos seus membros à beira da rebelião franca.

Mists of Pandaria, a quarta expansão de *World of Warcraft*, apresenta o brutal atentado contra Vol'jin, bem como a inquietação crescente que ameaça destruir a Horda. Você pode tomar parte nesses eventos históricos enquanto se aventura por Pandária, um continente jamais visto, repleto de novos aliados, inimigos e missões emocionantes. *Mists of Pandaria* também permite que você jogue como um nobre pandaren (a mais recente raça jogável de *WoW*) e se junte à Horda ou à Aliança, dependendo de qual facção se alinha mais a seus ideais.

Independentemente do lado que você escolher, suas aventuras terão um grande impacto nos destinos tanto da Horda quanto da própria Azeroth.

Para conhecer o reino em eterna expansão que diverte milhões de pessoas no mundo inteiro, vá até WorldofWarcraft.com e baixe a versão gratuita. Viva a história.

Visite nossas páginas:
www.galerarecord.com.br
www.facebook.com/galerarecord
twitter.com/galerarecord

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

World of warcraft – Sombras da horda

Skoob do livro

<http://www.skoob.com.br/livro/331900-sombras-da-horda>

Entrevista com o autor

<http://www.youtube.com/watch?v=GiHvsRvg1NI>

Site oficial do jogo World of Warcraft

<http://us.battle.net/wow/pt/>

Wikipédia do jogo World of Warcraft

http://pt.wikipedia.org/wiki/World_of_Warcraft

Site brasileiro do jogo World of warcraft

<http://worldofwarcraftbrasil.com/>

Wikipédia do autor

http://en.wikipedia.org/wiki/Michael_A._Stackpole

Site do autor

www.stormwolf.com

Twitter do autor

<https://twitter.com/MikeStackpole>

Pefil do autor no Goodreads

http://www.goodreads.com/author/show/17739.Michael_A_Stackpole

Capa

Rosto

Créditos

Dedicatória

Mapa

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

Agradecimentos

Notas

Leituras complementares

A chama da batalha continua a arder

Colofão

Saiba mais